

Elisabeth d'Espérance

*No País
das Sombras*



Federação Espírita Brasileira

No País das Sombras
Elisabeth d'Espérance

7ª edição – 41º milheiro

Título do original inglês:
Shadow Land

Copyright 1918 by

Federação Espírita Brasileira

Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conjunto F
70830-030 – Brasília – DF – Brasil

Departamento Editorial

Rua Souza Valente, 17
20941-040 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
C.G.C. nº 33.644.857/0002-84
I.E. nº 81.600.503

<http://www.febnet.org.br/>

(Contracapa)

No País das Sombras

Elisabeth d'Espérance

Esta é uma obra profundamente atraente, que trata da surpreendente mediunidade de materialização da conhecida medianeira inglesa.

Entre outros fatos pesquisados pelos sábios da época e pela própria autora, narra ela a intimidade dos fenômenos das aparições tangíveis que se utilizaram de seu ectoplasma, bem como a decorrência de todos esses acontecimentos, que, afinal, se lastreavam nas verdades da Revelação Espírita.

A Humnur Stafford

cuja mão diretora – ainda que invisível – e cujos sábios conselhos foram a minha força e o meu consolo nesta viagem da vida; a esses caros amigos do Grande Além e aos que, a meu lado na Terra, foram meus fiéis auxiliares, meus companheiros de trabalho e meus camaradas de jornada no grande trajeto da sombra para a luz, dedico este livro com o coração cheio de gratidão e afeto.

A Autora

* * *

*Nossos entes amados que daqui se alaram,
por sua perfeição, p'ra as mais altas esferas,
nos trazem ao coração e aos olhos que os choraram
palavras de consolo, isentas de quimeras.*

*Dão-nos santos conselhos em voz misteriosa
(leve rumor de vida do mundo da morte);
guarde embora seu corpo a tumba silenciosa,
sua alma nos aponta à vida o feliz norte.*

*Aos ouvidos nos soa a sua voz, qual canto
de alegre toutinegra que morreu a cantar;
e quando a Noite estende sobre nós seu manto,
deixa imagem na Terra e vai no céu brilhar.*

Longfellow

Índice

Prefácio	7
Introdução	9
I – A velha casa e seus habitantes	15
II – As minhas inquietações começam	23
III – Irei enlouquecer?	32
IV – Férias deliciosas – Um navio fantasma	36
V – A tentativa misteriosa	46
VI – A ledora da <i>buena-dicha</i>	56
VII – Ainda os fantasmas – Ruídos na mesa	63
VIII – A mesa trai os segredos	69
IX – A matéria atravessa a matéria	76
X – Primeiras experiências de clarividência	84
XI – Os visitantes do outro mundo	91
XII – A ciência e os retratos dos Espíritos	104
XIII – Um lampejo da verdade	119
XIV – Os sábios tornam-se espíritas.....	124
XV – Conversões e mais conversões.....	133
XVI – Novas manifestações	142
XVII – Espíritos materializados.....	151
XVIII – Iolanda.....	160
XIX – A “Ixora Crocata”	167
XX – Numerosas visitas de Espíritos	177
XXI – Uma experiência amarga	188
XXII – O recomeço.....	193
XXIII – O lírio dourado – Última produção de Iolanda.....	204

XXIV – Serei Ana ou Ana será eu?.....	211
XXV – Das trevas à luz.....	220
XXVI – Desvenda-se o mistério.....	231
XXVII – Fotografias espíritas.....	242
XXVIII – Os investigadores que conheci.....	254

Prefácio

Este livro foi escrito em diferentes intervalos, durante muitos anos. Era minha intenção confiar a alguém o manuscrito para ser publicado depois da minha morte. Mas, hoje, estando terminada a minha tarefa de médium, cheguei à conclusão de que não me assistia o direito de lançar sobre alheios ombros o fardo das responsabilidades a que eu pretendia eximir-me, e decidi que era melhor eu mesma defender as verdades que tentei proclamar, do que legar a outros esse trabalho.¹

Um motivo ainda mais importante me impelia a isso: é o número crescente dos suicídios; pois que não conheci ainda um só indivíduo que se desembaraçasse da vida, já não digo acreditando, mas conhecendo somente as verdades que fizeram parte da minha vida cotidiana desde a infância.

Há alguns meses, Stafford escreveu um artigo sobre o materialismo, que foi reproduzido em muitos jornais alemães, e, algumas semanas mais tarde, eu recebia uma carta do barão S..., dizendo que ele acabava de perder um processo, resultando daí a sua ruína. Vendo-se sem recursos, ele decidira, depois de pôr em ordem os seus negócios, despedir-se deste mundo, quando acidentalmente lhe foi ter às mãos o artigo de Stafford. Ele o leu, agradeceu-lhe e resolveu tentar de novo a experiência da vida.

Essa circunstância me induz a esperar que, fazendo conhecer as minhas experiências, alguns dos meus semelhantes terão ocasião de refletir e perguntar a si mesmos se realmente esta existência terrestre é o remate de tudo, ou se, rejeitando o precioso dom da

¹ Elisabeth d'Espérance desencarnou em 20 de julho de 1918.

vida, não praticam um erro, que num momento depois terão de lamentar pelo modo mais terrível.

E. d'Espérance

Introdução

À Sr^a d'Espérance

Prezada amiga:

Tivestes a bondade de enviar-me as provas do vosso livro e de pedir-me sobre ele a minha opinião.

É com prazer que atendo ao vosso desejo. Era bastante difícil a tarefa que empreendestes, mas, felizmente, conseguistes o que aspiráveis. O perigo a evitar era dizer demasiado ou insuficientemente. Dizendo demasiado, vos teríeis embaraçado nos detalhes, pois ser-vos-iam precisos dez ou mais volumes para dar-se uma idéia completa da vossa mediunidade; ademais, podia isso assemelhar-se a uma apologia. Dizendo de menos, poderíeis ser obscura. Escolhestes o termo médio, e o essencial é que ele dê uma impressão completa e excelente.

Talvez que para outros ainda sejais obscura; mas falo com experiência própria, porque, tendo acompanhado a vossa carreira mediúnica por mais de vinte anos em todos os seus detalhes, posso compreender-vos melhor que muitos outros.

Dotada desde o vosso nascimento desse dom fatal da sensitividade, tornastes-vos, contra a vossa vontade, médium. Dominada unicamente por um sentimento de respeito à verdade, não recusastes o vosso auxílio aos que desejavam avançar nessa investigação, pela qual vos interessáveis cada vez mais. Bem depressa obtivestes fenômenos mui notáveis e vos extasiastes com o pensamento de obterdes também demonstrações palpáveis da gloriosa verdade da imortalidade. Que consolo para a pobre e triste Humanidade! Que novo campo de trabalho se abre à Ciência! Um Espírito missionário vos inspirava e vos prontificastes para qualquer sacrifício pela vitória desta verdade: as vossas comunicações com os Espíritos.

Há bastante tempo, quando comecei a ocupar-me com o Espiritismo, eu pensava muitas vezes que, se fosse um médium poderoso, daria com prazer toda a minha vida, todas as minhas forças e todos os meus recursos para provar a todos e a cada um o fato da existência do mundo dos Espíritos, com o qual é possível entrarmos em comunicação. Felizmente, não sendo eu médium, vós o sois e vos achais animada dos mesmos princípios que me teriam guiado, se eu possuísse a vossa faculdade.

Na vossa vida vejo os resultados que eu teria conseguido. A vossa obra demonstra que, com as melhores intenções e a mais inteira sinceridade, os resultados obtidos não parecem estar em proporção com os sacrifícios que fizestes e as esperanças que nutristes. Posso, portanto, firmar-me na idéia de que a minha sorte não teria sido melhor que a vossa. Por que? Pela ignorância dos fenômenos, das suas leis e condições; porque as verdades novas não podem ser implantadas à força no espírito; porque os grandes campeões da causa são destinados a agir isoladamente, sem acharem auxílio e conselhos em outros que, para dizer-se a verdade, são tão ignorantes como eles próprios. A verdade só pode ser encontrada depois de tentativas perseverantes.

Começastes por uma decepção no momento em que, impelida pelo *espírito missionário*, tentastes dar ao primeiro vindo, a um estranho qualquer, uma demonstração das manifestações espirituais. Foi então que fizestes uma descoberta que pareceu destruir todos os vossos planos para regenerar o mundo: notastes que essas manifestações, obtidas com tanta facilidade em vosso círculo privado, não se produziam em presença de estranhos, dependentes como estavam do plano espiritual, segundo o qual tinham sido decretados.

O vosso mais amargo despertar, porém, foi quando fostes inevitavelmente impelida para o caminho escorregadio da materializa-

ção, onde tudo era ainda mistério. Entregastes-vos a essas experiências com um devotamento digno de vós.

Assentados no gabinete, porém sem vos achardes em estado de transe, conservando-vos em perfeito estado consciente, que podíeis recluir? Era bom que Iolanda, que já tínheis visto e tocado tantas vezes, aparecesse fora do gabinete. que podia haver de mais convincente e tranquilizador para vós? Ah! Eis que um incidente inesperado vos precipitou do céu à terra!

Tínheis a convicção de permanecer em vosso lugar e de posse de todos os vossos sentidos, e contudo o vosso corpo estava à mercê de uma influência estranha.

Fostes vítima dos mistérios da sugestão; mistérios que eram então quase completamente ignorados, e, no caso presente, complicados pela questão de saber-se de quem emanava essa sugestão.

As aparências eram contra vós. Só podíeis saber que a vossa vontade não tomava parte nisso, e que esse mistério vos acabrunhava. Era natural que, durante muitos anos, nem mesmo tivésseis ouvido pronunciar a palavra Espiritismo.

Dez anos se passaram. Eu vos julgava totalmente perdida para a causa. Mas o tempo é um grande médico, e alguns bons amigos vos induziram a experimentar de novo. Uma série de novas experiências, tendo por fim a fotografia das formas materializadas, foi organizada. Esplêndidos resultados e outro despertar amargo! De novo fostes acusada, quando sabíeis não ter feito mais do que satisfazer ao desejo de outros.

Era uma repetição do mesmo mistério, no qual por ignorância não podíeis penetrar.

Foi então que cheguei a Gotemburgo para recomeçar as experiências fotográficas. Nunca vos tendo sujeitado a alguma das exigências usadas com os médiuns profissionais, permitistes, entretanto, que eu vos tratasse como se fôsseis capaz de enganar, sub-

metendo-vos a todas as condições que julguei necessárias. Nunca fizestes a menor objeção. Posso certificar que éreis, tanto quanto eu, interessada em descobrir a verdade.

Depois de longa série de experiências e de muitas contrariedades, chegamos a duas conclusões. Primeira, que, apesar da plena consciência que tínheis de permanecer passiva no gabinete, o vosso corpo ou um simulacro do vosso corpo podia ser empregado por um agente misterioso *fora do mesmo gabinete*.

O vosso próprio amigo, o Espírito Walter, anunciou por vossa mão que podia suceder ainda de tornar-se o vosso corpo invisível no interior do gabinete. Isso foi para vós uma revelação desesperadora.

Outro ponto importante estava alcançado: as dúvidas e as suspeitas dos assistentes podiam assim ser escusadas, visto parecer que eles tinham mais razões do que a princípio julgáveis.

Tudo isso era muito desanimador e, portanto, tomastes a seguinte resolução: “Se tenho qualquer parte na formação dos Espíritos, quero sabê-lo.” E vos decidistes a não mais vos assentar no interior do gabinete.

Com essas novas condições, obtivestes muitos resultados excelentes e foi então que se deu um caso notável, narrado no capítulo XXIV: “Serei Ana, ou Ana será eu?” Eu temia que tivésseis deixado de mencionar essa experiência, mas fico satisfeito vendo-a reproduzida com todos os seus detalhes. Aí tivestes um fato palpável do desdobramento do organismo humano.² Esse fenômeno se acha no princípio de toda materialização e tem sido a fonte de muitos enganos.

Mas, que nova perplexidade para vós!

² Em realidade, a narração que desse fato fez a médium de forma alguma ratifica a asserção de Aksakof. (N. E.)

Recordo-me ainda do tempo em que, abatida sob a carga de pesadas dúvidas, me escrevéis: “Toda a minha vida não foi mais que uma ilusão? Terei errado o caminho? Fui enganada ou enganei os outros? Como repararei o mal por mim causado?”

Das profundezas desse mundo que estava tão perto de vós desde a vossa mais tenra infância, e para o qual trabalháveis com tanta seriedade e desinteresse, veio afinal a luz que havíeis pedido com tanta paixão; recebestes uma resposta às dúvidas que vos angustiam. Folgo em ver-vos de novo na luta.

Nas vossas recentes experiências de fotografia, conseguistes desenvolver uma nova fase de vossa mediunidade, mediunidade essa que sempre supus a tivésseis, porém que, no tempo da minha visita a Gotemburgo, não foi além do caso narrado no capítulo XXIII. Os recentes resultados obtidos completam as vossas passadas experiências sobre a materialização e estão de acordo com a bela visão que vos explicou o mistério. Não podemos ver os Espíritos, mas desejamos vê-los. Não podemos a nós mesmos representar os Espíritos de outro modo, a não ser sob forma humana, e, por conseqüência, eles trabalham nisso tanto quanto podem. Tais eram as formas e as cabeças humanas que vistes e desenhastes na obscuridade, tais foram mais tarde as formas humanas invisíveis que fotografastes à claridade do dia ou à luz do magnésio. Estou disposto a crer que se estivésseis na obscuridade teríeis igualmente visto essas mesmas formas.

Tais foram, finalmente, as formas materializadas visíveis, que foram fotografadas em Gotemburgo, e das quais reproduzistes uma fotografia sob o nome de Leila.

Tudo isso não era mais que um ensaio para dar alguma coisa tangível aos nossos sentidos; tentativas feitas para provar unicamente que por detrás dessas formas trabalham agentes espirituais e

que essas formas não devem ser tomadas por aparições de Espíritos, como nos foi dito por eles desde o começo.³

Se continuardes nesse propósito e vos tornardes senhora das condições, não se pode dizer onde vos detereis, nem que grandes resultados serão obtidos.

Tais foram, prezada amiga, as minhas impressões lendo o vosso livro; é um livro único. São as confissões de um médium que se retrata, se desdiz ou se defende, mas é a história franca e triste das decepções de uma alma sinceramente amante e ávida de saber, à mercê de potências desconhecidas, porém cheias de promessas.

Deixando esse mundo de sombras, eu vos digo: Continuai, continuai! Cumpri o vosso dever, suceda o que suceder; e seja essa a vossa regra.

Não verei as vossas novas experiências, mas a vossa missão, tenho certeza disso, longe se acha do seu termo. Um dia encontrareis o vosso Crookes; ele compreenderá a *natureza* delicada da vossa mediunidade e saberá cultivar e desenvolver vossos numerosos dons psíquicos para o bem da Ciência e da Humanidade.

O vosso sincero,

A. Aksakof

Repiofka, Rússia, 5/17 de setembro de 1897.

³ Como o leitor verificará, essas ilações de Aksakof pertencem a ele próprio, que generalizou um fato narrado pela médium, sem que a obra nada afirmasse nesse sentido. (N. E.)

I

A velha casa e seus habitantes

*As casas em que homens viveram e se finaram,
são todas para os fantasmas um escolhido lar.
Para aí trazem mensagens aos que aqui ficaram,
sem que seus leves passos possamos escutar.
Na porta os encontramos, na escada nós os vemos,
do corredor ao longo não cessam de girar,
que junto a nós alguém se move percebemos,
porém tão impalpável como a impressão do ar.*

Longfellow

Quando nos decidimos a contar uma história, suponho que o melhor que se tem a fazer é começá-la pelo princípio. Procurei tomar um momento ou um determinado incidente da minha existência para me servir de ponto de partida; mas tive de renunciar a isso, porque não me pude lembrar de incidente algum que não fosse determinado por uma causa precedente que, por conseguinte, merecia ser citada.

Suponho, portanto, que me cabe refazer de memória todo o caminho por mim realmente percorrido. Ele começa um pouco antes da guerra da Criméia, pois as minhas mais antigas recordações datam do regresso de meu pai ao seio da sua família e das festas que se efetuaram por causa do estabelecimento da paz. Eu não podia compreender o motivo disso, mas a volta de meu pai era para mim uma razão de grande contentamento.

Os fatos que passo a narrar são estranhos e incompreensíveis, quando os examinamos com o bom senso ordinário de nossa vida material de todos os dias.

Tentei algumas vezes colocar-me na posição dos outros, ver com os seus olhos e julgar com a sua compreensão, e, invariavelmente, cheguei à conclusão de não serem eles merecedores de censura por duvidarem da realidade desses fatos. Quanto a mim, esses fatos aumentaram à medida que eu crescia e desde pequena me foram familiares, pois não me posso lembrar de tempo algum em que eles não me tenham sido familiares e naturais. Por isso, uma só coisa me parecia curiosa, e era que com os outros não se tivessem dado os mesmos fatos.

Como criança, eu não podia compreender o motivo pelo qual meus amigos recusavam aceitar o que eu dizia, o que se passava ao redor de nós; isso me irritava muito, e meus freqüentes acessos de teima, à vista da incredulidade deles, me fizeram passar por uma “bruxazinha”, uma criatura realmente esquisita.

Na minha opinião, os outros é que eram esquisitos e eu considerava como uma grande provação ter de suportar seus espantos e sua incredulidade, que vinham freqüentemente de encontro às minhas narrações. Eu falava dessas coisas como de um incidente vulgar da vida diária; entretanto, crescendo, comecei a compreender que nem todos possuíam os mesmos dons e tive a generosidade bastante para escusar intimamente os outros, supondo que algum motivo lastimável os impedia de ver, ouvir e compreender tudo o que se passava ao redor de nós, tudo o que era tão patente e real para mim.

Naturalmente, como criança que era, tomei o encargo de servir-lhes de olhos e de ouvidos, como se dá com o condutor de um cego, mas encontrei da parte deles tanta repulsa, que tive de abandonar a tarefa, lamentando as enfermidades dos que, meio cegos e meio surdos, persistiam entretanto em rejeitar os meus serviços.

Durante a minha primeira infância vivíamos em uma triste casa velha, situada na parte leste de Londres, uma casa grande que devia ter sido, em outros tempos, morada de família importante; mas, com o correr dos séculos, ela agora caía em ruínas. Diziam que fora construída ou habitada por Oliver Cromwell, sem lembrar-me qual deles; em todo caso, era muito diferente das casas modernas. Grande, pesada e triste, tinha um ar de superioridade e dignidade, estranhamente deslocada no meio das construções novas que, de todos os lados, pareciam surgir do solo, como cogumelos.

A casa estava condenada a ser demolida, mas a sua destruição fora sempre adiada de um para outro ano; e nesse tempo aí morávamos.

Rodeava o velho edifício um pátio, onde duas árvores ainda lutavam pela vida. O pátio era calçado de pedra mármore, formando um xadrez com as cores branca e negra.

Ia-se ter a casa por uma série de degraus de mármore, outrora muito belos, porém então manchados, gastos e quebrados. No alto dessa escada estava a pesada porta de carvalho esculpido, ornada de aldravas de ferro e guardada, dos dois lados, por grandes grifos fabulosos, que eram o terror da minha infância. Alguém tinha pintado esses monstros com uma bela cor verde-brilhante, e seus olhos e suas línguas com tinta vermelha.

Essa porta aferrolhada dava acesso a uma galeria assoalhada de carvalho, para a qual se abriam muitas câmaras desocupadas e vazias, e uma larga escadaria conduzia à parte superior da casa. Muitas dessas câmaras tinham soalhos de carvalho e eram sombrias, não fornecendo as pequenas janelas luz bastante para alegrá-las, apesar de, na parte posterior da casa, que dava para um antigo jardim transformado em simples prado, as câmaras terem um aspecto mais alegre, porque as janelas, outrora filtrando luz por vidros azuis, tinham então vidros brancos.

Era nessas últimas câmaras que habitávamos; o resto da casa estava desocupado e as câmaras fechadas, excetuando-se a parte baixa das cozinhas, onde morava um casal de velhos, que não me lembro se eram guardas.

Não sei dizer como aí vimos residir; é provável que a vizinhança conviesse a meu pai, e talvez mesmo que, apesar da antiguidade e da fama que tinha de estar endemoninhada, essa construção fosse a melhor residência da localidade.

Contavam as mais singulares histórias acerca de fantasmas que circulavam nessas numerosas câmaras vazias, e a minha imaginação infantil se exaltava extraordinariamente ao pensar no que faziam esses estranhos visitantes. Eu ignorava totalmente o que podiam ser os fantasmas e imaginava que eles eram os “grifos” do portão de carvalho no alto da escada e, portanto, tinha-lhes medo.

Nesse tempo eu gostava muito de ir de uma a outra dessas câmaras vazias e de assentar-me com as minhas bonecas no peitoril largo e baixo de suas janelas. Daí me vinha arrancar, com uma exclamação de espanto e de horror, a nossa criada, que considerava como coisa antinatural a minha simpatia por essas câmaras endemoninhadas, e entretinha-me, então, falando dos fantasmas e de suas vinganças, quando invadiam os seus domínios.

Eu nunca podia compreender perfeitamente essas observações sobre a solidão das câmaras, apesar de suas narrações me apavorarem. Para mim, essas câmaras nunca estavam vazias ou solitárias; constantemente por aí passavam “pessoas” estranhas, circulando de um para outro lado; algumas não me prestavam atenção, outras me observavam e sorriam, quando eu lhes mostrava a minha boneca. Eu não sabia quem eram essas “pessoas”, mas começava a conhecê-las de vista e olhava-as com um interesse apaixonado. Eu levava meus brinquedos para mostrar-lhes, principalmente um livro de figuras que era o que eu mais prezava de tudo quanto possuía.

Às vezes eu ficava admirada de que me deixassem tantas vezes sozinha naquela grande casa, sem outra companhia além de uma boneca de trapo; como, porém, minha mãe sofria e estava, havia muito, presa ao leito, supus que a criada tivesse muitas ocupações. Não havia ali outra criança para fazer-me companhia; o irmão e a irmãzinha, que nasceram depois de mim, só viveram poucas semanas. Meus primeiros anos foram, pois, muito solitários e eu vivia à minha vontade, contanto que não sujasse o meu avental, o que era um crime imperdoável.

Quando meu pai, capitão de navio, se achava em casa, o mundo inteiro mudava para mim; sua presença me transportava a um verdadeiro paraíso. Era o único ser cujo amor me pertencia inteiramente. Era a única pessoa que me animava para que eu lhe contasse os meus sonhos e as minhas fantasias, e que nunca me repreendia nem me falava em tom áspero. Sentia-me perfeitamente feliz quando me assentava em seus joelhos com o seu braço rodeando-me os ombros, ou quando me agachava ao seu lado no canto da chaminé, segurando-lhe a mão, enquanto ele me contava estranhas histórias dos países que havia visitado. Eram realmente histórias extraordinárias e, como eu o soube mais tarde, às vezes inventadas na ocasião para satisfazer simplesmente meu amor ao estranho e ao maravilhoso; para mim, porém, eram o Evangelho, por serem contadas por ele.

Além disso, essas histórias não eram mais admiráveis que os meus sonhos, ainda que fossem de caráter diferente. Para mim, nada havia de notável nas histórias de sereias atraindo os marinheiros fascinados para os seus palácios encantados no fundo das águas; nada havia de estranho na música maravilhosa que somente alguns podiam ouvir.

Tudo isso eu acreditava ser possível e parecia explicar o que intrigava o meu pequeno cérebro. Muitas vezes, criança como ainda era, eu tinha a triste idéia de que era diferente dos outros. Eu

ouvira qualificarem-me de “esquisita”, se bem que, em meu próprio espírito, julgasse que eram os outros e não eu que assim deviam ser chamados. Entretanto, o sentimento de diferir dos outros me inspirava o terror de não ser compreendida por eles e eu experimentava um ressentimento apaixonado contra a coisa invisível que criava essa diferença.

Todas essas lendas, porém, contadas por meu pai tinham o efeito de me reconciliarem comigo mesma. Eu exultava por me sentir tão capaz de compreender os seres e os sons misteriosos, para os quais o comum dos mortais é surdo e cego. Dava-se o mesmo com relação aos heróis e às heroínas. Eu podia ver rostos e formas onde outros não viam senão trevas. Assim, eu acreditava em tudo o que meu pai me contava sobre ninfas, sereias, encantamentos, magia e o mais; e o pensamento da existência de pessoas familiarizadas com essas coisas era para mim um grande consolo, pois que me apoiavam e contradiziam a “extravagância” daqueles que não viam e ouviam as mesmas coisas que eu.

Crescendo, porém, tive necessidade de trabalhar, estudar as lições, ficando assim com menos tempo para sonhar, para passar com os meus amigos fantasmas, como eu me acostumara a chamá-los. Logo que eu deixava a monótona sala da escola, dirigia-me alegremente para as câmaras endemoninhadas. Aí os meus sonhos voltavam e a minha imaginação podia estar em liberdade, povoando esses velhos compartimentos e corredores fora da moda. Presentemente emprego as palavras “sonho” e “imaginação”, porque outros as adotam e não sei de que palavras especiais deva servir-me; mas, não são expressões adequadas, porque sonho e imaginação implicam alguma coisa de irreal e inventado, ao passo que os meus “sonhos” e as minhas “imaginações” eram muito mais reais do que qualquer outra coisa da minha vida diária.

Para mim, as câmaras nunca estavam sombrias nem vazias. Algumas vezes, ao entrar nelas, eu lançava ao redor de mim um

olhar contrariado por não encontrar alguma figura familiar, e depois me espantava por vê-las repentinamente povoadas de estranhos. Essas “sombras” eram às vezes tão reais, tão cheias de vida, que eu as tomava por visitantes ordinários. Raramente eu entrava em qualquer câmara sem procurar nela, com a vista, algum habitante fantasma, e raramente eu o buscava inutilmente. Alguns dentre eles me sorriam gentil e amigavelmente, e habituei-me depressa com eles; outros não me prestavam atenção e passavam por mim nas escadas e nos corredores, como se nunca me houvessem visto. Às vezes eu me vexava e indignava, vendo o meu sorriso de boas-vindas passar despercebido.

Um dos meus amigos fantasmas era uma velha, sempre vestida com roupa preta, feita de uma fazenda mole e macia como o cetim, sem que o fosse realmente. Volantes e finas rendas adornavam-lhe a touca branca, sobre um doce semblante de velha com seus cabelos cinzentos bem alisados. Essa touca tinha a forma alta de coroa, e por trás dos volantes passava uma larga fita negra que se estendia abaixo do queixo, terminando por um nó. Ela trazia sobre os ombros um xale de renda preso ao peito.

Essa mulher fantasma parecia ocupar uma câmara especial, se bem que eu a visse também nas outras. Sua câmara era longa e estreita, sombria e de teto baixo, indo aí ter a luz por uma pequena janela de caixilhos miúdos.

Quando a nossa família aumentou, essa câmara foi muitas vezes ocupada, e por isso a pequena janela foi substituída por uma janela grande, à moda francesa, com as portas até o chão, indo uma estufa moderna ocupar o lugar da antiga janela; para minha grande alegria, porém, ficavam largos e fundos vãos de um e outro lado da estufa, de modo que, assentando-me sobre o peitoril da janela com o meu livro por trás da cortina, eu podia utilizar-me da luz da chama sem receio de ser descoberta e incomodada.

Depois dessas transformações, a câmara, de novo mobiliada, tornou-se um salão confortável e, como era vizinha do quarto de minha mãe, tornou-se logo o lugar onde esta se ocupava a coser para a família.

Muitas vezes perguntei a mim mesma como a velha dama suportava essa invasão, pois, por meu lado, ressentia-me com essas investidas nos domínios dos meus amigos fantasmas. Parecia-me sempre que só eles eram os habitantes legítimos das câmaras desocupadas.



A mulher fantasma

Ainda que eu falasse muitas vezes desses habitantes misteriosos da nossa casa, preferia sempre assentar-me silenciosamente e observá-los. Eu tinha ciúmes quando me vinha o pensamento de deverem eles repartir a sua amizade, e exaltava-me com o fato de ser a única pessoa que tinha o privilégio de conhecê-los.

II

As minhas inquietações começam

Numerosas eram as idéias que eu tinha com relação a essas figuras silenciosas. Muitas vezes eu perguntava a mim mesma, com inquietação, o que queria significar tudo aquilo, e por que outras pessoas não viam as minhas “sombras”; depois, porém, de haver sido punida por “inventar” o que eu contava a respeito delas, tornei-me prudente e a esse respeito não mais falei a pessoa alguma. Eu não gostava de ser ridiculizada e muito menos de passar por mentirosa.

Quando se fez a transformação de que já falei, uma criada contou-me muitas histórias de aparições e assustou-me a tal ponto que eu não ousava mais entrar só em nenhum quarto, quando ele estava em escuridão e, mesmo de dia ou à claridade da Lua, eu tremia ante a idéia de algum Espírito sofredor aí tornar-se visível.

Durante muitas noites, depois de haver escutado com ansiedade a narração dessas histórias horríveis, conservei a minha cabeça envolvida nos lençóis, com grande medo de que algum habitante dos túmulos pudesse de súbito aparecer-me.

Entretanto, o que é estranho, eu nunca assemelhara os meus amigos fantasmas aos Espíritos dos mortos. Aqueles nunca me inspiraram temor algum. Eu podia encontrá-los a todo momento, de dia ou à noite, dirigir-lhes um olhar amigável quando passavam ou examiná-los curiosamente quando não se afastavam de mim. Eu não teria mesmo medo dos Espíritos, se soubesse que esses amigos estavam a meu lado. Sentia estar sob a sua proteção e segurança, e nunca tive receio de ficar sozinha no leito, às escuras, quando me achava na presença de um ou muitos desses amigos. Muitas vezes, nos anos que se seguiram, estranhei que essa espécie de vida, tão pouco natural na aparência, não tivesse excitado maior curiosidade

e mais comentários ao redor de mim; mas, como já disse, a saúde de minha mãe era melindrosa e ela vivia em cuidados por causa do aparecimento sucessivo e rápido de muitos filhos. Durante esse tempo eu ficava entregue às minhas pequenas ocupações e, não obstante já ser crescida, raramente exigiam de mim outra ocupação que não fosse o estudo das minhas lições diárias, salvo, de quando em vez, a de fazer alguma costura caseira.

Além de tudo, eu não tinha muito gosto pela costura, nem também por qualquer outro trabalho, com exceção do desenho, ocupação essa a que raramente me aplicava, pois minha mãe considerava esse tempo como perdido. Eu tinha sempre em mãos algum trabalho, mas como ele não me interessava, acabavam por mo tomarem, exprobrando-me por meus hábitos preguiçosos. Eu suportava essas censuras com perfeito bom humor, uma vez que me deixassem a faculdade de prosseguir no meu passatempo favorito, isto é, vigiar, sonhando, os meus amigos fantasmas e fantasiar a sua história.

Um dia, enfim, minha mãe, enfasiada com a minha malandrice, ordenou que eu me fosse sentar na sua sala para fazer uma costura, que me pareceu interminável.

Minha mãe desprezava o emprego da máquina de costura e declarava que não queria em sua casa tal abominação. Por isso, a costura da nossa casa era um trabalho sem fim e um obstáculo a qualquer ocupação razoável, salvo para minha mãe, que encontrava nisso ao mesmo tempo um alívio e um prazer.

Assentei-me, pois, ao lado dela, junto à grande mesa de trabalho, e dei começo à minha costura. A sala apresentava um aspecto muito diferente depois das modificações por que passara e eu a mim mesma perguntava quais seriam a esse respeito as opiniões da velha dama fantasma.

Olhando para o lugar onde eu a via habitualmente, fiquei surpreendida e encantada por descobrir essa querida figura familiar

em um canto, perto da chaminé. Ela tinha nas mãos alguma coisa e seus dedos se agitavam vivamente; vi então que ela fazia pontos de malha. Havia tanto tempo que eu não via alguém fazer esse trabalho, que o meu interesse foi despertado e observei curiosamente o brilho das suas agulhas.

– Que estás olhando? – perguntou minha mãe, com severidade – não podes prestar atenção ao teu trabalho?

– Mas, mamãe! É a velha dama que está consertando meias.

– Que velha dama – inquiriu minha mãe, e compreendi logo ter dito um disparate, vendo-a cerrar os lábios e franzir a testa, enquanto me repreendia.

– Começas outra vez – continuou ela – com essa história? Não compreendeste ainda que em tua idade essas invenções são detestáveis? Não te tenho dito demasiadamente que não quero isso? Tu, uma menina bastante crescida para induzires teus irmãos a estudarem e para dar-lhes bons exemplos, não fazes senão aborrecer-me muito. Estás sempre disposta a gaiatices, a viver sonhando, em prejuízo de qualquer outra ocupação, olhando para o vácuo e inventando histórias para intimidares os outros. Eu esperava que, crescendo, te libertarias desse mau costume; adoeço completamente de fadiga, pois que já não sei o que fazer para induzir-te a compreender quanto é abominável a tua conduta.

Escutei tudo isso com o coração miseravelmente intumescido, mas, ao mesmo tempo, lancei uma vista furtiva na direção da minha dama fantasma, indagando de mim mesma se ela estava triste por minha causa.

Eu me sentia igualmente muito penalizada e ofendida; e tinha a suspeita aflitiva de haver em mim alguma coisa de anormal. Tinha-me dito muitas vezes que eu “inventava” e devia envergonhar-me de dizer mentiras; eu sentia por isso uma espécie de lástima pela falta de compreensão daqueles que me faziam tais obser-

vações. Não gostava que me suspeitassem de falsidade. Desejava ser boa; fazia para isso o que podia e orava até à fadiga, pedindo a Deus que me ajudasse, a fim de tornar-me boa e de não incomodar pessoa alguma, principalmente minha mãe. Muitas vezes, de joelhos diante do leito, eu tinha orado, até cair adormecida, para que fosse libertada de meus sonhos e não mais tivesse a tentação de falar nisso. Mas, ah! meus esforços de nada serviam.

Algumas vezes, quando meu pai estava em casa ou quando aí havia hóspedes, meus amigos fantasmas tornavam-se invisíveis e eu os esquecia por algum tempo, porque tinha outra coisa em que pensar.

Meu pai gostava de ter-me junto de si e eu apreciava a sua companhia. Não tinha companheiras da minha idade, porque me haviam proibido de ligar-me às meninas que freqüentavam a mesma escola. Nunca tive camaradagens nos brinquedos, salvo quando meu pai se achava conosco; então, a minha natureza folgazã se patenteava, eu tornava-me barulhenta e excitada com os brinquedos e as pilhérias que ele provocava. Logo que ele partia, logo que a casa voltava à sua monotonia habitual, todos os meus sonhos resuscitavam, meus amigos fantasmas tornavam aos seus respectivos lugares e eu amavelmente lhes dava as boas-vindas. Eles eram uma propriedade minha, alguma coisa só a mim pertencente, e secretamente eu me orgulhava de possuir um mundo meu, no qual ninguém mais tinha entrada.

Às vezes, na minha alegria ou na minha admiração, acreditava dever falar a alguém acerca desses seres estranhos que, salvo eu, ninguém parecia ver. Minhas confidentes habituais eram uma velha criada e minha avó, que vinha de tempos a tempos passar algumas semanas conosco. Escutavam-me sempre e faziam seus comentários. Parecia que eram simpáticas às minhas narrações, pelo menos minha avó, porque, embora me repetisse que não convinha pensar nessas coisas estranhas nem falar de meus amigos fantasmas, con-

tava-me histórias maravilhosas e fantásticas que acabavam por me assustar inteiramente, não me voltando a calma senão quando meus amigos fantasmas se achavam de novo ao pé de mim. Nunca me pareceu que aí houvesse alguma coisa de sobrenatural. Eu aceitava a presença deles como uma coisa natural, e era infeliz quando eles estavam ausentes. Bem sabia que ninguém mais os via, porém já não tentava explicar isso; acostumara-me à idéia da existência de pessoas singulares, ignorantes dessas coisas.

Certa tarde, sentada junto de minha mãe, eu escutava silenciosamente as suas repreensões e queixas, com os olhos fixos no meu trabalho, e meus pensamentos trabalhavam em perscrutar a causa de toda a extensão da minha maldade, pois que sentia merecer realmente muitas das exprobrações que me eram dirigidas.

Era preguiçosa... eu o sabia bem. As lições me fatigavam, e não compreendia as palavras que decorava; não podia pela manhã recordar-me das lições estudadas na véspera, à noite; nunca me era possível resolver corretamente os meus problemas de Aritmética, e por essas faltas me prendiam na escola. A Gramática, a Geografia e a História se embaraçavam tanto na minha cabeça que eu apenas podia distinguir uma das outras. Declaravam que a minha escrita era impossível de ler-se; e, quanto à costura – o ponto capital aos olhos de minha mãe –, eu não podia pegar em uma agulha, sem atirar-me logo ao país dos sonhos, donde só voltava para ouvir uma forte repreensão.

Pensava em todas essas iniquidades com um profundo suspiro, e sentia-me bastante culpada. Por que não era eu como as outras meninas? Certamente podia fazer travessuras, jogar a péla, montar a cavalo, correr, saltar, tomar parte nos jogos organizados por meu pai e meus primos, com os quais eu rivalizava nas burlas maliciosas que eles imaginavam.

Nesses momentos, sentia-me uma criatura totalmente diferente. Entregue, porém, a mim mesma, recaía nos meus sonhos de

indolente, pecado imperdoável em uma casa atarefada como a nossa.

Sentia tudo isso... e resolvi tornar-me outra. Estudaria seriamente, e não seria mais a última da minha classe por causa de temas mal escritos e de trabalhos mal feitos; coseria, ocupar-me-ia com as crianças e mostraria que prestava para alguma coisa. Ante essas sucessivas resoluções de corrigir-me, senti-me totalmente boa, antecipando a maravilha de obediência e atividade em que pretendia transformar-me. Perguntava a mim mesma se a minha velha dama fantasma ouvia e compreendia tudo isso, se ela sabia quanto me tinham repreendido.

Eu indagava se ela tinha sido algum dia menina de catorze anos e se, encarregando-a de fazer longas costuras, haviam-na repreendido por ter desempenhado mal essa tarefa. Talvez que o seu trabalho só tivesse sido sempre o de fazer pontos de malha.

Lancei um golpe de vista para o seu lado. Lá estava ela pontecendo malha; eu via seus dedos moverem-se com rapidez e suas agulhas brilharem durante esse ligeiro movimento de dedos. Espantava-me da sua habilidade, porque seus olhos estavam fixos em mim e não sobre o seu trabalho. Minha mãe não sabia fazer pontos de malha, segundo a ouvi dizer. Julguei que me seria grato aprender isso, que me parecia tão engenhoso e divertido. Eu ia pedir à minha avó que me ensinasse, pois sabia que ela conhecia esse trabalho, embora não o fizesse com tanta perfeição e celeridade como a querida dama fantasma. Perguntava a mim mesma se esta não poderia ensinar-me; ela, porém, nunca parecia começar o trabalho e era esse começo que eu precisava saber. Talvez que se minha avó me mostrasse as malhas sobre as agulhas, eu soubesse sair do embaraço, observando os dedos da dama fantasma e fazendo o mesmo que ela. Ah! se ela trabalhasse mais lentamente!... Os dedos da minha avó não podiam ser tão ágeis, mesmo que trabalhassem depressa. Eu acreditava não poder acompanhar a contagem

da formação das pequenas malhas, e apenas me era dado segui-la. Assim, eu pensava, poderia consertar todas as meias da família e minha mãe não mais me chamaria preguiçosa.

Uma voz severa veio então perturbar meus cálculos, dizendo:

– Por que não coses? É inútil falar-te; és capaz de esgotar a paciência de um santo. Não atendes ao que eu digo e fazes sempre o possível para me aborreceres e penalizares. Que estás vendo? Que há naquele canto?

O tom queixoso de minha mãe fez-me recordar as minhas faltas.

– É a velha dama – disse eu –, que está ponteando meias, e eu...

– Silêncio, filha ruim! Nunca me fales dessas coisas. Basta que eu ouça o que os outros contam das tuas invenções. Trabalha.

No meu susto, eu tinha deixado cair a costura, quando minha mãe me despertou do sonho.

– Se levantares os olhos antes de terminado o teu trabalho e se tornares a olhar naquela direção, dou-te uma tapona, a fim de ver se assim te avivo a memória.

Ela estava então realmente zangada; e pois, retomando trêmula e silenciosa o meu trabalho, recomecei a costura.

Ó mãe Eva! pergunto ainda a mim mesma: Se tivésseis sabido que legado deixáveis às vossas filhas, esse conhecimento não haveria detido a vossa mão no momento de colherdes o fruto proibido? Que indomável é o desejo que herdamos de fazer precisamente o que nos é vedado! Eu não tinha necessidade de erguer os olhos dos meus trabalho; realmente desejava obedecer; mas, a tentação de ver se o trabalho da velha progredia e se ela compreendia o que se passava entre minha mãe e eu era muito forte... Olhei, pois, na direção proibida e, logo em seguida, uma bofetada forte me colocou a par da minha desobediência.

Eu sabia que o castigo era merecido, mas isso em nada modificava as coisas, e eu chorava e soluçava amargamente, sem poder conter-me, quando vi entrar o doutor, que minha mãe esperava nesse dia.

Escapei-me e fui sentar-me na escada, onde, cobrindo o rosto com as mãos, chorei de dor e de vergonha.

No fim de algum tempo abriram a porta e chamaram-me. Enxugando as lágrimas, entrei na sala. Minha mãe, sempre assentada em sua cadeira baixa, parecia perturbada e zangada, e o doutor por aí passeava. Quando entrei, ele sentou-se: segurando a minha mão, acariciou-a amistosamente e disse-me com bondade:

– Penaliza-me ver-vos chorar, mas sabeis que a vossa mamãe está sofrendo, e deveis procurar contentá-la em vez de penalizá-la. Contai-me, pois, toda essa história, isto é, as coisas que vedes e os outros não vêem, as velhas que ponteiam meias, etc. Que significa tudo isso? Falai.

Ele olhava-me com bondade e simpatia, acariciando-me as mãos, enxugando as lágrimas que corriam pelas minhas faces e incitando-me a falar.

Isso animou-me; contei-lhe o que chamavam meus sonhos e minhas fantasias, coisas que para mim eram realidades. Falei-lhe de meus amigos fantasmas, nossos hóspedes diários; da velha dama que trabalhava com tanta habilidade e me olhava com tanta doçura; do cavalheiro bem trajado, de cabelos longos e anelados, chapéu de plumas, com esporas e uma espada ao lado; falei-lhe do homem que usava um colarinho largo que se alteava ao redor do pescoço, apresentando a aparência de ter a cabeça colocada num prato; das damas de vestidos de seda, cabelos empoados, com suas rendas, babados e maneiras curiosas. Contei-lhe tudo... o meu desgosto de não ser escutada... e quanto me era terrível ser suspeitada de falsidade.

– Mas isso é a verdade – acrescentei eu –; cada palavra é uma realidade. Eles aí estão, eu os vejo, e não minto.

– Sim – disse o doutor –; creio em vós e não julgo que estejais mentindo.

Oh! como meu coração saltou, ao ouvir essas palavras, e voou para esse homem, que eu julgava sincero!

– Sim, creio que vedes coisas que os outros não vêem; conheci pessoas que se vos assemelhavam, que viam homens, mulheres e animais, que realmente não existiam. *Mas essas pessoas eram loucas*. Persistiam em ver sombras movendo-se ao seu redor, velhos ou mulheres espiando-as pelos cantos. Tinham começado por ver uma coisa, depois outra, e, enfim, tornaram-se perigosas, sendo necessário recolhê-las a asilos de alienados para serem curadas.

Pareceu-me que essas palavras me congelavam o sangue nas veias. Eu não podia deixar de ficar imersa em um silêncio cheio de horror. Que queria dizer tudo isso? Seria esse o segredo do mundo maravilhoso em que eu havia passado horas tão felizes? Meus amigos fantasmas não estariam realmente ali? Teriam razão aqueles que me diziam que os meus fantasmas não existiam e que eu me enganava?

Eu os via; nisso não me enganava; se, porém, realmente eles não existiam, e se eu via uma coisa sem existência real, é claro que isso não era normal.

Anteriormente eu nunca havia pensado nisso; mas agora, que horrível pensamento! Eu ia enlouquecer!

Dia e noite sofri esse tormento. Ser louca! Que significava ser louca? Eu pensava em todas as coisas horríveis que me tinham contado, nos crimes cometidos pelos maníacos, nos horrores dos asilos de alienados, nas câmaras acolchoadas, nos ferros, nas camisolas de força... e tremia de medo, e pedia a Deus, quase freneticamente, que me preservasse da loucura.

III

Irei enlouquecer?

*Minh'alma tem seu segredo, seu mistério a minha vida.
Minha dor é sem remédio; por isso a tenho escondida.*

Arvers

Quanto mais eu refletia, mais me convencia de que o doutor tinha razão; e o horror e o medo me privavam quase dos sentidos.

Embora já contasse catorze anos de idade, eu era em certos sentidos uma criança. Educada, como o fora, quase isolada das outras meninas estranhas ao círculo da minha família, e raramente admitida na sociedade de seus membros mais idosos, tinha crescido ignorando completamente muitas coisas que discutem entre si as crianças da mesma idade; e, nessa perturbação, eu não tinha quem me socorresse e aconselhasse.

Meu pai estava longe e minha avó, que era muito boa, vivia em sua própria casa ou visitava os seus outros filhos.

Restava a velha criada, mas eu sentia, às vezes, repugnância em fazer-lhe confidências, porque, se eu estava realmente louca, era preciso ocultá-lo o mais possível, e não queria que alguém conhecesse as ilusões de que eu era vítima. Perguntava a mim mesma se havia medicamentos para curar a loucura e se o doutor podia auxiliar-me de algum modo. Talvez que houvesse nos meus olhos alguma coisa de singular, porque me recordava, com medo, de que, todas as vezes que eu, voluntária ou involuntariamente, havia tentado tocar nos meus amigos fantasmas, quando eles passavam, minha mão não experimentava impressão alguma de contato, e ainda notara que eles recuavam para não serem tocados. Por

causa disso eu lhes chamava sombras; mas, até então pouco pensava nisso. Agora perguntava a mim mesma se meus olhos não me enganavam; e esse pensamento me era mais grato que o de vir a enlouquecer; mas, este me obcecava noite e dia. Recordava-me de ter ouvido uma criada dizer que uma das práticas nos hospitais de doidos era fazer cócegas nos pés dos pacientes; ela dizia ter lido isso em um livro intitulado *Valentine Vox*. Eu não podia suportar cócegas nos pés; mas, talvez que me não risse tanto, se o emprego desse meio fosse prolongado. Perguntava a mim mesma se a vida dos loucos era longa. Receava isso, lembrando-me de um velho que parava às vezes na nossa vizinhança, mendigando e vendendo cabides de roupa, e que uma vez, parando em frente da criada, a assustara com as suas pragas e terríveis maldições. Ela lhe chamara louco. Desejaria saber se algum dia me assemelharia a ele, se aprenderia a praguejar e traria, como ele, um rosto sujo e cabelos mal penteados. Era preferível ser encerrada num hospital de doidos.

Todos os horrores que ouvira dizer acerca desses estabelecimentos me vieram à mente antes de adormecer, na noite que se seguiu à minha conversação com o doutor, e resolvi ocultar meu estado a todos, por tanto tempo quanto me fosse possível. Se eu estivesse louca, pelo menos ninguém o saberia, e talvez que o mal fosse curável, visto eu não ser sempre afetada.

De quando em quando os fantasmas desapareciam durante meses e só voltavam quando eu me achava só ou indisposta para o trabalho e o estudo; eu saudava-os então com alegria.

Desde esse dia tudo mudou; a minha satisfação em ver os fantasmas passarem rapidamente diante de mim e cruzarem comigo nas escadas cedeu lugar a um sentimento humilhante, de medo e desolação. Eu não tinha mais motivos de alegrar-me agora, ao ver essas formas familiares; pois que isso era então somente uma prova de que a minha enfermidade não me havia abandonado.

Veio-me depois outra idéia. Era Satanás quem forçava meus olhos a verem coisas que não existiam.

Isto lançou uma nova luz sobre a questão; eu me achava quase contente, porque tudo me era preferível à loucura. Se o inimigo era Satanás, somente Deus podia auxiliar-me, e eu sabia que ele não me negaria isso.

A aparição mesmo de uma “sombra”, fosse real ou imaginária, fazia precipitar-me de joelhos, orando, em meu quarto. Muitas vezes pela manhã, como durante o dia ou à noite, eu caía de joelhos para implorar a minha libertação das maquinações do diabo.

Tornei-me reservada, tímida, nervosa... Tinha medo de passar de uma para outra câmara; medo de ficar só em qualquer momento do dia ou da noite; vigiando cada uma das minhas palavras, com receio de denunciar a minha loucura; não ousava dirigir a minha vista para qualquer direção, com medo de que supusessem que eu procurava ver os fantasmas.

Tornei-me ávida de ocupações, receosa de achar-me sem ter o que fazer; pois fui informada de que Satanás inspirava maldade aos ociosos.

A Bíblia ficou sendo a minha companheira constante; de dia eu a trazia no bolso; de noite a estreitava conta o coração. Imaginava-me assim bem armada contra o poder do diabo.

Quanto durou esse estado de coisas não me posso de todo recordar; parece-me entretanto que envelheci muitos anos nos meses que decorreram até o novo regresso de meu pai a casa.

Ele impressionou-se alguma coisa com a minha palidez e magreza e ficou espantado com os meus modos esquisitos e nervosos.

– Ela cresce – disse minha mãe –; todas as meninas ficam pálidas e magras quando têm crescimento rápido.

– Eu preferiria que ela não crescesse e estivesse menos pálida e franzina – disse meu pai –. Ela devia passear mais, em vez de

permanecer aqui, presa aos seus estúpidos livros e à sua costura. É preciso ver se uma mudança de ares pode restituir alguma cor a estas faces pálidas.

Depois de muitos projetos propostos, discutidos e rejeitados, decidiram afinal que, na falta de coisa melhor, eu acompanharia meu pai em uma viagem ao Mediterrâneo, que devia durar dois ou três meses.

IV

Férias deliciosas – Um navio fantasma

*Há um barco fantasma, diz-nos ela,
Dos mortos um batel cortando o mar.
Chamam-no Carmilhan; tem sua equipagem,
Como ele, espectral; e na procela,
Sem um trapo de vela que o auxilie,
Sem alguém que no timão sua marcha guie,
Mostra-se prosseguindo em sua viagem,
Contra ou à feição do vento e sem parar.*

Longfellow

Essas férias foram, sem exceção, o período mais feliz da minha vida. Então, tudo era novo, fresco e delicioso. Mesmo o grande navio era para mim uma inesgotável fonte de interesse. O amor que meu pai dedicava aos animais, contrariado em casa, aí tinha seu livre curso. Frangos, patos, leitões e um par de cabras ocupavam seus respectivos compartimentos. As cabras tinham sido trazidas com o fim de me fornecerem um leite que eu detestava; contudo, divertiam-me muito, particularmente no momento de serem ordeñadas, porque pareciam achar grande prazer em evitar as tentativas do rapaz encarregado desse trabalho. As escotilhas do salão estavam cheias de plantas escolhidas, tendo suspensas entre os seus ramos gaiolas com passarinhos cantores. O membro mais notável desse jardim de bichos era um macaco negro, cujas artimanhas maliciosas faziam, ao mesmo tempo, o tormento e as delícias de todos os habitantes do navio. Ele adorava meu pai, porém comigo, sem que eu conheça a causa, nunca foi amável. Meu pai dizia que esse animal era ciumento, e notamos muitas vezes que, quando

meu pai me acariciava, o macaco se retirava para a sua cama, onde se assentava com um ar triste e melancólico. Não abandonava esse lugar enquanto eu estivesse junto de meu pai.

Finalmente, havia também um enorme cão terra-nova, chamado Jack, que era um antigo conhecido meu e que, desde que pisei a bordo, pareceu constituir-se meu protetor e companheiro inseparável. Bem depressa conheci toda a gente de bordo, oficiais e marinheiros, e, tendo tantos amigos, companheiros e camaradas de recreio, tendo tantas cenas novas a observar, com essa constante mudança do mar e do céu, as alegres férias tornaram-se para mim, como as chamei depois, um verdadeiro paraíso.

Um dos meus amigos particulares a bordo era o oficial N..., o qual, não obstante já ser primeiro-tenente, era o mais jovem de todos. É certo que, segundo as minhas idéias infantis com relação à idade, quem passasse dos vinte anos já era muito idoso. Esse tenente era quem dirigia as minhas lições cotidianas. Meu pai, para conformar-se com os desejos de minha mãe, tinha religiosamente empreendido essa tarefa, na qual insistia muito.

O ponto fraco de meu pai era, porém, a complacência, a sua maior virtude na minha opinião, e alguns mimos ou um beijo davam motivo à dispensa de uma hora de estudo. À medida que a minha saúde se fortalecia, a minha indisciplina aumentava. Era-me impossível trabalhar quando o Sol brilhava, quando os passarinhos gorjeavam e se ouviam o macaco e o cão fazer cabriolas por cima das nossas cabeças. Quando eu fechava os livros, meu pai meneava a cabeça e dizia: “Vai lá ainda uma vez, porém seja a última.” O tenente N... encarregou-se então da minha educação e, colocada entre os meus dois preceptores, arranjei as coisas de modo a fazer o que me agradava. A única coisa que me recordo de ter aí aprendido foi o modo de desviar a agulha da bússola, o que eu fazia muitas vezes com grande alegria dos meus novos amigos, que admiravam

a minha habilidade de tornar louca a agulha imantada, obrigando-a a percorrer todo o quadrante do norte ao sul e do sul ao norte.

Fiquei, é também certo, conhecendo muitas coisas com relação aos lugares que visitamos. A história das cidades da Itália, os costumes, os modos, os usos de seus povos, as descobertas e as escavações de Pompéia foram-me contadas de tal modo que ficaram impressas em meu espírito muito melhor do que se me tivessem feito isso ler.

Era uma educação perfeitamente divertida. Os sonhos e as fantasias abandonaram-me. Meus amigos fantasmas foram esquecidos. O sonambulismo a que eu era sujeita ficou curado, e eu tornei-me semelhante às outras raparigas da minha idade, sadia, feliz, não pensando senão em divertidos e espirituosos gracejos, detestando a clausura da câmara e todo constrangimento, e só pensando em pequenas aventuras, especialmente quando havia nelas algum perigo. Em tudo, eu tinha o apoio do tenente N..., que projetava constantemente novos divertimentos durante as travessias, ou organizada excursões quando estávamos em algum porto.

Meu pai permitia muitas vezes fazer o que me agradava, ainda que, em certas ocasiões, hesitasse diante das minhas propostas, perguntando a si mesmo o que *mamãe diria se o soubesse*. Entretanto, ele estava satisfeitíssimo com os progressos da minha saúde, com a minha alegria natural, e observava freqüentemente que ninguém me reconheceria quando eu voltasse a casa. Geralmente, acompanhava-me em minhas visitas aos armazéns e fornecia o dinheiro necessário para as minhas numerosas compras. Por isso, considerei-me uma milionária, quando fomos chamados à Inglaterra, e passei a dar balanço nas minhas propriedades acumuladas durante esses três meses de viagem pelas cidades encantadoras da costa italiana.

As minhas propriedades consistiam em luvas, pantufos, água-de-colônia, coral, conchas, ornamentos de mármore, mosaicos de

segurar papéis, estojos de agulhas e frascos de perfume feitos de lava. Eu achava um prazer imenso em pensar no modo de dispor desses tesouros em favor das minhas amigas, e os meus pensamentos detiveram-se nisso por mais de um dia. Foi então que se deu um dos incidentes mais estranhos e incompreensíveis, que veio lançar uma nuvem sobre essas férias felizes, fazendo-me voltar à lembrança da minha vida passada e dos desgostos que eu já havia esquecido.

Reinara durante o dia um calor intenso, mas a viração causada pela marcha rápida do navio se nos apresentava extremamente fresca. O Sol sepultava-se em um banho de chamas. O Céu estava maravilhoso em sua diversidade de cores, carmesim, ouro e amarelo. O mar mostrava-se plácido e liso, sem apresentar uma ruga, salvo no sulco do nosso navio, onde a espuma branca e franjada refletia a beleza das cores do alto, criando assim uma das mais deliciosas cenas terrenas que se pode imaginar.

O tenente N... achava-se no tombadilho e, como era de costume, eu estava ao seu lado, discutindo com vivacidade os acontecimentos dos últimos dias, as cenas que havíamos presenciado, os méritos e defeitos das compras que fizéramos na nossa última excursão à terra. Minha língua, como meu pai costumava afirmar, prosseguia dizendo *dezenove* por *doze*. Durante a nossa conversação, tínhamos notado muitos navios a distância e, estando discutida e esgotada a questão das nossas compras, fixei a minha atenção nos navios, desejosa de mostrar a minha habilidade em distinguir, umas das outras, as espécies de embarcações, classificando-as como os marinheiros. O tenente N... e eu discordávamos em relação a um navio que se mostrava na linha do horizonte. Seria uma galeota ou um brigue? Cada um de nós sustentava a sua idéia.

– Tomais o meu óculo e vereis que tenho razão – disse ele, passando-me o seu óculo de alcance.

Eu trocava o meu com o dele, quando repentinamente fiquei petrificada vendo um grande navio perto da proa do nosso. Durante a conversação só tínhamos observado o lado donde o nosso navio vinha e, muito interessados na nossa discussão, não prestáramos atenção ao que se passava à nossa frente.

– Olhai, olhai! – bradei assustada.

– O quê? – perguntou o meu companheiro.

– O navio! Por que não parais? Vamos chocar com ele. Parai, parai! Por que o não fazeis? – gaguejei com terror.

O navio estava tão perto que se podiam distinguir os homens no seu tombadilho, e nos aproximávamos dele com uma rapidez assombrosa.

– Que tendes, minha filha? Que navio é esse? Que quereis dizer? Por que havemos de parar?

Segurei-lhe no braço, obrigando-o a voltar-se, porque ele estava olhando para mim, em sua surpresa, em vez de fixar o navio contra o qual avançávamos com rapidez.

– Estais agora vendo? Estais cego? – balbuciei e, em meu terror, sacudi-o, repetindo – O navio, o navio! Parai, parai!

Ele não prestou atenção às minhas palavras, mas, desembaraçando-se da minha pressão frenética, fez-me assentar em uma cadeira que tinha sido colocada para mim em um lugar abrigado. No entanto, a minha única idéia era que nos íamos perder e que eu devia ir para junto de meu pai, pelo que me escapei e fui correndo pelo tombadilho. Ele, porém, alcançou-me e deteve, insistindo para que eu me acalmasse.

– Como posso estar tranqüila, quando vamos afogar-nos? Deixai-me partir! Papai! Papai! – e eu gemia, lutando de novo.

Depois curvei-me escondendo meu rosto sob o seu braço, porque o estranho navio estava então atravessado bem diante da nossa

proa, mostrando suas brancas velas enrubescidas pela luz do Sol poente. Um homem achava-se no tombadilho, com os braços cruzados, apoiado à borda e esperando o choque do nosso navio.

Vi isso num relance de olhos, antes de esconder o meu rosto. Tudo pareceu tornar-se negro e meu coração cessou de pulsar, enquanto eu esperava o inevitável choque. Oh! que agonia nesses momentos! Nenhum tempo apagará da minha memória os pensamentos que me assaltavam o cérebro, enquanto eu esperava o encontro das duas embarcações. Pareceu-me que esse momento teve a duração de uma vida inteira.



A nau fantasma

– Que há? Vejamos. Por que estais tão assustada? – perguntou o tenente N..., passando o outro braço por cima dos meus ombros.

Eu, porém, não podia responder, e só gemia e tremia. O choque demorava-se e arrisquei-me a levantar os olhos. *O navio tinha desaparecido!* O alívio foi tão grande que um soluço me abalou toda e as lágrimas banharam-me a face.

– Onde está ele? Que caminho seguiu? – balbuciei, quando pude falar.

– Não sei o que quereis dizer – replicou o tenente –. Não havia navio algum perto de nós. Se o houvesse, acreditais que eu o não veria?

Ergui-me e lancei uma vista inquieta ao redor de mim. Atrás de nós, no sulco traçado pelo nosso, vi o navio com as suas velas estendidas. Distingui todas as cordas da sua mastreação e notei que as velas, desta vez colocadas entre nós e o Sol poente, não mais se apresentavam enrubescidas como na primeira posição, mas sim com a cor cinzenta. Eu via os homens a se moverem na coberta e o pavilhão flutuando no alto do mastro. Parecia não estar a mais de 50 pés de nós, mas essa distância aumentava rapidamente. Para mim, era evidente que, sem o saber como, os navios tinham *passado um através do outro* e que então seguiam diferentes rumos.

– Não podereis agora vê-lo? – perguntei, apontando para a embarcação que se afastava.

– Nada vejo – respondeu laconicamente o tenente.

A secura do tom com que se exprimiu e a reação da emoção intensa que eu havia experimentado eram muito fortes para mim; e desfiz-me em lágrimas, soluçando e sem querer ouvir as palavras tranquilizadoras do meu amigo. Eu estava horrivelmente fatigada e trêmula. Minhas lágrimas corriam, apesar dos meus esforços para retê-las, e somente se detiveram quando o tenente induziu a que me recolhesse ao meu camarote para repousar, acrescentando:

– Não desperteis vosso pai e nada lhe digais do que vos assustou e do que vistes.

Atendi-o com a cabeça e segui lentamente para o meu camarote, lamentando que ele tivesse recomendado não despertar meu pai e nada lhe contar, pois isso me teria acalmado e consolado.

Parei em frente à sua porta, esperando que algum ruído me provasse que ele estava acordado, mas só pude ouvir a sua profun-

da respiração. Retirei-me para o meu pequeno camarote e atirei-me ao leito, chorando e tonta de sono.

Na manhã seguinte, ao despertar, meus pensamentos voavam para o navio misterioso e a estranha conduta do tenente N... O meu primeiro impulso foi ir ter com meu pai e contar-lhe tudo, pelo que apressei a minha “toilette”, a fim de encontrá-lo antes do almoço. Enquanto eu penteava os meus cabelos, ia pensando na singular recomendação do tenente N... De repente, assaltou-me uma idéia: sem dúvida meu pai censurá-lo-ia de qualquer modo por se haver aproximado tanto do outro navio. Se bem que nada de mal tivesse sucedido, eu sabia que, quando um navio a vapor chega a tal proximidade de um navio de velas, há uma infração das regras da náutica.

Ouvira dizer que um navio a vapor devia dar sempre passagem aos navios de vela ou, em linguagem marítima, deixar-lhe o campo aberto em pleno mar, e sabia que, permitindo ao nosso navio aproximar-se tanto do outro, o tenente N... havia cometido uma falta contra a lei, o que ia contrariar muito meu pai.

Recordei-me também de me haverem muitas vezes avisado que não era permitido conversar-se com um oficial de quarto quando ele estava dirigindo a navegação, e eu não podia fugir à responsabilidade de o haver feito justamente nesse momento. Eis aí, pois, o que não convinha que meu pai soubesse; e comecei a compreender que alguma coisa séria e desagradável podia suceder ao tenente N..., se meu pai viesse a conhecer o perigo de que tínhamos escapado. Mentalmente, tomei a resolução de não causar tal desgosto ao meu amigo. Com isso, conservara sobre os ombros um peso incômodo, mas ficava satisfeita, carregando-o pela sua salvação. Durante todo esse dia, encontrando-nos, passeando juntos e conversando, não se fez menção do ocorrido na tarde precedente.

No dia imediato, ao jantar, meu pai perguntou-me por que eu havia chorado na outra tarde, imaginando estar vendo um navio.

Esse modo de falar fez subir ao meu rosto, e mesmo às pontas dos meus dedos, um rubor de indignação. Eu não sabia o que responder, quando o riso sonoro do tenente N... e o sorriso dos outros convivas me fizeram compreender que o fato já não era um segredo. Isso era muito forte para mim e para minha resolução e, portanto, tive de fazer rapidamente toda a minha narração.

Eu falava depressa e com ardor, tendo voltado toda a cena ao meu espírito.

– Recomeça com mais calma – disse meu pai, quando me detive com um soluço.

Repeti a história.

– Por que me não disseste isto, quando desceste?

– O tenente N... recomendou-me que não vos acordasse. Ontem quis contar-vos tudo e ia fazê-lo, quando me veio o pensamento de que podíeis incomodar-vos com ele por se ter aproximado tanto do navio, e acreditei ter sido esse o motivo pelo qual ele me recomendara que nada vos dissesse. Por isso não o fiz, e lamento ter sido obrigada a falar-vos disso agora, pois que ele zomba de mim – concluí com um ar de ressentimento.

Depois do jantar, meu pai levantou-se e foi conversar no tombadilho com os oficiais. Não ouvi mais falar do fato, senão na tarde daquele dia. Meu pai veio ter comigo e disse-me com uma voz opressa que não me permitia mais pregar essas peças e repetir tais histórias. Ele tinha procedido, segundo disse, a um minucioso inquérito entre os vigias de bordo, quanto ao navio que eu declarava ter visto, e todos sustentavam não nos termos cruzado com navio algum depois de sairmos do porto, e que só viram que eu chorava amargamente. Assim, tudo ficava envolto no mistério, e vi plenamente que não podia esperar que acreditassem na minha palavra, diante de tantas evidências contrárias.

O antigo peso de ansiedade e terror, que tinha saído do meu coração durante essas longas férias, parecia cair de novo sobre mim.

Filosofoei sobre a possibilidade de existirem navios fantasmas, como existia um mundo fantasma. Então, as antigas perturbações voltaram e tornaram-me o coração pesado e contristado, ainda que os pequenos incidentes variados da vida a bordo impedissem-me de dar a esse mal tanta importância como anteriormente.

Apesar de tudo, as minhas férias não acabaram bem.

Alguma coisa se tinha elevado entre meu pai e eu: uma nuvem, leve, na realidade, porém que erguia um obstáculo invencível no seio da nossa encantadora intimidade. Ele acreditava-me capaz de mentir, e essa suspeita indignava-me e fazia infeliz.

Eu não podia banir da minha mente a idéia de que o tenente N... desejava esconder a sua falta em relação ao navio, persistindo em declarar que não o tinha visto. Eu indignava-me igualmente de ter ele próprio ido contar a história, depois de me haver proibido de fazê-lo. Tempos depois pedi-lhe que me dissesse o motivo da proibição que me havia feito, e ele respondeu:

– Porque vos acháveis em tal estado de emoção e agitação que julguei fazer-vos mal qualquer repreensão que vosso pai vos desse por terdes tido tão estranhas fantasias. Eis tudo.

No entanto, as minhas férias tinham perdido o seu encanto e comecei a desejar o termo da nossa viagem.

V

A tentativa misteriosa

“Nessa mesma hora uns dedos de mão de homem mostraram-se escrevendo, na frente do candeeiro, sobre o estuque da parede do palácio real, e o rei via esses dedos que escreviam.”

(Daniel, 5:5)

Durante um ou dois anos que passei na escola, fiquei, de alguma sorte, libertada dos meus sonhos e fantasmas. Minha educação tinha sido bastante descurada e, para recuperar o tempo perdido, eu era obrigada a estudar muito. Tinham-me colocado em uma classe de alunas muito mais jovens do que eu e, mesmo aí, achei-me, mais do que as minhas companheiras de classe, ignorante dos primeiros elementos de instrução; em menos de um ano, porém, eu havia estudado tanto que me foi permitido concorrer na leitura de muitos assuntos com as alunas das classes superiores.

Minha saúde era boa; o meu estudo era um gozo e eu prosseguia nele com ardor. Divertida e travessa entre as meninas da minha idade, tornei-me o elemento indispensável de todos os seus divertimentos.

Esse espírito de malícia tem suas desvantagens, pois que, no fim de algum tempo, eu era considerada a promotora de todas as estroinices que se descobriam; apesar disso, eu achava gosto nos estudos e amava as minhas professoras.

Muitas das antigas alunas terminaram os seus estudos ao mesmo tempo que eu. Nesse termo, devia efetuar-se um verdadeiro

exame, e tanto as professoras como as alunas pareciam desejosas de colherem então as suas glórias.

Nas últimas semanas de maio, os nossos divertimentos foram postos de lado e o nosso salão barulhento ficou transformado em tranqüila sala de estudos. Quando findava o trabalho do dia, aí ficávamos ocupadas em fazer certos preparos destinados a produzir um grande efeito sobre os espectadores desses exames.

Meu trabalho achava-se em grande parte terminado, à exceção de um tema que eu devia descrever.

Minhas tentativas nesse sentido tinham obtido sempre, como resultado, verdadeiros fiascos; até então, as composições por mim assinadas eram mais devidas a uma das minhas camaradas de classe que aos meus infelizes esforços. Era uma coisa bastante conhecida que os temas de Lídia Oliva e os meus deviam ser trocados. Desta vez, porém, foi-nos em tom severo declarado que as composições deviam ser absoluta e inteiramente originais e que nenhuma de nós tinha a permissão de auxiliar ou receber auxílio de quem quer que fosse, na confecção desse trabalho.

Se bem me recordo, o assunto escolhido para mim foi “A Natureza” ou “O que é a Natureza”. O fim do prazo designado ia-se aproximando e eu estava cada vez mais desesperada, devido à minha incapacidade para escrever ao menos doze linhas sobre o assunto. Muitas vezes comecei assim: “A Natureza é a nossa mãe comum”, ou “A Natureza compreende tudo o que é o Universo”. Chegando, porém, a esse ponto, eu me detinha, não podendo achar uma outra frase que não me parecesse imperfeita, manca ou mesmo absurda. Eu ia estragando o meu papel, folha por folha, e não elaborava um começo de composição, senão para vê-lo terminar do mesmo modo. Todas as tardes, preparando os meus materiais de escrita, eu perguntava a mim mesma o que me aconteceria se no dia imediato não obtivesse melhores resultados. Todas as noites deitava-me com a decisão de não dormir, mas de refletir e tomar

nota das minhas reflexões nas primeiras horas da manhã; depois de ter pousado a cabeça no travesseiro, porém, as minhas resoluções de nada serviam e eu ficava sem dar conta da minha tarefa.

Os dias pareciam voar. As alunas estavam ocupadas em copiar cuidadosamente as notas tomadas a lápis. Eu pensava com inveja nos progressos das suas composições, nos floreios da sua linguagem e no sorriso satisfeito com que elas contemplavam a sua obra. Tudo isso era, porém, inútil: quanto mais me penalizava, mais estúpida ficava. Nada mais podia fazer que chorar em segredo as minhas angústias.

Muitas vezes encerrava-me no meu quarto e pedia de joelhos que me viessem idéias; a prece, porém, não dava resultado e a minha cabeça ficava mais vazia que nunca.

“A Natureza é a nossa mãe comum...” Essas palavras começavam a soar aos meus ouvidos e a dançar diante dos meus olhos. Pareciam correr umas atrás das outras na minha cabeça vazia, jogando a cabra-cega, saltando ou reunindo-se até que me risse alto dos meus pensamentos.

Só faltavam três ou quatro dias para a chegada do grande momento. Todos os nossos desenhos, papéis e trabalhos de agulha tinham sido reunidos e as composições das outras já estavam entregues. Quando pediram a minha, respondi com hesitação que ainda não estava pronta.

Disseram-me que restava muito pouco tempo e que eu devia prepará-la sem demora.

Nessa noite muni-me de uma vela, papel e lápis e, depois que nos retiramos, assentei-me no meu leito, decidida a fazer alguma coisa. Mas, apenas tinha eu escrito de novo aquelas palavras terríveis, as vozes queixosas de minhas companheiras de quarto ordenaram que eu apagasse a vela, ameaçando-me de fazê-lo elas próprias, se eu não as atendesse. Não havia outro remédio senão obe-

decer. Voltei meu rosto para a parede e chorei até adormecer, resolvida entretanto a acordar ao alvorecer, a fim de escrever qualquer coisa.

Na manhã seguinte, porém, só fui despertada com o choque de uma esponja molhada que uma das minhas companheiras lançara sobre mim e tive a triste consciência da minha inépcia para cumprir as minhas resoluções.

Meu primeiro olhar foi para as folhas de papel e o lápis que eu colocara sobre a mesa ao lado do meu leito; as folhas estavam espalhadas e em desordem, algumas mesmo pelo chão. Abaixando-me com a cabeça e o coração perturbados, para apanhar tudo, vi que muitas dessas folhas estavam cobertas de escrita, e o meu primeiro pensamento foi, naturalmente, que na véspera, à noite, eu tinha trazido para o meu quarto rascunhos de escrita em vez de papel limpo. Mas, olhando de novo, reconheci nesses papéis a minha letra. Perplexa e espantada ao mesmo tempo, assentei-me, em camisola de dormir, à beira do leito, insensível às pilhérias das minhas companheiras, que se vestiam, zombando da minha preguiça ou do meu aspecto estudioso, como elas diziam alternadamente. Eu estava absorta na contemplação dessa escrita e não prestava atenção alguma ao que elas diziam. Surpresa e arrebatada, li com ardor, uma depois da outra, essas páginas.

Não sabia como essa escrita se achava ali, mas a princípio não pensei nisso, pois me entreguei ao prazer de ler esses belos pensamentos, expressos em frases tão simples e poéticas.

– Vinde cá, minhas amigas – disse eu –, escutai isso; e comecei a ler em voz alta:

“No começo, Deus fez o céu e a terra, e a terra produziu as plantas, e as plantas deram sementes de sua espécie; as árvores produziram frutos, cujas sementes eram das suas espécies, e Deus viu que isso era bom...”

– Calai-vos! Calai-vos! – bravateavam elas.

Mas eu prosseguia na minha leitura através dessas páginas em que se patenteava, como em um quadro, a visão do novo mundo, desabrochando em sua primitiva e gloriosa beleza, aos raios do Sol, da Lua e das estrelas.

Cada explanação era mais rica em beleza, mais maravilhosa que a precedente, desde as estrelas prosseguindo em seu curso circular até a ervazinha tomando a sua cor dos raios do Sol.

Eu lia com tanta paixão que nem mesmo reparei na atitude das minhas ouvintes. Elas estavam longe de experimentar o mesmo arrebatamento que eu; foi só no fim que tive consciência das suas observações, chacoteando acerca de minha pretendida inépcia para fazer descrições.

Foi sob o domínio de estranhos sentimentos que nessa manhã penetrei no salão da aula. Pouco notei a frieza e o mau humor das minhas companheiras de classe, tão cheia estava a minha cabeça dos quadros evocados por essa misteriosa escrita. Senti-me agitada, excitada e impaciente, até que a meia hora de recreio permitiu-me reler essas páginas. Foi então que meditei sobre a estranheza do fato.

Como se dera isso? Quem tinha escrito e quando fora escrita essa composição?

O pensamento de que alguém quisesse pregar alguma peça veio-me à mente e causou-me temor; mas, não..., a letra era minha; nisso eu não me podia enganar, nem haveria discussão possível. Eu a tinha, pois, escrito; mas, quando?... durante o sono?...

Eu já tinha ouvido falar de coisas semelhantes; mas, não era esse o meu caso. Reconhecia-me inteiramente incapaz de arranjar em ordem meia dúzia de frases... Donde, portanto, podiam provir esses belos períodos, tão poéticos e tão fortes, que quem os lia se

sentia arrebatado, nas asas da imaginação, para as cenas do desabrochar da Natureza?

Todo o dia fui atormentada por meus próprios argumentos, favoráveis ou contrários, relativamente ao autor da escrita, e pelo procedimento das minhas companheiras. Elas pretendiam que a minha inaptidão para escrever a descrição não fora mais que um pretexto ou um ardil para deixá-las terminar o seu trabalho e vir depois apresentar o meu, com o fim de eclipsá-las completamente.

Por mais de uma vez resolvi não me utilizar desse trabalho, mas a tentação era forte...

O fato acabou por chegar aos ouvidos da nossa professora e tive ordem de levar ao seu gabinete todos os papéis, o que fiz tremendo de medo. Fazendo-me assentar, ela tomou as folhas e lançou uma rápida vista sobre a primeira página; depois, fixando-me com expressão severa, com o olhar com que ela costumava encarar as culpadas, disse:

- Onde encontrastes isto? Não copiastes de algum livro?
- Não, senhora.
- Explicai-vos então – disse ela.

Contei-lhe timidamente todos os meus insucessos nas numerosas tentativas de composição que eu fizera depois de escolhido o assunto; disse-lhe qual tinha sido o meu desespero; expliquei-lhe como todas as noites eu levava para o meu quarto papel e lápis a fim de tomar nota das idéias que me ocorressem durante a noite, pois me parecia que no leito se podia pensar bem. Acrescentei que eu adormecia regularmente sem ter pensado em nada e, por consequência, sem ter de que recordar-me na manhã seguinte.

Contei-lhe também quanto eu tinha orado na noite precedente, pedindo a inspiração, depois de haver inutilmente tentado escrever no leito, por me terem as companheiras obrigado a apagar a vela e a deitar-me. Confessei ter chorado até o momento em que fui ven-

cida pelo sono e que, ao despertar na manhã seguinte, eu tinha encontrado os papéis cobertos de escrita.

– Supondes que alguma das vossas companheiras tenha escrito esta composição? – perguntou-me ela.

Respondi-lhe que não podia supor que outra pessoa, a não ser eu mesma, a tivesse escrito, porque reconhecia a minha letra e, além disso, os lápis estavam de todo gastos, provando que haviam sido utilizados durante a noite.

– Mas não vos lembrais de haver escrito isso?

– Não

– E achais justo que esse trabalho passe como vosso?

Essa era a questão que me perturbava, e eu disse tremendo:

– Não sei o que devo fazer; desejava que alguém me aconselhasse; esta indecisão me infelicitava muito.

E as lágrimas, que não estavam longe, começaram a correr-me pela face. Creio que a minha visível angústia abrandou a mestra, porque ela me disse quase com bondade:

– Vou ler a vossa composição, pensarei a respeito, e depois vos direi o que deveis fazer.

Deixei o gabinete com o coração aliviado, feliz por ter descarregado a minha responsabilidade sobre os ombros de uma pessoa mais competente do que eu.

Uma hora depois, fui de novo chamada ao gabinete, onde, para aumentar a minha consternação, achei o reitor conversando com a professora. A meu ver, o fato tinha tomado uma importância terrível e eu sentia-me muito nervosa.

– O reitor deseja conhecer tudo o que se refere a esta escrita. Contai-lhe, pois, tudo – disse a professora.

Repeti a história, depois do que fui submetida a uma longa série de perguntas. Que livros havia eu lido sobre o assunto?

Eu não me recordava de haver lido outra coisa a não ser a Bíblia e os livros da escola.

– Escrevestes composições deste gênero antes de entrardes para a escola?

– Não; disso estou certa.

– Por que vos supondes autora desta composição?

– Porque está escrita com a minha letra e no papel que eu levei para o meu leito.

– Fizestes alguma vez durante o sono qualquer coisa de que vos não lembrásseis pela manhã?

Respondi hesitando:

– Sim.

Eu sabia ter ido em muitas ocasiões ao quarto do meu irmão, mas não acreditei nisso senão quando uma vez ele me despertou. Em outra ocasião cortei-me na mão e fui medicada por uma criada, e só soube tudo isso na manhã seguinte. Igualmente me haviam dito que eu tinha costume de passear dormindo, quando era mais jovem, porém julguei que tal hábito havia desaparecido.

– Nunca, porém, executastes algum trabalho escolar dormindo?

– Não.

– Por que julgais então tê-lo feito agora?

– Não sei. Eu somente tinha pedido a Deus me ajudasse nas idéias, e pedi tanto que julgo ter sido atendida durante o sono. Não sei de que outro modo esse trabalho podia ter sido feito.

Seguiu-se então entre o reitor e a professora uma conversação, no decurso da qual ouvi fazer alusões a um caso semelhante que se dera em país estrangeiro. Um estudante, fatigado de seus estudos, escreveu um tratado sobre assunto científico, trabalho esse que fora considerado de alto valor.

Afinal, os papéis me foram restituídos com a ordem de copiar cuidadosamente a composição e juntá-la aos meus outros trabalhos.

– É um caso muito raro – disse-me o reitor –, mas, visto não haver dúvida de ser vossa a letra e em razão de a Sra. Whittingham dizer-me que nunca teve motivo para duvidar da vossa perfeita sinceridade e honorabilidade, não nos assiste o direito de rejeitar esse trabalho, por estranho que ele seja. Temos ouvido falar de casos semelhantes e, se bem que sobre eles se formulassem diversas teorias, estou inclinado a aceitar a vossa opinião, quando vos referistes ao auxílio de Deus em resposta à vossa prece.

Jamais um coração pulsou com tanta alegria como o meu quando, apertando o precioso manuscrito contra o meu peito, eu corria para o salão de estudo com o fim de copiar a minha composição. Parecia-me haver ganho uma batalha. Haviam reconhecido que eu era sincera e honesta. A voz do reitor tinha sido muito afável quando me falara, e tanto ele como a professora olhavam-me com bondade quando lhes agradei isso com os olhos cheios de lágrimas de felicidade.

No dia do exame, cumpriu-se o programa habitual; as audições de canto, os solos de piano, as exibições de desenho realizaram-se como nos outros anos. Veio depois a leitura das composições. Cada uma delas teve o seu pequeno louvor, porque todas estavam mais ou menos boas.

O reitor explicou depois que ele considerava a minha composição, que ia ser lida por último, como resposta direta a uma prece. Ele não a tinha classificado entre as peças concorrentes, porque isso não seria justo para as outras alunas; mas não podia deixar de considerá-la como uma obra muito bela, pelo que ia tomar a liberdade de lê-la em voz alta.

Assim foi feito; mas penso que essa leitura não provocou muitos comentários, salvo na mesa. Todas as alunas se achavam fati-

gadas por causa dos trabalhos dessa manhã e do calor que reinava no salão.

Recebi, da parte do reitor e dos professores, palavras amáveis e uma escrivadinha bem provida como recompensa especial. Eu ignorava o motivo, pois me tinham dito que, por causa das circunstâncias presentes, a minha composição não podia fazer parte do concurso.

Isso, porém, pouco me importava. Eu estava perfeitamente feliz e satisfeita com o louvor que me haviam concedido.

VI

A ledora da *buena-dicha*

*Por que buscas, mortal, tão curioso,
Do futuro os eventos conhecer?
Bons ou maus, para ti nunca trarão gozo;
Se são bons, roubam-te a dita da esperança;
Se são maus, ficas privado da bonança,
Que precederia a hora do sofrer.*

Dryden

Durante a última parte do meu tempo de colegial, deu-se comigo um incidente que, apesar de não pertencer rigorosamente à categoria das experiências que tenho de narrar, parece ter com elas alguma semelhança ou relação.

Eu estava passando alguns dias de férias com uma colega da escola, apenas mais velha um ano do que eu, porém muitíssimo mais experiente do mundo. Ela estava de visita em casa de uns primos, quando recebeu a notícia de que se achava nas vizinhanças de Bloomsbury, se bem me recordo, uma dama misteriosa, que gozava da faculdade de ver e predizer o futuro.

– Não é propriamente uma ledora de *buena-dicha* – disse-me Alice –, mas coisa superior, uma senhora da sociedade. Vive em uma bela casa, tem criados, etc. Meus primos afirmam ter-lhe ouvido dizer as coisas mais admiráveis.

– Eu julgava que somente as boêmias podiam ler a *buena-dicha* – disse eu, profundamente interessada por essa narração.

– Oh! Trata-se de uma coisa muito diversa. Meus primos disseram-me que pessoas perfeitamente distintas vão consultá-la a res-

peito de seus negócios e de suas aflições. Possuo o seu endereço. Não desejarias vê-la?

Qual a colegial que poderia resistir a tal tentação? Eu não era capaz. Antes de deitar-nos essa noite, discutimos sobre o caminho a seguir e os meios para fazermos a viagem; examinamos o estado das nossas respectivas finanças e assentamos os nossos planos de uma visita à dama misteriosa.

Alice não sabia quanto ia custar às nossas bolsas esse levantamento do véu do futuro e, cheias de dúvidas, perguntávamos se bastariam os nossos recursos.

Decidimo-nos pela experiência, e o dia seguinte viu-nos em demanda do quarteirão de Londres, onde a dama residia.

Como esse tempo já vai longe, não me posso recordar do nome nem do endereço da dama. Nem mesmo sei se algum dia os soube. Era Alice quem servia de guia em virtude de seu conhecimento da metrópole e da superioridade dos seus dezessete anos.

Chegando à casa, fomos aí introduzidas por um jovem pajem, trajando jaqueta de Eton, e entramos em uma sala que, à vista do brilhante sol da rua, pareceu-nos negra como um túmulo. Senti alguns arrepios de frio e uma impressão de angústia, quando olhei ao redor de mim.

Era uma sala octogonal, guarnecida de cortinas escuras que enfraqueciam a claridade das janelas. Em seus ângulos e entre as cortinas achavam-se colocados longos espelhos estreitos, indo do chão ao teto. Ao entrarmos, a sala pareceu-nos cheia de gente e somente quando os nossos olhos habituaram-se a essa meia obscuridade, pudemos reconhecer as nossas imagens nos espelhos. Havia alguma coisa de estranho no aspecto dessa sala, e eu começava a arrepende-me de ter ido aí, porém, sem manifestar a minha impressão, quando o pajem voltou e disse que a dama receberia uma de nós.

– Vai, Alice! – disse eu, e fiquei sozinha nessa triste sala, durante um tempo que me pareceu eterno.

Quando, enfim, ela voltou, eu, já habituada à meia-luz, pude notar que ela estava muito pálida e perturbada; por isso fiquei mais nervosa e assustada que nunca.

– Que há, Alice? Que foi que ela te disse?

– Quase nada. Creio que repete a todos o mesmo. Mas chegou a tua vez. O pajem te espera. Depois falarei.

Foi com certo temor e desejo de rir-me que acompanhei o pajem pelas escadas até à sala em que eu era esperada. Tanto quanto pude observar na meia obscuridade, essa sala tinha uma forma semelhante à outra e tapeçarias semelhantes, mas nada pude observar bem a não ser a mulher de longos cabelos brancos ou grisalhos, que lhe caíam pelos ombros em massas onduladas. Trajava de preto, seu rosto era pálido e fatigado, mas não posso dizer se era jovem ou velha. Eu tinha a impressão de alguma coisa de branco, de negro, de misterioso, e sentia um desejo quase irresistível de precipitar-me para fora, para o pleno sol. Fosse isso um fato da minha imaginação excitada ou qualquer outra coisa, o certo é que eu experimentava uma sensação estranha e penosa ante o aspecto dessa mulher de cabelos brancos, vestida de preto.

Meu pulso batia precipitadamente, e ainda ignoro se tinha vontade de rir ou de chorar.

Ela olhou-me por um momento, e depois pediu que me assentasse. Assentei-me na extremidade da cadeira mais próxima.

– Que sinal é esse que tendes no braço? – perguntou ela de repente.

Olhei logo para as mangas do meu casaquinho, mas, nada notando, balbuciei uma resposta qualquer. Ela não restou atenção a isso e continuou a falar com rapidez. Eu não podia apanhar-lhe senão uma palavra aqui e acolá, e perguntava a mim mesma o que

ela estava dizendo. Depois de alguns minutos, compreendi que ela falava do meu futuro. Inutilmente procurei acompanhá-la e compreender o sentido das suas palavras; quanto mais isso tentava, mais as minhas idéias confundiam-se. Ela falava muito depressa, em uma entonação monótona, como uma pessoa que estivesse lendo em voz alta.

Ouvi uma ou duas frases referentes ao sinal do meu braço e à sua significação; depois, ela parou e, encarando-me com fixidez durante um ou dois minutos, disse bruscamente:

– Vossos olhos vêem coisas para as quais os outros são cegos. Que Deus vos auxilie. A vossa vida não será fácil.

Em seguida, retomou o seu tom monótono, mas não pude acompanhá-la. A sua observação acerca dos meus olhos desnorteara o meu pensamento. Quando cessou de falar, compreendi somente que o meu futuro estava predito.

Depois de alguma pausa, ela pediu-me que eu lhe dissesse as perguntas que desejava fazer. Eu certamente as tinha, mas nesse momento nada podia formular.

– Desejo saber... – disse eu hesitando e inquirindo a mim mesma o que preferia saber em primeiro lugar.

– Se vos casareis, não é verdade? – sugeriu ela.

– Sim.

– Estareis casada, no máximo, daqui a dois anos.

Então balbuciei uma pergunta.

– Ainda não vistes o homem que haveis de desposar – disse ela.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual tentei recuperar a calma, pois que os preciosos minutos voavam e eu desejava saber muita coisa. Antes, porém, que eu pudesse falar, ela continuou:

– Vossa vida será estranha, cheia de acontecimentos e muito diferente das vidas comuns. Muita coisa vos há de acontecer; muitas misérias e sofrimentos virão sobre vós; desgostos tais como poucos os têm conhecido. Em compensação, porém, tereis maior celebridade do que aquela que é habitualmente concedida às mulheres. A vossa estrada é única entre mil e, entretanto, apesar de sitiada pelos perigos e por vossa falta de experiência, tereis o poder de guiar os outros e levá-los à felicidade.

Ela falou mais ainda; deu-me conselhos e avisos em um tom sério e amistoso. Eu tinha lágrimas nos olhos e sentia-me estrangulada.

Depois, deteve-se e disse simplesmente que eu podia partir.

Ergui-me, perguntando a mim mesma, com embaraço, se devia apertar-lhe a mão antes de deixar a sala; ela, porém, passou as mãos pelos olhos, como se estivesse fatigada, e fez soar uma campainha. O pajem entrou, deixando a porta aberta para mim, e logo fiz uma reverência de colegial e fui ter com Alice, que me saudou com estas palavras:

– Como te demoraste! Apressemos-nos em voltar para casa.

Alice esteve singularmente melancólica e silenciosa durante o nosso regresso; mas, afinal falou com esforço e com o maior desprezo pelos ledores da *buena-dicha*, em cujas palavras disse não acreditar.

– Que te disse ela? – perguntei.

– Nada mais que um amontoado de velhas histórias, das quais não me recordo nem de metade.

– Comigo sucede o mesmo; eu não sabia a princípio que ela estava predizendo o meu futuro; e, quando isso compreendi, já havia perdido toda a primeira parte do seu discurso e não podia entender o resto. Ela, porém, disse depois que me casarei dentro de

dois anos, com alguém que ainda não vi. Disse-te também alguma coisa semelhante?

– Não; ela disse que não devo desejar casar-me.

– Meu Deus! É verdade isso? Não desejas casar-te?

– Naturalmente que me caso, louca! Caso-me, porque o meu casamento já está tratado.

Essa espantosa afirmação mudou o curso da conversação, e não foi senão chegando a casa que me lembrei subitamente da observação da dama acerca de um sinal que eu tinha no braço, e perguntei a Alice se lhe havia falado nisso.

– Não, eu mesma nada sei a respeito. Que é?

– É uma coisa curiosa; sobre o meu braço esquerdo, em baixo do ombro, há um pequeno sinal em forma de cruz, o qual, geralmente imperceptível, torna-se às vezes de um vermelho vivo e perfeitamente distinto à vista e ao tato. Ele estava então muito reconhecível; mas, como podia ela descobri-lo através das mangas do meu vestido e do meu casaquinho? Era uma questão insolúvel.

Algum tempo depois, Alice fez-me as suas confidências. A le-dora da *buena-dicha* havia-lhe predito um acidente grave que a faria sofrer e principalmente morrer, segundo a sua idéia, como eu suponho, acrescentou Alice. então recordei-me da sua palidez, quando ela saíra da entrevista com a dama dos cabelos brancos, e da sua desconfiança com relação à lucidez dela, quando lhe predisse o seu futuro.

Tanto quanto me posso recordar, as palavras dessa mulher causaram em mim uma impressão profunda, e ainda longo tempo depois a observação por ela feita a respeito dos meus olhos, vendo o que outros não viam, deu-me grande consolo, apresentando-se incessantemente ao meu espírito.

Ela parecia querer dizer que essa faculdade não era totalmente desconhecida, deixando-me a esperança de que, em última análise, isso não era sintoma de um desarranjo mental.

Alice e eu deixamos o colégio ao mesmo tempo, e nunca mais nos tornamos a ver; porque, pouco depois, teve uma morte horrível.

Ela achava-se em Brighton, quando aí uma noite houve um incêndio. O hotel em que ela morava foi queimado até os alicerces. A pobre Alice morreu queimada com uma das criadas a quem buscava salvar. A profecia da ledora de *buena-dicha* cumpriu-se, pois, de um modo horroroso.

O que ela me disse a respeito de meu casamento realizou-se também, porque dois anos depois da nossa visita eu estava casada. Quanto ao resto da profecia sobre o meu futuro, os leitores julgarão por si mesmos como foi cumprida.

VII

Ainda os fantasmas – Ruídos na mesa

*... As sombras nessa noite
Lançaram mais terror na alma de Ricardo,
Do que dez mil soldados armados o fariam.*

Shakespeare

Nos primeiros dias de minha vida conjugal os fantasmas tornaram a aparecer-me. Transplantada do meio bulhento de quatro pequenos irmãos e irmãs para a solidão da minha nova morada, deixando a vida ativa de irmã mais velha, de aia e preceptora de quatro pequenos seres maliciosos e traquinas, para ficar só, durante a maior parte do dia, com muito pouca coisa em que ocupar o meu tempo, fiquei aterrada descobrindo que as minhas antigas visões de fantasmas voltavam a toda força.

Em vão busquei distrair-me costurando, escrevendo e lendo. Muitas vezes, no meio da minha leitura ou da minha costura, eu tinha a impressão nítida de estar alguém me observando por cima do meu ombro ou espiando-me do lado oposto da câmara ou, ainda, assentando-se junto de mim e atravessando-me com os seus olhares. Em vão, eu repetia ser uma fraqueza animar tais fantasias; elas não me abandonavam, forçando-me, às vezes, por momentos, a deixar o meu trabalho e lançar-me ao sofá, cobrindo os olhos com um pano de lã espesso, para não ver as formas dos fantasmas.

Às vezes raciocinava, ria de mim mesma, e ia com arrogância de quarto em quarto, interrogando com os olhos todos os cantos, todos os vãos, enfim, tudo que pudesse dar motivo a esses vagos terrores, dizendo: “Agora bem vês que não há razão para te assus-

tares; que nada aí existe que se assemelhe a uma criatura humana, seja real, seja imaginária. Portanto, deixa de ser estúpida e ridícula.” Apesar desses raciocínios, porém, o mundo fantasma se impunha a mim, e o pensamento de ter de passar longos dias na solidão atemorizava-me realmente. Eu não tinha amigos, mas apenas poucos conhecidos nesse lugar; achando-se muitos dos meus amigos no sul da Inglaterra, bem poucas distrações e companhias eu podia ter onde estava.

A repetição constante dessas visões assustava-me enormemente. Um dia, por acaso, mencionei alguma coisa dos meus temores de ficar só e da curiosa sensação que experimentava vendo-me vigiada por seres intangíveis. Mas o consolo que recebi trouxe-me uma forte recordação da observação do doutor no tempo da minha infância e os antigos temores e angústias assaltaram-me de novo. Eu vigiava incessantemente as minhas sensações, comparando as experiências de um dia com as de outro, de uma semana, de um mês, etc., com o fim de verificar se a enfermidade mental, de que eu secretamente me julgara afetada, ia piorando, e se essa fraqueza crescia; e a mim mesma perguntava, ao mesmo tempo, se conseguiria ocultar aos outros o meu estado de espírito.

Algumas vezes, durante muitos dias, eu não tinha visão alguma e sentia-me de todo curada, só desejando cantar e dançar, tão aliviado estava o meu coração, supondo que a nuvem tinha desaparecido.

Quando, porém, era mais forte a minha esperança, eu estremeia de repente, quase desmaiando, ao ver uma cara que me espiava por detrás de uma cortina, ou uma forma que desaparecia por alguma porta, quando eu passava de um a outro quarto.

Foi então que ouvi pela primeira vez falar no Espiritismo. Eu visitava uma amiga, residente a pequena distância da minha morada, quando, no correr da conversação, ela confiou-me suas inquietações a respeito do interesse crescente de seu marido pelo Espiri-

tismo e de suas visitas a um grupo de espíritas e médiuns. Ouvindo as descrições que ela me fez dessas reuniões, da sala escura, das mesas giratórias, das caixas de música voando no ar, dos médiuns que falam em estado de transe, pensei que realmente ela tinha razão de queixar-se e fiquei admirada de um homem sensato apreciar essas exhibições vulgares dos prestidigitadores.

Na primeira ocasião que tive de conversar com ele a tal respeito, surpreendeu-me vê-lo tratar com seriedade desses absurdos, e as minhas acusações não conseguiram mais que provocar dissertações sobre as hipóteses espíritas e as descrições dessas manifestações. Incomodada e aborrecida com essa credulidade tão fácil, lancei mão de todos os argumentos que me vieram à mente para mostrar-lhe como eram absurdas as idéias espíritas e como todas essas manifestações, de que ele falava, podiam ser facilmente imitadas na obscuridade que ele declarava ser uma condição necessária para a sua produção, como era ridículo crer-se, com o bom senso comum, que uma mesa possa por si só passear por uma sala e responder com inteligência às perguntas feitas.

A única resposta às minhas objeções foi um convite para experimentar e ver por mim mesma, convite esse que recusei imediatamente.

Eu acreditara que não houvesse verdade no que ele afirmara a respeito de objetos inertes movendo-se por si mesmos. E, caso isso fosse real, era para lamentar-se. Com esta conclusão lógica, não quis continuar a discussão.

Nos dias que se seguiram, meus pensamentos fixaram-se muitas vezes sobre a estranha credulidade do meu amigo, credulidade essa que me tinha penalizado e desconcertado bastante.

Desde o tempo em que pela primeira vez nos encontramos, eu tinha concebido sincero respeito por sua retidão inteligente, seu caráter honrado, seu amor à verdade, seu juízo calmo e frio e sua

força de raciocínio, tudo fazendo que eu procurasse e apreciasse a sua opinião nas questões gerais. Que, mesmo por um momento, poderia pensar que ele acreditasse em tal coisa? Isso me afetava penosamente, e eu buscava encontrar argumentos para apresentá-los, quando de novo nos encontrássemos.

Quanto mais pensava nisso e previa a desilusão terrível que o esperava, tanto mais necessário eu achava levar-lhe essa convicção.

Convidada de novo para experimentar e ver por mim mesma, venci a minha aversão e consenti, com mais duas ou três pessoas, em colocar as minhas mãos sobre uma mesinha. Elas pensavam evidentemente em alguma boa pilhéria e esperavam ter de rir-se; quanto a mim, não achava nisso nenhum prazer; mas conservava-me calma, persuadida de que os meus amigos compreenderiam o absurdo da coisa, isto é, de uma mesa dando sinal de inteligência.

Com grande surpresa minha e, talvez, também desgosto, pareceu-me sentir alguma coisa semelhante a um movimento produzido por vibrações na superfície da mesa; esse movimento gradualmente comunicou-se a toda ela e, cada vez mais pronunciado, acabou por tornar-se um balanço regular. Vendo isso, o Sr. F... começou a fazer perguntas, dizendo à mesa que desse uma pancada com o pé quando quisesse responder “não”. Diversas perguntas foram feitas, às quais a mesa respondeu com mais ou menos acerto. Depois, o Sr. F... perguntou-me:

– Que pensais disso agora?

– Penso que sois vós quem a estais empurrando – respondi eu.

Mas, no momento em que eu acabei de falar, a cadeira em que me assentava começou a correr pela sala e trepou sobre o sofá. Desembaracei-me dela e, ao mesmo tempo ralhando e rindo, acusei o Sr. F... de empregar fios de arame ou ímãs, e pedi-lhe que se afastasse da mesa. Não só ele se afastou da mesa, como saiu da sala, e eu fechei a porta para ele não voltar. Depois, assentei-me de

novo com os meus amigos ao redor da mesa. A minha cadeira, conduzindo-me, correu de novo pelo solo até junto do sofá, para cima do qual saltou, como o fizera anteriormente.

A pedido meu, e um depois do outro, meus amigos se foram afastando, até que fiquei sozinha, com os dedos apoiados sobre a mesa. Ela moveu-se ainda e, quando nenhuma pergunta lhe era dirigida, balançava-se, erguendo ora um, ora outro pé, girando sobre si mesma e, assim, fez a volta do salão, seguida por mim com os dedos colocados sobre a sua superfície.

Pareceu-me então haver aí alguma coisa de diabólico; às vezes, ela sacudia-se como alguém que quisesse reprimir um frouxo de riso; outras vezes, dava-me a impressão de uma criatura animada, respirando fracamente. Depois, deu um salto repentino, como para escapar-se das minhas mãos.

Recolhendo-me essa noite, muito perplexa quanto ao resultado de tal experiência, lembrei-me de que o Sr. F... nos havia outrora divertido muito com algumas exibições de mesmerismo e, graças a essa recordação, acudiu-me à mente uma explicação provável desses misteriosos movimentos de móveis. Se era possível influenciarem-se pessoas por meio do magnetismo e fazê-las obedecer, não seria igualmente possível que os objetos inanimados, como mesas e cadeiras, fossem submetidos ao mesmo poder e obrigados a agir conforme a vontade do operador? Eu nunca ouvira falar de tal possibilidade, mas essa suposição teria alguma razão de ser? Quanto mais eu refletia, tanto mais isso me parecia admissível; portanto, discutindo com os outros amigos que, como eu, tinham assistido à experiência da mesa, decidimos elucidar essa questão, reunindo-nos na noite imediata, para fazermos um novo ensaio, sem prevenirmos o Sr. e a Sra. F...

À vista disso, na noite seguinte reunimo-nos na minha casa seis pessoas, inclusive eu. Resolvemos servir-nos de uma mesa de cozinha, não envernizada, visto ser a que tinha pernas mais sólidas,

e a menos apta para ser movida por uma pressão inconsciente das mãos, o que não acontecia com a mesinha redonda de três pés de que nos havíamos servido na noite precedente.

Assentamo-nos ao redor da mesa, dois de cada lado e um em cada cabeceira; colocamos as mãos sobre a superfície, unindo os dedos extremos, de modo a formar uma cadeia.

Não durou muito, talvez nem meia hora, quando o mesmo estremecimento, as mesmas sensações vibratórias se fizeram notar e depois comunicaram-se à mesa inteira, que começou simplesmente por um movimento de balanço ou, mais corretamente, por um movimento ondulatório, porém sem deslocar-se.

VIII

A mesa trai os segredos

*É ao teu próprio espírito que mandas
ir tão longe espiar os nossos atos,
descobrir as nossas vergonhas e horas de preguiça?*

Shakespeare

Começamos por apresentar questões, empregando os mesmos sinais que o Sr. F..., e recebendo respostas pelos balanços da mesa. Tendo alguém objetado que esses movimentos eram indistintos e podiam dar lugar a enganos, a mesa, com grande admiração nossa, levantou-se lentamente de um lado e bateu claramente com um pé, banindo assim toda a possibilidade de erro.

Fizemos inumeráveis perguntas, e todas de caráter mais ou menos absurdo. Lembro-me de que uma das pessoas presentes indagou acerca de um tesouro oculto, consultando se a mesa podia auxiliá-la na descoberta. Perguntaram-se as nossas idades, as datas dos nossos nascimentos, a hora do nascimento e do ocaso do Sol, o preço do trigo, finalmente tudo o que nos veio à idéia. Salvo algumas coisas corretas, as respostas, segundo creio, foram pouco satisfatórias. Afinal, esgotada a lista das perguntas, indagamos uns dos outros o que mais havíamos de perguntar.

De repente eu disse:

– Sabeis onde se acha meu pai esta noite?

A resposta veio pronta, por três erguimentos da mesa:

– Sim.

Pois bem! isso era estranho; nenhum de nós sabia onde se podia achar meu pai nesse momento, e ansiosamente esperávamos notícias suas. Minha mãe estava sofrendo de uma dor interna e viera de Londres para consultar um médico da cidade de Durham, que julgara necessário fazer-lhe uma operação. Tinha-se escrito a meu pai para informá-lo disso e pedir-lhe que viesse, a fim de emitir sua opinião sobre a oportunidade dessa operação, pois minha mãe não queria tomar nenhuma resolução em sua ausência.

Essa carta não teve resposta. Duas cartas mais foram remetidas e sempre o mesmo resultado. Concluímos que ele fora chamado a outro ponto e deixara de recebê-las, o que acontecera depois da partida da primeira carta de minha mãe. Esta, em um bilhete que me escrevera pela manhã, pedia-me que fosse vê-la no dia imediato, porque se achava muito impressionada com essa falta de notícias de meu pai. Esse o motivo da minha pergunta à mesa e da minha surpresa à vista da sua resposta.

– Onde se acha ele, então? – perguntei em seguida.

Mas, surgia aí uma dificuldade: os nossos sinais só nos podiam indicar as respostas “sim”, “não” e “não sei”, e nenhuma dessas palavras podia satisfazer à nossa pergunta. Alguém se ofereceu para ir pronunciando as letras do alfabeto, e a mesa concordou em erguer o pé quando fosse pronunciada a letra que devia entrar na formação do nome do lugar pedido.

Depois de muitos enganos, repetições e dificuldades, obtivemos a palavra *Swansea*.

– Quereis dizer que ele está na cidade de Swansea, no país de Gales?

– Sim.

– Desde quando?

– Dez pancadas indicaram dez dias.

– Impossível. Isso não pode ser verdade, pois sabemos que ele estava em Londres nestes últimos dias.

Dez novas pancadas foram dadas.

– Estais bem certa de que são dez dias?

– Sim.

– E o que está ele fazendo lá?

– Não sei.

– Mora em um hotel?

– Não.

– Em casa de algum amigo?

– Não.

– Isso não tem senso; não morando num hotel nem em casa de algum amigo, não pode estar em Swansea.

– Está.

– Onde, pois?

Alguém então sugeriu a palavra *embarcação*...

– Sim.

– Quereis dizer que ele se acha a bordo de um navio?

– Sim.

– Que navio? Qual o seu nome?

Começou-se a pronunciar as letras do alfabeto e, depois de um momento, obtivemos o nome *Lizzie Morton*.

– Quereis dizer que ele se acha a bordo de um navio chamado *Lizzie Morton*, e que esteve dez dias em Swansea?

– Sim.

– É estranho – observou alguém –.Tínheis a idéia de que o vosso pai aí se achava?

– Não – repliquei eu –; ele achava-se em Londres, desejando concluir alguns pequenos negócios antes de ir ter com minha mãe em Durham. Não veio e não tem respondido às suas cartas; mas, com certeza, ele teria escrito, se tivesse de seguir para outro ponto. Creio que não tem senso o que a mesa está dizendo.

– Mas – disse uma das pessoas presentes –, pretende-se que são os Espíritos que falam pelas mesas.

– É um Espírito que está fazendo a mesa falar?

– Sim.

– O Espírito de um homem?

– Não.

– De uma mulher?

– Sim.

– Que nome teve?

– Mary E.

Era o nome da minha avó.

– Sois minha avó?

– Sim.

– Vistes meu pai em Swansea?

– Sim.

– Ainda está lá?

– Sim.

Dizer o que foi a nossa surpresa à vista do resultado dessa experiência é exprimir superficialmente os nossos sentimentos.

Pela minha parte, sentia-me totalmente estupefata e indagava de mim mesma, ansiosa e perplexa, se devia falar à minha mãe do que tínhamos sabido. Ainda no dia imediato, durante a minha viagem a Durham, eu meditava sobre a conveniência de dizer alguma coisa à minha mãe, mas finalmente decidi não lhe falar

disso. Em tudo havia aí muito mistério; eu conservava ainda a lembrança muito clara da incredulidade com que ela acolhia as narrações dos meus sonhos e dos meus amigos fantasmas, e eu recuava ante a idéia de ter de ler em seus olhos alguma desconfiança, mesmo que a não exprimisse por palavras.

Chegando à casa onde minha mãe se achava, depois de trocarmos duas frases, disse-me ela:

– Recebi esta manhã uma carta do teu pai; ele está em Swansea e acaba de receber minhas cartas sobre a operação.

Senti-me sucessivamente abrasada e gelada, e toda a sala pareceu girar ao redor de mim.

– Que há? – perguntou minha mãe – estás sentindo-te mal?

Não sei o que respondi, mas acabei contando-lhe toda a história das nossas experiências com a mesa falante. Qualquer que fosse o pensamento da minha mãe, ela reprimiu toda expressão de incredulidade e propôs que se escrevesse a meu pai indagando da veracidade dos outros detalhes; o que foi logo feito. Não sei se essa carta teve resposta, mas dois dias depois meu pai chegou e fui recebê-lo na estação. Em caminho, ele perguntou-me se alguém falara ou escrevera à minha mãe acerca dos seus negócios.

– Não sei, e creio que não – repliquei-lhe.

– Necessariamente alguém o fez – disse-me – ou ela não poderia saber o nome do navio.

– Realmente, estiveste a bordo de algum navio chamado *Lizzie Morton*, papai? E passaste todo esse tempo em Swansea?

– Sim; estive aí alguns dias tratando de um pequeno negócio com relação a um navio chamado *Lizzie Morton*, porém, para que dar tanta importância a isso? Não recebi as cartas senão há dois ou três dias, porque antes estava em viagem e muito ocupado.

– Havia dez dias que te achavas em Swansea, quando escreveste à mamãe?

– Dez dias; oh! não! não posso exatamente dizê-los, mas certamente não foram tantos.

– Quando saíste de Londres?

– No dia 10 deste mês.

– Então escreveste à mamãe em 20, e estão aí os dez dias.

– É exato! É possível. O tempo voa, quando se está ocupado.

Mais tarde soubemos a causa da sua ausência. Como muitos daqueles que passaram embarcados a maior parte de sua vida, meu pai, a despeito da sua determinação de tornar-se agricultor, sentia uma atração irresistível para tudo o que era barco e marinha. Ele empregara por várias vezes dinheiro em navios, e tinha-o perdido apesar de minha mãe temer que ele se lançasse em especulações infelizes.

Após a partida de minha mãe para Durham, meu pai preparava-se para ir juntar-se a ela um ou dois dias depois, quando casualmente encontrou um velho amigo que devia ir a Swansea para examinar um navio que estava exposto à venda, e que o convidou para companheiro. Meu pai num caso desses não se fazia rogado: aceitou a proposta e os dois seguiram juntos. Depois da inspeção do barco, fizeram uma pequena viagem de experiência e começaram a fazer os arranjos para adquiri-lo. Como meu pai havia dito, o tempo voa quando se está ocupado, e não foi senão ao retirar do correio as cartas que aí o esperavam havia alguns dias, que ele soube com que ansiedade aguardávamos notícias suas.

Muito fácil foi obter essa explicação; mas compreender como a mesa da cozinha podia conhecer esses detalhes e comunicações não era um problema de fácil solução.

– Fica certa, minha querida – disse meu pai –, que aí há feitiçaria ou satanismo; uma ou outra coisa, e é melhor que não te metas nisso.

Ao mesmo tempo, ele tinha muito desejo de experimentar por si mesmo e ver a mesa mover-se; e quando, depois de tentativas repetidas, conseguiu afinal esse efeito, interessou-se enormemente pelo resultado. Mais tarde, dizia-me com um ar muito sério que, no fundo, os espíritas tinham razão, não obstante os fatos serem incompreensíveis.

IX

A matéria atravessa a matéria

*O mistério nos fascina do que inda não conhecemos.
Nós somos como os meninos, atentos e obstinados:
As coisas com que de há muito já estamos habituados,
Que nos são familiares, com u'a mão nos prendemos;
Ao passo que com a outra nós, as trevas tateando,
Vamos firmes, resolutos, a luz do porvir buscando.*

Longfellow

Por mais surpresa e perplexa que estivesse, eu não podia tão rapidamente rejeitar minhas precedentes opiniões para adotar a conclusão de meu pai. Meus amigos, o Sr. e a Sra. F..., foram informados do resultado da nossa experiência e da sua verificação. Depois de algumas discussões, ficou assentado que os nossos amigos que haviam assistido à experiência da mesa falante, atrás descrita, reunir-se-iam a uma noite por semana, durante todo o inverno, para ulteriores experiências, a fim de se ver o resultado a que chegaríamos. Éramos oito e, salvo algumas exceções, essa combinação prevaleceu. Reuníamos-nos regularmente à hora fixada, e as nossas sessões não foram, em caso algum, infrutíferas em resultado. Em certas ocasiões, pancadas distintas eram ouvidas na mesa, e por esse meio obtínhamos respostas às nossas perguntas. Também nos vinham mensagens pelas letras do alfabeto, como na nossa primeira experiência; outras vezes retirávamos as lâmpadas para tomarmos assento em plena obscuridade, e podíamos então observar relâmpagos ou nuvens luminosas flutuando por cima das nossas cabeças; outras vezes ainda, descobríamos uma espécie de luminosidade mais firme e de contornos definidos. Logo, porém, que

procurávamos esclarecer-nos a respeito dessas aparições, elas desapareciam.

Às vezes colocávamos na mesa um pequeno objeto, como um anel, um prego ou uma moeda, e pedíamos que esse objeto fosse mudado de lugar por essa inteligência ou poder estranho, enquanto nossos oito pares de olhos não cessavam de vigiar. Com esse fim, um par de botões de punho foi colocado na mesa; nós os observávamos atentamente, porém eles não davam sinal algum de movimento.

Afinal, a nossa atenção foi absorvida pelas pancadas e movimentos da mesa – sempre a mesma mesa lisa, de pinho, da cozinha – e por alguns momentos deixamos de pensar nos botões. A cadeia formada pelas nossas mãos não foi quebrada, e começamos a soletrar o alfabeto para obter alguma mensagem da mesa.

Finalmente, reunidas as letras obtidas, achamos as seguintes palavras: “Procurem os botões.” Então notamos que eles já não estavam na mesa. O nosso primeiro pensamento foi o de que, em consequência dos movimentos da mesa, eles tinham caído no chão, e todos os procurávamos, quando novas pancadas significativas nos fizeram deter, dando-nos o pensamento de que as abotoaduras não mais se achavam na sala e sim num compartimento vizinho. Não pudemos acreditar nisso, porque a porta da sala em que nos achávamos tinha sido fechada à chave, a fim de impedir qualquer interrupção, e depois disso ninguém a tinha aberto. Teve, então, começo uma série de perguntas, cujas respostas, como se dá no muito conhecido jogo de prendas, consistiam nas palavras “sim” e “não”.

– Estão sobre uma mesa?

– Não.

– Na chaminé?

– Não.

– Dentro de algum vaso de ornamento?

– Não.

– Acham-se em algum outro lugar?

– Sim.

Afinal soubemos que estavam em um vaso de plantas, colocado junto da janela mais afastada da porta.

Dirigimo-nos todos para esse ponto, a fim de examinarmos cuidadosamente esse vaso, e uma das pessoas presentes foi, com a ponta de um lápis, afastando as folhas das plantas, enquanto as outras observavam. Entretanto, os botões não estavam ali. Era o primeiro erro que a mesa cometia e indagávamos o que nos restava fazer.

Assentamo-nos de novo, colocando as mãos sobre a mesa como anteriormente e, com solenidade, informamos a mesa de que ela havia errado, de que não se achavam os botões no vaso de plantas, e de que, por serem eles de alto valor, desejávamos sem demora conhecer-lhes o paradeiro. Depois de algumas dificuldades para pormos em ordem o nosso trabalho, foi-nos respondido que não tinha havido erro algum e que os botões estavam no lugar já indicado.

– Mas, já examinamos o vaso e não os encontramos.

– Apenas olhastes para ele, sem examinar o seu conteúdo.

Era certo; ninguém tinha olhado para o interior do vaso. Perguntando ainda qual deles devia ser examinado, dirigimo-nos ao quarto vizinho e tomamos o vaso indicado para examiná-lo. Se não me engano, a planta aí contida era um belo gerânio. A terra não mostrava indício algum de ter sido mexida, conservando-se dura e compacta; mas, removendo-a com dificuldade, vimos brilhar entre as raízes da planta os belos botões desaparecidos. Como foram eles aí ter? Como os transportaram através da porta fechada com duas voltas, fazendo-os desaparecer às nossas vistas quando nos achá-

vamos ao redor da mesa? Não nos era possível compreender isso, e mesmo não tenho a certeza de haver algum de nós tentado fazê-lo.

Tornando para junto da mesa, aí de novo colocamos os botões e nos assentamos. Imediatamente eles desapareceram, e então nos disseram que examinássemos uma caixa japonesa que se achava numa prateleira elevada. Trepando em uma cadeira, um de nós pôde alcançar a caixa, que foi colocada na mesa para ser aberta. Ela estava fechada, e foi necessário buscar-se a chave. Finalmente, os botões foram descobertos ao lado do bule de prata aí contido. assentamo-nos de novo com os botões diante de nós, sobre a mesa, e pela terceira vez eles desapareceram instantaneamente.

Depois de longa busca e desesperados de encontrá-los, suspendemos a sessão para tomarmos uma xícara de café antes de nos separarmos. Um dos nossos amigos, indo tomar o seu café, sentiu o líquido salpicar-lhe o rosto, pela queda misteriosa dos botões dentro da sua xícara, parecendo virem do alto. Daí foram tirados com uma colher.

Para a maioria dos assistentes, segundo penso, as nossas sessões experimentais eram apenas consideradas como um passatempo, uma distração agradável, rompendo a monotonia da vida cotidiana, e a ponta de mistério que aparecia em tudo isso dava um interesse picante às nossas reuniões, o que não encontraríamos em outros divertimentos. Em cada sessão fazíamos alguma nova experiência ou aprendíamos alguma coisa de novo; por isso, em vez de nos fatigarmos, éramos impelidos a continuar as nossas reuniões. É duvidoso que qualquer de nós, por muito tempo, se tivesse ocupado do assunto com seriedade; tudo isso não era para nós mais do que uma coisa divertida, surpreendente e embaraçante. Éramos jovens, não pesávamos a vida e, além disso, folgávamos vendo um interesse comum levar seis ou oito bons amigos e amigas a se verem com freqüência.

O Sr. F... era o leitor do nossos círculo; e geralmente trazia-nos notícias do movimento espírita, notícias que recebíamos com sentimentos estranhos. No começo, estávamos todos mais ou menos dispostos a receber com incredulidade a narração dos fenômenos maravilhosos atribuídos aos Espíritos dos amigos desaparecidos, idéia que me repugnava totalmente. O movimento das mesas e cadeiras, a desapareição de anéis e botões faziam-nos pensar menos em nossos abençoados mortos do que nas proezas dos gaiatos buscando divertir-se. Os nossos mortos, como nos ensinava a nossa fé cristã ortodoxa, estavam muito distantes de nós, no mundo que nenhum olho humano pôde ainda ver, felizes nas praias benditas do mar de cristal e muito ocupados em cantar louvores ao Criador, para poderem vir à nossa velha e triste Terra com o fim de nos oferecer distrações de natureza tão absurda. Nem por um momento mesmo podíamos crer nisso. Entretanto, talvez fossem habitantes das regiões infernais, pobres infelizes rejeitados do paraíso dos eleitos. Mas, ainda aí não podíamos pôr de acordo as nossas idéias. Não obstante as manifestações serem triviais, eram inocentes e sem perigos, e certos movimentos da mesa eram tão sugestivos, tão espirituosos que seria impossível a eles resistir.

É fora de dúvida que, quando nos sentíamos abatidos ou um tanto aborrecidos, bastava que nos assentássemos à mesa durante meia hora para recuperarmos o nosso bom humor e nos tornarmos alegres e comunicativos. Algumas vezes um dos membros do círculo tocava uma peça de música, enquanto os outros formavam a cadeia ao redor da mesa com as mãos pousadas na sua superfície. No fim de poucos minutos, um movimento vibratório e ondulatório começava invariavelmente, regulando-se pelo compasso da música. Se era uma melodia doce e triste, os movimentos tornavam-se igualmente brandos e ritmados; se era uma ária animada, os movimentos apresentavam-se rápidos, vivos e decididos. Uma marcha ou um hino nacional pareciam excitar-lhe sentimentos correspon-

dentos, se assim me posso exprimir. O hino “Yankee Doodle”, em particular, produzia efeito maravilhoso e era sempre reservado para o fim, porque os movimentos da mesa tornavam-se então quase desordenados, e geralmente éramos forçados a abandonar as nossas cadeiras para acompanhá-la em seu entusiasmo. Não havia engano possível: os movimentos, as vibrações e as ondulações da mesa exprimiam o prazer e o entusiasmo, quando se tocava esse hino. Pelo contrário, se se tocava o “God save the Queen”, a mesa claramente indicava uma certa desaprovação de mau humor, seja conservando-se tranqüila, seja fazendo ouvir fortes pancadas, seja mesmo erguendo-se do solo para depois deixar-se cair com força.

Um salmo de certa extensão parecia despertar nela a maior aversão; por isso gostávamos de fazê-lo tocar pelo nosso músico, o mais lentamente que lhe era possível. A mesa então sacudia-se, fazia contorções, voltava-se quase de pernas para o ar, variando os seus movimentos por saltos curtos e raivosos, geralmente produzidos na direção do executante, ou por violentas pancadas no chão, que com certeza teriam quebrado uma peça menos sólida. Realmente, não precisamos de muito tempo para termos a necessidade de mandar consertar essa pesada mesa de cozinha, e isto foi feito várias vezes.

Tudo isso era muito divertido, e nos alegrávamos enormemente, posto que o meu patriotismo nem sempre se conformasse com a recepção feita ao nosso hino nacional, o que, apesar da pouca importância no caso, desgostava-me algum tanto, principalmente quando, para patentear-nos a sua aversão, a mesa compassava com indolência o “Old-hundred”. Se a música desse hino era atroz, o assunto era religioso e o meu coração protestava vendo-o tratado de maneira tão frívola, ainda que ninguém mais do que eu achasse graça nessa pilhéria. Às vezes cantávamos e então éramos sempre acompanhados por um movimento compassado ou por pancadas na mesa.

Muitos processos foram experimentados para facilitar-se a transmissão das mensagens por meio de pancadas. O alfabeto foi escrito sobre a mesa, e um indicador, adaptado a uma espécie de torniquete, tinha por fim apontar as letras; esse sistema, porém, não nos agradou, pois os movimentos eram incertos e as mensagens pouco satisfatórias.

Além disso, essas mensagens eram sempre recebidas com uma boa dose de cepticismo, por causa da mistificação de que dois dentre nós haviam sido vítimas.

Um dia, longa mensagem em francês foi ditada por pancadas e exatamente anotada. Pediam que escrevêssemos a uma Sra. Poltan ou Poetan, residente nas vizinhanças do Havre, informando-lhe ter se afogado o seu filho João; deram-nos a data e o lugar em que essa desgraça acontecera.

Um dos membros de nosso círculo procurou escrever à dama com o endereço indicado e transmitiu-lhe a mensagem por uma carta cuidadosamente redigida; depois, ninguém ouviu falar do fato. A carta não foi devolvida, mas isso não prova que tivesse ido às mãos da dama em questão; e, ainda que ela tivesse sido entregue a alguma pessoa desse nome, residente no lugar, isso não nos provaria a exatidão do fato. De qualquer modo, nada soubemos nem tivemos notícia alguma da mensagem tão conscienciosamente obtida.

Mais de uma comunicação duvidosa nos foi pelo mesmo modo transmitida, porém reconheceu-se serem falsas ou estarem fora dos limites das provas de que podíamos dispor. Afinal, abandonamos esses ensaios e limitamo-nos à sua leitura, para julgá-las conforme o seu valor e guardá-las.

Havia realmente um contraste frisante entre essas comunicações falsas e duvidosas e as que tivemos a respeito de meu pai e do que a ele se referia, cuja veracidade foi reconhecida em todos os

seus detalhes. Foi graças a essa semente de verdade que começamos as nossas experiências com o desejo de obter mais, e fomos impelidos a continuá-las, apesar dos desânimos que nos vinham das mensagens enganosas. Ao mesmo tempo, eu principiava a achar isso muito embaraçante e a perguntar a mim mesma o que daí resultaria.

X

Primeiras experiências de clarividência

*Zuma muito se espantava
Da ciência de sua filha,
Quando esta lhe falava
De suas visões, e a si dizia
As coisas que descobria,
Portentos de maravilha.
Os fatos que iam dar-se,
Que tal pessoa ia finar-se
E todos comentavam crentes:
Da menina não é a voz;
Não é ela quem está falando,
Mas um Espírito venerando
Vindo do país dos entes
Que se foram dentre nós*

(A História de Y-Ay-Ali)

Uma noite o Sr. F..., depois de ter narrado algumas experiências de clarividência que havia lido, propôs fazermos algumas nesse sentido em vez de continuarmos a fazer falar a mesa.. Aceitamos a proposta e, diminuída a luz da lâmpada, assentamo-nos solenemente ao redor da mesa, à simples claridade da luz do calorífero. Mas, ninguém viu coisa alguma, a não ser o clarão da chama oscilando sobre as paredes da sala.

Afinal, o Sr. F... propôs que um de nós colocasse suas mãos sucessivamente sobre os olhos de cada um dos outros, por um ou dois minutos, a fim de ver se daí vinha algum auxílio para a produ-

ção do fato; depois, cada um dos outros iria fazendo a mesma experiência. Alguns assim procederam, mas nada se conseguiu até que o Sr. F..., colocando-se por trás das cadeiras, pôs suas mãos sobre os olhos fechados de cada um. Muitos declararam que experimentavam uma sensação particular nos olhos e na cabeça; alguns pretenderam ver distintamente ligeiras nuvens na sua frente; isso, porém, se dá com frequência, quando se comprimem as pupilas. A nossa experiência parecia, portanto, não ter dado resultado. Fui a última que se sujeitou à experiência e, com grande surpresa, apenas os dedos do Sr. F... tocaram as minhas pálpebras, a sala, iluminada pela claridade do fogo, desapareceu para mim e julguei estar ao ar livre, em lugar desconhecido. Ouvia o farfalhar das árvores e o murmúrio do vento, mas tudo era sombrio, e, ainda que tivesse a consciência de estar em algum lugar, num campo ou numa estrada, nada podia distinguir. Ao mesmo tempo, sabia que estava assentada em uma cadeira entre meus amigos, na minha própria sala; mas, essa certeza não destruía a sensação de realidade com que essa estranha visão se imprimia em minha mente. Eu sabia que me achava sentada em uma sala pouco clara, e o sentimento de estar em segurança não me abandonou um só instante; mas também sabia que a cena a que assistia, nessa estrada sombria, era uma realidade e me interessava profundamente. Imaginai uma pessoa assistindo a uma representação teatral; ela tem consciência do meio em que se acha, como da sua própria individualidade, e pode, contudo, vigiar com interesse e simpatia o espetáculo que se representa no palco. Essa pessoa sabe onde está; aí não há, pois, nem sonho nem ilusão. Essa visão impressionou-me os sentidos, como o poderia fazer uma representação teatral, com a diferença de que a considerava imaginária.

Enquanto estava ali, sozinha, na obscuridade, sentindo a impressão de uma atmosfera pesada e úmida e um cheiro particular de terra cozida e de capim, vi de repente brilhar uma luz diante de

mim. Eu sabia que ela vinha da porta aberta de uma casa que me tinha passado despercebida. Essa luz brilhante saía do interior de uma sala iluminada por uma lâmpada e pelo fogo de um calorífero, e derramava-se pela estrada. Assim, pude ver por um ou dois minutos essa estrada, a casa e as árvores. Depois, apareceram duas figuras no limiar da porta; eram dois homens. Tendo-se fechado a porta por trás deles, reinou como anteriormente a obscuridade impenetrável. Durante esse curto espaço de tempo eu havia notado, até certos limites, o que me rodeava; conhecia a direção do caminho, de que lado se encontrava a casa; sabia que um fosso o margeava e que ao longo havia árvores.

Apesar da obscuridade, eu podia, ainda que com dificuldade, distinguir as figuras dos dois homens que tinham deixado a casa, e os seguia sem exatamente compreender por que o fazia. Um deles parecia-me embriagado, caminhava com um passo incerto, gesticulava e falava alto, ou pelo menos assim me parecia, porque eu não lhe podia ouvir as palavras. O outro, mais alto e mais delgado, caminhava pausadamente e amparava o seu companheiro, tomando-lhe o braço, quando este tropeçava na obscuridade. De repente, o indivíduo mais baixo desapareceu; seu companheiro parou e começou a chamá-lo, sem conseguir uma resposta; eu o vi caminhar com precaução, como se procurasse o outro na estrada. Ele parecia indeciso, ia e vinha, olhando para todos os lados. De súbito, pareceu ter tomado uma resolução; afastou-se rapidamente; vi-o seguir e entrar por uma porta que se abriu. Pouco depois, várias pessoas saíram dessa casa, trazendo uma lanterna, em companhia daquele que as fora chamar. Eu as seguia, mas ninguém me notava. Tomaram o caminho seguido antes pelos dois, examinando com o auxílio da lanterna os recantos da estrada.

Então observei o que não tinha visto antes: em certo ponto uma outra estrada separava-se da primeira, pela qual eu vira seguir os dois homens, e esta era paralela à outra, mas colocada em um

nível mais baixo. Quando o grupo chegou ao ponto onde o homem havia desaparecido, a busca tornou-se mais ativa e eu, à vista do que se procurava, observava-a com ansiedade. Afinal, um dos exploradores aproximou-se do fosso e, olhando-o, disse alguma coisa aos seus companheiros; pelo que, todos voltaram e refizeram o caminho até à junção das duas estradas; então, deixando a estrada baixa, foram com a lanterna explorando para os lados da estrada alta.

Afinal, descobriram evidentemente o homem que procuravam, deitado ao lado da estrada e parecendo insensível a tudo. Reuniram-se ao redor desse corpo inanimado. O homem alto e delgado, que a princípio mencionei, tentou erguer seu companheiro do solo molhado, enquanto um dos outros elevava a lanterna iluminando o grupo. Pude então pela primeira vez ver-lhes os rostos. Os traços do que sustentava a cabeça do homem caído chocaram-me, como se me fossem familiares; mas, no instante, não pude apelar para a minha memória. Quando o homem foi posto de pé, olhou em torno com um ar assustado. Lancei de novo a minha vista para aquele que o segurava e, desta vez, com grande surpresa, reconheci o Sr. F...!

– Como! sois vós! – exclamei.

O espanto que em mim produziu essa descoberta foi além da surpresa que eu havia experimentado ante a estranheza de toda essa visão.

Eu tinha seguido os diferentes episódios daquilo que me parecia um pequeno drama; seguira-os com ansiedade, receosa de que isso se transformasse numa tragédia. Temia a morte do indivíduo encontrado inconsciente à beira do caminho e experimentara grande alívio quando se verificou à luz da lanterna que ele apenas dormia. Tanto quanto me foi possível saber, todos os atores dessa cena eram-me desconhecidos e, se bem que eu acompanhasse cada movimento com interesse e ansiedade, não o fazia senão como

estranha; por isso, quando reconheci o Sr. F... como uma das principais pessoas em questão, a minha surpresa foi tão grande que quase despertou em mim um sentimento de consternação.

Logo que afastei seus dedos de sobre as minhas pálpebras, bradei, fixando-o: “Como! sois vós!” A minha surpresa comunicou-se ao resto do círculo, e perguntas sobre perguntas foram ardentemente feitas a respeito da significação de toda essa história. Durante a representação dessa cena, eu havia contado fielmente cada um dos incidentes à medida que eles se iam produzindo, e todos tinham mostrado tanto interesse como se eu tivesse tomado parte ativa no drama. Foi, portanto, com grande curiosidade que esperamos as explicações do Sr. F... Ele disse-nos reconhecer nisso, por completo, as circunstâncias de um fato que, cerca de doze anos antes, se tinha dado com ele e vários amigos seus. Tendo passado juntos o dia na caçada de gamos, acharam-se antes da volta reunidos em um albergue. O Sr. F... e um jovem companheiro saíram daí juntos, porque as suas moradas ficavam na mesma direção. Apenas se acharam fora, expostos ao ar da noite, o Sr. F..., sobre quem o vinho não tinha produzido efeito algum, notou que o estado do seu companheiro havia piorado consideravelmente depois das últimas bebidas de despedida, e foi com dificuldade que o demoveu do propósito de voltar para fazer ainda último brinde aos seus camaradas. Tendo conseguido arrastá-lo até certa distância em direção à sua morada, de repente deixou de vê-lo junto a si, como eu tinha narrado. O resto da história concordava em todos os seus detalhes com a minha visão, que, em certos pontos, fez lembrar ao Sr. F... alguns pequenos incidentes já por ele esquecidos.

Foi com um sentimento muito semelhante ao que eu havia experimentado durante nossa primeira experiência da mesa falante, que passei em revista a minha tão especial visão dessa noite. Ela tornou-se de grande interesse para todos os membros do nosso círculo e a discussão que se seguiu foi animada; mas para mim isso

significava alguma coisa mais. Uma grande esperança despertou em mim, esperança que eu apenas ousava acariciar. Era possível que os meus fantasmas fossem realidades, e não manifestação de um gérmen de loucura.

Essa esperança, uma vez despertada, não se esvaiu mais, e tornou-se muito depressa, ainda que em segredo, uma força que me impeliu a fazer uma descoberta. Tentei-a, no começo, acompanhada por todos os membros do nosso círculo; depois, uns foram abandonando a investigação por se mudarem do lugar, satisfeitos com o que já tinham visto; outros por deixarem a Inglaterra, e um por ter transposto a barreira que nos separa do mundo dos Espíritos, donde em seguida veio freqüentemente trazer afetuosas mensagens e animações aos seus antigos companheiros de estudo, que lentamente avançavam tateando na obscuridade. Procurei ler tudo o que se pudesse relacionar com o Espiritismo e os fenômenos espíritas, em grande parte terríveis absurdos que me chocaram e desgostaram. Essas comunicações, que se pretendia terem vindo das esferas celestes, eram, em certos casos, tão destituídas de bom senso que me teriam feito abandonar todos esses estudos, se alguns bons amigos não viessem em meu auxílio recomendando-me as obras de Andrew Jackson Davis, Robert Dale Owen e outros, assim como muitas revistas semanais bem orientadas.

Um dos “anjos” que se comunicavam com a Terra, recordo-me bem, informava que no céu havia grande quantidade de legumes. Quanto às couves, elas cresciam tanto, eram tão grandes que excediam a tudo o que se pode imaginar. Não me recordo do nome do autor da obra em que li isso; creio que era Pine e que a obra tinha por título “Telegrafia espírita”. Não tornei a ver esse livro; provavelmente não foi bem acolhido e desapareceu.

As narrações que li dos fenômenos espíritas, por maravilhosos e incompreensíveis que fossem, não me interessaram tanto como as dos fatos de clarividência. Parecia-me que, de um modo ou de

outro, eu possuía a chave para a compreensão dessa faculdade; e o que eu lia combinava de algum modo com a minha experiência pessoal.

Eu não compreendia a visão que tinha tido dos homens e da estrada sombria, e mesmo nos primeiros dias não pensei na explicação; mas, eu julgara haver aí muito que aprender, pensava que acharia um meio de chegar à solução, que devia sobretudo começar pelo princípio. Mas, qual era esse princípio? Onde estava o ponto de partida? Qual o caminho a seguir? Essas questões eram horriavelmente perturbadoras. Eu não podia ler senão o que me vinha às mãos. Teorias, filosofias, fenômenos, argumentos pró ou contra o Espiritismo, denúncias amargas e violentas de um e de outro lado, mas especialmente contra os ensinamentos espíritas; perseguições aos médiuns, embustes e desmascaramentos, tudo isso me embaraçava muito.

Foi então que me animei a falar aos meus amigos, Sr. e Sra. F..., acerca dos fantasmas de outrora, das minhas experiências com relação a esses “sonhos”, que tanto me tinham feito sofrer, e do terror vago, mas obsidente, suspenso como uma nuvem negra sobre a minha mocidade. Foi graças à sua simpatia e ao seu auxílio que se esvaiu a nuvem e tive a coragem precisa para repelir os intrusos, os quais, vencidos, pareceram recuar e acabaram por desaparecer. Enquanto essa vaga perturbação se dissolvia nas brumas do passado, meu coração ficava, segundo o dizer dos franceses, como a ave cantora libertada do cativo. Encorajei-me e, por gratidão, resolvi prosseguir nas investigações e experiências que eu tinha a liberdade de fazer ou não.

XI

Os visitantes do outro mundo

“O Grande Espírito, a Divindade, sempre os emprega em seu serviço para indicar-nos a sua vontade.”

Longfellow

Até então as nossas sessões seguiram um curso regular; nelas tínhamos interesse e distração, mas nunca indagamos se algum de nós possuía faculdade especial. O nome de médium não era certamente invejável, quando, afinal, fui reconhecida como sendo o médium pelo qual todos esses resultados se obtinham, o que pouco me satisfez, apesar de não acreditar muito nisso. O que eu sabia acerca dos médiuns fora aprendido nas narrações dos jornais, narrações essas que lhes não eram favoráveis. Por isso, o nome de médium era para mim sinônimo de mágico e impostor da mais baixa classe, e eu de nenhum modo desejava ser classificada entre eles. Não se insistiu sobre essa questão, e as nossas sessões continuaram como antes, até à noite em que, precisamente no momento de tomarmos lugar ao redor da mesa, a conversação versou sobre a dificuldade de se obterem mensagens diretas.

Experimentáramos a prancheta com maior ou menor êxito, mas isso não correspondia a todas as exigências: o processo era lento e a escrita não tinha clareza. Alguém sugeriu que, se era realmente um Espírito quem escrevia, podia também fazê-lo pela mão de um de nós e sem o auxílio da prancheta. Fizemos a experiência; sucessivamente cada um tomou o lápis na mão direita e, convidando o Espírito para escrever desse modo, aguardamos com curiosidade o resultado da experiência. Em muitos casos pudemos ver que os músculos do braço e da mão ficavam tensos e que os dedos, segu-

rando o lápis, tinham agitações convulsivas. Mas, a não ser algumas garatujas, nada se produziu.

Outros, tentando escrever, não experimentaram sensação alguma no braço nem na mão, e abandonaram logo o lápis.

Quando chegou a minha vez, notei a princípio um contato, picadas e uma sensação dolorosa no braço, como a que se experimenta quando se choca o cotovelo; depois, veio uma sensação de entorpecimento que se estendeu às extremidades dos meus dedos. Minha mão ficou de todo fria e insensível, podendo eu beliscá-la e mordê-la sem sentir dor alguma. Após alguns instantes, ela começou a mover-se lenta e laboriosamente, imitando os movimentos de quem escreve, fazendo tentativas repetidas para formar palavras e terminando em seguida por escrever com uma letra assaz pequena e má. Novo ensaio veio afirmar um progresso real, mas as sensações que eu experimentava no braço, além de serem dolorosas, eram decididamente desagradáveis. Por isso, apesar da minha curiosidade, não me senti contrariada quando tive de deter-me, ao avisar-nos a pêndula que chegara a hora de suspendermos a sessão.

Consagraram-se as reuniões posteriores a experiências do mesmo gênero, e não foi preciso muito tempo para que a minha mão se tornasse inteiramente hábil na caligrafia.

Com rapidez eu enchia páginas inteiras de caracteres distintos e bem formados, enquanto conversávamos e recebíamos outras espécies de mensagens. Depressa observamos que a escrita apresentava caracteres diferentes, de um para outro momento, e que não só ela em si, mas também os assuntos, tinham a sua individualidade distintamente acentuada.

Rapidamente esses correspondentes invisíveis tornaram-se familiares. Aprendemos a conhecê-los por seus nomes e eles contaram-nos alguma coisa de suas vidas. Um deles, John Harrison, inglês que tinha vivido no Condado de York, solitário, misantropo,

com algumas idéias religiosas, misturadas de pessimismo, escrevia-nos longos e minuciosos discursos, principalmente sobre assuntos religiosos.

Essas mensagens eram recebidas cortesmente, mas devemos confessar que nos sentíamos aliviados quando algum dos outros escritores invisíveis se apossava da mão e do lápis, especialmente Walter Tracy, um americano cuja história é a seguinte: Fora estudante na Escola ou Universidade de Yale e quando rebentou a guerra civil, tendo-se alistado como voluntário, tomou parte em diversos combates, dos quais saiu ileso, salvo o fato de haver perdido dois dedos por causa de um descuido no manejo da espingarda. Seus amigos desejavam vê-lo recomeçar seus estudos depois da guerra, mas isso não lhe agradava e ele procurava dissuadi-los. Um acidente pôs termo à controvérsia, enviando-o para o outro mundo: afogara-se num lago, quando viajava a bordo de um vapor. Muitos passageiros caíram então na água; ele sabia nadar, mas não tinha probabilidade de salvação no meio dessas pobres criaturas que se agarravam a ele para não se afogarem, e que o fizeram ir também ao fundo.

Muitos anos depois encontrei um jovem que igualmente fora aluno da Universidade de Yale. O que ele contou-me da sua vida coincidia em muitos pontos com as narrações de nosso amigo a respeito dos lugares, dos professores, dos estabelecimentos e dos hábitos dos estudantes. Segundo Walter, ele contava cerca de vinte anos quando se alistou como voluntário, e vinte e dois quando se afogou.

Walter tornou-se depressa o favorito do nosso grupo; parecia trazer-nos uma verdadeira atmosfera de alegria, bom humor e vida; era ele, como nos disse, quem se servia da mesa para acompanhar a música e, depois de termos feito conhecimento com ele pela escrita, vimos que o seu modo de agir combinava com o seu caráter. Mostrava-se tão curioso e cheio de interesse pelas experiências

como nós mesmos, e em muitas ocasiões sugeriu novas idéias para instruir-nos e esclarecer-nos. Às vezes lhe propúnhamos questões a que ele não era capaz de responder, mas, então, depois de refletir um momento, escrevia: “Vou submeter isto a alguém que conheço; conservai-vos aqui até que eu venha.”

Na volta, dava-nos invariavelmente a informação desejada, embora o fizesse tão engraçadamente que parecia ser antes uma pilhéria do que a questão séria sobre a qual o tínhamos consultado. A natureza espirituosa de Walter foi uma fonte de contínuas distrações; ele era sempre bem-vindo e acolhido com alegria desde o primeiro sinal da sua letra grande e ousada.



Walter

Uma noite, respondendo a pedido de informações sobre um assunto particular, Walter confessou a sua incapacidade para esclarecer-nos, porém disse que se fosse de nosso agrado, ele nos traria outro. Esse Espírito, a quem chamava “Governador”, ensinar-nos-ia, provavelmente, se com ele fôssemos atenciosos, tudo o que desejássemos saber. E acrescentou: “Sobretudo não o trateis como a mim. É preciso calçardes luvas, pois que ele é muito cheio de formalidades.”

Prometemos, naturalmente, observar melhor conduta e tratar seu amigo com o devido respeito, porém divertiu-nos algum tanto essa censura indireta, porque era certo que não tratávamos Walter com a delicadeza necessária.

Esse novo elemento mostrou-se-nos logo com uma individualidade muito diferente das de Walter e John Harrison. O “Governador” era grave e sério e, entretanto, cismador e paciente; era um sábio estudioso, um amigo fiel e um auxiliar infatigável. São passados vinte anos desde a noite em que Walter no-lo apresentou, e desde então nunca a sua amizade foi encontrada em falta. Na enfermidade e na saúde, nas aflições e na calma, na má ou na boa fortuna, ele mostrou-se sempre simpático e de bom conselho. Desde o começo, constituiu-se um guia escolhido, um guarda, um conselheiro e um mentor; nunca nos importunando com os seus conselhos, mas sempre prestes a dá-los quando os reclamávamos, conselhos esses nem sempre de fácil aceitação, pois que às vezes eram extremamente penosos, e mesmo tão contrários às minhas inclinações que eu recusava segui-los; devo, porém, confessar que nunca deixei de arrepender-me amargamente da minha teimosia.

Quando eu seguia seus conselhos, confiada em sua sabedoria, tudo ia bem; ele nunca cometia erro no diagnóstico de uma enfermidade, descrevendo fatos e teorias científicas, ou dando certos detalhes concernentes a coisas possíveis, mas que não eram ainda conhecidas do mundo.

Não compreendemos desde logo a grandeza dessa nova Inteligência, comunicando-se para o nosso bem; mas, sentimos depressa que a recomendação de Walter era inútil, porque mesmo sem ela nunca teríamos ousado tratar Stafford como bom camarada, como o fazíamos em relação a Walter.

Respondendo à nossa questão sobre a sua vida terrena, Stafford contou-nos sucintamente ter sido filho de um homem político americano casado com uma alemã, e que grande parte da sua edu-

cação fizera-se na Alemanha. Interessava-se pelas ciências naturais, era estudioso, ambicioso de saber, grande amador de experiências e investigador apaixonado de tudo o que se referia ao emprego das forças naturais em serviço do homem; sua carreira científica foi detida por um acidente que o obrigou a guardar leito durante três anos, terminando pela morte.



Humnur Stafford, segundo o desenho a pastel executado em completa obscuridade.

Foi durante esses três anos que a questão da *sobrevivência* começou a interessá-lo. Até então ele não se tinha preocupado com isso, considerando o assunto como um daqueles que não podem ser tratados do mesmo modo que os problemas da Matemática ou de natureza científica. Para ele, não havia prova alguma da sobrevivência depois da morte, ou somente existiam teorias sem provas e, portanto, inúteis ou destituídas de interesse.

Durante a sua longa reclusão, vendo-se obrigado a abandonar os estudos, seu cérebro, conservando-se ativo e analítico como anteriormente, pôs-se a estudar e aprofundar o tema das crenças religiosas. Ele foi também impelido a isso por sua mãe, cujos esforços carinhosos visavam a minoração do seu desgosto, do seu desespero por ver assim despedaçados o seu trabalho e a sua vida. Ele, pois, por amor à sua mãe, buscou interessar-se pela religião que ela professava e ficou surpreso vendo quão pouco era o que daí podia esperar.

Considerava a morte com o interesse e a ansiedade do experimentador, procurando conceber o desenvolvimento ou o resultado de um plano de que ele tivesse sido o criador, de um plano apreciado como uma teoria amada, mas apenas confessável.

Desejaria ter provas – coisa que buscava em todos os seus estudos – e, com o fim de obtê-las, esperava resignado, se não feliz, a morte. Pagou o tributo necessário e conseguiu o seu fim. Morreu e encontrou a prova, nas mesmas proporções que em vida a buscara. Sua inteligência era mais livre, seu amor ao estudo e seu desejo de saber estavam aumentados, sua capacidade de compreensão era mais clara e brilhante, e suas simpatias humanas, até então comprimidas, expandindo-se sem constrangimento, davam-lhe a vontade de ensinar aquilo sobre que, tempos antes, desejara instruir-se.

Eis, em resumo, o que nos contou a respeito de si mesmo:

“Não façais indagações acerca da minha vida terrena, nada descobrirei; eu não vos dei o meu nome inteiro. Muitos dos meus parentes ainda vivem e não desejo desgostá-los. Aceitai a minha narração, como me aceitastes. Ela é tão sincera como o meu desejo de vos ser útil.”

Conformando-nos com o seu desejo, nunca fizemos indagação alguma, apesar de não nos faltarem ocasiões. Mais de uma observação, feita incidentalmente na discussão de um ou outro assunto,

traiu a sua amizade pessoal com sábios de diferentes nacionalidades.

Mais tarde, o nosso círculo de amigos invisíveis cresceu com a chegada de uma pequena espanhola, que escrevia mal o inglês, misturando-lhe palavras espanholas; sua escrita era inteiramente fonética e suas expressões as de uma menina de sete a oito anos, cheia de vontades e impetuosa. Disse-nos ter morrido queimada, com sua irmã mais velha, em uma igreja de Santiago, e chamava a Walter grande amigo, ao qual amava muito. Imagino que os seus afetos fossem caprichosos, porque ela afeiçãoou-se de pronto a um dos membros do nosso círculo, ao qual chamava Geórgio e manifestava as suas preferências. Desde então, parecia prodigalizar todas as suas atenções a esse nosso amigo. Se Geórgio por qualquer motivo deixava de vir, Nínia também faltava ou se mostrava inconsolável. Muitas vezes ela traía pequenos incidentes da vida privada de Geórgio, o que nos divertia muito, e a ele não era muito agradável. Nínia não sabia ser discreta.

– Não deveis contar essas coisas, Nínia – disse severamente Geórgio, num dia em que ela nos fez a descrição de uma sua entrevista com certa jovem, contra a qual Nínia mostrava-se muito ciosa.

– Por que não, quando é verdade? – replicou ela.

– É possível, mas não é bonito para uma menina vir contar essas histórias e dizer aos outros o que os não pode interessar.

– Não se devem fazer coisas das quais se tenha vergonha de falar – foi o que Stafford ensinou a Nínia.

Apesar da sua indiscrição, Nínia não permitia que fizéssemos observações pesadas sobre os atos de Geórgio. Parecia que ela reservava para si o direito de ser o seu mentor, e considerava qualquer reflexão feita por nós como uma infração dos seus direitos.

Fiel amiguinha! Alguns anos depois, A Sra. F... e eu fazíamos uma longa viagem, para nos irmos assentar à cabeceira de Geórgio, que estava moribundo. Eu acabava tristemente de escrever uma carta sob o ditado dele, e a lia.

– Obrigado – disse ele –, isso vai mesmo assim. Vou procurar assinar. Nínia!... Cara Nínia, quanto és gentil!

Eu fixava-o ansiosamente, impressionada pela sua expressão alegre. Um sentimento de felicidade se lhe patenteava no semblante.

– Cara Nínia, não partas – disse ele com os olhos súplices –. Depois, notando o nosso ar inquieto, acrescentou:

– Querida menina!... Estou fatigado e vou ver se durmo um pouco.

Cerrando os olhos, ele adormeceu com um sorriso feliz, mostrando em seu semblante uma expressão de paz. Tivemos medo de que fosse esse o seu último sono. Quando despertou, lançou um olhar ansioso ao redor de si; depois, deteve-se a fixar o espaço, no ponto onde anteriormente tinha visto a sua amiguinha, e então sorriu, fazendo um pequeno sinal de satisfação. Pronunciou o seu nome muitas vezes nas horas que se seguiram. “Ela vai fatigar-se de tanto esperar”, disse ele. Nunca o seu espírito se distraiu desse pensamento; sabia que uma grande mudança o esperava, e a presença de Nínia parecia dar-lhe coragem. Falou-nos doce e calmamente durante a hora que precedeu a sua morte, e suas últimas palavras foram: “Cara Nínia, querida amiguinha!”

Às vezes penso em nossas primeiras experiências, quando, neófitos ainda, julgávamos inútil encorajar comunicações como as de Nínia. Quão pouco sabíamos, quão pouco suspeitávamos que a pequena visitante invisível seria um dia mais preciosa que todas as consolações da Igreja e dos sacerdotes, animando e iluminando o caminho de um dos nossos através do vale da sombra e da morte!

Também outro Espírito amigo fez-se conhecido e amado do nosso pequeno círculo. Chamava-se Felícia Owen e era uma jovem inglesa, com cerca de vinte anos, calma, simples e reservada, que fora instruída em uma escola católica do País de Gales. Ela escrevia sempre em versos muito harmoniosos e puros, trazendo-nos como que um sopro do céu. Um dia escreveu estas palavras que me voltaram à memória com uma força irresistível, quando eu velava junto ao leito de Geórgio moribundo:

*Ao morrer, eu não acreditava que pudesse
Voz amiga escutar, sentir o aberto
De u'a mão, quando eu trêmula estivesse
Na praia do oceano negro, aberto
Entre mim e a eternidade.
E, no entanto, isso era verdade.*

Felícia não se apresentava muitas vezes entre nós.

Talvez não houvesse em nosso círculo almas assaz semelhantes à dessa terna e tímida poetisa. Talvez também concorresse para isso o fato de haver eu sido, ainda que contrariada, reconhecida como médium, e preferir tratar de assunto por mim ignorado. Eu não possuía o mínimo dom de escrever, e incomodava-me quando ouvia dizer que o faria, se tentasse. Ficava muito mais satisfeita quando, por sua natureza, as comunicações não davam motivo à suspeita de que uma jovem com menos de vinte anos pudesse ser a sua autora.

Às vezes minha mão escrevia com rapidez e firmeza durante duas horas, sem se deter, enquanto eu vigiava o papel, gradualmente coberto da letra miúda e cerrada de Stafford ou da escrita larga de Walter, e com a mão esquerda preparava as novas folhas de papel necessárias. Algumas vezes eu lia as frases, à medida que elas iam sendo formadas pelo lápis; mas, geralmente, quando me interessava ou apaixonava pelo que ia seguir-se, a escrita tornava-

se incoerente, palavras eram omitidas, outras mal empregadas, e o sentido tornava-se ininteligível. Meu braço e meu ombro ficavam tão doloridos que me sentia quase mal; mas, eu começava a apreciar muito as comunicações, para não suportar com paciência, e mesmo com satisfação, esses incômodos. Pelas sensações da minha mão e do meu braço, pude mui depressa distinguir os diferentes Espíritos, cada um dos quais parecendo servir-se do lápis de um modo distinto. Stafford causava-me menos sofrimento que qualquer outro, ainda que escrevesse muitas vezes durante um tempo mais longo.

Em certas ocasiões, um estranho tentava escrever por minha mão, porém eu o descobria imediatamente; outras vezes a escrita vinha da direita para a esquerda, como se o “poder” ou influência operasse por baixo da minha mão. Neste caso, precisávamos ler a escrita refletida num espelho. Nossos visitantes mais assíduos eram os cinco de que já falei, salvo quando, afrouxando o nosso exclusivismo, permitíamos a alguma pessoa estranha tomar parte na sessão. Invariavelmente, então, havia uma nova adição ao nosso círculo de Espíritos. Walter fazia o papel de mestre de cerimônias e introduzia o hóspede invisível. Muitas comunicações interessantes foram-nos assim dadas, porque acontecia freqüentemente que o assistente terreno era um estranho para a maioria dentre nós, e nada sabíamos sobre ele e seus negócios.

Essas visitas acidentais interrompiam mais ou menos os nossos processos habituais, mas não poderíamos dizer se isso era a consequência da vinda de novas influências espirituais ou se provinha da curiosidade, assaz natural, ou do cepticismo, também natural, dos assistentes novos. Certas pessoas pareciam trazer consigo uma recrudescência de força, e outras, só com a sua presença, paralisavam as manifestações.

Uma dama, que insistentemente havia pedido para ser admitida em nossas reuniões, obteve uma vez o convite para vir. Íamos

precisamente realizando uma série de experiências bem sucedidas e nos reuníamos cheios de esperança, porque nos haviam prometido um fenômeno especial. Tomamos os nossos lugares habituais, ficando a dama estranha colocada à minha frente. Esperamos por muito tempo e, com grande desapontamento nosso, a mesa não deu indício algum de querer mover-se, não se conseguindo obter nem mesmo um traço de lápis. Inutilmente cantamos e tocamos piano. Inutilmente mudamos a colocação dos nossos lugares e pedimos algum sinal da presença dos nossos amigos invisíveis. Nenhum sinal nos foi concedido. Todos se queixavam de sensações penosas, espécie de ferroadas e mordidelas vindas de pontos diferentes, e um ou dois dentre nós experimentavam o sentimento desagradável de ter o rosto e as mãos cobertos de teias de aranha. Finalmente, depois de duas horas de espera, levantamos a sessão, em desespero de causa.

Ao despedir-se, respondendo às nossas expressões de pesar pelo insucesso, a dama disse com ar de triunfo:

– Sabeis por que os vossos Espíritos não vieram? Eu vo-lo direi. Eu pedi a Deus sem cessar, durante a noite inteira, que nos livrasse do poder de Satanás e impedisse as suas manifestações enquanto eu aqui estivesse. Não tivestes manifestações espíritas, e ficai certos de que jamais as tereis, se orardes, como eu fiz, a fim de serdes protegidos contra as tentações do espírito maligno. Podeis estar certos de que essas manifestações vêm do diabo; do contrário, apesar das minhas preces, as teríeis obtido nesta noite.

Não encontrei de pronto um argumento para responder-lhe. Essa dama tinha filhas de mais idade que eu e era esposa valorosa, séria e ativa de um pastor protestante, cujas opiniões religiosas eram muito acatadas, e que se julgava com o dever de vigiar o moral das pessoas de seu conhecimento. Ela desconfiava muito das nossas experiências e não tinha hesitado, em nossas conversações a

tal respeito, em me exprimir a convicção de que estávamos sendo vítimas das ciladas do diabo.

Por isso, esse primeiro insucesso em nossas experiências e a explicação que essa dama nos deu desgostaram-me consideravelmente, e eu com alguma consternação admiti o pensamento de ter atraído a majestade luciferiana para o meio de nós. Entretanto, depois de havermos discutido os prós e os contras das opiniões da Sra. S..., lavramos a sentença: “Não provado”, e decidimos continuar os nossos estudos e esperar maiores desenvolvimentos. Eu não sabia então, como hoje, que arma poderosa pode ser a vontade, e quanto um elemento antagônico pode ser prejudicial ao êxito dessas experiências. Tínhamos de aprender tudo isso. Mais tarde pudemos responder com um sorriso às afirmações daqueles que consideravam o diabo tão grande e Deus tão pequeno; então, éramos noviços e facilmente intimidáveis. Graças a Deus, tivemos a coragem de prosseguir e fazer maior colheita.

XII

A ciência e os retratos dos Espíritos

*Dos céus a Providência em nossos peitos,
Generosa, implantou-nos a vontade
De estranhas coisas novas procurando
Irmos sempre, sem tréguas perlustrando
As sagradas moradas dos perfeitos
No seio inesgotável da verdade.*

A. Kenside

Uma noite, não me lembro por que, reunimo-nos na obscuridade. A sessão tinha começado em pleno crepúsculo e, quando chegou a noite, ninguém propôs que se acendesse a luz.

Vindo-me a idéia de olhar para a parte mais sombria da sala, pareceu-me aí ver uma curiosa nebulosidade luminosa, perfeitamente distinta na obscuridade. Observei-a durante um ou dois minutos sem nada dizer, perguntando a mim mesma donde poderia aquilo originar-se. Supus que fosse algum reflexo do lampião da rua, apesar de nunca o ter notado anteriormente.

Enquanto eu a observava, a nuvem luminosa pareceu condensar-se, tornar-se compacta e, enfim, revestir a forma de uma menina, iluminada como se o fosse pela luz do dia, luz que não vinha de fora, mas do seu próprio interior, a obscuridade da sala servindo de fundo e pondo em relevo cada contorno e cada um dos traços da figura. Chamei a atenção dos outros para essa estranha aparição e fiquei muito surpreendida, quando eles declararam nada ver, nem a menina nem a nebulosidade.

– Como é estranho! – disse eu – vejo tudo tão claramente que lhe poderia fazer o retrato, se tivesse papel e lápis.

– Aqui os tendes – disse a minha vizinha mais próxima.

E, recebendo os objetos, comecei apressadamente a esboçar a cabeça, os traços e as espáduas da pequena visitante, que parecia compreender muito bem o que eu fazia.

– Creio que é Nínia – observei.

E logo a criaturinha fez um vivo sinal afirmativo com a cabeça.

Comecei a rir-me e a exprimir o prazer que experimentava com o meu trabalho, o qual contemplei com algum orgulho.

– Não achais parecido? – perguntei ao Sr. F..., meu vizinho.

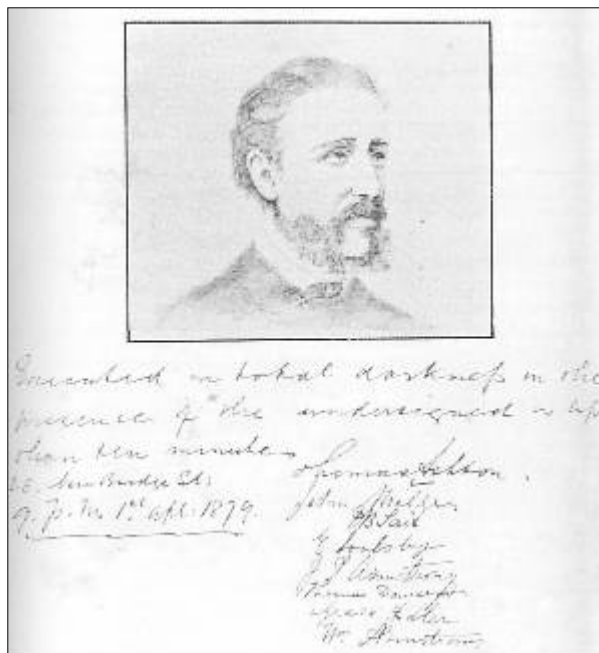
– É difícil julgar na obscuridade – respondeu ele –. Acendamos a luz e então veremos.

Foi então que me lembrei de que nos achávamos em completa escuridão, e pensei que tinha dormido e sonhado com a criança luminosa e com a semelhança do meu desenho. Eu segurava nervosamente o papel, temendo que a luz das velas viesse a cair numa folha em branco. Mas não! O desenho ali estava; eu não sonhara. O rosto de Nínia sorria-nos no papel, como me tinha sorrido do seu recanto sombrio. Eu lhe havia apanhado os traços com muita habilidade e estava orgulhosa com o meu trabalho.

– Admito perfeitamente que tenhais visto a menina – observou alguém –, mas não posso compreender como pudestes esboçar o seu retrato na obscuridade.

Eu mesma não o podia compreender. O que sabia era que, para mim, não tinha havido falta de luz. Via a criança, o papel e o lápis, sem pensar em outra coisa, e nesse curto momento não estava segura de coisa alguma. Tinha necessidade de olhar para o desenho, a fim de convencer-me de que tudo aquilo não era um sonho.

Essa nova fase da minha mediunidade foi uma fonte de alegrias para mim, e com isso cresceu o meu interesse pelas sessões noturnas. Pedíamos aos nossos amigos espirituais que tomassem posição para serem retratados, e nos assentávamos munidos de papel e lápis. Quando chegou o verão, tornou-se necessário sombrear as janelas, e observamos que as formas luminosas eram tanto mais distintas quanto mais completa a obscuridade da sala. Essa foi, pelo menos, a minha opinião, porque os outros continuavam na sua obstinada cegueira, nunca se apercebendo da presença dos nossos hóspedes.



Reprodução da fotografia de um desenho a pastel, com firmas na parte inferior.

Durante alguns meses os nossos trabalhos limitaram-se à confecção desses retratos. Muitas vezes consegui esboçar muitas for-

mas em uma só noite. Se algum estranho assistia às nossas sessões, quase sempre também apareciam Espíritos estranhos, cujos retratos eu conseguia às vezes fazer. Em geral, esses esboços eram imediatamente reconhecidos e reclamados pelos amigos desses Espíritos. Conservei alguns que não foram reconhecidos. Stafford, Walter, John Harrison e Nínia foram os primeiros a se deixarem retratar e os seus retratos são o meu tesouro mais precioso.

A notícia dessa fase particular da minha mediunidade espalhou-se logo e achei-me muito contrariada pelas visitas e correspondências. De todos os lados solicitavam-me retratos de amigos perdidos, julgando que bastaria eu cerrar os olhos e empreender a obra para poder fornecer desenhos. De diferentes países chegaram cartas implorando o meu auxílio, suplicando a remessa do retrato de algum filho desaparecido. Tentei satisfazer a todos, mas, salvo raras exceções, não fui bem sucedida.

Entre outras, recebi uma carta do Egito, enviada por um espírita húngaro, que costumava, nas sessões em sua casa, obter comunicações de um filho amado, já falecido.

“Meu filho disse-me – escreveu ele – que se eu vos enviasse um pequeno objeto que lhe houvesse pertencido, seria capaz de tornar-se visível a vós, dando-vos a faculdade de retratá-lo.”

A carta era acompanhada de um lencinho de seda, que conservei na mão durante a sessão seguinte. Esperei com paciência o fato prometido, mas nada vi por muito tempo. Depois desenhou-se fracamente no fundo escuro o contorno da figura de um soldado. Não era o que eu esperava, mas na falta de outra coisa tracei apressadamente o contorno dessa aparição. A figura, porém, desapareceu antes que eu pudesse fazer mais, e o desenho ficou por acabar.

Durante muitas semanas segurei nas sessões o mesmo lenço, mas nada obtive. Um dia alguém me perguntou:

– Sabeis que idade tinha o filho desse homem?

Eu ignorava-o.

– Não será possível que ele seja esse jovem soldado que começastes a retratar?

Eu não tinha pensado nisso, acreditando sempre que se tratava de um menino. Escrevi, pois, ao pai, pedindo-lhe certos detalhes, mas não obtive resposta e o retrato incompleto do jovem soldado ainda se conserva no meu álbum, até que seja reclamado.



Um dos retratos desenhados na obscuridade, em cuja consecução foram gastos aproximadamente 30 segundos. Esses retratos não foram procurados.

Enquanto me ocupava em retratar por esse meio os habitantes do outro mundo, pensei na imperfeição dos meus trabalhos e deliberei passar uma ou duas horas por dia a desenhar, a fim de fazer progredir o meu pequeno talento. Trabalhei nisso seriamente por muitos meses; mas, coisa estranha, à medida que eu aperfeiçoava o

meu trabalho, diminuía a minha faculdade de distinguir as formas luminosas. Finalmente, tornou-se para mim uma raridade a obtenção de qualquer retrato, e esse trabalho pareceu afetar os meus nervos, produzindo-me violenta dor de cabeça, que continuava ainda por um ou dois dias depois da sessão. Contrariada, fui, portanto, obrigada a abandonar os meus ensaios. Em algumas ocasiões esse dom foi passageiramente restituído, podendo eu durante semanas retratar os Espíritos; mas depois sentia-me exausta por dias inteiros. Por isso, ainda que estivesse sempre nas sessões munida do material necessário, não tinha a idéia de servir-me dele.

Nessa época o nosso círculo sofreu algumas modificações. Muitos dos seus membros deixaram a cidade, outros retiraram-se da Inglaterra e novos assistentes tinham vindo reunir-se ao redor da mesa. Restava apenas pequeno número dos antigos assistentes que, desde o começo das nossas experiências, nunca abandonaram os seus lugares.

Nossos estudos entraram em nova fase com a chegada de um novo visitante, impelido pelo desejo de obter um retrato ou, pelo menos, de estar presente à execução de um dos meus desenhos. Era o Sr. Barkas, um homem conhecido, uma verdadeira celebridade. Ele possuía conhecimentos variados, era amigo das artes, observador inteligente e consciencioso, tendo grande e filantrópico interesse no progresso da classe operária. Havia fundado em Newcastle uma galeria artística, um salão de conferências e uma biblioteca, e não se cansava de tentar tudo quanto fosse possível para atrair-lhes concorrência e animar a instrução. Além disso, fazia freqüentes dissertações públicas sobre assuntos da atualidade. Essas dissertações, por árido que fosse o assunto, interessavam sempre, devido ao modo pelo qual eram feitas. Logo que ele ocupava a tribuna, o grande salão de conferências enchia-se de um público atencioso e inteligente.

O Sr. Barkas, membro da Sociedade Geológica, era espírita. A ninguém buscava impor sua fé na existência de um mundo espiritual; mas, apesar da sua reserva, suas crenças eram muito conhecidas por todos e, à vista da sua qualidade de homem considerado, muitas vezes o ridicularizavam de um modo pouco agradável, o que ele recebia com inalterável bom humor.

Passou a fazer parte do nosso pequeno grupo, na esperança de ver alguma coisa de novo; mas, durante muitas sessões, nada veio satisfazer-lhe. Afinal, de improviso, pude ver e fazer o retrato de uma dama idosa que se dizia sua parenta. Ele, entretanto, não a reconheceu senão por seu modo de trajar, dizendo que podia ser o de sua avó, de quem conservava mui fraca lembrança.

Numa dessas sessões, atento ao que pudesse vir, o Senhor Barkas disse que pretendia fazer doze conferências em um grande salão da vizinhança. Pela conversação que se seguiu, compreendi que essas conferências eram destinadas a vulgarizar conhecimentos científicos no seio do povo. Na primeira, ia tratar da eletricidade, seus usos e aplicações, ou coisa semelhante. O Sr. Barkas expôs os pontos que tentaria demonstrar aos seus ouvintes por meio de experiências práticas. Falou das diferentes teorias que têm sido emitidas para explicar esses diversos fenômenos.

Durante essa conversação, que segui atenta, mas silenciosamente, conservando na mão um lápis, por cima de uma folha de papel de desenho, eu estava pronta para retratar o Espírito que se apresentasse. Senti minha mão tornar-se fria e entorpecida; depois o lápis escreveu, e lemos estas palavras: “Poderei saber quais as teorias particulares que pretendeis sustentar e popularizar?”

– Essa pergunta é dirigida a mim, segundo suponho – disse o Sr. Barkas, olhando-me risonho –. Interessai-vos pelo assunto?

– Não... sim... não sei – respondi –. Não sou eu quem vos interroga, é Stafford.

– Bem – disse o Sr. Barkas –, se isso tem interesse para o Sr. Stafford, conversarei com ele de boa-vontade.

Seguiu-se uma longa explicação das diferentes teorias, seus méritos e defeitos, terminada por uma exposição do Sr. Barkas acerca das suas opiniões pessoais e dos motivos que o induziam a adotá-las. Eu havia tentado seguir esses desenvolvimentos com atenção, porque o expositor parecia dirigir-se a mim, mas não tardei a perder-lhes o fio, completamente atrapalhada pela repetição de termos técnicos cuja significação eu compreendia tanto como o hebraico.

Logo que ele terminou, a minha mão escreveu com clareza e resolução o seguinte: “Estais iludido; enquanto não avançardes mais em vossas experiências, elas parecerão sustentar a vossa teoria; mas, adiantai-vos, fazei as experiências que, se assim permitdes, desejo propor-vos, e reconheceréis que as vossas teorias nem mesmo merecem discussão.”

– Pareceis estar muito forte nesta matéria – disse o Sr. Barkas –; talvez pudésseis instruir-me em vez de dar-me simples indicações.

– Pouco sei – retorquiu Stafford –, mas tenho lido muito e experimentado bastante; por isso o assunto interessa-me sempre. É possível que eu tenha notado certas coisas que escaparam à vossa atenção e vice-versa, e julgar-me-ei muito feliz se puder auxiliá-los de qualquer modo.

Com certeza essa inversão de papéis era uma coisa inesperada para o nosso amigo. Suponho que todos nos sentimos um tanto escandalizados diante dessa fria superioridade de Stafford, porque nenhum de nós teve o pensamento de duvidar dos conhecimentos científicos do Sr. Barbas ou da exatidão das teorias por ele sustentadas. Ao mesmo tempo sentia-me, ainda que sem manifestá-lo,

fortemente arrastada em favor de Stafford e desejava saber como ele se sairia com honra dessa situação.

Imagino que o mesmo sentimento preocupava os outros membros do nosso grupo, porque quando, depois de três horas de discussão, o Sr. Barkas disse a Stafford: “Pois bem, meu amigo, vou seguir o vosso conselho, escolherei outro assunto para a minha conferência, farei as experiências que me sugerirdes e verei o que daí resultará”.

Uma grande satisfação patenteou-se nos semblantes e nas palavras dos assistentes.

As nossas sessões tomaram um caráter totalmente diverso depois de ficar assim reconhecida a competência de Stafford em matéria científica. O Sr. Barkas, surpreso por ver a sua ciência em falta, falou do assunto aos seus amigos que, embora não fossem levados por esse fato a se interessarem pelas manifestações espíritas, não estavam menos curiosos de ver uma “jovem, de educação vulgar”, discorrer com competência sobre as ciências naturais e assinalar os sofismas contidos nas proposições apresentadas por sábios. Esses senhores pediram permissão para assistir às nossas sessões semanais e, geralmente, apresentavam-se munidos de uma longa lista sobre assuntos científicos, evidentemente arrolados para embaraçarem-me. Stafford manifestou-se tranqüilo e escreveu:

– Sentirei satisfação se puder prestar-vos algum serviço; mas, estabeleçamos ordem em nosso trabalho e estudemos cada assunto por sua vez.

– Podereis dizer-nos quais os que vos são mais familiares?

– Não sou especialista em matéria alguma, mas, como vós, li um pouco a respeito de tudo. Se indicardes os assuntos que desejais aprofundar, eu vos direi se estou ou não no caso de discuti-los.

– Pois bem! propomos que disserteis sobre a luz.

– Muito bem, e depois?

- O som, a acústica, a música, a harmonia.
- E depois?
- Se discutirmos tudo isso receamos abusar da vossa paciência; se, porém, assim não for, escolheremos em seguida outros assuntos.

Começou então um debate que se prolongou por muitos meses. Como Stafford havia sugerido, as questões só eram aceitas quando se referiam ao assunto da presente sessão; acontecendo, porém, que a discussão de uma mesma matéria se prolongasse às vezes por muitas noites, o questionador, no intervalo das sessões, correspondia-se com os outros sábios do país, no intuito de verificar as explicações de Stafford e de colher, ao mesmo tempo, materiais para apresentar novas objeções.

Quanto a mim, não tomara grande interesse nessas discussões, a não ser pelo ardente desejo que tinha de ver Stafford mostrar-se capaz de lutar com tantos homens ilustrados e sequiosos, como me parecia, de provar a sua própria superioridade intelectual. Eu não compreendia os termos técnicos ali constantemente empregados e às vezes perguntava a mim mesma se eles eram mais bem compreendidos pelos interpelantes.

Geralmente, durante essas sessões prolongadas, divertia-me em estudar o jogo da fisionomia das diversas pessoas sentadas ao redor da mesa e em meditar sobre o número considerável de conhecimentos que elas aí adquiriam.

Um desses senhores tinha o hábito de cerrar os olhos, como se estivesse totalmente absorto em algum importante problema científico. Uma noite, quando minha mão escrevia certa resposta assaz longa, ouvimos do lado desse profundo pensador um roncar característico que me fez dar uma risada, e foi grande a dificuldade que tive para conter-me e continuar a escrever.

Muitas vezes Stafford assim respondia: “Não sei, mas vou receber informações e já vos trago a resposta.” Havia então suspensão da escrita durante alguns minutos; depois, o lápis começava a mover-se e respondia à questão.

Às vezes Walter ou Nínia enchiam esses intervalos com as suas observações pilhéricas ou com reflexões sobre a aridez da matéria em discussão, admirando-se de acharmos gosto nisso. Às vezes também me era possível esboçar o retrato de alguns dos nossos visitantes espirituais, mas isso era raro. Em geral, eu saía das sessões excessivamente enfasiada e totalmente exausta. Minha saúde não era boa, cuidados e desgostos domésticos feriam-me duramente e, se não fosse o interesse imenso que tomei por essas sessões, eu teria cedido à tentação de abandoná-las por algum tempo. Não tive, porém, a coragem de fazer baquear as numerosas esperanças dos meus amigos, e resisti tanto quanto minhas forças permitiram.

Os quatro assuntos precedentemente indicados foram por muito tempo o objeto de discussões. A propósito do som, Stafford descreveu em seus menores detalhes um aparelho capaz de transmitir as ondas sonoras a distâncias ilimitadas; esse aparelho, dizia ele, bem depressa será conhecido no mundo inteiro. Tal declaração foi cortesmente acolhida, como era de nosso costume, e um dos assistentes, falando depois do aparelho, disse: “Quem mais viver mais coisas verá.” Não tivemos necessidade de viver muitos anos para vermos espalhado pelo mundo inteiro o telefone descrito por Stafford.

Outra invenção, cujo aparecimento nos anunciou, foi a de um aparelho ao qual denominou: “Designograph”, e cuja utilidade consistia em reproduzir numa parte do Globo, por meio de combinações elétricas, os caracteres de escrita que uma pessoa fizesse num papel colocado na outra parte. Por esse meio, desenhos e planos poderiam ser fielmente transmitidos de um a outro extremo do mundo. Decorreram vinte e cinco anos depois dessa predição,

mas o aparelho anunciado só apareceu nestes dez últimos anos, e ainda não é conhecido e aplicado de um modo geral.⁴

– Meu caro Stafford – disse uma noite o Sr. Barkas –, já esgotamos todo o nosso cabedal de conhecimentos, questionando-vos. Não poderíeis indicar-nos algum outro assunto interessante para objeto da discussão?

– É a vós que isso compete – respondeu Stafford.

– Não conheço nenhum assunto que possa ser de interesse geral – disse o Sr. Barkas, com um sorriso que me fez pensar no meu vizinho dorminhoco –, mas, conto entre os meus amigos um doutor em Medicina, que sempre me está pedindo para travar relações convosco. Talvez ele tenha alguma questão de interesse a propor-vos.

– Serei feliz estando na companhia de qualquer dos vossos amigos.

Por esse modo, o médico veio e escolheu a Anatomia para objeto da conversação. A discussão prolongou-se por uma ou duas noites e pareceu despertar grande interesse, rivalizando o médico e Stafford no emprego de expressões e termos latinos. Depois dos ossos foram discutidos os nervos, e aí Stafford pareceu levar vantagem. Uma vez ele deteve-se bruscamente no meio de uma frase, dizendo:

– Esperai um instante; vou consultar um dos meus amigos sobre esse ponto; ele conhece isso melhor do que eu.

Durante meia hora, Walter entreteve-nos imitando de um modo chistoso o “Governador” e fazendo uma dissertação científica acerca das propriedades do ar, a que ele dava o nome de “oxi-

⁴ Trata-se, sem dúvida, da telefotografia, que principiou a desenvolver-se em 1902, mas que somente depois de 1925 ganhou importância prática. (N. E.)

hidro-nitro-amoníaco”. Questionado sobre a significação dessa palavra, disse-nos:

– Quando trato de assuntos científicos, prefiro servir-me de nomes científicos – querendo, evidentemente, meter à bulha o médico cuja conversação era quase ininteligível para o comum dos espíritos, tal o uso excessivo que ele fazia dos termos técnicos.

Depois de uma ausência de meia hora, Stafford voltou cheio de informações e recomeçou a discussão sobre as funções de certos nervos.

– Willis disse-me... – começava ele, quando o médico, que ia lendo as palavras à medida que eram formadas no papel, interrompeu-o bruscamente:

– Willis? Que Willis? Falais do grande Dr. Willis, autoridade reconhecida em tudo o que se refere ao sistema nervoso e ao seu funcionamento?

– Sim; creio que é considerado como uma autoridade, e foi por isso que o consultei; ele disse-me que certos nervos do cérebro receberam denominações tiradas do seu nome.

– Admirável! – bradou o médico; e pareceu-me que, a partir desse momento, seu respeito para com Stafford cresceu extraordinariamente.

Quanto às questões musicais, momentaneamente abandonadas por não conhecermos alguém suficientemente habilitado para sustentar uma discussão, julgamo-nos felizes quando excitamos o interesse do Sr. William Rae, organista distinto e muito apreciado. Eu havia feito parte de seus coros como discípula e tinha por ele muito respeito e afeição. Como já o disse, nunca estudei música, votando-lhe um interesse muito superficial, e por isso tal discussão não me prometia grande gozo.

Stafford declarou que não era um músico de execução, porém que tinha lido alguns livros sobre a teoria da música. Que fosse ou

não músico executante, mostrou logo um conhecimento da matéria mais profundo que o do Sr. Rae, o qual declarou que escreveria a alguns dos seus amigos para ter as suas opiniões e conselhos antes de voltar à discussão. Stafford concordou, e na semana seguinte o Sr. Rae trouxe-nos uma longa carta de Sir Jules Benedict, com explicações todas favoráveis a Stafford, em relação às questões discutidas.

Os assuntos de música, de harmonia, dos diferentes modos de construção de órgãos e outros instrumentos de música pareciam intermináveis.

Apesar do meu desejo muito natural de conservar-me cortês e condescendente com os bons amigos que seguiam essa discussão com tão grande interesse, começava a sentir-me terrivelmente fatigada e minha saúde, que nunca fora boa, ia arruinar-se de todo sob a ação dos cuidados diversos que pesavam sobre os meus ombros.

Segundo toda a probabilidade, Stafford viu que eu tinha necessidade de repouso e, no fim do ano consagrado aos problemas científicos, declarou que era preciso interrompê-los por algum tempo, podendo nós recomeçá-los mais tarde. Um dos assuntos de estudo propostos – a Química – não tinha ainda sido discutido por falta de interlocutor assaz preparado na matéria.

O Sr. Barkas fez notar que, aprovando a idéia de Stafford para dar-me algum repouso, lamentava muito não se haver tratado anteriormente desse assunto, tanto mais que um químico então muito conhecido, o Sr. T. Bell, acabava de pedir seriamente uma conferência com Stafford. Este, porém, foi inexorável; o Sr. Bell teve de esperar, visto que a saúde da médium era coisa mais importante que a discussão de qualquer questão. Por isso nada mais se tinha a dizer.

O Sr. Barkas terminou a série de suas conferências tratando das recentes experiências psicológicas. Nessa última conferência, sem declinar o nome dos assistentes de nossas sessões, ele tornou público ao que ele chamava: “Respostas extraordinárias dadas a questões científicas por uma jovem de educação vulgar.”

Não fiquei lisonjeada com essa apreciação da minha educação, mas, vencendo o sentimento de despeito que me feria, não pude deixar de confessar que, no domínio dos assuntos que tinham sido tratados, a minha educação era realmente muito limitada. Não tinha, pois, o direito de ofender-me com a observação.

Todos os manuscritos dessas sessões, se bem que me pertencessem, estiveram em poder do Sr. Barkas para publicá-los resumidamente.

Depois da sua morte esses manuscritos foram-me restituídos, mas, ao mesmo tempo, pediram-me para não os publicar e não fazer aparecer o nome dele nessas questões. Por isso, não fiz alusão senão ao que ele mesmo publicou das nossas sessões ou, pelo menos, àquilo que já se achava no domínio público.

XIII

Um lampejo da verdade

*O conflito do passado com o presente,
Do ideal com a matéria em nossa vida,
A imagem de um combate trazem-me à mente,
Deste com o outro mundo uma séria lida.*

Longfellow

Essas experiências, que tinham durado quatro anos com pequenas interrupções, tocavam ao seu termo. A morte havia desfechado grandes e terríveis golpes, e os seres que me eram mais próximos e mais caros tinham partido. O país das sombras os havia acolhido sucessivamente e eu ficara sozinha. Sentia-me angustiada e abatida; cuidados e inquietações de toda espécie pesavam sobre os meus ombros, de modo a não poder mais suportá-los. Finalmente, um forte resfriado que apanhei no fim do outono pareceu abalar a minha saúde, afetando-me os pulmões. Meu médico, receoso também da presença de um cancro interno, aconselhou insistentemente que eu buscasse um clima mais brando, se quisesse conservar a vida.

Foi assim que, apática, indiferente e desesperada, viajei pelas praias do Mediterrâneo, sem tomar interesse por coisa alguma. Enfraquecida, exausta por meus cuidados e dissabores, a vida parecia-me muito pouca coisa e eu nada mais esperava. O médico havia dito que, salvo o fato de dar-se uma mudança radical, eu teria de viver pouco, talvez três ou, no máximo, seis meses, e foi assim que me fizeram partir para o sul, a fim de lá morrer. Eu desejava morrer, minha vida ia terminar; havia perdido tudo que a tornasse

preciosa; era melhor partir sem demora. Eu não mais tinha afeições sinceras, possuía poucos amigos e o meu interesse pelo Espiritismo afastara o afeto da minha família. Portanto, parecia-me que, realmente, desta vez a morte não podia fazer melhor escolha do que ferindo um ente inútil e que não tinha interesse na vida. A mocidade, porém, fornece maravilhosos recursos, e a saúde reanima depressa o amor à existência, fazendo ver o futuro adornado de brilhantes cores.

Quase contra a minha vontade, gozava ao sentir minha força renovada fazer o sangue correr mais rapidamente em minhas veias, ao ver meus nervos vibrarem uníssonos com o despertar da Natureza, sob esse brilhante céu meridional. De meu leito de enferma, contemplava de longe a transformação do inverno em bela primavera e parecia-me que, pela primeira vez na minha vida, concebia a beleza do Universo. O encanto dos céus, do ar, da verdura e dos raios do Sol penetrava-me, com uma nova significação. Estendia os braços a tudo com o desejo de compreender tudo e unificar-me com a Natureza. Sentia-me que em minha alma entrava uma vida nova, que do túmulo surgia a esperança que eu supunha enterrada para sempre, e com uma alegria exaltada dizia a mim mesma: “É bom viver!” E a Deus agradecia esse dom abençoado. No entanto, nada se havia mudado no meio em que eu vivia; apenas um raio de Sol atravessara as nuvens amontoadas ao redor de mim e, na pequena abertura que ele fizera, lia que a vida não era uma coisa sem valor pelo fato de haver nela cuidados e dissabores.

A partir desse momento, fiz rápidos progressos no restabelecimento da minha saúde. Com a minha força física aumentada pouco a pouco, pude encarar seriamente a vida e, ao mesmo tempo, lançar os olhos ao passado, sem descreer do futuro. Foi então que compreendi o verdadeiro fim do Espiritismo. Por estranho que isso pareça, apesar de todas as minhas experiências, nunca tinha aceitado a teoria espírita como uma explicação e conclusão indiscutíveis.

Nem um só membro do nosso pequeno grupo deixava de considerar-se espírita, só eu não me julgava tal. Talvez o fosse no íntimo, mas a diferença entre os ensinamentos que recebera na minha juventude e os da nova doutrina era muito grande para poderem conciliar-se.

As opiniões de alguns espíritas confessos intimidavam-me. Um dia, conversando com um mui conhecido adepto da causa, falamos da vida e da obra do Cristo. Com infundo desgosto para mim, ele duvidou mesmo da existência do “Filho do homem”. Era um mito, uma idéia e não uma individualidade. A existência de uma Divindade também era impugnável, Deus era um espantinho para se impor aos fracos ou um engodo dos egoístas que se empenhavam em servi-lo com receio das conseqüências ou com vistas na conquista da salvação. Tudo isso me parecia terrível.⁵ A minha consciência protestava revoltada e não podia aceitar tais idéias. Eu lia a minha Bíblia com mais atenção que nunca, tentando conciliar seus ensinamentos com os dos Espíritos. Muitas vezes aí se me deparavam palavras de consolo e luz, e a elas apegava-me apaixonadamente, como a uma chave desses mistérios. Depois, recaía no meu abismo de desespero, sem ver um meio de daí sair. Parecia que eu me havia tornado ser duplo, um agarrado às velhas doutrinas e defendendo-as em cada um de seus pontos; o outro assaltando, sitiando e destruindo todas as resistências, para depois deixar-me fraca e desanimada sob o golpe dessas lutas intestinas.

Ninguém se apresentava para me ajudar ou aconselhar. Aqueles a quem eu me dirigia nem mesmo queriam discutir a questão e declaravam que o Espiritismo era uma obra diabólica. Outros, os agnósticos, como eles se chamavam, se bem que eu não compreendesse claramente a significação dessa palavra, tratavam dessas questões com calma filosófica e aconselhavam a não me atormen-

⁵ E o era realmente, pois que isto não é o que ensina o Espiritismo. (N. E.)

tar com esses estudos, ou buscar só o que me podia tornar feliz, sem me importar com o resto. “O que existe, é”, diziam eles; nem as minhas crenças nem as minhas dúvidas podiam fazer mudança alguma na face do mundo. Voltava, pois, às minhas lutas interiores, mas não podia aderir à idéia de que as manifestações proviessem do diabo. O caráter das comunicações de John Harrison ou da terna Felícia Owen eram a prova absoluta do contrário. Os escritos sentenciosamente religiosos de John Harrison comoviam-me tanto quanto os sermões do nosso velho pastor, e suas palavras finais eram sempre acolhidas com um suspiro de alívio. Certamente, John Harrison não era mais Satanás que o nosso velho pastor protestante.

Foi durante essas semanas de convalescença, quando o amor à vida lançava em mim novas raízes, que comecei a compreender e a aceitar os ensinamentos de meus amigos espirituais. Não sei bem como isso se deu. Os dias de paz que passei à sombra das árvores verdes e sob o imenso céu azul, e os raios do Sol coados por entre as folhas, tudo concorria para clarear-me o entendimento. Não mais me via assaltada por todos os lados por opiniões contrárias ou por controvérsias. Achava-me só com a Natureza e, unidas, combatíamos e avançávamos *pari passu* no velho terreno. Parecia-me então que essas coisas, irreconciliáveis quando vistas através das lentes coloridas das velhas doutrinas, tornavam-se puras e harmoniosas sob a clara luz do céu.

Estudados somente em parte, esses ensinamentos não parecem ter algum parentesco entre si; mas, vistos como *um todo*, mostram-se estreitamente ligados e constituem uma perfeita e gloriosa verdade. Dá-se o mesmo com o colorido brilhante de uma folhagem de outono. Embora o tom verde aí contraste fortemente com o carmesim, essas duas cores prendem-se por inumeráveis matizes delicados, como sombras de cor, e a folhagem acha-se assim perfeitamente harmônica.

Do mesmo modo, quando considerava separadamente os ensinamentos da Igreja e os dos Espíritos, não via senão contrastes; e só pude julgar da beleza e harmonia que os ligavam, formando um todo perfeito e magnífico, quando me foi dado, graças a uma misteriosa intuição, contemplá-los através de um meio mais transparente que os dogmas das igrejas e as opiniões individuais dos professores dessas tantas teorias de nomes terminados em “ismos”. Realmente, muitas coisas ainda eram e continuam a ser inexplicáveis; mas compreendi que tinha encontrado a chave de um mundo novo, tão maravilhoso, banhado por uma luz tão pura e brilhante que bastava expor as minhas dificuldades aos seus raios penetrantes para serem imediatamente explicadas.

XIV

Os sábios tornam-se espíritas

“Realmente, não há melhor conhecimento do que o adquirido pelo trabalho; tudo mais não é senão um conhecimento hipotético, um assunto para ser discutido nas escolas, uma coisa flutuante nas nuvens, em um turbilhão infundável, para que busquemos fixá-la.”

Carlyle

Quando se fez ou se imagina ter feito uma grande descoberta, creio que o nosso primeiro impulso é espalhar a notícia ao redor de nós, não duvidando que ela seja apaixonadamente acolhida e tão altamente apreciada pelo resto do mundo, como o foi por nós.

Como já vimos, havia três ou mais anos que muitos dos fenômenos espíritas eram-me familiares; mesmo desde a minha infância eu me tinha habituado a alguns. Mas a fé nessas manifestações não faz necessariamente “um espírita”, ainda que dêem tal designação aos crentes nos seus fenômenos. Até então, não gostava de ser chamada “espírita”, termo que me parecia impróprio e sem significação apropriada. Crer em certos fatos que se mostram claros à inteligência mais comum não constitui motivo para merecer-se essa classificação, assim como crer-se na existência das estrelas e dos planetas não dá o direito de se ter o título de astrônomo. De outra sorte, os melhores e mais sinceros espíritas que eu tenho conhecido não precisavam, para firmarem sua fé, dessas manifestações que são para outros tão necessárias, facilitando-lhes as primeiras tentativas no descobrimento das leis que prendem o mundo espiritual ao material.

Conheci pessoas muito experimentadas em relação aos fenômenos espíritas, pessoas que possuíam uma fé inabalável na sua origem espiritual e que, entretanto, eram, se ousar dizê-lo, crentes materialistas nos fenômenos espíritas e não no próprio Espiritismo, do qual nada conheciam. A respeito dessas pessoas, recordo-me de uma entrevista que tive com duas damas que desejavam conhecer-me. Elas estavam ambas em país estranho e, ouvindo dizer que eu era inglesa e espírita, visitaram-me. Depois do jantar, caiu a conversa para o Espiritismo. Aos meus outros hóspedes explicaram que pouco ou quase nada sabiam dessa doutrina, que haviam sido espíritas durante três ou quatro anos, que tinham tido sessões com os melhores médiuns, sem atenderem a despesas e sem desprezarem a menor condição para uma investigação minuciosa. Diziam-se verdadeiras adivinhas na arte de descobrir médiuns e acrescentaram nunca terem deixado de conferenciar com aqueles que haviam encontrado.

Nesse ponto de vista, senti-me infinitamente reconhecida por elas ignorarem que eu era um médium.

– Mas – disse um dos meus hóspedes – embora seja muito interessante e estranho, não posso descobrir a necessidade desse estudo. Como pode tornar alguém feliz o conhecimento de que seus caros amigos não têm no outro mundo melhor ocupação que a de fazer dançar as mesas, falar pela boca do médium, um mau inglês, ou aparecer como caricaturas nas sessões de materialização? O espiritualismo do Cristo parece-me muito mais belo, e satisfaz a todas as necessidades dos que nele crêm.

– Oh! sim – respondeu a outra –, mas rejeitamos tudo isso; não acreditamos na existência do Cristo; desejamos alguma coisa mais real e tangível do que essas velhas lendas. Certamente o Cristo era muito bom e, para os tempos antigos, seus ensinamentos foram suficientes; mas a nossa época precisa de coisa melhor.

O materialismo dessas senhoras espíritas parecia-me extremamente desanimador. Para elas, “Espiritismo” queria dizer “fenômeno”, e mais nada. Sua profissão de fé era uma escusa muito cômoda para dispensá-las dos deveres religiosos, que sentiam pesados, e dava-lhes a faculdade de freqüentarem as sessões para as quais somente os espíritas eram convocados. Mas, fora disso, esse termo não tinha para elas significação alguma. Entre essas “esclarecidas adeptas” do Espiritismo e eu só havia pouca ou nenhuma simpatia. Seguimos caminhos diferentes, e só raramente poderemos encontrar-nos. Elas talvez ainda estejam à procura de bons médiuns, coisa que não é muito fácil de encontrar no país em que habitam.

Eu não tinha idéia alguma de poderem existir essas diferenças de opiniões entre os adeptos de uma mesma causa, e essa descoberta tornou-me perplexa. Desejava proclamar ao mundo inteiro a verdade dos fatos. Nunca me tinha vindo o pensamento de que o mundo a recebesse com menor contentamento do que eu. Julgava que me bastaria falar dessa descoberta para comunicar aos ouvintes a minha satisfação. No entanto, as minhas declarações foram geralmente recebidas com incredulidade. Escutavam-me cortesmente, nas recusavam-se a crer-me, na falta de uma demonstração evidente. Tentei dá-la e fiz uma nova descoberta que pareceu vir destruir os meus belos planos de regeneração do mundo. As manifestações que se tinham sucedido durante os meus anos de experiências, numerosas e mais maravilhosas umas que as outras, e isso sem esforço algum de minha parte, pareceram-me quase impossíveis de ser obtidas espontaneamente, como eu as vira até então. O poder de escrever sobre assuntos científicos, que por tantos meses nos tinha ocupado o tempo e a atenção, pareceu-me completamente aniquilado. Às perguntas que me faziam vinham respostas tão disparatadas, que eu por momentos sentia-me realmente irritada. A faculdade da clarividência, que raras vezes me faltara em nosso pequeno círculo,

acabou por tornar-se fraca e incerta, e os movimentos da mesa não tinham mais significação alguma, tão incoerentes eles eram.

Eu estava muito mal preparada, devido à facilidade com que havia obtido precedentemente essas manifestações, para suportar com paciência todos esses insucessos. Não foi, pois, sem certo despeito que contemplei o fraco resultado da minha missão, e comecei a compreender a minha ignorância das leis que regem os fenômenos. As pessoas com as quais tinha antes feito experiências, seja por acaso, seja por uma boa sorte, eram particularmente aptas para esse gênero de trabalho. Agora, que me achava privada do apoio e da cooperação dos meus amigos, o resultado das manifestações dependia de mim somente ou do auxílio incerto de experimentadores com opiniões diversas e possuindo sobre a matéria menos conhecimentos do que eu.

Reconheci que tínhamos então sido bem sucedidos e que conseguiria idêntico resultado se se dessem as condições de outrora. Por isso, o meu trabalho era penoso e muito comentado. Eu desejava converter o mundo, e o mundo não queria ser convertido; ia seguindo o seu caminho, sem que se pudesse impor-lhe uma convicção que ele não pedia.

Ao mesmo tempo, um ardor missionário apossava-se de mim, sem me deixar repouso. Imaginava, combinava planos para fazer conhecer e propagar a realidade do mundo espiritual e os meios de nos comunicarmos com os seus habitantes; tudo, porém, foi inútil, seja porque o mundo nada desejava saber, seja porque eu não tinha o poder de produzir fenômenos que o satisfizessem. Nunca me veio a idéia de que alguém pudesse duvidar do que eu contava acerca desses variados fenômenos; por isso, desagradava-me muito que essa dúvida se traísse em significativo franzir de sobrancelhas ou num movimento de ombros, quando a delicadeza dos ouvintes poupava-me os seus comentários.

Expus as dificuldades aos meus amigos espirituais, pedindo-lhes conselhos, e eles disseram que eu tivesse paciência, não buscase instruir os outros antes de eu própria o ser, nem tentasse reformar o mundo ou reerguer a Igreja, mas, simplesmente, que executasse do melhor modo o trabalho que estivesse ao meu alcance.

Buscando seguir esses conselhos, tornava-se-me, muitas vezes, difícil saber como devia proceder quando me encontrava entre pessoas que tinham o maior interesse pela causa espírita. Parecia que não devia recusar-lhes auxílio, mesmo no caso de duvidar da sua profissão de fé. Era realmente desanimadora a situação, e, se eu não houvesse encontrado uma ou duas brilhantes exceções, é possível que a minha coragem sucumbisse.

Quando a minha saúde ficou em grande parte restabelecida, graças à minha estada no sul da França, fui passar alguns meses em companhia do Sr. e da Sra. F..., então residentes na Suécia, e acompanhei diversos amigos a Leipzig, onde, com o amável concurso do Sr. James Burns, de Londres, entrei em relação com o célebre Professor Zöllner. Graças ao interesse deste e de sua mãe, a minha estada na Alemanha foi uma das exceções animadoras de que acima falei.

Na véspera do meu regresso à Inglaterra, um acontecimento accidental obrigou-me a ir com os meus companheiros de viagem a Breslau, em vez de seguir o meu destino via Hamburgo. Essa mudança em meus projetos não me era agradável, pois vinha anular muitos deles; mas, por dever de humanidade, não os podia abandonar nas circunstâncias que se tinham dado.

Quando chegou ao conhecimento do Professor Zöllner essa mudança de itinerário, ele fez a seguinte observação:

– Tenho em Breslau um amigo, o meu melhor amigo de infância, e até hoje as nossas opiniões não variaram sobre qualquer

outro assunto. Infelizmente, ele nunca pôde tolerar as minhas idéias sobre o Espiritismo, e essa nuvem, levantada entre nós, destruiu em grande parte a nossa longa amizade. Sofro muito com isso, mas não posso renunciar à minha fé espírita para satisfazer mesmo ao meu melhor amigo. O que espero é que um dia ele seja mais indulgente com as minhas idéias. Se pudésseis fazer dele um espírita, prestar-me-íeis o maior dos serviços; nada há no mundo que eu deseje tanto.

– Bem – respondi em tom de gracejo –, por dedicação a vós, farei dele um espírita. Como se chama esse amigo?

– Dr. Friese – respondeu Zöllner, quando o trem começava a mover-se.

A viagem era longa e a noite estava fria. Em conseqüência da repentina mudança de plano, a minha bagagem tinha tomado outra direção, e não levei comigo senão uma parte insignificante das minhas roupas; assim, cheguei a Breslau adoentada e fui forçada a guardar o leito por alguns dias. Uma manhã, sem ser anunciado, um cavalheiro entrou em meus aposentos. Somente pude ouvir a palavra “doutor”, pronunciada pela criada que lhe abriu a porta; portanto, concluí naturalmente que ele era algum médico prevenido pelos meus companheiros de viagem, e passei a descrever-lhe todos os meus sofrimentos.

– Mas, cara senhora, estais enganada; chamo-me Friese.

– Não sois médico?

– Uso do título de doutor, mas não sou médico. Vinha visitar-vos em atenção à recomendação do meu velho amigo, o Professor Zöllner, de Leipzig, de quem acabo de receber uma carta.

Realmente, isso foi para mim uma surpresa desagradável. Eu não sabia o que havia de fazer ou dizer; minha face estava ardente e só desejava ocultar-me sob os lençóis para chorar. Ele viu o meu embaraço, porque começou a censurar o serviço do hotel, que

julgava mal feito e muito incompleto. Eu disse-lhe que pouco sabia a tal respeito, porém que, realmente, ninguém se havia importado comigo desde a minha chegada. Meus amigos diariamente perguntavam-me como eu me achava, se necessitava de alguma coisa, e mais nada. Como não parecia desejar mais que ficar tranqüila, submetiam-se perfeitamente a esse desejo.

Imagino que a linguagem do Dr. Friese foi muito enérgica, não podendo eu repetir os termos que empregou, porque não conheço o alemão; o efeito, porém, foi maravilhoso.

Nas horas que se seguiram, não mais houve para comigo a menor falta de atenção. Depois, o doutor voltou ao meu quarto em companhia de um médico e da dona do hotel. Discutiram a possibilidade do meu transporte para a residência do Dr. Friese; mas, a dona do hotel protestou, declarando que daí em diante não mais haveria falta de cuidado para comigo, da parte do pessoal do hotel. Supusera que a outra dama, que chegara comigo, tinha feito tudo o que era necessário; de outro modo, eu não teria ficado esquecida.

Na minha opinião faziam bastante ruído por muito pouca coisa, e pedi-lhes que se não amofinassem tanto por minha causa. Enfim, terminou a questão. Decidi-me a permanecer em Breslau, até que estivesse nas condições de regressar à Inglaterra. Meus companheiros estavam desejosos de prosseguir em sua viagem e partiram na manhã seguinte.

Tendo o Dr. Friese e a sua irmã insistido para que eu fosse habitar na casa deles até o meu completo restabelecimento, deliberei atendê-los. O inverno foi longo e chuvoso, e não pude facilmente libertar-me do resfriado que contraíra, pelo que a minha estada em Breslau prolongou-se muito.

O Dr. Friese era um dos homens mais metódicos que eu havia conhecido até então; por isso, desde que decidi voltar à Inglaterra somente depois do inverno, ele organizou um plano para as minhas

ocupações e estudos diários. Devo dizer também que o Dr. Friese era pintor consumado e músico entusiasta, mas acima de tudo era um professor. Não creio que, em circunstância alguma, ele pudesse reprimir a sua inclinação para dar instrução aos jovens que lhe eram confiados. Declarou logo que era necessário corrigir os defeitos da minha educação, e ele próprio ocupou-se disso por meio de regulamentos severos, aos quais eu devia obedecer humildemente. E não só estabelecia as regras, mas também queria que elas fossem seguidas pontualmente; não havia meio de escapar, e ninguém pensava nisso. Sua vida era regulada como um relógio, assim como as de todas as pessoas de sua casa. Eis as regras que me impôs:

- Às 7:30 – levantar-me, tomar banho e fazer a minha *toilette*, ajudada por uma criada;
- Às 8:00 – almoçar;
- De 9:00 às 11:00 – desenhar ou pintar;
- De 11:00 às 12:30 – passear a pé ou em trenó; geralmente ele acompanhava-me neste último exercício e empurrava o meu trenó;
- De 12:30 às 13:00 – descanso;
- De 13:00 às 14:00 – jantar;
- De 14:00 às 16:00 – desenhar ou pintar;
- De 16:00 às 17:00 – passeio, se o tempo fosse bom; do contrário, fazer a minha correspondência;
- De 17:00 às 18:30 – tomar chá ou fazer curtas leituras em alemão;
- De 18:30 às 22:00 – ir ao concerto ou espetáculo, se houvesse, ou conversar acerca do Espiritismo;
- Às 22:30 – tomar leite com sanduíche;
- Às 23:00 – recolher-me ao leito, sem escusa alguma para continuar de pé.

Os dias passavam-se desse modo e, além de nada conseguir, revoltava-me contra essa monotonia. Enfim, uma semana de chuva e neve incessantes antepôs-se aos nossos passeios cotidianos, e um intervalo de tempo, em que não havia óperas nem concertos, libertou-me do que começava a ser um purgatório para mim. O doutor parecia decidido a cultivar o meu gosto musical, apesar de ter eu objetado que não se podia cultivar o que não existia. Nenhuma escusa foi aceita e tive de ir ao concerto ou à ópera. À ópera eu ia com satisfação, mas os concertos musicais só os acompanhava com disfarçada má-vontade.

Nas noites de abstinência musical, passávamos o tempo na discussão do Espiritismo e a tentar experiências, que eram admiravelmente felizes quando estávamos a sós ou em companhia de um ou dois amigos.

O Dr. Friese interessava-se muito pela escrita automática e, apesar da sua paixão pela música, acedeu enfim ao meu pedido de passar algumas noites a escrever, em vez de ir aos concertos musicais.

XV

Conversões e mais conversões

“A ignorância humana, porém, e os prejuízos terão de desaparecer, e então a ciência e a religião combinarão seus raios em magnífico arco-íris de luz, prendendo os céus à terra, e a terra aos céus.”

Prof. Hitchcock

Não há necessidade de contar aqui as longas discussões que tivemos acerca do Espiritismo, nem as numerosas questões apresentadas aos Espíritos, e que, na maioria dos casos, foram resolvidas por Stafford. Pouco importava que elas fossem enunciadas em alemão ou em inglês, as respostas escritas pela minha mão eram igualmente concisas, lógicas e exatas. Parecia estar ali empenhada uma luta intelectual entre o Dr. Friese e Stafford. Recordo-me de que uma noite, tendo a discussão durado já algumas horas, o toque do relógio indicando meia-noite, veio de súbito anunciar ao doutor que ele se havia esquecido da sua exatidão habitual e que nem mesmo se lembrara de comer o seu sanduíche e mandar-me para os meus aposentos.

Essa ocorrência extraordinária fez-lhe mal, e ele declarou:

– Isto nunca mais deve acontecer.

Nos dias seguintes achei-o pensativo, muito distraído, deixando passar um mau desenho que eu tinha feito, sem corrigi-lo nem criticá-lo com severidade, como era seu costume invariável.

Na noite imediata, percebendo eu que ele passeava ao longo do seu quarto, perguntei-lhe se estava enfermo, ao que respondeu:

– Sinto-me bem, mas estou muito preocupado.

Comecei também a sentir-me preocupada e perguntei a mim mesma como poderia ir em seu auxílio. Ele, porém, recusou-se a interrogar outra vez os Espíritos e mesmo a discutir o assunto comigo. Isso me fez recear que ele se tivesse desgostado desse estudo, e assustei-me pensando na promessa que, um tanto por brincadeira, eu havia feito ao Professor Zöllner. Não só não podia cumprir a minha promessa, mas também tinha, sem dúvida, aprofundado o abismo que separava os dois amigos, em vez de fazê-lo desaparecer.

Estávamos no terceiro dia desse estranho silêncio, que se me tornava quase intolerável, quando o doutor disse-me que fizesse sozinha os meus estudos, pois que ele era forçado a demorar-se por muitas horas na Universidade, aonde ia fazer uma conferência.

Eram dez horas quando voltou e convidou-me a ficar por alguns minutos no salão. Fui logo aí surpreendida por esse convite:

– Sabeis o que acabo de fazer? – perguntou-me ele, logo que entrei no salão.

– Não.

– Nem podeis adivinhá-lo?

– Não.

E comecei a assustar-me com o que podia ter acontecido.

– Vou dizê-lo. Declarei publicamente esta noite que sou espírita, e apresentei a minha demissão de professor da Universidade.

O meu assombro era grande para que me fosse permitido fazer observações a respeito, e senti-me penalizada por sua causa. É certo que havia feito o possível para convencê-lo da verdade dos ensinamentos espíritas, mas nunca me viera a idéia de poder esse fato ter semelhante consequência; por isso, apesar da minha satisfação, experimentei algum pesar pelo sacrifício consumado.

– Mas tínheis necessidade de dar a vossa demissão? – perguntei-lhe.

– Sim. No exercício do meu cargo, eu era obrigado a sustentar os ensinamentos da Igreja e a punir as heresias e os erros que aí se apresentassem. Como espírita não poderia assim proceder; era portanto um dever de honestidade apresentar a minha renúncia.

– Que necessidade, porém, havia de vos declarardes publicamente espírita?

Senti-me envergonhada da minha pergunta, e fiquei ainda mais quando ele replicou com severidade:

– Podeis ainda perguntar-me se isso era necessário: Que faríeis no meu caso?

Eu sabia que procederia do mesmo modo, ou, se fosse preciso, teria feito ainda mais. Não havia sacrifício que não aceitasse por amor da causa espírita, porém não pude deixar de deplorar o que o doutor fizera, conquanto esperasse que o conhecimento da verdade o indenizasse amplamente.

O meu primeiro trabalho na manhã seguinte foi escrever ao Professor Zöllner, remetendo-lhe juntamente um jornal que continha a surpreendente notícia da demissão do Dr. Friese e os comentários da imprensa... nada lisonjeiros, devemos confessá-lo. A resposta foi a chegada do próprio professor, que tomara o primeiro trem para Breslau.

O encontro dos dois amigos foi comovente. Tanto um como outro já não eram jovens, embora o Dr. Friese fosse mais idoso; mas, na alegria do seu encontro e reconciliação, eles pareciam duas crianças. Estavam tão dominados por seus novos e comuns interesses que me faziam lembrar perfeitamente a época em que recebi a luz e em que sonhava levar a boa-nova a todos os meus irmãos em humanidade. E, como eu o fizera então, eles começaram a fantasiar castelos. Iam escrever livros e fazer conferências. Seus nomes e

sua reputação dariam-lhes acesso no seio de todas as classes, e essa boa-nova havia de ser aceita com entusiasmo, porque era levada por eles. Ouvi-os expor seus ardentes projetos e senti-me reanimada em minhas esperanças. Eu não havia conseguido fazer-me escutar, porque era uma nulidade; com eles, porém, o caso seria diverso. Eram sábios de reputação firmada, cuja palavra seria escutada com atenção e respeito, cujas opiniões seriam adotadas, porque eram conhecidos como investigadores conscienciosos, não afirmando senão o que podiam demonstrar. Eram homens cujos livros seriam aceitos como altamente educadores em todos os seus pontos, homens cujas conclusões seriam recebidas como definitivas; em suma, eram autoridades que ninguém se arriscava a discutir ou pôr em dúvida.

Esses poucos dias em que passaram juntos foram certamente muito felizes para os dois amigos; foram um oásis de repouso antes de irem de novo afrontar a tormenta. Não estou certa se depois disso eles ainda se encontraram na Terra, mas afianço que os seus interesses nunca mais se separaram.

Como eu, viram que o mundo era recalcitrante aos novos ensinamentos, e que mesmo os “seus nomes” não bastavam para convencê-lo que tão boa-vontade a favor da Humanidade era desinteressada. Ambos foram infatigáveis em seus esforços e, até o fim, perseveraram na causa pela qual tudo haviam sacrificado. Algum dia as Universidades de Leipzig e Breslau orgulhar-se-ão com os nomes desses homens, guerrilheiros que se afastaram do seu seio para poderem defender uma causa desprezada, sacrificando e sofrendo tudo para obedecerem a esse mesmo espírito que animava os primeiros cristãos, e que os tornou fiéis até à morte.

Na Inglaterra, onde a liberdade de pensar é não só tolerada, mas ainda encorajada em todas as classes, dificilmente se pode compreender a posição desses homens que, no país de Lutero, precisavam retirar-se da Igreja para defenderem as suas opiniões.

Se eles se tivessem tornado ateus ou materialistas, ninguém os teria molestado; mas apresentar idéias diversas das do clero acerca dos meios de salvação era um motivo para cair-se em plena desconsideração. Quanto à publicação dessas doutrinas, isso constituía uma ofensa odiosa, merecedora dos maiores castigos. Compreendo que, lutando pelo Espiritismo e buscando ensinar suas grandes verdades, esses homens percebessem muito depressa que haviam empreendido uma tarefa ingrata. Ficaram velhos antes do tempo e suas vidas foram abreviadas.

Foi com desgosto que eu soube, alguns anos mais tarde, que o Professor Zöllner tinha conquistado a cruz do martírio e partido para o país das sombras. Para ele, a partida foi uma felicidade, mas não aconteceu o mesmo a muitos dos seus concidadãos e companheiros de trabalho, pois perderam nele um valioso apoio. Entretanto, embora não mais esteja aqui, seus trabalhos ficaram e serão mais tarde considerados pelo seu justo valor quando viver em seu país uma geração de homens mais adiantados.

Na ocasião a que me refiro, os dois amigos saborearam a renovação do seu afeto e, felizes por gozarem as doçuras presentes, não se preocupavam com o que o futuro lhes traria.

Durante a visita do Professor Zöllner, a morada do Dr. Friese foi invadida por muitíssimas pessoas, que vinham com ansiedade informar-se dos últimos acontecimentos. Como um relâmpago, a notícia havia sido propalada entre os estudantes, e as histórias mais extraordinárias estavam em circulação. Muitos imaginavam que o doutor tinha um batalhão de Espíritos à sua disposição para fazer milagres e escamoteações, curar enfermos e dar informações sobre amigos desaparecidos ou qualquer outra coisa.

– Que devo dizer a todas essas pessoas? – perguntava ele um dia –. Elas parecem ignorar que o Espiritismo não é sinônimo de feitiçaria ou de magia negra.

Era, com efeito, difícil satisfazer a todas as perguntas, e eu não o podia auxiliar, porque a minha ignorância da língua alemã era uma verdadeira barreira. Nos primeiros dias, esse fato pareceu mesmo diminuir a minha utilidade, porém o doutor notou mais tarde que era melhor assim... Eu teria morrido de fadiga, se me fosse preciso responder a todas as perguntas dos estranhos que se acotovelavam no salão.

Havia entre os amigos íntimos do doutor um cavalheiro ao qual chamarei Sr. X..., e que gozava da reputação de ser o homem mais vigoroso da Silésia. Ostensivamente se orgulhava disso e gastava a maior parte do seu tempo em exercícios de atleta, gabando-se de suas façanhas diante do doutor, que o escutava sempre com bom humor.

– Por mais forte que sejais – disse-lhe o doutor um dia –, não creio que possais conter a mesa, quando Walter desejar levantá-la.

– Estais falando com seriedade? Pois bem, caro senhor, se Walter não se opuser, farei a vossa vontade. Desejo muito encontrar um Espírito ou um homem a quem não possa superar; é uma questão de força.

– Quereis fazer a experiência? – perguntou-me o doutor – Não seria mau abater um pouco a vaidade deste rapaz.

Não fiz objeção e assentei-me no extremo de uma mesa oval, esperando o que pudesse acontecer. Com grande surpresa minha, o Sr. X... tirou o seu jaleco, soltou seus suspensórios, tomou posição e agarrou a mesa inofensiva, como se ela fosse algum animal indisciplinado que devesse ser subjogado pela força.

Vendo que a mesa não fazia tentativa alguma para mover-se, julguei inúteis todos esses preparativos e não deixei de olhar com curiosidade para o Sr. X... ele apoiava suas mãos sobre a mesa, como se quisesse incrustá-la no soalho. Os músculos de seus braços enrijavam-se em sua mais extrema tensão, e gotas de suor

corriam-lhe pela frente; suas veias estavam ingurgitadas, parecendo que empregava todo o seu vigor... e a mesa não se movia. De tempos a tempos ele suspendia a sua obra para enxugar o rosto. Então a mesa dava pequenos saltos rápidos que forçavam o Sr. X... a retomar imediatamente o seu posto. Redobrava portanto de esforços, depois de haver saltado sobre a mesa como um gato sobre o rato que lhe ia escapando.

Durou isso cerca de meia hora; à exceção dos pequenos sinais de vida já mencionados, a mesa conservou-se impassível. Ao expirar esse prazo, o Sr. X... ergueu-se e, enxugando o rosto e o pescoço, observou que os Espíritos só queriam brincar.

Eu estava desapontada e julguei, pela expressão do doutor, que ele também experimentava algum desgosto.

Nesse momento, a mesa começou a mover-se e balançar-se levemente; vendo isso, o Sr. X... tentou um novo ataque, mas não conseguiu deter os movimentos da mesa, pois que eles continuaram com perfeita regularidade, não se afastando nem mesmo uma polegada para a direita ou para a esquerda, apesar de toda a força empregada pelo Sr. X... Ele fazia tudo o que podia, agarrava-se à mesa como se dependesse disso a salvação da sua vida, deitava-se sobre ela, deixando-se embalar. O espetáculo desse Hércules lutando com uma mesa era tão profundamente cômico que me fazia estafar de riso. Afinal, zangou-se.

– É uma verdadeira armadilha! – bradou ele encolerizado – isto não é decente!

– De que armadilha falais? Que não é decente? – perguntou-lhe o doutor.

– Foi apenas uma peça que Walter me pregou. Ele cansou-me antes de começar a luta e isso não é uma prova de força. Acreditais, sem dúvida, que fui batido – acrescentou ele com um ar desconfiado –, porém eu protesto contra esse modo de combater. Se Walter

quiser seguir as boas regras, garanto que prenderei a mesa apesar da sua vontade; contudo, não quero mais operar nestas condições.

A sua indignação tinha um cunho tão burlesco que muito dificilmente podíamos conter o riso e a pilhéria.

O Sr. X... abraçou o Espiritismo, não pelos ensinamentos que tivesse recebido, nem porque se interessasse pelo conhecimento da existência de outra vida, mas sim por ter encontrado uma mesa que lhe pregou uma peça, fazendo que ele esgotasse as suas forças antes de começar a luta em que foi vencido.

Esse fato impressionou-me muitas vezes; é admirável a diversidade das manifestações que são necessárias para produzirem forte impressão em temperamentos diferentes. Algumas pessoas não acharão digno de atenção o “fato” de todas as cadeiras e mesas de uma casa agitarem-se por si mesmas; outras verão, com a maior indiferença, passar diante de seus olhos todas as formas materializadas que se possam produzir; e outras, ainda, contemplarão com desprezo todas as escritas inspiradas por Espíritos.

O homem que é indiferente aos mais belos pensamentos expressos por nossos amigos espirituais poderá ficar angustiado ou cheio de respeito, quando uma mesa, movendo-se, quase lhe partir um braço ou atirá-lo para um canto. Outro, sem fé alguma, crerá, quando lhe digam que a Lua é um enorme queijo, se, a seu pedido, atarem-se nós em um anel de barbante, sem que aí se verifique qualquer vestígio de descontinuidade. Não quero dizer com isso que todas essas pessoas se tornem espíritas na verdadeira acepção da palavra. Crer na realidade dos fenômenos espíritas não é o mesmo que ser espírita.

O Dr. Friese, depois de entrevistado por seus amigos, entregou-se ao trabalho e começou a escrever a sua primeira obra sobre o Espiritismo. Esse livro foi editado em Leipzig com o título *Jenseits des Grabes*. Pouco depois publicou outra obra mais volumosa:

Stimmen aus dem Reich der Geister, que devia principalmente sua origem às comunicações de Stafford e de Walter.

Foi com verdadeiro desgosto que nos separamos para seguir rumos diversos. Ele continuou seus estudos sobre esse assunto absorvente e publicou outros livros, enquanto eu voltava à Inglaterra, buscando, se fosse possível, emprego para o meu lápis. Durante esses meses de trabalho sob a direção do doutor, tinha feito grandes progressos na arte do desenho, pelo menos como eu pensava, imaginando ter encontrado uma ocupação lucrativa. Devo, entretanto, confessar que os outros não foram da minha opinião, pois os esboços de que mais me orgulhava só despertaram esta observação: “Suponho que este desenho é para ver-se de longe”, observação feita por um amigo cuja crítica eu havia solicitado.

A princípio senti-me extremamente desanimada e prestes a perder toda a esperança de vir a ser uma artista, não considerando mais o meu lápis senão como um passatempo agradável; depois, porém, outro trabalho foi-me imposto. O espírito missionário de novo se apossou de mim e, como nas minhas relações havia muitas pessoas desejosas de fazerem progredir a causa, achei no seu seio amparo e bons conselhos.

XVI

Novas manifestações

“Há um mistério em todas as coisas e em todos os seres: nas estrelas e nos átomos, no oceano e na gota d’água, na árvore e na flor, no animal e no verme, no homem e no anjo, na Bíblia e em Deus. Não existe um mundo em que não haja mistério.”

Dr. Davies

Formei um grupo de doze a quinze pessoas, entre as quais estavam meus velhos amigos, o Sr. e a Sra. F..., e dois outros companheiros das nossas primeiras experiências. Para comodidade dessas diferentes pessoas, que habitavam nos quarteirões afastados da cidade, decidiu-se que as reuniões se efetuariam no meu estúdio de pintura, por ser para todos de acesso mais fácil. As reuniões deviam efetuar-se duas vezes por semana.

Tínhamos muito desejo de cultivar a arte de tirar retratos dos Espíritos, atividade em que eu estava então mais hábil, esperando fazer, em condições favoráveis, esboços coloridos. Foi o que tentei com êxito por uma ou duas vezes; mas a minha faculdade de ver distintamente os Espíritos, como seria de desejar nesse trabalho, era muito intermitente e deu lugar a freqüentes decepções. É certo que, apesar de tudo, obtivemos retratos que foram invariavelmente reconhecidos. Muitos deles foram logo fotografados, mas os originais eram conservados pelos amigos, que os haviam reclamado como retratos de seus parentes falecidos. Muitas vezes lamentei ter dado alguns antes de mandá-los fotografar; em suma, não conservei senão os raros originais que não foram reclamados. Quase

todos esses retratos dispersaram-se pelas diferentes partes do mundo.

Fizemos também a experiência de ler cartas fechadas e lacradas, sendo a primeira muito bem sucedida. Eu podia ver distintamente a escrita da carta, mas tinha de atender às dobras do papel, pois exigiam que eu colocasse a carta em diversas posições para poder seguir o traço das linhas.

A carta estava encerrada dentro de sete envelopes lacrados, uns dentro dos outros, e escrita em língua para mim desconhecida, de modo que me foi preciso ir soletrando em voz alta palavra por palavra, a fim de que um dos companheiros pudesse escrevê-la sob o meu ditado.

Em outra ocasião, deram-me para ler uma carta, mas não pude proceder à leitura, apesar de tentar isso por diversas vezes. Afinal, retomando a carta, reconheci que o seu conteúdo me era claramente visível, mas estava escrito em uma língua estrangeira, em sueco, e fui obrigada a copiá-la palavra por palavra sem compreender-lhe a significação.

No princípio, eu esperava com ansiedade a abertura das cartas para certificar-me de haver realmente visto a escrita em questão; mas, como eu nunca me enganava, acabei por nada mais recar: sabia ter lido através do envelope lacrado.

Essa faculdade também era variável. De duas cartas que me davam para ler, a primeira apresentava-se clara e distinta como se acabasse de ser traçada sob a minha vista, ao passo que a segunda ficava-me inteiramente impenetrável. Uma ou duas vezes guardei essas cartas comigo, a fim de ver se de um momento para outro podia decifrar-lhes o conteúdo oculto. Em certos casos, igualmente, depois de as haver guardado comigo por algum tempo, eu conseguia ver através do envelope e lê-las, ainda que com dificuldade, precisando muitas vezes adivinhar as palavras. O papel parecia-me

quase sempre nebuloso e às vezes totalmente negro, tornando-se-me impossível distinguir as palavras.

É uma coisa incompreensível a aversão particular que eu votava a essas cartas, aversão que muitas vezes tocava às raias do horror. Detestava o seu contato e depois disso experimentava um desejo instintivo de lavar as mãos. Foi em vão que tentei combater esse sentimento, que diminuía freqüentemente a força da minha faculdade.

Todo o constrangimento era prejudicial ao seu exercício. Muitas vezes eu dizia a mim mesma: “Quero ler a carta a fim de chamar este homem para a nossa causa”, não pelo fato de simpatizar pessoalmente com o seu autor, mas sim porque a sua posição social e influência faziam dele um adepto desejável, ou porque o seu cepticismo obstinado excitava em mim um sentimento de antagonismo. Desejava mostrar que tinha razão nas minhas asserções e que o fato podia dar-se. Recordo-me entretanto de que, em tais condições, nunca fui bem sucedida. Outras vezes, cartas escritas por estranhos, que eu nunca havia visto, eram para mim claras como cristal.

Apesar de o exercício dessa faculdade despertar um grande interesse em nosso grupo, entre nós ela originou muitos desgostos, devido aos comentários dos inimigos do Espiritismo, que não hesitaram em atribuir tudo a um embuste. Posto que a nossa intenção fosse guardar segredo sobre essas coisas, vimos em breve que isso era muito difícil. Constantemente se apresentavam pessoas, valendo-se do seu parentesco com algum de nós, a fim de obter ingresso em nossas sessões. É certo que desde esses dias começou a amizade de pessoas a quem voto muita estima; mas, naturalmente, também me lembro perfeitamente daqueles que não foram meus amigos. Pelo menos não os considerei como tais até que Stafford me tivesse dito que os inimigos nos eram mais úteis que os amigos, porque descobrem e proclamam as nossas faltas, ao mesmo tempo

em que ignoram ou escondem as nossas virtudes, e obrando assim mostram-nos claramente o meio de progredirmos.

Os amigos, ao contrário, exaltam as nossas virtudes e ocultam os nossos defeitos.

Acredito que isso seja uma verdade, mas penso que a maioria prefere os amigos aos inimigos, ainda que estes sejam, às vezes, necessários, como um remédio que deve operar a cura. Entretanto, eu não gostava de remédios, do mesmo modo que hoje não aprecio os meus inimigos, apesar dos sábios ensinamentos de Stafford. Não censuro os antiespíritas, mas alegro-me quando posso levar a convicção a algum deles; censuro o homem que rejeita uma coisa por incompreensível, quando não fez pessoalmente alguma experiência para conhecê-la. Para mim é arrogante e presunçoso o homem que, sem ter experimentado ou estudado uma coisa, duvida das afirmações daqueles que consumiram tanto tempo em cuidadosas investigações e experiências a seu respeito. Quanto à rejeição do assunto que nos ocupa, creio que só o homem completamente ignorante poderá fazê-lo. Aquele que empregou um pouco do seu tempo em fazer uma indagação conscienciosa, não ousará dizer: “Nada há nisso de real.” Poderá encontrar coisas que lhe desagradem, outras que lhe não convenham, mas em tal caso deverá dizer simplesmente: “Não compreendo”.

Na época a que me refiro, de 1873 a 1880, desenvolveu-se um interesse apaixonado pelos fenômenos psíquicos. Havia muitos médiuns, cujas sessões os jornais publicavam, e os antiespíritas tinham a ocasião de fazer a sua ceifa à luz do Sol. Os mais ignorantes dos adversários, os que apenas sabiam juntar duas frases, subiam à tribuna para acusarem o Espiritismo com toda a força de que eram capazes. Segundo o conselho de um célebre advogado a um dos seus jovens colegas, quando as coisas pareciam-lhe desfavoráveis, eles deviam acobrunhar os espíritas com invectivas e epítetos de desprezo. É possível que esses homens fossem “inimigos valio-

sos”, como dizia Stafford, mas é certo que eles também dificultavam a obra dos médiuns.

Um dos médiuns de que mais se ocupavam esses discursadores era a Sra. M..., jovem que eu já conhecia havia muito tempo, nas suas sessões de materialização a que eu tinha assistido, Precedentemente ela ocupara os cômodos que aluguei depois, e onde se achava ainda num dos cantos o seu gabinete de materialização. Ela havia interrompido as suas sessões por motivo de moléstia.

Uma noite, nenhum resultado produzindo a nossa sessão habitual, provavelmente porque a atmosfera achava-se carregada de nuvens e por causa da chuva que nos fazia pensar com tristeza na volta às nossas residências, interrompemos o trabalho e esperamos que a chuva cessasse para sairmos. Nesse tempo de espera, alguém propôs que um de nós se conservasse sentado no gabinete da Sra. M..., a fim de ver se algum Espírito materializado se apresentava. Não havendo objeção, a proposta foi aceita, assentamo-nos em círculo na frente do gabinete e começamos a cantar. Cantamos tudo o que nos veio à memória e começávamos a julgar longa a demora, quando um ronco sonoro, partido do outro lado das cortinas, advertiu que o nosso “médium” parecia achá-la menos longa que nós. Deixamos por isso de cantar melodias sonolentas e pedimos-lhe que cedesse o lugar a outro menos dorminhoco. Ele veio ocupar um lugar no círculo, e a Sra. F... consentiu em ir colocar-se atrás da cortina. Recomeçamos o canto, declarando-lhe que o nosso fim não era adormecê-la. Apenas haviam passado cinco minutos, quando a Sra. F... precipitou-se para fora do gabinete, dizendo que ali se achava alguma coisa viva e que ela tinha medo.

Acreditamos que isso era apenas um pretexto seu para sair dali; entretanto, afastamos as cortinas para examinar o interior do gabinete, onde nada foi encontrado que se assemelhasse a alguma coisa viva ou morta, exceto uma simples cadeira de madeira.

Persuadimos a Sra. F... a tentar uma nova experiência, o que ela fez com evidente repugnância, enquanto retomávamos os nossos assentos e começávamos um novo coro. Imediatamente a Sra. F... atirou-se para fora do gabinete, declarando que por nada no mundo ficaria mais um momento atrás das cortinas, pois estava certa de haver ali alguma coisa viva.

Vendo inúteis os nossos esforços de persuasão, declarei, impávida, a minha intenção de afrontar essa alguma coisa viva, tomei assento no gabinete, vindo a Sra. F... a ocupar o meu lugar no círculo.

Durante alguns minutos reinou na sala completo silêncio, e eu já começava a supor muito viva a imaginação da minha amiga, quando de súbito senti alguma perturbação no ar do gabinete; não havia ruído algum e, como as espessas cortinas não deixavam passar luz, nada pude ver; mas a atmosfera que me envolvia parecia agitada, como se aí voasse algum pássaro.

Nada quis confessar, mas nesse momento experimentei alguma coisa muito semelhante ao medo e desejei correr para a luz e reunir-me aos cantores; entretanto, resisti e conservei-me quieta. Sentia-me colada à minha cadeira, temendo que alguma coisa me tocasse e convencida de que, se isso acontecesse, daria grandes gritos. Alternadamente, fiquei abrasada e gelada, e estava com grande vontade de achar-me fora das cortinas. Eu sabia que me bastava estender a mão para afastá-las, mas era vítima de indescritível sensação de isolamento, que parecia colocar-me a enorme distância dos outros. Essa sensação esquisita quase subjugava o meu desejo de ser corajosa, e estava a ponto de ir precipitar-me para fora do gabinete, quando uma mão, pousando em meu ombro, forçou-me a retomar a cadeira da qual me levantara.

Coisa estranha! Essa pressão, que em outras circunstâncias me abalaria muito, teve então o efeito de acalmar a minha febre e o meu temor. Recordei-me de que, em uma noite de tempestade, já

havia muitos anos, velando com temor angustioso enquanto meus irmãozinhos dormiam, uma mão havia do mesmo modo pousado em meu braço, tendo a pressão dos dedos invisíveis tal poder mágico que fez desaparecer o medo.

A vibração do ar não mais foi percebida; a mão deixou o meu ombro, e os assistentes, que começavam a sentir-se fatigados de cantar, fizeram as seguintes perguntas:

– Nada vedes junto de vós?

– Encontrastes alguma coisa viva?

– Que tempo devemos ainda conservar-nos sentados? Vamos levantar a sessão, já não chove e podemos recolher-nos às nossas casas.

– Então – disseram eles, quando apareci fora das cortinas –, sentistes ou viste alguma coisa curiosa?

– Nada vi; mas senti estranho movimento vibratório, como se algum pássaro estivesse voando ao redor de mim, e depois alguma coisa tocou-me no ombro.

Esse acontecimento foi o objeto das nossas discussões nos dias seguintes e, no fim da sessão imediata, que pareceu igualmente terminar mais cedo que de costume, fui convidada a fazer um novo ensaio, entrando para o gabinete, onde retomei a primitiva posição.

Cumpru explicar que esse gabinete tinha simplesmente uma pequena entrada por um dos ângulos da sala, entrada essa fechada por espessas cortinas de sarja que vinham do teto até o soalho. Durante as nossas sessões, a sala era fracamente iluminada por um ou dois bicos de gás, que geralmente ficavam quase apagados, dando, porém, a claridade necessária para cada um ver o que se passava, fazer suas observações ou tomar notas. Sendo a luz fraca para atravessar a espessura das cortinas, eu ficava em obscuridade absoluta, enquanto os outros tinham a luz de que precisavam.

Não foi necessário que esperasse muito para tornar a sentir as estranhas perturbações do ar ao redor de mim. Senti os meus cabelos espalharem-se sob a ação da corrente de ar, assim como um vento fresco soprar sobre o meu rosto e as minhas mãos.

Veio-me depois estranha sensação que algumas vezes tornei a experimentar nessas sessões. Frequentemente vi outros descreverem essa sensação como sendo idêntica à que produziriam teias de aranha estendidas sobre o rosto; quanto a mim, porém, que me analisava com curiosidade, acreditei que, de todos os poros da minha pele, estavam arrancando fios muito finos.

Não tinha mais o temor da noite precedente. No começo, tive uma sensação estranha que se assemelhava um pouco a isso, alguma coisa como um sentimento do sobrenatural; depois, essa impressão dissipou-se e fiquei muito calma, porém impotente para fazer o menor movimento ou para responder a numerosas perguntas que os meus amigos me dirigiam. Ao mesmo tempo, experimentava grande interesse em analisar as minhas sensações e interrogar-me acerca do que ia acontecer.

– Eis ali o rosto de um homem! – ouvi dizer.

– Meu Deus! É certo; que coisa maravilhosa!

– Podeis vê-lo?

– Sim, todos o estamos vendo. Que será isso?

– Onde está? – perguntei, chamada a mim mesma por todas essas exclamações.

– É ali, atrás das cortinas. Um rosto redondo, com olhos negros, bigodes e cabelos castanhos. Olhai, ele ri e faz sinais com a cabeça. Não podeis vê-lo?

Foi em vão que voltei os meus olhos; nada pude descobrir. Um fraco raio de luz, passando através das cortinas, parecia indicar que alguém as procurava manter afastadas até à altura de um homem, da cabeça aos pés, e mais nada.

– Meu Deus! – disseram – Quem é? Que belo rosto! Estais vendo os seus dentes quando ele ri? Notai os sinais que faz com a cabeça quando falamos.

Todas essas exclamações excitavam ao extremo a minha curiosidade, e fiz um movimento para sair de entre as cortinas e ver a estranha personagem. Quando me ergui, meus joelhos estavam singularmente fracos, e a mim mesma perguntei se me achava enferma. Avancei a cabeça pela abertura da cortina e olhei para o centro... Que vi? O rosto de Walter fixando-me com os seus olhos alegres.

Reconheci-o logo à luz do gás projetada em cheio sobre o seu rosto; eram absolutamente as mesmas feições que eu havia visto e desenhado, ainda que em condições diferentes.

– Walter! – exclamei.

Ele sorriu e fez um sinal de assentimento.

Senti-me fraca, espantada, e experimentava outra sensação que não podia compreender.

Caí sem forças em minha cadeira.

Vieram então como uma avalanche as perguntas dirigidas a Walter, às quais ele respondia por gestos bastante expressivos, que não pude ver. Adivinhei, porém, que Walter estava satisfeitíssimo com o trabalho dessa noite.

XVII

Espíritos materializados

“Vindo da região nevoenta do grande desconhecido.”

Longfellow

O resultado conseguido nessa noite foi o objeto de felicitações recíprocas entre os membros do nosso grupo. Grandes coisas podíamos esperar, se continuássemos na mesma direção. Quanto a mim, só posso dizer que experimentei grande curiosidade e interesse diante de tais fenômenos, como era natural. Já em outras sessões eu havia visto Espíritos materializados; mas, para confessar a verdade, nunca, como nessa noite, eu havia ficado tão particularmente impressionada. Certamente não duvidei da veracidade dessas manifestações, posto que em uma ou duas ocasiões tivesse experimentado grande dificuldade para convencer-me de que ali se achava um Espírito e não a figura do médium. Esse gênero de manifestação não me atraía e eu receava, cultivando-a, degradar ou enfraquecer, de algum modo, a minha faculdade.

Passou-se muito tempo antes que eu considerasse a questão como fora proposta pelos meus amigos. Eis o que eles me diziam: “Todas as diferentes manifestações têm o mesmo valor e são igualmente dignas de ser estudadas; todo fato que possa ser indubitavelmente provado é de um valor incalculável na edificação da Ciência; e, finalmente, esse gênero de fenômenos é um dos mais desejados para se estabelecerem as grandes verdades que os espíritos proclamam, pois prova tanto a realidade de uma outra existência, como a de um laço entre o mundo visível e o invisível.” Todos esses argumentos eram-me opostos, e ainda que eu não compreendesse o imenso valor dessas manifestações em relação às outras,

julguei razoável não contrariar o desejo dos meus amigos e acabei por consentir, a contragosto, na continuação dessas experiências tão desejadas.

Quando anteriormente eu assistira a sessões de materialização, guardava a minha opinião a respeito, qualquer que ela fosse; os outros, porém, como eu soube, não adotavam reservas nem hesitavam em fazer observações, que nada tinham de lisonjeiras, acerca do médium e dos Espíritos. Chocava-me a idéia de que eu ia ficar exposta aos mesmos comentários.

Então um antigo amigo, o Sr. A..., que já tinha feito parte do nosso primitivo grupo, interpôs-se e, para prevenir qualquer desgosto dessa espécie, propôs que procedêssemos de modo diferente. Escolheríamos cuidadosamente aqueles de nossos amigos que se interessassem por esse gênero de manifestações e convidá-los-íamos a se reunirem a nós duas vezes por semana, com a expressa condição de que, antes de doze sessões, nada fosse divulgado do que aí se passasse, cada um obrigando-se, durante esse tempo, a assistir regular e pontualmente às sessões, não se aceitando escusa alguma para as faltas de comparecimento, salvo as que fossem motivadas por enfermidade, e em nenhuma circunstância poderia um estranho tomar parte nos trabalhos.

Esses convites condicionais foram enviados a uns quinze ou vinte dos nossos amigos, e todos os aceitaram. Pela minha parte, obriguei-me a fazer todo o possível para desempenhar bem o meu papel. Prestava-me de boa-vontade a uma prova de seis semanas, dizendo que veríamos, no fim desse prazo, o que se podia ganhar nesse gênero de ensaios. Eu devia uma compensação aos meus amigos, pois tinham pacientemente seguido as diversas fases de desenvolvimento da minha mediunidade, tomando parte em todas as nossas experiências, das quais algumas deveriam tê-los aborrecido bastante. Apesar da minha repugnância pelos fenômenos que nos propúnhamos estudar, julgava que, consagrando-lhes seis

semanas, recompensaria, até certo ponto, o auxílio que os meus amigos me haviam prestado no conhecimento do mundo espiritual, o que me seria difícil sem a sua afetuosa cooperação. Tais foram os motivos que me induziram a essas experiências.

As sessões começaram. O novo gabinete construído tinha cerca de 3 pés de largura, 9 de comprimento e 6 de altura. No sentido do comprimento ele era dividido em três partes por meio de dois véus, e cada divisão tinha cerca de três pés quadrados, somente com uma abertura na frente; espessas cortinas sombrias separavam-nas dos assistentes. A idéia desse gabinete foi devida em parte ao Sr. A..., por causa da repugnância que me causava o contato direto com Espíritos materializados; além disso, era de interesse verificar se os véus de gaze impediriam a passagem desses hóspedes espirituais.

O gabinete não tinha outra saída ou entrada que não fosse a da frente; além disso, seria impossível a qualquer pessoa passar de um a outro dos seus compartimentos sem despedaçar-lhes a parede de gaze, nem sair dele senão pela frente tapada pela cortina.

Essa combinação era extremamente simples e, tanto quanto pude certificar-me, a mais satisfatória, comparada com os gabinetes empregados em outros grupos. O nosso gabinete dava ao médium perfeita liberdade e garantia aos assistentes a abstenção de qualquer embuste vulgar.

Tenho opinião firme e definida sobre esses gabinetes de materializações, e essa opinião é o produto do tempo e o resultado de amargas experiências. Na época a que me refiro, eu tinha tudo a aprender e, como os outros, devíamos começar pelo “a b c”.

Ninguém teria ousado pôr em dúvida a minha honestidade. Eu tinha procedido sempre em razão do simples interesse da causa, e vigiava, por isso, cada nova tentativa com o mesmo interesse, senão maior, que os meus amigos. Esses estranhos poderes, que se revelaram um depois do outro, tinham-me surpreendido e extasiado.

do, e eu sujeitava-me à minha própria crítica, buscando analisá-los com imparcialidade. Se, por mim mesma, houvesse podido desenvolver essas faculdades, teria sentido maior satisfação, porque compreenderia melhor o trabalho e o *modus operandi* desses desenvolvimentos, sem ser distraída pelas conjecturas e teorias dos outros; mas, isso era impossível. Isolada, ficava relativamente privada dos meus poderes. Considerava algumas vezes necessário o concurso dos meus bons amigos, mas preferiria prosseguir sozinha as minhas experiências, se isso fosse possível; como, porém, tal coisa era irrealizável, as provas que me propunham deviam ser tanto do agrado deles como do meu. Por isso, durante o longo tempo em que elas só tiveram por fim obter um resultado, fui tão ardente como qualquer dos outros em imaginar novos planos para ver como os Espíritos agiriam se algum obstáculo se encontrasse em seu caminho.

A sala foi arranjada de modo a dar tanta liberdade de ação aos assistentes como aos Espíritos. As janelas situadas em frente ao gabinete foram em parte escurecidas; a claridade não provinha senão da parte superior das janelas cujos vidros eram de cor vermelha ou alaranjada, deixando passar mais ou menos luz, durante as sessões efetuadas de dia. Nas sessões noturnas fazia-se uma boa disposição da luz do gás. Na extremidade da sala as paredes eram abrigadas, a algumas polegadas de distância, por um biombo de papel vermelho ou alaranjado, atrás do qual se achava uma gambiarra, colocada horizontalmente em todo o comprimento da parede, e da qual saíam muitos bicos de gás, que podiam ser graduados por uma chave interna. Essa chave era movida pelos próprios Espíritos ou por algum dos assistentes. A luz procedente desses diferentes bicos de gás e diminuída pelo papel pintado do biombo era mais que suficiente; ela iluminava convenientemente todas as partes da sala e podia, segundo as necessidades, ser aumentada ou diminuída. No gabinete reinava completa escuridão, a menos que as corti-

nas de um ou outro dos compartimentos estivessem levantadas, caso em que se podia ver o gabinete em toda a sua extensão, por não oferecerem os interceptores de gaze obstáculo à vista, se bem que fossem impenetráveis a um corpo qualquer. A sala era aquecida quando se tornava necessário e apresentava aspecto alegre e confortável.

Estando, enfim, completo o número das pessoas que deviam formar o nosso grupo e tendo todos prometido seguir as condições prescritas, demos começo às nossas novas experiências. Esperávamos ser bem sucedidos; o Sr. A... devia ser o diretor-geral; o Sr. F... tomaria nota de todas as circunstâncias e detalhes que se produzissem; a Sra. B..., pianista, dirigiria o canto, que até então havíamos adotado sem um método conveniente. Tínhamos na sala um pequeno harmônio, e a Sra. B... teve grande trabalho para fazer-nos progredir na arte de cantar em coro, transformando em coisa agradável aquilo que para nós era um tormento. Outro amigo propôs que começássemos sempre as nossas sessões por uma prece, a fim de obtermos o auxílio divino e sermos preservados das más influências.

A despesa de todos esses preparativos da sala foi feita pelos membros do círculo, que para isso se cotizaram. O excedente do dinheiro que se despendia com o gás, o aluguel de casa, etc., foi empregado em socorrer as pessoas mais necessitadas que nos pediam auxílio.

Nunca, antes disso, eu havia em minha vida suspeitado das misérias e enfermidades que afligem o mundo, nem da incapacidade dos médicos para lhes dar alívio, e não desconfiava da existência das misérias que sobrepujam todos os esforços das pessoas caridosas e boas. Fiquei muitas vezes enferma, quando me achava face a face com os horrores da doença e da pobreza, por sentir-me sem o poder de minorá-los. Muitas vezes, depois de haver visitado alguma mansarda sórdida e miserável, perguntei a mim mesma: “Será

isso uma obra de Deus? Serão seus filhos esses infelizes? De que serve prescrever medicamentos para criaturas emagrecidas, que precisam do bom ar, da luz do Sol e de um alimento substancial? De que serve medicar essas crianças, cujas pernas mal sustentam os seus corpos depauperados, consequência da fraqueza ou da culpabilidade de seus pais, que nada mais lhes legaram além da miséria?”

Em outras ocasiões dizia que, se eu tivesse criado e povoado um mundo, e se o visse chegar a tal estado, faria com ele o que se faz com um mau desenho: destruí-lo-ia para criar um novo. Parecia-me mesmo que não era uma obra de piedade ir em auxílio dessas miseráveis vítimas da ignorância e da enfermidade, concorrer para que se prolongasse a sua infeliz existência. Stafford, porém, pensava de outro modo; ele era infatigável em seus esforços para dar alívio aos sofrimentos alheios, nunca se cansava de aconselhar, ensinar e exortar ao bem, penetrando na raiz do mal, indicando os erros cometidos e os meios de corrigi-los, caso ainda fosse tempo.

Nunca se furtava ao prazer de dar-nos essas indicações, declarando com palavras de censura que as enfermidades não procediam da ignorância, mas das infrações voluntárias das leis da Natureza. Sua simpatia pelos enfermos era sem limites, bem como o seu desejo de dar-lhes auxílio; por isso, tínhamos razões de sobra para dar esse emprego ao excedente das nossas despesas.

Stafford não era partidário dos medicamentos, observando que eles podiam provocar outras moléstias e, em muitos casos, ser mais perniciosos que o próprio mal. Seu método curativo era, em geral, um modo de vida regular, uma dieta simples, o ar puro, os exercícios físicos e o conhecimento do que é bom ou mau para a saúde, a fim de levar as pessoas enfermas a curarem-se a si próprias. “Dai alimentos a essas crianças – escrevia ele algumas vezes – e deixai de parte as drogas.” Por isso, os medicamentos que remetíamos a

alguns desses tugúrios ou colméias de miseráveis eram formas de farinha de aveia, pães, frutas e outros comestíveis em vez dos repulsivos preparados das farmácias. A minha clientela crescia rapidamente, a ponto de eu nunca saber se podia ter uma hora disponível, apesar do concurso que me prestavam o Sr. e a Sra. F... Se eles aí não estivessem, muita coisa ficaria por aviar.

Conquanto Stafford me fizesse escrever pouco sobre o assunto, deu-me a compreender que não ligava grande importância às experiências que íamos tentar, e isso não me agradou; mas, esperei obter mais tarde a sua cooperação.

Nas nossas primeiras sessões os assistentes declararam ter visto abrirem-se as cortinas dos compartimentos do gabinete, donde algumas cabeças inclinavam para fora; eu, porém, nada vi. A Sra. F..., em uma dessas cabeças, reconheceu Walter e perguntou-lhe se ele não saía do gabinete para apresentar-se. Walter respondeu, não me lembro se por pancadas ou sinais, que se apresentaria de boa-vontade, porém que estava despido e não desejava chocar as damas, mostrando-se em trajos de Adão.

– Emprestaremos roupas – disse alguém –; ele, porém, não aceitou a proposta.

A Sra. F... perguntou a Walter se queria que lhe fizessem uma roupa e se, em tal caso, ele sairia do gabinete na próxima reunião. Não sei se Walter aceitou a oferta, mas nos dias seguintes a Sra. F... e eu trabalhamos com ardor na confecção de uma roupa, que desejávamos pôr à disposição de Walter.

Escolhemos a musselina branca, como tendo mais alguma coisa de espiritual que qualquer outra fazenda; cortamos, ajustamos, cosemos e contemplamos com satisfação a nossa obra-prima. Fizemos uma espécie de “chambre” com amplas mangas abertas, pensando um pouco nos quadros em que são representados os santos e anjos. Levamos essa roupa para a sala das sessões e mos-

tramo-la vaidosas aos nossos companheiros; depois, colocamo-la no compartimento central do gabinete, esperando a chegada de Walter. Quando ele chegou, o primeiro sinal que deu da sua presença foi mandar enrolar a roupa que lhe havíamos feito com tanto cuidado e entregá-la à Sra. F..., dizendo que não lhe servia nem era necessária. Então, o próprio Walter saiu firme do gabinete e caminhou até o centro do nosso grupo trajando uma roupa cuja delicadeza, alvura e maciez deixou-nos envergonhadas do nosso presente.

Walter estava evidentemente satisfeito com o seu êxito na fabricação de um novo corpo, como ele mesmo o disse. Igualmente, sentia-se contente pela sua habilidade de produzir roupas capazes de excitar tanta admiração. Desde logo, familiarizou-se com todos; as palestras e os diálogos que eu ouvia avivaram ainda mais a minha curiosidade, porque durante esse tempo estava assentada na obscuridade do gabinete e na impossibilidade de ver coisa alguma do que se passava fora. Apesar, porém, do meu desejo de achar-me do outro lado das cortinas, senti-me estranhamente inerte e apática. Certamente não tinha sono; meu cérebro estava mais acordado e ativo do que nunca; os pensamentos e as impressões sucediam-se nele com a rapidez do relâmpago; sons que eu sabia produzidos a distância pareciam ferir de perto os meus ouvidos; conhecia os pensamentos, ou antes, os sentimentos de todas as pessoas presentes, e não tinha vontade alguma de levantar mesmo um dedo para ver a figura de Walter passeando no meio dos nossos amigos.

Mais tarde descobri que o meu estado não era somente o da indiferença ou da inércia; eu estava completamente sem energia e, se procurasse fazer um grande esforço, obrigaria invariavelmente as formas materializadas a se recolherem ao gabinete, privadas do poder de sustentarem-se; *esse fato, porém, como muitos outros, não podia ser aprendido sem o sofrimento.*



A médium e o Espírito materializado fotografados juntos.
A primeira protege os olhos da claridade do magnésio
(segundo uma fotografia, junho, 1890).



A médium e o Espírito materializado fotografados juntos,
alguns segundos após a prova precedente. Este cobriu
a médium com um pano que a luz parecia dissolver.

XVIII

Iolanda

“Que será? Um Espírito... Vede como ele olha ao redor de si. Acreditai-me, senhor. Ele tem uma forma bem definida, mas é um Espírito.”

The Tempest, por Shakespeare.

Antes do fim dessa série de nossas sessões, tínhamos progredido tanto que Walter, sem dificuldade aparente, era capaz de apresentar-se no meio de todos tão sólido, tão material em carne, como qualquer de nós. Pela escrita descrevia freqüentemente outros Espíritos presentes, ainda que invisíveis para nós, pelo fato de não poderem, como Walter, fabricar as suas próprias roupas. Isso levou-o evidentemente a desempenhar o papel de preceptor junto de seus irmãos menos experientes, ajudando-os em seu trabalho de materialização, e daí em diante Walter só se mostrou raras vezes; em compensação, não se passava quase uma sessão sem que diversas figuras estranhas nos viessem visitar. Uma delas pareceu poder quase logo dispensar o auxílio de Walter; foi Iolanda, uma rapariga árabe de quinze ou dezesseis anos, como Walter nos disse, e que se tornou uma das principais figuras de nossas sessões; era uma morena esbelta, cuja graça e naturalidade faziam o encanto e a admiração do nosso grupo.

Quando nos apareceu pela primeira vez, a sua curiosidade era sem limites; tudo o que ela via interessava-a extraordinariamente, desde os nossos vestidos até a mobília da sala. O harmônio era-lhe motivo de deleite e em breve ela pôde imitar as melodias que a Sra. B... tocava, ainda que nunca fosse capaz de manejar o fole do instrumento, cujo emprego evidentemente não compreendia. Um

dos membros do grupo, empregado da Polícia, possuía uma corneta de prata e a tocava com perfeição. Notando a paixão de Iolanda pela música, ele trouxe uma noite a sua corneta e tocou as peças que mais lhe agradavam. Graças à sua habilidade, abrandava as notas altas do instrumento, tornando-as de uma extrema suavidade, o que era para se desejar em um concerto de salão.

Iolanda assentara-se no chão para escutar essas maravilhas. Quando o Sr. J... acabou de tocar uma ária, ela pediu para ver o instrumento e examinou-o com a maior atenção. Cada uma das suas peças foi objeto de uma minuciosa inspeção; e, terminado o seu exame, ela própria tentou tocá-lo, porém, nada conseguindo, embora soprasse por qualquer lado, teve afinal de entregá-lo com um gesto de enfado.

Deram-lhe pequenas campainhas de prata, por ela muito apreciadas e que, enfiadas em uma fita, Iolanda atava freqüentemente no pulso ou na perna, acompanhando a música da corneta com graciosos movimentos de braços ou de pernas. Isso encantava-a; e era realmente maravilhoso ver-se como conseguia, por movimentos ritmados, fazer alternar os sons das campainhas para acompanhar a melodia em execução. Algumas vezes essas campainhas pareciam soar docemente ao longe, fazendo pensar no som produzido pela queda de gotas d'água a distância; depois, vibravam rápidas e claras como os repiques de castanholas agitadas por mão de mestre; e o corpo de Iolanda balançava-se graciosamente, quando ela estava sentada no soalho ou de pé no meio de nós.

As descrições que faço acerca dos encantos de Iolanda são devidas em parte ao que contavam os outros membros do grupo ou às notas da Sra. F..., porque, ainda que eu fosse toda ouvidos, ficava privada do uso de meus olhos com a minha postura obrigatória no gabinete durante as sessões. Parecia que os Espíritos me evitavam, ou antes não acreditavam necessário satisfazer a minha curiosidade

tão natural, quando alguma coisa atraía mais ou menos a minha atenção.

Uma vez vi distintamente Iolanda, mas creio que foi antes casualmente do que por sua vontade. Depois de brincar por algum tempo fora, Iolanda abriu as cortinas do compartimento vizinho daquele em que eu me achava, evidentemente com a intenção de entrar aí, mas como alguma coisa lhe chamasse a atenção para fora, ela conservou-se de pé na abertura da cortina. A luz dava em cheio sobre a sua figura e me permitia fazer um completo exame da sua pessoa. Suas vestes finas faziam-lhe sobressair a cor azeitonada do pescoço, espáduas, braços e pés, deixando-os totalmente visíveis. Seus cabelos longos, anelados e negros caíam-lhe até à cintura e estavam cobertos por pequeno turbante no alto da cabeça. Suas feições mostravam-se delicadas e bem distintas, seus olhos eram grandes, fundos e cheios de vida; seus movimentos pareciam os de uma menina. Tudo isso pude notar contemplando-a de pé entre as cortinas, meio tímida e audaz, como uma cabrazinha.

Depressa Iolanda tornou-se muito destra. Sua atividade que de nada se arreceava, sua curiosidade infantil e sua admiração a respeito de tudo o que era novo para ela tornaram-se para todos um motivo de constante interesse. Ela tinha predileção pelas cores claras e pelos objetos brilhantes; examinava com atenção todos os objetos de adorno trazidos pelas damas e muitas vezes enfeitava-se com eles, encantada por provocar observações lisonjeiras da parte dos outros.

Uma das damas trouxe certo dia uma faixa brilhante de seda da Pérsia, para a qual Iolanda olhou logo com arrebatamento e colocou-a imediatamente nos ombros, sem querer mais deixá-la. Quando, terminada a sessão, Iolanda desapareceu, não se pôde em parte alguma encontrar a faixa. Na ocasião seguinte a dama perguntou-lhe o que ela tinha feito da sua faixa. Iolanda pareceu perturbar-se um pouco, mas um instante depois agitou as suas mãos no ar, tocou

no seu ombro, e logo a faixa aí apareceu como na noite anterior. Ninguém pôde ver como apareceu nem donde veio. Iolanda conservava-se de pé no meio da assistência com o seu vestido branco de Espírito, que apenas escondia suas formas graciosas; bastou-lhe um ligeiro movimento de sua mão pequena para que em seus ombros nus se mostrasse a faixa colorida de seda, que ela nunca mais deixou.



Iolanda, tal como apareceu materializada.
(Fotografia com luz de magnésio)

Às vezes, quando gradualmente se dissolvia à vista de vinte pares de olhos, ficando a faixa no chão, alguém dizia: “Desta vez ela a esqueceu.” Mas não, a faixa desaparecia do mesmo modo que

o Espírito e todas as buscas que se faziam para encontrá-la eram inúteis. Entretanto, Iolanda asseverava-nos alegremente que a faixa nunca havia saído da sala e que só não podíamos vê-la por sermos cegos. Isso parecia diverti-la e ela nunca perdia a ocasião de mistificar-nos, tornando invisíveis para nós os objetos, ou fazendo aparecer na sala flores que nenhum dos assistentes tinha trazido.

Um dos membros do nosso grupo descreveu do modo seguinte as estranhas aparições e desapareções dessa criatura extraordinária:

“No começo pode observar-se um objeto branco, vaporoso e membranoso sobre o soalho, diante do gabinete. Esse objeto vai, gradual e visivelmente, estendendo-se, como se fosse uma peça de musselina animada desdobrando-se sobre o chão, até atingir uma extensão de dois e meio a três pés, com uma espessura de seis ou mais polegadas. Depois, a parte central começa a elevar-se lentamente, como se fosse levantada por uma cabeça humana, enquanto as membranas nebulosas se assemelham, cada vez mais, a uma musselina a cair em pregas sobre o ponto misteriosamente surgido. Quando a massa atinge a altura de dois ou mais pés, dir-se-ia ser uma criança que ali se acha escondida sob um pano, agitando seus braços em todas as direções, como se manipulasse alguma coisa. A massa continua a elevar-se, baixando às vezes para levantar-se a maior altura que anteriormente, até subir cerca de cinco pés. Então, pode-se ver a figura do Espírito acomodando as dobras do pano que o envolve.

Depois, os braços elevam-se consideravelmente acima da cabeça e Iolanda aparece, graciosa e bela, abrindo passagem através de uma massa de panos nebulosos. Ela tem cerca de cinco pés de altura; sua cabeça está envolta em um turbante, do qual os seus longos cabelos negros caem pelas costas.

Seu vestido, de aspecto oriental, deixa ver a forma de cada membro e todo o contorno do seu corpo; o excesso de pano branco, semelhante a um véu, fica enrolado ao redor do corpo por conveniência ou caindo no tapete, até que haja nova necessidade de operar; e para fazer tudo isso são necessários cerca de dez ou quinze minutos.

Quando ela desaparece ou se desmaterializa acontece o seguinte: dando um passo para a frente, a fim de se mostrar e deixar verificar a sua identidade pelas pessoas presentes, Iolanda, lenta mas deliberadamente, desenrola o leve estofado que lhe serve de véu, junta-o, coloca-o na cabeça e deixa-o cair por cima do seu corpo, como se fosse um grande véu de noiva; depois abaixa-se imediatamente, diminuindo de volume à medida que parece dobrar-se sobre si mesma, desmaterializando seu corpo, sob o pano vaporoso, até que não tenha mais semelhança alguma com Iolanda. Em seguida, desce ainda até perder todo o aspecto de uma forma humana, chegando rapidamente até doze ou quinze polegadas de altura. A figura cai então completamente e não representa mais que a forma de um montículo de pano. Literalmente, não são senão os vestidos de Iolanda que, lenta mais visivelmente, fundem-se a seu turno e desaparecem.

A desmaterialização do corpo de Iolanda consome de dois a cinco minutos, ao passo que o desaparecimento dos vestidos exige apenas de meio minuto a dois. Entretanto, ela deixou, uma vez, de desmaterializar os seus véus que ali ficaram no chão, e que outro Espírito, saindo do gabinete, veio contemplar com um ar de censura à pobre Iolanda. Quando esse Espírito, de talhe elevado, se retirou, apareceu a figura infantil de Nínia, a pequena espanhola, que veio ver também os despojos de Iolanda. Apanhando com curiosidade o estofado,

ela envolveu-se nele, apesar de já trazer o seu corpinho vestido.”

Um dia Iolanda saiu do gabinete e dirigiu-se a mim. Trazia o seu véu na cabeça e olhava curiosamente para outra parte do gabinete, com certeza esperando ver daí sair alguém. Com efeito, as cortinas abriram-se e uma grande figura emergiu e avançou à vista de todos. Tinha-nos divertido a impaciência de Iolanda por causa da demora que teve o Espírito em sair do gabinete, impaciência que ela exprimia batendo com o seu pé descalço no soalho. Outra de nossas misteriosas visitantes chamava-se Y-Ay-Ali, uma das criaturas mais belas que é possível imaginar-se. Suas formas escultóricas, sua deslumbrante beleza, seu porte majestoso e seus graciosos movimentos faziam vivo contraste com os modos felinos de Iolanda. Y-Ay-Ali era com certeza criatura de algum mundo superior. Ela só se mostrou uma ou duas vezes, embora nos informassem de sua presença freqüente às sessões. Dos que a viram, nenhum poderá esquecê-la.

Era evidentemente uma autoridade, alguma mestra, à qual Iolanda votava grande respeito e profunda veneração. Disseram-nos que era ela quem, apesar de invisível, dirigia a produção das magníficas flores que tão misteriosamente nos foram trazidas.

XIX

A “Ixora Crocata”

“E o Eterno disse: – Quererias que se poupasse a planta, para a qual não trabalhaste, para cujo crescimento em nada influíste, pois que ela nasceu em uma noite e em uma noite morreu.”

(*Jonas*, 4:10.)

Certo dia recebi uma carta do Sr. W. Oxley, personagem assaz conhecida em Manchester, juntamente com uma mensagem de dois cavalheiros muito conhecidos na Alemanha, pedindo-me licença para assistirem a uma das nossas sessões. Transmiti esses pedidos aos outros membros do grupo, e o resultado foi que os três estranhos compareceram à nossa reunião. Tivemos então uma sessão de extraordinário interesse, se realmente se pode dizer que algum desses fenômenos foi mais maravilhoso que os anteriores; os fatos, porém, tornando-se conhecidos também por outros países, diversas pessoas, ao menos, os acharam surpreendentes.

O Sr. Oxley disse-nos que viera com um fim especial, do qual só falaria depois de havê-lo conseguido. Explicou-nos que, por outro médium, os Espíritos lhe haviam dito que ele obteria o que buscava se conseguisse ser admitido em nosso círculo privado. A nós mesmos perguntávamos naturalmente qual poderia ser o seu objetivo e receávamos que a presença dos dois outros estranhos fizesse baquear o seu plano. Por outro lado, uma queda que eu sofrera precisamente nesse dia, ao descer a escada, causando-me uma luxação no cotovelo, parecia também concorrer para diminuir as nossas probabilidades de êxito.

Portanto, fui nessa noite à sala das sessões disposta a pedir o adiamento da experiência; mas ao chegar aí, tendo sabido que o tempo dos nossos visitantes era muito limitado, decidi-me a trabalhar mesmo assim.

Tomamos então os nossos lugares de costume. A Sra. B... tocou um solo no harmônio, e reinava o silêncio quando as cortinas do compartimento central do gabinete afastaram-se e Iolanda entrou na sala. Ela lançou uma vista perscrutadora sobre os estrangeiros, que também a olhavam cheios de interesse, admirando evidentemente a forma graciosa e os olhos sombrios da nossa jovem árabe.

Como já disse, a minha postura obrigatória no gabinete impedia-me de ser mais que uma testemunha de ouvido; por isso, cedo a palavra a um dos membros do nosso grupo:

“Iolanda caminhou até onde o Sr. Reimers se achava sentado (o Sr. Reimers é muito conhecido na Europa como espírita distinto), e convidou-o a aproximar-se do gabinete para testemunhar certos preparativos que ela ia fazer. Cumpre prevenir que, quando, nas ocasiões precedentes, Iolanda produzia flores para nós, ela dava a entender que precisava de areia e água, pelo que tínhamos sempre próxima uma provisão de água e de areia. Quando ela, em companhia do Sr. Reimers, chegou ao centro do círculo, fez compreender o seu desejo de ter água e areia, e depois, fazendo seu companheiro ajoelhar-se diante de si, mandou-o que pusesse a areia em uma garrafa, o que foi feito até que atingisse o meio. Em seguida mandou aí entornar a água. O Sr. Reimers, tendo sacudido fortemente a garrafa, passou-a a Iolanda, que, depois de examiná-la com cuidado, colocou-a no chão, cobrindo-a apenas com um pano que retirou dos seus ombros. Daí entrou no gabinete, donde voltou uma ou duas vezes, no fim de curtos intervalos, para ver o que se passava.

Durante esse tempo, o Sr. Armstrong tinha afastado a água e a areia excedentes, deixando somente a garrafa no centro da sala, coberta apenas com o tênue véu que mal dissimulava a forma da garrafa, cujo gargalo era particularmente visível.

Por pancadas produzidas no soalho, fomos convidados a cantar, com o fim de harmonizarmos os nossos pensamentos e destruirmos o excesso de curiosidade que, em maior ou menor grau, todos pudéssimos sentir.

Durante o canto, observamos que o pano parecia ir elevando-se acima da garrafa; o fato era visível a vinte testemunhas cuidadosamente atentas.

Iolanda saiu do gabinete e encarou a garrafa com inquietação. Examinou-a minuciosamente e buscou sustentar o véu, como se ele ameaçasse esmagar algum objeto frágil colocado debaixo. Finalmente, retirou-o de todo, expondo às nossas vistas atônitas uma planta perfeita, que parecia pertencer à família das lauráceas.

Levantou a garrafa na qual a planta havia brotado; suas raízes eram visíveis através do vidro e estavam profundamente mergulhadas na areia.

Iolanda olhava para a planta com uma alegria e um orgulho manifestos e, segurando-a com as duas mãos, atravessou a sala e veio apresentá-la ao Sr. Oxley, um dos estranhos presentes. É sabido que esse cavalheiro se tem feito conhecer pelos seus trabalhos filosóficos sobre assuntos espíritas e pelos seus escritos acerca das pirâmides do Egito.

Recebeu a garrafa com a planta; e Iolanda retirou-se como se estivesse terminada a sua tarefa.

Depois de haver examinado a planta, o Sr. Oxley colocou a garrafa no chão, junto de si, por não haver ali perto nenhuma mesa. Muitos comentários foram feitos, a curiosidade

chegou ao seu auge. A planta assemelhava-se a um loureiro, com largas e escuras folhas lustrosas, mas sem flores. Ninguém a conhecia nem podia classificá-la.

Fomos chamados à ordem por pancadas no soalho e convidados a deixar a discussão, cantar alguma coisa e conservar-nos tranqüilos. Obedecemos à ordem e, enquanto cantávamos, novas pancadas aconselharam-nos novo exame da planta. Com grande surpresa, observamos então um topete florido, uma umbela circular, medindo cerca de cinco polegadas de diâmetro, e que havia sido formada enquanto a planta achava-se aos pés do Sr. Oxley.

A flor tinha uma bela cor vermelho-alaranjada, ou antes a do salmão; como nunca observei essas variedades de cores, parece-me difícil descrevê-las por palavras.

A inflorescência compunha-se aproximadamente de cento e cinquenta pequenas corolas com a forma de estrelas, presas a hastes longas. A planta media vinte e duas polegadas de altura e, com o seu grosso caule fibroso, enchia o gargalo da garrafa. Suas folhas eram em número de vinte e nove e mediam aproximadamente duas a duas e meia polegadas de largura, por sete e meia polegadas de comprimento máximo. Cada folha era lisa e lustrosa, assemelhando-se, à primeira vista, às do loureiro, como supusemos a princípio. As raízes fibrosas pareciam ter crescido naturalmente na areia.

Mais tarde fotografamos a planta na sua garrafa, pois não foi possível retirá-la daí, devido à estreiteza do gargalo, que impedia a passagem da raiz, e também porque a haste enchia completamente o orifício.

Soubemos então que a planta era a “*Ixora Crocata*”, originária da Índia.



Fotografia da “Ixora Crocata” produzida para o Sr. William Oxley, na sessão de 04/10/1880.

Como nos foi trazida? Teria nascido mesmo na garrafa? Foi transportada desmaterializada das Índias para ser rematerializada na nossa sala de sessões? Tais foram as perguntas que dirigíamos uns aos outros, sem resultado. Nenhuma explicação satisfatória pudemos obter. Iolanda não quis ou não pôde satisfazer-nos. Tanto quanto nos foi possível julgar, e essa foi a opinião de um botânico de profissão, a planta já contava alguns anos de existência. Podíamos ver os lugares onde tinham existido outras folhas e observamos traços de cortes já cicatrizados pelo tempo. Entretanto, era evidente que a planta tinha brotado da areia da garrafa, como atestavam as raízes encostadas na sua parte interna, e com todas as

suas fibras em perfeito estado, como se aí mesmo houvessem avolumado, sem encontrar obstáculos. A planta não podia ter sido introduzida na garrafa, porque não seria possível fazer passar pelo gargalo as suas grandes raízes fibrosas nem a parte mais grossa da sua haste, sem que aquele se quebrasse.”

Em um livro publicado mais tarde o Sr. Oxley disse:

“Depois de fotografar a planta na manhã seguinte, levei-a comigo e coloquei-a na minha estufa, entregue aos cuidados do jardineiro; ela, porém, murchou três meses depois. Conservei as folhas para oferecê-las a alguns amigos, exceto a flor e as três folhas da extremidade que o jardineiro cortou, quando tomou conta da planta. Essas, conservo-as ainda sob uma redoma de vidro, sem que apresentem indício algum de desmaterialização. Antes da criação ou da materialização dessa maravilhosa planta, Iolanda trouxe-me uma rosa, cuja haste tinha uma polegada de comprimento, e que coloquei na lapela do meu casaco. Sentindo depois aí algum movimento, tirei-a e, em vez de uma, encontrei duas rosas. Tornei a colocá-las no mesmo lugar e, no fim da sessão, vi admirado que a haste se tinha alongado até sete polegadas, sustentando três rosas abertas, um botão e muitos espinhos. Levei essas flores para casa e conservei-as até murcharem; as folhas morreram e a haste secou, o que era uma prova da sua realidade e materialidade.”

Isso não foi mais que um dos notáveis trabalhos de Iolanda; e mostra-nos de que interesse eram as manifestações obtidas nas nossas experiências. No fim da sessão, o Sr. Oxley explicou-nos que os Espíritos lhe haviam prometido um espécime dessa rara planta, para completar a sua coleção, e que desse modo ficara realizado o objetivo da sua visita.

Outra prova favorita de Iolanda era a seguinte: ela confiava a um dos seus amigos um copo cheio de água, pedindo-lhe que a observasse com atenção; estendia seus dedos apontando para a água, onde, sob as vistas vigilantes do amigo, formava-se uma flor que enchia o copo. Era geralmente um espécime de bela rosa, cuja haste, às vezes, sustentava muitas flores.

O entusiasmo de Iolanda era igual ao do amigo favorecido, quando ela conseguia causar-lhe essa surpresa; mas, quando lhe manifestávamos o desejo de saber como fazia isso, ela erguia os ombros e inclinava a cabeça com um ar perplexo.

Penso que ignorava o modo pelo qual produzia essas flores encantadoras, visto trabalhar sob a direção da sua querida Y-Ay-Ali, cujo saber era ilimitado. Se, porém, Y-Ay-Ali conhecia esse segredo, ela o guardava para si, tanto quanto podíamos perceber. Se nos tivesse dado a explicação pedida, é possível que não conseguíssemos o mesmo resultado que Iolanda. Em todo o caso, o *modus operandi* dessas lindas criações ficou sendo sempre um mistério para todos nós.

Outro dos importantes trabalhos de Iolanda consistia em pedir um jarro, enchê-lo de água até o meio, colocá-lo com o auxílio de um dos assistentes em sua cabeça ou no seu ombro e transportá-lo de um a outro lugar, formando um quadro de graça e beleza orientais, com o seu rosto e os seus braços descobertos, seu vestido branco como a neve e seus negros cabelos caindo-lhe pelas costas. Quando, depois de haver saudado seus amigos, Iolanda baixava o jarro, achavam-no cheio de muitíssimas rosas das mais raras espécies, que ela generosamente distribuía aos assistentes, apresentando o jarro para que, em geral, escolhessem. Às vezes, pedíamos e obtínhamos flores de um colorido especial.

Alguém me perguntou um dia: “Por que lhe não fazeis um pedido?” Com efeito, eu jamais pedira qualquer coisa para mim, interessando-me suficientemente pelos trabalhos de Iolanda, todas

as vezes que tive ocasião de observá-los. Mas, ouvindo essa pergunta, Iolanda fixou em mim um olhar interrogador e pedi-lhe que me desse uma rosa... uma rosa negra. Acreditei que isso ia embarçá-la, pois supus que essa flor não existisse. Ela mergulhou imediatamente a mão no jarro e, retirando daí um objeto escuro, salpicado de gotas d'água, ofereceu-me triunfante. Era uma rosa de cor azul muito escura, como eu e os presentes nunca havíamos visto; um espécime magnífico, cujo valor, pelo menos na minha opinião, dependia mais da sua raridade que da sua beleza.

Essa amabilidade da parte de Iolanda era digna de nota, porque ela raras vezes favorecia-me com a sua atenção, parecendo antes evitar-me ou só aceitar a minha presença no gabinete como uma coisa necessária.

Parecia existir entre nós um laço estranho. Eu nada podia fazer para garantir a sua presença no meio de nós, pois ela vinha e se retirava inteiramente independente da minha vontade. Entretanto, descobri que, enquanto se achava conosco, sua curta existência material dependia da minha vontade, e que então eu perdia, não a minha individualidade, mas a minha força e o meu poder de agir.

Perdia também uma grande parte da minha substância material, embora na ocasião não desconfiasse disso. Sentia em mim uma transformação qualquer, e é curioso que todo esforço da minha parte para pensar com lógica e seguir o encadeamento de um raciocínio parecia molestar e enfraquecer Iolanda. Ela possuía mais força e vida, quando eu tinha menos inclinação a pensar e raciocinar; mas o meu poder de percepção crescia a ponto de causar-me dor, não física, mas mental. Meu cérebro tornava-se uma espécie de galeria onde os pensamentos dos outros tomavam corpo e soavam como um objeto material. Se alguém sofria, eu sentia o eco do seu sofrimento; se alguém estava fatigado, aborrecido, eu experimentava instantaneamente o mesmo sentimento. A alegria e o sofrimento faziam-se de algum modo perceptíveis em mim e eu,

sem poder dizer quem isso sentia, ficava sob o domínio de tais impressões.

Se alguém, por exemplo, rompia a cadeia, o fato era-me comunicado claramente, sem eu saber como. Os passeios de Iolanda causavam-me, às vezes, uma vaga inquietação. Ela evidentemente achava prazer na sua curta permanência entre nós e era tão temerária, apesar da sua aparente timidez, que sempre me atormentei com o pensamento do que lhe pudesse suceder. Eu sentia penosamente que qualquer acidente ou imprudência da sua parte repercutir-se-ia em mim. Como? Eu não tinha a respeito uma idéia firme. Só mais tarde deveria sabê-lo.

Se esse sentimento de ansiedade tomava realmente a forma de um pensamento, descobria que ele sempre forçava Iolanda a entrar no gabinete, contrariada e, às vezes, com uma petulância infantil. Isso demonstrou que o meu pensamento exercia uma influência dominadora sobre os seus atos e que ela somente vinha a mim quando não mais se sustentava a si mesma.



Morangueiro carregado de flores e frutos, produzido em uma sessão.
Os morangos maduros foram distribuídos entre os assistentes.



Samambaias produzidas na sessão de 12-04-1880.

A menor, na foto à esquerda, foi dada ao Espírito como amostragem. As demais foram oferecidas a um assistente, duas das quais a pedido deste.



Plantas produzidas durante a sessão de 08-03-1890.

XX

Numerosas visitas de Espíritos

*Um deles é um gênio, o outro um homem;
Mas, quem nos poderá aí dizer,
Qual dos dois o Espírito deve ser?*

(Shakespeare, *Comedy of Errors*, Act. 1.)

Não se deve supor que não tínhamos outros assistentes espirituais além de Walter, Iolanda, Nínia e Y-Ay-Ali. Não havia reunião em que se não apresentasse uma nova figura. Muitas vezes esses Espíritos eram-nos desconhecidos e, neste caso, não voltavam. Vieram outros cuja identidade, sendo reconhecida, demoraram-se algum tempo conosco, não se retirando senão para voltarem nas sessões seguintes.

Quantas vezes dei graças a Deus por me haver concedido o dom maravilhoso que me permitia levar consolo aos corações despedaçados! E eu bendizia-o ainda, apesar dos amargos sofrimentos e das perseguições cruéis que sofri da parte dos ignorantes e dos cépticos.

Uma noite tivemos a súbita aparição de um jovem marinheiro, trajando uniforme azul com galões e botões dourados e um casquete com as insígnias do seu posto. Vi-o em plena luz, quando ele afastou as cortinas e saiu do gabinete. Sua aparição surpreendeu-me, porque se assemelhava tanto a uma pessoa viva que a princípio não pude imaginar que fosse um Espírito. Além disso, não tive tempo de coordenar os meus pensamentos, porque ouvi gritos e exclamações que interromperam a prece feita pelo nosso bom Sr. H... Eu nada via; apenas ouvia, mas disseram-me depois ter sido

muito comovente a cena que se seguiu à chegada do jovem marinho.

Ele dirigiu-se a uma dama que estava sentada atrás dos outros e esta, reconhecendo um filho que havia perdido, atirou-se para a frente, indo recebê-lo no meio do caminho. Ele lançou-se nos seus braços, estreitando-a apaixonadamente, assim se conservando por algum tempo. Muitas das pessoas presentes não puderam conter as lágrimas de simpatia por essa mãe e esse filho ali abraçados.

– É o meu filho, o meu Alfredo – disse a pobre mãe –, o único filho que eu nunca mais imaginava tornar a ver. Não está mudado, não é maior nem mais forte, em nada difere do que era. Ainda usa o pequeno buço que tanto o envaidecia quando se despedia de mim, ao partir para essa viagem donde não devia voltar. É meu filho e ninguém mais. Ninguém no mundo pode negar este fato nem roubar-me esta consolação; meu filho vive e ama-me ainda, como me amou sempre.

Entre os numerosos enfermos que solicitavam o auxílio dos nossos amigos espirituais, estava o Sr. Hugh Biltcliffe, de Gateshead, amigo pessoal do Sr. e da Sra. F... Infelizmente, só muito tarde soubemos da sua enfermidade para fazer-lhe outro bem a não ser dar-lhe um simples alívio em suas últimas horas de sofrimento. Com grande pesar para os seus amigos, entrou no mundo invisível poucos dias depois de sermos informados do seu estado. Sua viúva e seus filhos estavam inconsoláveis. Ele havia sido espírita, mas nunca tomara parte ativa na propagação de suas crenças, embora se interessasse bastante por todo movimento educador, particularmente no que se referia à temperança, da qual com especialidades se ocupara. A esposa compartilhava das suas idéias, mas não tomava interesse nas nossas experiências e, depois da morte de seu marido, via-a raras vezes. Eu conhecera essa família pouco tempo antes da morte do Sr. Biltcliffe, sem nunca o ter visto pessoalmente antes de se achar mudado e emagrecido pela doença.

Alguns meses depois da morte do marido, a Sra. Biltcliffe veio a uma das nossas sessões conduzida pelo Sr. e Sra. F... Para narrar o que se seguiu, cedo a palavra ao Sr. F..., que publicou mais tarde um relatório assinado pela Sra. Biltcliffe e duas outras damas que se achavam também presentes à sessão. Ele escreveu:

“O Sr. Hugh Biltcliffe, um dos meus mais caros amigos, morreu há cerca de um ano. Ele era assaz conhecido em Gatheshead, onde tomava parte ativa na causa da temperança, e foi durante alguns anos inspetor de uma escola dominical (Sunday-School). Ele e sua esposa eram espíritas, mas a Sra. Isabel Biltcliffe nunca havia assistido a um trabalho como o que vou agora descrever.

Quando a sessão ia terminar, vimos aparecer, afastando as cortinas, o alto e fino perfil de um homem, com as suíças e os cabelos negros, e trajando roupa branca. Seu aspecto era nobre e majestoso. Reconheci logo o meu amigo Biltcliffe. O mais notável é que não fui o único a reconhecê-lo, mas também sua mulher, a minha e outra dama, logo que ele apareceu. Além disso, dois cavalheiros que se assentavam um pouco atrás declinaram o nome do meu amigo e perguntaram-me depois se acertavam na sua suposição, quanto à aparência e identidade do Espírito.

Assim, quatro pessoas o reconheceram sem a mínima dúvida, e duas outras, reconhecendo-o, tiveram, entretanto, alguma dúvida quanto aos seus sentidos.

Esse amigo veio a mim e apertou-me as mãos. Sua mão, que era um pouco maior que a minha, estava quente, macia e natural. Seu aperto foi firme e vigoroso, como na sua vida terrena. Compreendi que, com isso, ele queria exprimir-me o seu reconhecimento pelos pequenos serviços que lhe prestara durante a sua enfermidade.

Na reunião seguinte, dez dias depois, a Sra. Biltcliffe tornou a comparecer, mas desta vez com as suas duas filhinhas: Inês, de treze anos, e Sara, de sete a oito anos.

O meu amigo apresentou-se de novo para provar-nos que, apesar de seu corpo ter sido encerrado em um túmulo, ele estava, sem a menor dúvida, tão vivo como nós, e desejava demonstrar-nos a irrealidade da morte.

No momento em que apareceu, a pequena Sara, esperta e inteligente menina, correu ao seu encontro e ele, tomando-a nos braços, beijou-a. Ela segurou-se ao seu pescoço, como se não quisesse mais ser separada, mas teve de ceder o lugar à sua irmã mais velha, que também desejava carícias. As meninas fizeram-lhe inúmeras perguntas, como estas: “Onde ele conseguiu aquelas roupas brancas de que se revestia?” “O que ele faria com elas, quando fosse embora?” “Como pudera entrar na sala?” Elas perguntaram-me se eu o reconhecia.

– Sim, certamente o reconheço; por que motivo não reconheceria eu vosso pai?

– Que coisa estranha! Ele morreu e entretanto está vivo. Como pode isso suceder?

Essas e cem outras perguntas e observações, embaraçosas para cabeças mais ilustradas que as suas, foram ali feitas. Ninguém conseguirá persuadir essas meninas de que não viram nem abraçaram seu pai, morto um ano antes.”

Mencionarei ainda um caso semelhante, que despertou o meu interesse por conhecer eu pessoalmente as pessoas que aí figuraram. Um velho cavalheiro, meu conhecido, era espírita de há muitos anos; sua mulher, que não mostrava a menor simpatia por essas idéias, faleceu. Eu não lhe votava a mesma amizade que ao seu marido, porque em certa ocasião suas palavras mordazes choca-

ram-me muito e induziram-me a ter compaixão do pobre marido, que prosseguia em seus estudos espíritas cheio de desgosto.

Ela morreu, e fiquei surpreendida por ver quanto essa perda o afligia. Alguns dias depois do enterro ele veio ao nosso santuário, sem o intuito de assistir a alguma sessão; mas, aí se achando, ficou para ver o trabalho. O seu desgosto sensibilizava-me e fiquei satisfeita por vê-lo ali permanecer um momento, esperando que encontrasse algum alívio para a sua tristeza. Recordo-me imperfeitamente do que sucedeu no começo da sessão, mas vejo ainda distintamente as cortinas abrirem-se com violência, deixando a luz dar em cheio sobre a figura da Sra. Miller. Apesar de habituada a essas coisas, o espanto sufocou-me. Não podia haver um engano; eram seus traços, seus gestos; era ela própria, e foi logo reconhecida pelas pessoas que a tinham conhecido em vida. Seu marido, emocionado, quis abraçá-la, porém ela, dando um passo para trás, disse-lhe severamente:

– Que fizestes do meu anel?

Um raio que ali caísse não nos causaria maior surpresa.

– Minha querida, não possuo o seu anel – respondeu o pobre homem –; não está ele no seu dedo?

E prorrrompeu em soluços, enquanto a Sra. Miller voltava para o gabinete, donde tinha saído.

O meu desejo foi atirá-la para fora, com força.

O Sr. Miller pareceu incomodar-se muito com essa contrariedade da sua mulher. Contou-nos que ela, quando estava por morrer, recomendara que lhe não tirassem os dois anéis que costumava usar. Ele prometera respeitar o seu desejo, e não podia compreender a observação que ela viera fazer. Julgo que ele não compreendeu bem o alcance da pergunta, mas estou certa de que a maioria das pessoas presentes sentiu-se mais ou menos indignada, ao ver

esse coração amoroso e aflito ser censurado por causa de uma jóia, fosse qual fosse o seu valor.

Mais tarde, o Sr. Miller disse-nos que, ao voltar para casa, tendo interrogado sua filha a respeito desses anéis, ela respondera que, ignorando o desejo de sua mãe, os havia tirado precisamente antes do enterro, pois acreditava que seu pai seria feliz em tornar a vê-los. Desse modo tudo ficou explicado.

A Sra. Miller voltou muitas vezes com o intuito de cumprimentar os seus amigos, mas nunca mostrou ter vencido seus preconceitos contra o Espiritismo; também não se utilizou de nossas reuniões senão quando pretendia um fim especial. Entretanto, bastava o fato da sua aparição para testemunho em favor daquilo que ela desprezava; e todos os que a haviam conhecido, e não eram poucos, tiveram provas convincentes de que a Sra. Miller era tudo o que podia haver de mais vivo e de menos mudado, quer no aspecto, quer no caráter. No estudo dessas manifestações, as idéias ortodoxas que podíamos ter concebido sobre os habitantes das esferas espirituais não deixaram de sofrer sérios abalos. Segundo pude julgar, nenhum dos nossos visitantes espirituais, com exceção talvez de Y-Ay-Ali, correspondia às minhas idéias preconcebidas acerca do estado angélico. Eles pareciam tão humanos, como se realmente estivessem ainda na vida terrena.

Uma longa conversação que se deu certa noite entre um Espírito e um dos nossos hóspedes fez-me refletir por muito tempo. Isso se passou em nossa reunião habitual. Dois desconhecidos, amigos de um membro do grupo, tinham sido convidados por consenso geral para assistirem à sessão. Apareceu então um Espírito de estatura elevada, bigodes, barba e cabelos negros, fronte larga e alta. Como ninguém o conhecesse, perguntamos-lhe se tinha vindo por causa de algum de nós e ele fez-nos compreender que conhecia um daqueles dois desconhecidos que estavam presentes, o qual,

visto não desejar que seu nome fosse dado à publicidade, designarei simplesmente pela letra B...

Sr. B... – Quem sois? Filipe?

Espírito – Não.

Sr. B... – Sois Lynch?

Espírito – Sim, Emmanuel Lynch.

Sr. B... – Eu não pensava em Emmanuel. É a Frank que eu queria falar, Frank, que morreu no mar.

Espírito – Não, eu não morri no mar, mas de consunção.

Sr. B... – Sim, é certo; Frank morreu no mar, e Emmanuel em Hartlepool.

Espírito – Sim, no velho Hartlepool. Sabeis se meus pais ainda vivem? Se minha mulher está também viva? Quando morreu Frank? E Ralph, vive ainda? Em que embarcação vistes-me pela última vez?

Sr. B... – Não sei o nome da embarcação, mas foi no ano de 1867. Não posso responder positivamente às vossas outras perguntas, porque há muito tempo não vou a Hartlepool.

Espírito – Eu desejava tornar a ver todas essas pessoas ou, pelo menos, saber se já deixaram o vosso mundo. O velho estava sofrendo antes da minha morte, porém de um mal já antigo. Não sei porque ele e minha mãe, sendo tão sadios, tão fortes, viram todos os seus nove filhos morrer tísicos.

Sr. B... – Ouvi dizer que eles tiveram nove filhos, mas só conheci Frank e Emmanuel.

Espírito – Eu queria saber se Catarina, minha mulher, tornou a casar-se... porém, que tenho eu agora com isso? Conheceste Brough, o proprietário do navio?

Sr. B... – Não.

Espírito – E o velho capitão Wynn?

Sr. B... – Sim, ainda vive. Falei-lhe ainda hoje.

Espírito – Não é desse que eu falo. O outro vivia em Poplar, na cidade de Londres. Ele morreu muito antes de mim e se acha aqui presente, desejando mandar um recado à sua mulher. Quer saber se ela tornou a casar-se ou se o esqueceu, porque então não mais se preocupará com a sua sorte.

Sr. B... – Não sei onde ela mora.

Espírito – Escrevei a John Fennick, 44, Coal Exchange, Londres. Ele vos indicará a morada da Sra. Wynn. Perguntai a Emily se ainda se lembra de Manny Lynch; ela desejou casar comigo.

Sr. B... (dirigindo-se aos assistentes) – Manny Lynch. Sim, tínhamos o hábito de chamar-lhe Manny. Ele trouxe um escultor para modelar o seu busto, quando se achava no Mediterrâneo.

Espírito – Sim, Jack Rogers também o fez, e depois Garibaldi.

Sr. B... – Jack Rogers vive ainda:

Espírito – Deixou-me para embarcar no “Iron Age”; o navio perdeu-se, e não sei o que foi feito de Jack.

Sr. B... – Conheci o navio “Iron Age”, mas ignorava que Jack Rogers estivesse aí embarcado. Vistes depois o capitão?

Espírito – Não; ouvi falar dele quando já me achava muito mal, e não me posso lembrar do que diziam. Terá morrido?

Sr. B... – Sim.

Espírito – Era realmente um bom rapaz, caro senhor. Cumprimentai-o em meu nome e dizei-lhe que eu teria grande satisfação em conversar com ele. Dai lembranças minhas a Emily. Sinto não ter podido reconciliá-los. Vinde aqui mais vezes, para falarmos do velho tempo e dos companheiros.

Não mais tornei a ver esse estrangeiro, porém pergunto a mim mesma que mudança teriam sofrido as suas idéias a respeito do céu, depois dessa conversação.

Segundo pude julgar, Emmanuel Lynch interessava-se ainda vivamente por tudo o que se referisse à sua vida passada, como no tempo em que vivia. Seu amigo disse-nos que Manny (ou Emmanuel) fora maquinista a bordo de um navio, e que lhe não restava a menor dúvida de que ele próprio aí estivera e não algum outro Espírito.

O Espírito e o interpelante eram-me ambos estranhos, como sucedia com a maioria dos que vinham ao nosso círculo; essa conversação, apesar de muito natural entre amigos que se reviam depois de uma separação de alguns anos, chocou-nos como faria uma coisa inteiramente estranha e incompreensível. Estávamos persuadidos de que os Espíritos não tinham necessidade de fazer perguntas como as de Emmanuel Lynch. Parecia-nos que esse Espírito regressava de longa viagem e queria conhecer as mudanças sobrevindas em sua ausência.

Uma noite, quando eu me achava tranqüilamente sentada no gabinete, escutando o que diziam pelo lado de fora, percebi algumas palavras pronunciadas junto ao meu ouvido, que me fizeram estremecer e colocar em posição favorável para escutá-las atentamente. Ouvi alguém falando francês perto do gabinete e compreendi que essas palavras eram dirigidas a um Espírito que se conservava de pé entre as cortinas abertas. Eu o vira sair, avançar para a luz, mas a fadiga particular que experimento sempre que essas formas se materializam me havia impedido de seguir com atenção os seus movimentos. Ouvindo essa linguagem estranha, despertei, como se alguma coisa de novo fosse produzir-se, e as palavras “*ma petite, ma fille*”, excitaram em mim tal curiosidade que eu quis definitivamente ver o Espírito. Tendo obtido a permissão para deixar a minha cadeira no gabinete, dirigi-me lentamente e com dificuldade para fora das cortinas, no ponto em que se mostrava uma figura branda. Oh! surpresa. Achei-me cara a cara com... comigo mesma, pois que, pelo menos, isso me pareceu.

O Espírito materializado era um pouco maior e mais robusto que eu; tinha os cabelos mais longos, as feições mais grosseiras e os olhos maiores; contemplando, porém, esse rosto, eu me julgava estar vendo em um espelho, tão grande era a semelhança.

O Espírito colocou suas mãos em meus ombros e, olhando-me atentamente, murmurou:

– “Mignonne, ma petite.”

Apesar de contente por achar-me diante de uma parenta, ainda que desconhecida, não deixei de experimentar certo temor, sobrepujando qualquer outra sensação; eu não podia dizer que reconhecia essa parenta, porque nunca meus olhos a tinham visto. Entretanto, não duvidei da sua identidade, e sua estranha semelhança foi para mim uma revelação. Nunca ouvi dizer que me assemelhava a ela, nem conhecia pessoa alguma que a houvesse visto ou pudesse dar-me informações a seu respeito.

A “dama francesa”, como nos habituamos a chamar-lhe, era uma das nossas poucas visitantes do outro mundo capaz de exprimir-se pela palavra; a maioria dos Espíritos fazia-se compreender por sinais ou gestos, quando tinham de responder-nos. Ela tornou-se minha amiga particular, como todos sabiam, e vinha principalmente por minha causa, apesar de ser mais atenciosa para com os outros membros do grupo. O papel especial que eu desempenhava nas sessões talvez impedisse que ela me manifestasse o seu afeto, por ter notado que qualquer preocupação do meu espírito, qualquer interesse nele despertado, produzia um enfraquecimento notável no seu poder; por isso, testemunhava muito maior atenção aos outros, principalmente ao Sr. F..., o único que podia falar sua língua natal.

Apresentou-se por muitas vezes, parecendo apreciar a nossa companhia. É curioso o fato de ter ela distinguido imediatamente as poucas pessoas do nosso grupo que pertenciam à religião católica romana e parecer mais à vontade na companhia destas.

Certo dia, uma dessas damas católicas apresentou-lhe um rosário, do qual pendia uma pequena medalha, dizendo-lhe, se bem me lembro, que fora benta pelo Papa. A “dama francesa” recebeu o rosário e, daí destacando prontamente a pequena medalha, dirigiu-se ao calorífero, onde ardia um bom fogo, e deliberadamente aí a lançou, com grande horror da dama católica. Às nossas perguntas sobre esse estranho procedimento, ela respondeu friamente que a medalha precisava de ser purificada.

Muitas horas depois, a medalha, procurada nas cinzas, foi achada clara e brilhante! Quando a “Dama francesa” voltou na sessão seguinte, ofereceram-lhe a medalha; e ela, depois de examiná-la cuidadosamente, permitiu-nos prendê-la de novo ao rosário, que conservou e parecia estimar muito.

Deixou então por longo tempo de apresentar-se em nossas sessões; sua grande semelhança comigo era sempre um motivo de admiração e comentários. Quando estávamos separadas, tomaram-nos muitas vezes uma pela outra; e, quando nos achávamos juntas, as pequenas diferenças de que já falei tornavam-se patentes e dignas de nota.

Certo dia um clérigo da religião anglicana veio à nossa reunião. A “dama francesa” estava sentada ao meu lado e estendeu-lhe a mão para cumprimentá-lo. Ele olhou-nos, e pareceu ficar desorientado e nervoso, quando notou a nossa semelhança, não podendo estabelecer a diferença entre mim e o Espírito. Em vez de tomar a mão que o Espírito lhe estendia, ele, em seu embaraço, tomou e apertou a mão da pessoa que estava mais próxima!

XXI

Uma experiência amarga

“A experiência é um mestre cruel.”

Carlyle

Hesitei um pouco, antes de decidir-me a publicar a narração da experiência amarga que fizemos, e foi para mim a causa de longos anos de sofrimentos físicos e morais. Mas, como esta obra é o registro fiel das minhas experiências, reconheço que me não é permitido omiti-la. As melhores lições da vida são muitas vezes aquelas que mais lágrimas custaram-nos e, embora esse sofrimento me tenha magoado muito, a lição que colhi iniciou-me nos mistérios dos fenômenos espíritas muito melhor do que o faria uma vida inteira de seguidos sucessos.

O triunfo que tinha coroadado as nossas experiências havia-me, em grande parte, cegado acerca das condições exigidas para a produção das manifestações espíritas. Talvez que o mesmo se tivesse dado com os meus amigos. Inconscientemente ou, talvez, por intuição, havíamos adotado muitos dos meios necessários para sermos bem sucedidos, e o resultado parecia justificar a idéia de que bastaria reunirmos toda a energia para obtermos o que desejavamos a respeito dos fenômenos.

Como os fatos se produziam é o que não podíamos compreender. Sabíamos que a presença de certas pessoas os favorecia, ao passo que a de outras os contrariava, assim como as temperaturas extremas ou as tempestades, por exemplo, que inutilizavam os resultados; além dessas regras elementares, porém, julgo que não estávamos de posse de nenhum conhecimento positivo. Andávamos

tateando, e os êxitos que conseguimos foram, sem dúvida, devidos antes a uma série de circunstâncias favoráveis, do que ao nosso conhecimento científico da questão.

O nosso constante êxito foi para nós uma fonte de perigos. Já falei da vaga sensação de mal-estar que em mim despertavam os atos de Iolanda. Embora a considerasse perfeitamente livre e independente de toda a autoridade terrena, eu nunca podia expelir de mim uma espécie de ansiedade a seu respeito, alguma coisa semelhante à perturbação que a mãe experimenta quando seu filhinho escapa à sua vigilância e arrisca-se a transpor os justos limites. Não julgo que a minha inquietação tenha alguma vez sido expressa por palavras; em resumo, eu mesma desconhecia a causa do meu temor.

Minha amiga, a Sra. F..., ia deixar a Inglaterra e eu estava decidida a acompanhá-la. A minha partida ia acabar com as nossas sessões. Esse gênero de estudos começava a ser pesado para mim e eu prelibava o repouso que ia ter.

Toda a nossa bagagem, utensílios de casa, pinturas, porcelanas, etc., estava arrumada, e esse trabalho nos havia fatigado muito. Depois de ter visto tudo em segurança a bordo do vapor que nos ia transportar para o norte, fomos para a casa de um amigo que nos havia oferecido hospitalidade nos dias que iam preceder a nossa partida.

Eu preferiria deitar-me cedo a ter de ir para uma sessão; mas esperavam-me, e não tive outro remédio senão tomar lugar no grupo dos meus amigos, prometendo a mim mesma, em compensação, dormir um pouco no gabinete.

O trabalho fatigante que havíamos tido com os nossos preparativos de viagem, a entrega de um desenho, a promessa de diversos outros, as visitas que nos foi preciso fazer e receber, os enfermos dos quais com pesar separava-me e muitas outras coisas causaram-

me noites de insônia e dias cheios de agitação. Eu não sentia então o menor interesse pelos Espíritos; esperava que me não retivessem por muito tempo e, depois de recolher-me ao leito, só despertaria no dia seguinte ao meio-dia.

Não sei como a sessão principiou; tinha visto Iolanda colocar seu jarro no ombro e sair do gabinete. Mais tarde, entretanto, soube o que se passou.

O que experimentei foi uma sensação angustiosa e horrível, como se me quisessem sufocar ou esmagar, como se eu fosse uma boneca de borracha violentamente apertada nos braços de uma pessoa. Depois, senti-me invadida pelo terror, constrangida pela agonia da dor; julguei que ia perder a razão e precipitar-me num abismo medonho, onde nada via, nada ouvia, nada compreendia, a não ser o eco de um grito penetrante que parecia vir de longe.

Sentia-me cair, mas não sabia em que lugar. Tentava segurar-me, prender-me a alguma coisa, mas o apoio faltava-me; desmaiei e só tornei a mim para estremecer de horror, com a idéia de haver recebido um golpe mortal.

Os meus sentidos pareciam dispersos, e não foi senão aos poucos que pude concentrá-los suficientemente para compreender o que sucedera. Iolanda tinha sido agarrada por alguém que a tomou por mim própria.

Foi o que me contaram. Esse fato era tão extraordinário que, se me não achasse em tão penoso estado de prostração, eu teria rido, porém não pude pensar nem mover-me. Sentia que pouca vida restava em mim e esse sopro de vida era para mim um tormento. A hemorragia pulmonar, que durante a minha estada no Sul fora aparentemente curada, reapareceu e uma onda de sangue quase me sufocou. Dessa sessão resultou para mim uma longa e grave enfermidade, que fez demorar por muitas semanas a nossa partida da Inglaterra, pois que eu não podia ser transportada.

O choque fora terrível e, o que era ainda pior, eu não tinha capacidade para compreendê-lo. Nunca me passara pela mente que alguém ousasse acusar-me de impostura. Eu tinha sido mulher de César, pelo menos no meu entender.⁶ Trabalhara com os meus amigos, primeiramente com o desejo de instruir-me, e depois por amor à causa, a fim de torná-la conhecida.

Moralmente, sofri menos com o ato desse homem do que com os sentimentos de vingança que surgiram noutro membro de nosso grupo. Este último era um artista de merecimento; eu apreciava muito os conselhos que ele dava a respeito dos meus desenhos e desejei remunerar as suas lições; ele, porém, não quis aceitar o meu dinheiro, dizendo que entre colegas a questão pecuniária não se discutia. Todavia, as suas repulsivas idéias quanto ao casamento (eu assim as considerava) levaram-me a evitar a sua companhia. Foi sem dúvida isso o que deu motivo à mudança de sua opinião a meu respeito e às calúnias que propalou.

Acha-se atualmente no mundo espiritual e agora pode verificar que quem injúria o seu próximo diminui as probabilidades da própria felicidade.

Não o tornei a ver e fiquei triste quando soube que tinha falecido num hospital de loucos, onde precedentemente, por várias vezes, havia sido internado. Ignorava essa circunstância, que me teria explicado muitas das idéias particulares e extraordinárias que ele gostava de formular e que eu não conseguia compreender.

Ambos os membros do nosso grupo não me mereceram censuras. Provavelmente, o primeiro não pensara nos sacrifícios que eu estava fazendo, na obra que tínhamos realizado, nos anos de estudo que consumíramos para chegar à nossa atual situação. Era um

⁶ Mulher de César; alusão histórica a uma reputação de honestidade, que se declara inatacável. (N. E.)

iconoclasta, que acreditava fazer um bem, destruindo os falsos deuses, na sua opinião.

Tempos depois achei que eram escusáveis as suas suspeitas, por causa da extraordinária semelhança que existia entre mim e a “dama francesa”, que ele havia visto com freqüência. Quanto a Iolanda, parecia tão perfeitamente humana que esse ignorante bem podia iludir-se acerca da sua natureza espiritual, vendo-a passar ao seu lado. A tentação era muito forte!

XXII

O recomeço

“Deus proibiu que eu fizesse isso, e eu evito fazê-lo. Morramos virilmente; não maculemos a nossa honra.”

(I Macabeus, 9:10)

O resultado desse mau incidente foi, em primeiro lugar, um abalo profundo na minha saúde e, em seguida, completo horror pelos fenômenos espíritas, nos quais eu nem mesmo quis ouvir falar durante alguns anos. Entretanto, graças ao ar puro da Suécia, ao seu límpido sol e à vida ativa que eu levava, correndo as florestas, navegando nos lagos, trabalhando em meu jardim, fazendo excursões a cavalo e de carro, minha saúde fortaleceu-se, apesar de haverem sido precisos muitos anos para o seu completo restabelecimento.

Com a volta de minhas forças, pude, de certo modo, libertar-me da depressão moral que me subjugava e, a despeito das minhas resoluções em contrário, achei-me um dia refletindo sobre o *porquê* e o *como* do desastre que me sucedera na Inglaterra. Entretanto, residindo entre um povo cuja fé natural em Deus e nos ensinamentos da Bíblia nunca havia sido abalada, eu não tinha outro meio de exercer as minhas faculdades senão na cura dos enfermos. Nesse terreno, principalmente, o poder do espírito fez-se conhecer e apreciar.

Essa pobre gente passa uma vida muito rude nessas regiões de florestas quase virgens, onde as choupanas mostram-se esparsas em pequenos lotes de terra cultiváveis e sem comunicação alguma com o mundo exterior.

Os camponeses cultivam o centeio para a fabricação do seu pão e algumas batatas, que devem depois ser cuidadosamente preservadas das geadas de um longo inverno.

O centeio e as batatas são os principais gêneros que conduzem ao mercado; e esses pobres julgam-se mui felizes quando o seu pequeno terreno produz o necessário para ser vendido ou trocado por algodão e lã, destinados à fabricação das roupas de família, ocupação a que se dedicam no inverno, quando o solo se acha totalmente coberto de gelo. São pobres, mas felizes enquanto possuem a força e a saúde; quando, porém, sobrevém um acidente ou uma enfermidade, sua sorte é realmente lastimável.

Precisávamos, pois, ocupar-nos de muita gente. O doutor, chamado para visitar os campônios enfermos, parecia dar pouca importância à vida dos seus clientes ou, pelo menos, à dos clientes pobres.

Se iam procurá-lo em mau dia de inverno, ele mostrava muita relutância em empreender uma longa viagem por trenó; e se, depois de tomar todas as informações possíveis sobre o estado do enfermo, julgava não se tratar de um caso de vida ou morte, ou que o enfermo não tinha bastante importância, do ponto de vista social, para que o pudessem acusar de negligência, ele invariavelmente se decidia a adiar a sua visita. Não creio que haja muitos médicos semelhantes; devido, contudo, a esse procedimento, os pobres vinham de muito longe pedir-nos auxílio, pois sabiam que possuíamos uma pequena provisão de medicamentos, coisa aliás necessária quando se mora longe das cidades.

Minha clientela aumentou rapidamente e o auxílio dos meus amigos espirituais era constantemente reclamado. O doutor, depois de algum tempo, não se opôs às receitas que eu entregava, não por crer nos Espíritos, mas porque assim evitava fazer viagens fatigantes. Vendo que eu não prescrevia venenos, aceitava satisfeito os meus diagnósticos e escrevia as necessárias prescrições.

Devo dizer, não obstante a surpresa que isso cause, que durante essa época só foram verificados dois casos de morte, e isso mesmo de dois enfermos que se achavam exclusivamente a cargo do doutor.

Foi esse o único modo pelo qual me servi então dos meus dons mediúnicos, até o momento em que novas mudanças de vida puseram-me em contato com pessoas que estudavam o Espiritismo e seus fenômenos. Eram, na maioria, pessoas que, apesar de estudarem a filosofia espírita, careciam de prática, visto não terem tido ocasião de fazer experiências pessoais.

Algumas me haviam sustentado anteriormente com a sua simpatia, e eu só podia experimentar por elas um fervoroso sentimento de gratidão, quando, apesar das calúnias propaladas, não trepidaram em estender-me a sua mão amiga, assegurando-me a sua fé inabalável.

Uma série de sessões com o fim de obter fotografias de Espíritos materializados foi organizada com feliz êxito. Um relatório completo das nossas experiências foi publicado no *Medium and Daybreak*, de 28 de março de 1890, e as fotografias obtidas acham-se reproduzidas, em 18 de abril do mesmo ano, na mesma revista. As fotografias foram obtidas à luz do magnésio e, apesar de interessar-me vivamente pelo êxito desses ensaios, percebi que a luz agira dolorosamente sobre meus nervos, tornados demasiado sensíveis durante as sessões.

Foi no curso dessas experiências que comecei a atribuir certos efeitos particulares que se produziam depois das sessões à sua verdadeira causa. Desde o começo dos nossos estudos percebi que ficava, mais ou menos, sofrendo de náuseas e vômitos depois das sessões de materialização e aceitava isso como uma consequência natural dos fatos, que não podia ser evitada.

Assim sempre foi, exceto quando rodeada apenas dos membros do nosso grupo familiar, ou de crianças.

Durante as sessões de fotografias, esses incômodos aumentaram a tal ponto que eu ficava geralmente, por um ou dois dias depois de cada reunião, em estado de completa prostração e, como todos os sintomas eram os de um envenenamento pela nicotina, fizemos experiências e descobrimos que nenhuma dessas sensações se manifestava quando as pessoas presentes não tinham o hábito de fumar. Do mesmo modo, quando pessoas enfermas faziam parte do círculo, invariavelmente eu sofria nas horas que se seguiam. A companhia de pessoas que tinham o hábito de beber álcool causava-me um mal-estar quase tão desagradável como o que era provocado pelos fumantes.

Essas sessões foram de bastante utilidade. Fiquei sabendo que muitos hábitos comuns à generalidade dos homens são prejudiciais aos resultados das sessões e, em todos os casos, à saúde do médium. Provavelmente eu me havia tornado mais sensível a essas influências, porque nunca notara na Inglaterra efeitos tão pronunciados. É possível também que, por feliz acaso, houvesse poucos fumantes no nosso círculo inglês. Não sei o motivo, mas todos os suecos da nossa reunião eram fumantes, e com isso eu sofria.

Outro resultado dessas sessões foi tão completamente inesperado que, nas semanas seguintes, perguntei a mim mesma se não tinha tido um sonho mau, de cuja impressão não tardaria a libertar-me.

Certo dia, um dos meus jovens amigos disse-me:

– Querida amiga, amanhã é o dia do meu aniversário. Não te-reis a intenção de fazer-me um presente?

– Por que não?

– Pois bem, se ainda o não comprastes, fazei-me o presente de uma sessão. Sabeis que tenho falado delas a muitas pessoas, e que

todas estão sempre a pedir-me a permissão de assistir a esses trabalhos. Creio, pois, uma vez que isso vos não contrarie, que a sessão é o melhor presente que me podereis fazer.

Concordei, contentíssima por ver o meu amigo mostrar tanto interesse pelo Espiritismo. Ernesto (era o seu nome) lutou, porém, com dificuldades para organizar essa reunião, e passaram-se muitos dias antes que se fizesse uma combinação definitiva. Os pedidos eram muitos, mas o número das pessoas a admitir não devia ir além de 20 ou 25. Todos os convidados eram relativamente estranhos para mim, e somente alguns deles conhecia de nome.

Um dos convidados, filho do editor de um jornal da localidade, era, segundo eu soube mais tarde, um teósofo entusiasta e ligava o maior interesse ao resultado da sessão; ele também era fotógrafo, e foi principalmente devido a isso que dei o consentimento para que se tirassem as fotografias das formas materializadas.

A idéia foi aplaudida e, sendo organizada uma série de sessões fotográficas, muitos dos primitivos assistentes quiseram nela tomar parte.

O referido fotógrafo registrara fiel e minuciosamente os trabalhos de cada sessão e prosseguia nas investigações com o mais vivo interesse. O seu entusiasmo comunicou-se aos outros e os resultados obtidos foram muito além do que podíamos esperar.

As manifestações espíritas nada pareceram sofrer, graças à severa escolha que presidiu à organização do grupo. Parecia-me realmente que os nossos amigos invisíveis esforçavam-se para triunfar de todos os obstáculos erguidos em seu caminho, obtendo em tudo êxito completo.

Muitas fotografias foram tiradas à luz do magnésio; reproduzimos as de Leila.

Essas fotografias, que eram para nós mais um motivo de satisfação, tornaram-se nas mãos dos nossos inimigos um pretexto para

atacar-me pessoalmente. Não posso afirmar que o fotógrafo tivesse simulado o entusiasmo que ele testemunhava, ou fosse simplesmente vítima de venalidade dos seus amigos, desejosos de fazer bons negócios publicando artigos sensacionais. Prefiro acreditar que ele tenha apenas sido um instrumento da calúnia dos outros. Tomava com cuidado suas notas em cada sessão e, quando finalizaram as nossas reuniões, apresentou-me um manuscrito que, com o meu consentimento, pretendia publicar algum tempo depois.



Leila, tal como apareceu parcialmente materializada, em 13-03-1890.
(Fotografias obtidas com luz de magnésio)

As condições de admissão nas sessões tinham sido tais que as nossas experiências deviam ser consideradas como restritamente privadas, nada se podendo publicar a esse respeito sem a minha autorização. Como os outros, o fotógrafo tinha aceitado essa cláu-

sula. Li rapidamente o manuscrito e copiei-o; risquei o meu nome em todos os lugares onde se achava escrito e enviei o original ao seu destinatário, satisfeita com a sua imparcialidade sobre o assunto e as suas boas qualidades de observador. Nesse manuscrito ele exprimia-se como quem tivesse adquirido certas convicções, apesar de conservar algumas dúvidas; a esse respeito, porém, nenhuma objeção me cabia fazer, pois eu adotava as mesmas opiniões. Um homem que não tem dúvidas a vencer em suas investigações não pode ser um bom aliado. Quando, entretanto, o artigo apareceu alguns dias depois, sem o meu consentimento nem o dos assistentes, estava tão mutilado, tão entremeado de acusações e calúnias, que fiquei quase paralisada de horror, recusando crer em meus sentidos,

Era-me impossível compreender como alguém podia demonstrar tanta amizade, esforçar-se tanto por escrever de um modo imparcial e, ao mesmo tempo, publicar coisas diametralmente opostas aos fatos verificados, não só por ele, mas também pelos outros assistentes. Quando comparo os dois artigos e busco explicá-los, parece-me incrível que a mesma pessoa tenha escrito os dois.

O espaço não me permite reproduzir aqui as duas narrativas, mas em próximo volume dá-las-ei *de verbo ad verbum*, a fim de que os meus leitores aí busquem a verdade e resolvam o mistério.

Não tenho motivo pessoal algum para prejudicar esse transviado, cujo nome nem mesmo menciono. Mas, como este livro talvez vá cair nas mãos de alguém que tenha lido essas narrativas mutiladas, o meu silêncio poderia ser tomado como uma confirmação dessas falsidades e, por conseqüência, fazê-las circular como verdades, visto eu não ter até hoje publicado o relatório dessas sessões, para demonstrar claramente que o público havia sido iludido. Foi, portanto, pelo simples sentimento de um dever para com esse

público e, particularmente, para com aqueles que foram enganados, que me decidi a dar esta explicação.

A narrativa em questão foi reproduzida em todos os jornais do país, ampliada, alterada e exagerada; artigos de fundo, do mais malicioso caráter, apareceram em muitas das folhas mais conceituadas, fazendo que os suecos se ocupassem da minha pessoa durante três semanas. Nesse tempo, a indignação dos meus amigos era tal que tive de intervir no intuito de sustar certos projetos que eles formavam para castigar os meus detratores.

Se não fosse o apoio leal de alguns dos meus amigos, eu não suportaria tantas diatribes. Todos me aconselhavam a que me ausentasse por algum tempo; o próprio promotor do escândalo, provavelmente chocado pela tormenta, foi um dos primeiros a dar esse conselho. Mas, não obstante desejar partir, escapar às cartas anônimas que recebia diariamente, cheias de ignóbeis calúnias, fugir aos insultos que encontrava em cada esquina das ruas, assustei-me muito com a idéia de voltar as costas aos meus inimigos, de fazer crer que tinham fundamento as suas acusações. Conservei-me, pois, no meu posto, continuando no meu trabalho cotidiano.

Era uma provação terrível que me teria esmagado, se não estivesse com a consciência limpa. Mas esse constrangimento contínuo começou a afetar gravemente a minha saúde, e era com grande dificuldade que, às vezes, revestia-me da precisa coragem para fazer o meu passeio diário e sofrer os remoques significativos das pessoas que encontrava.

Foi nesse momento que as palavras tantas vezes repetidas por meu pai: “Faze o que deves, aconteça o que acontecer”, se me apresentaram como uma âncora de salvação. Eu as repetia com freqüência, para ganhar força e coragem.

Não parti, e a corrente de hostilidade foi desviada por uma reação que então se produziu. A violência dos jornalistas fez nascer

um elemento de antagonismo, mesmo entre pessoas que ainda não haviam prestado atenção ao assunto espírita; era por um sentimento de cavalheirismo que agora se apresentavam defendendo uma mulher desapiedadamente perseguida. Novos amigos cercaram-me e muitos adeptos sinceros foram conquistados para a causa, entre pessoas que talvez nunca tivessem ouvido falar do assunto, a não ser pelas críticas injustas que me foram feitas.

Mais tarde, no mesmo ano, outra série de sessões foi organizada, tomando nelas parte um velho e precioso amigo, o ilustre Alexander Aksakof, de São Petersburgo, que, com alguns dos seus amigos da Rússia, dignou-se de fazer-nos uma visita. Sendo o nosso intuito a fotografia das formas materializadas, o círculo não se compôs senão desses amigos, das pessoas de casa e de algumas outras que nos eram simpáticas, escolhidas entre os assistentes mais antigos.

Muitas fotografias foram obtidas, mas nenhuma era completamente boa ou, pelo menos, como desejávamos; conseguimos, entretanto, coisas inesperadas e que não tínhamos pedido. Alguns desses resultados fortuitos tornaram-se de muito interesse; um deles foi a fotografia acidental de uma figura de homem. Iluminou-se o gabinete com a luz do magnésio a fim de saber-se como empregá-la sem obstáculos, na sessão seguinte. Quando a luz brilhou, houve uma exclamação geral: “Vi o rosto de um homem por trás da Sra. d'Espérance.” Esse clichê foi logo revelado e nele pôde ver-se distintamente o rosto de um homem que parecia estar colocado acima e por detrás da minha cadeira; esse rosto ficou mais agradável de ver-se que o meu, porque a luz fulgurante do magnésio fizera-me contrair os olhos e os traços de tal modo que apresentei feições esquisitas. Quem era esse homem? Walter no-lo explicou depois.

A narração foi publicada completa no *Medium and Daybreak*, de 21 de abril de 1893, e reproduzida mais tarde, sob a forma de

brochura, na Alemanha e na Escandinávia, com o título *Os mortos estão vivos*.

A história desse fato, com os acontecimentos posteriores a ele ligados, é demasiado longa para ser aqui relatada; mas indicarei os seus pontos principais.

Certo dia, 3 de abril de 1890, eu estava muito ocupada a escrever cartas particulares, quando, hesitando em traçar algumas palavras, minha mão escreveu: “Sven Strömberg”. Incomodada por ter inutilizado a minha carta, lancei o papel em uma gaveta e esqueci-o; entretanto, aconteceu que mais tarde mencionasse esse incidente numa carta escrita em sessão.

Quando perguntamos a Walter se conhecia a pessoa fotografada, ele respondeu pela escrita: “Oh! sim, chama-se Sven Strömberg; morreu no Canadá, América, em 31 ou 13 de março, não estou bem certo; disse-me que habitava um lugar chamado Jemland ou coisa semelhante; sua mulher e seus filhos, em número de seis, ainda se acham na América. É muito estimado e pede que, sem demora, comunique à sua família a sua morte.”

Rogamos a Walter que nos desse mais amplas informações a esse respeito, porém ele parecia haver esquecido os detalhes. No dia seguinte, escreveu-nos que Sven Strömberg, tendo emigrado com a sua jovem mulher da sua vila natal de Ström, nome que ele adotou ao chegar ao Canadá, estabeleceu-se em um lugar retirado, chamado New Stockholm, onde nasceram seus filhos e onde ele faleceu a 31 de março de 1890, três dias antes de escrever seu nome por meu intermédio. Ele pedira à mulher que comunicasse a notícia da sua enfermidade e morte à sua família no país natal, e, como ela deixasse de o fazer, desejava que outros prestassem esse serviço. Eis a explicação da sua recente aparição entre nós.

A história completa foi-nos contada por Walter com o seu chiste habitual, entremeada de remosques ao falecido Sven

Strömberg, cujo desejo lhe parecia ter sido fazer compreender aos seus amigos da Suécia que ele se tornara personagem importante no Canadá.

O Sr. F... procurou comunicar à família de Sven a morte deste. A história foi relatada ao cônsul Öhlén, representante da Suécia em Winnepeg, a quem se pediu para proceder às necessárias indagações, no intuito de conhecer-se o que houvesse aí de verdade. Vivamente impressionado pelo fato, ele publicou a carta do Sr. F... no “Canaden-Saren” e na “Manitoba Free Press”, e o resultado foi que se obteve uma confirmação completa da narrativa e de cada detalhe dado por Walter. Mais tarde alguém, tendo lido o artigo desse jornal, trouxe-o à Sra. Strömberg, a viúva, e esta declarou que pretendia realmente participar aos seus parentes da Suécia essa morte, porém que deixara de expedir a carta, visto a mais próxima agência do correio distar doze milhas do seu domicílio e ela não ter tido tempo para levá-la, porque, com a perda do seu marido, fora sobrecarregada de trabalhos. A pobre senhora ficou tão assustada ao ler a carta do Sr. F..., que imediatamente pôs a sua no Correio.

Eis, em resumo, as particularidades desse fato. O relatório completo dessa correspondência, com a enumeração dos fatos enunciados e a verificação de todos os detalhes, acha-se em poder do Sr. Fidler, de Gotemburgo, que teve muito trabalho com essa verificação.

Outro fato inesperado interessou-me muito mais do que a aparição de Sven Strömberg, cujo nome acabou por enfastiar-me, depois de ouvi-lo tantas vezes. Esse fato foi a mais bela produção de Iolanda e também a última, porque ela despediu-se de nós para não mais voltar, como então julgamos.

XXIII

O lírio dourado – Última produção de Iolanda

“Que cada um deles tome uma varinha, sobre cada uma das quais escreverás o nome do seu dono. E sucedeu que Moisés, na manhã seguinte, entrando no Tabernáculo, só encontrou florida, apresentando botões, flores e frutos, a varinha de Aarão, da casa de Levi.”

(*Números*, 17:2 e 8).

O último trabalho de Iolanda foi um dos fatos inesperados de que falei. Sucedeu durante as sessões de Aksakof, como as continuamos a chamar. Embora fossem elas ricas em resultados de toda espécie, não conseguíramos até então o fim especial que tínhamos em vista; eu começava a recear que os nossos esforços fossem inúteis. Essa contrariedade e os desgostos particulares afetavam-me os nervos; somente o fato de saber que essas coisas podiam prejudicar o êxito era para mim um pensamento mortificador. É difícil vencer-se a ansiedade e, posto que me esforçasse o mais possível, não tinha motivos para envaidecer-me.

Na noite de 28 de junho de 1890, achávamo-nos reunidos no lugar habitual das nossas sessões.

Era a grande sala da casa, de forma octogonal, iluminada por um lustre de vidros coloridos. Havíamos arranjado essa sala de modo que a luz fosse muito branda e se distribuísse com igualdade por todos os lados. Nessa noite as condições, em todos os sentidos, pareciam ser as piores possíveis. Em primeiro lugar, eu me tinha acidentalmente ferido em um braço. Quando acendia um bico de gás, a cabeça do fósforo caíra em meu vestido e a musselina pegara

logo fogo. Tinha os braços descobertos; ainda assim, embora a chama houvesse logo sido extinta, meu braço esquerdo recebeu uma queimadura dolorosa. Em segundo lugar, eu sofrera todo o dia de uma ligeira, porém incômoda dor nos dentes.

Essas pequenas contrariedades, junto ao abalo produzido por violenta ventania, que sacudia a casa até os seus alicerces, não nos prometiam grande êxito. Apresentou-se a proposta de adiar-se a sessão para a noite imediata, porém isso não convinha à maioria dos nossos amigos; e, expondo-se a questão a Walter, ele disse-nos que Iolanda desejava fazer uma experiência.

Portanto, só restava tomarmos os nossos lugares habituais. Mas, não era fácil guardarmos uma atitude pacífica; o ruído das portas e janelas que rangiam ou batiam, por toda parte, impelidas pelo vento, e o som de vidraças quebradas, tinham um efeito irritante sobre os nossos nervos, particularmente sobre os meus. Com o avançar da noite, a violência da tempestade foi diminuindo, mas, julgando, por experiência, que em tais condições nenhum êxito podíamos esperar, eu ia propor a suspensão da sessão, quando senti um aroma de flores, que aumentou até se tornar insuportável. Não aprecio os perfumes fortes e este, por sua intensidade, fazia-me mal.

Walter disse-nos por escrito que nos conservássemos na maior tranqüilidade e pediu que ninguém me falasse, porque Iolanda ia trazer uma flor, e, sendo más as condições exteriores, devíamos empenhar todos os nossos esforços para ajudá-la.

Fizemos o possível, e a esperança de obtermos alguma coisa restituía-nos o nosso bom humor. Tínhamos ali perto areia, água e um vaso para flores, como de costume, embora há muitos meses nada disso nos fosse pedido.

O perfume era tão intenso que eu me sentia meio sufocada. Adiantei a mão esperando tocar em flores, mas nada senti. Em

seguida, algo grande, pesado, frio e úmido caiu sobre mim. O meu primeiro pensamento foi que era um objeto viscoso ou um corpo morto, e tão horrível tinha sido a minha sensação, que quase perdi os sentidos. Segurava a mão do Sr. Aksakof e ele percebeu que eu estava recebendo como que uma série de choques elétricos. Cada um desses choques fazia-me transpirar abundantemente, e todo contato era-me doloroso.

A dor proveniente da queimadura desapareceu de meu braço, e a nevralgia dentária também foi esquecida. Mas, coisa estranha, todos notaram que Iolanda sustentava o seu braço, como se ela sentisse for; tocada por alguém, retirou-se como se lhe tivessem feito mal.

Sentindo grande sede, bebi muita água, porém nada de anormal se passou nessa sessão. O que se deu fora das cortinas eu soube depois pelas notas do Sr. F...: Iolanda, auxiliada pelo Sr. Aksakof, tinha misturado areia e argila no vaso de flores, que ela depois cobrira com o seu véu, como anteriormente fizera com a garrafa d'água na produção da "Ixora Crocata", na Inglaterra.

O pano branco foi-se elevando, sempre com lentidão, e estendendo-se lateralmente à medida que subia. Iolanda ia acomodando esse véu, até que ele chegou a uma altura superior à sua; então, retirou-o cuidadosamente, deixando-nos ver uma planta alta, coberta de flores e com o forte perfume de que me queixei.

Foram tomadas as seguintes notas: essa planta tinha cerca de sete pés de comprimento, da raiz ao ponto mais alto, ou cerca de um pé e meio mais do que eu. Mesmo inclinada pelo peso das onze grandes flores que sustentava, ainda assim era mais alta que eu. As flores eram perfeitas, medindo oito polegadas de diâmetro; cinco estavam em plena floração, apenas três abriam-se e as outras três ainda se achavam em botão. Nenhuma delas apresentava a menor mancha ou sinal de compressão e todas estavam úmidas de orva-

Iho. Era admirável; mas o perfume do lírio começou a fazer-me mal desde essa noite.



Lírio dourado produzido durante a sessão de 28-06-1890.

Fotografada ao lado da médium, pode-se apreciar as suas reais dimensões. Quando ereta, a planta alcançava 2,27 m de altura. Curvada, tal como se acha na foto, media 1,95 m. Permaneceu perfeita durante uma semana, período no qual se lhe tomaram 6 fotografias. Depois desmaterializou-se e desapareceu.

Iolanda pareceu muito satisfeita com o seu trabalho e disse-nos que, se desejássemos fotografar o lírio, era necessário fazer isso sem demora, porque ela tinha ordem de no-lo retomar. Colocou-se

ao lado do vegetal e o Sr. Boutlerof tirou duas provas fotográficas. O Sr. Boutlerof disse-nos:

– As minhas provas não são belos espécimes da arte fotográfica, mas nem por isso deixam de ser fiéis e, atendendo-se às más condições da sessão, só devemos admirar-nos de havê-las obtido.

A fotografia foi tirada à luz do magnésio. Depois, os Espíritos pediram que nos conservássemos tranqüilos para Iolanda poder desmaterializar a planta. Procuramos atender a esse pedido, mas as circunstâncias não eram boas para podermos ficar suficientemente tranqüilos. Por isso, depois da meia-noite soubemos que Iolanda, desesperada, não tinha conseguido desmaterializar a planta. Walter escreveu: “Iolanda não obteve a planta senão com a condição de restituí-la, porém entende que a médium se acha exausta e não pode mais suportar o trabalho. Deveis conservar a planta na obscuridade até que ela possa vir buscá-la.”

Os Srs. Fidler e Boutlerof levaram-na então para um recanto sombrio da sala vizinha, onde ficou encerrada à espera de novas instruções. Tinham-nos recomendado que não a expuséssemos à claridade, a fim de não aumentar a dificuldade de Iolanda ao retomá-la; mas a curiosidade foi mais forte e trouxemos o lírio para o salão, uma manhã, com o fim de fotografá-lo em diferentes posições. Se não podíamos conservar a planta tão estranhamente gerada, teríamos pelo menos a inteira evidência de sua incontestável realidade. Sentia-me penalizada por causa de Iolanda; ela mostrava-se incomodada com a sorte do grande lírio que visivelmente começava a morrer. Creio que fez três tentativas para desmaterializá-lo, a última das quais foi em 5 de julho. Nesse dia, a planta desapareceu tão misteriosamente como tinha vindo. Sabíamos todos que às 21:23 ela achava-se ainda conosco, e 7 minutos depois tinha já desaparecido, não nos restando outros vestígios da sua existência além das fotografias que tínhamos tirado e duas flores que ficaram ali no chão. A terra havia sido tirada do vaso, onde

permanecera por oito dias, sem deixar aí sinal algum. Muitos dos membros do nosso círculo declaram que a planta desaparecera instantaneamente. O perfume pareceu derramar-se um momento pela sala e esvaír-se depois. O momento exato da desapareição do lírio não pôde ser fixado, nem o modo pelo qual foi conduzido; o certo é que o lírio ali não se achava.

Durante a semana em que o lírio esteve conosco, tivemos com Walter muitas conversações a respeito. Desejávamos obter autorização para fotografá-lo (o que fizemos depois por nossa própria conta), e pedimos a Walter que nos auxiliasse na satisfação do nosso desejo. Perguntamos primeiramente:

– Que vão fazer do *Lilium auratum*?

– Nada posso dizer a esse respeito; Iolanda está por ele muito inquieta e deseja levá-lo ainda hoje.

– E não poderíamos pagá-lo, a fim de o conservarmos?

– Poderíeis, se soubésseis donde ele veio, mas a própria Iolanda não vo-lo pode dizer. De qualquer forma, ele tem de ser retirado, se ela o conseguir, pois, no caso contrário, aí ficará.

– Que necessidade absoluta é essa de retirá-lo?

– Tão mal ainda conheceis o vosso catecismo? Disseram a Iolanda que não ficasse com aquilo que lhe não pertence. É inútil raciocinar com as pessoas do seu sexo. Ela quer levar o lírio, e creio que isso conseguirá.

– Poderemos trazê-lo para esta sala, a fim de observá-lo e tomar algumas medidas?

– Não sei. Iolanda disse que o não expussem à claridade.

– Regamo-lo com água.

– Não torneis a fazer isso, a fim de que ela não me censure.

– Dai-nos, se puderdes, alguma explicação sobre o modo pelo qual essa planta foi trazida.

– Não o posso; só sei que ela já se achava aqui perto de vós na noite da sessão, prestes a ser materializada, pelo menos uma hora antes de a terdes visto.

– Quereis dizer que ela já aqui se achava antes da sessão?

– Antes da chegada de qualquer dos assistentes. Iolanda disse-me que a planta estava pronta, porém que receava não poder materializá-la, por causa das más condições daquela noite.

Outra circunstância curiosa a respeito do lírio foi que Iolanda, não nos podendo dizer donde viera a planta, nos declarou que no-lo faria saber de outra maneira. Na noite da sua desapareição, antes de ser desmaterializada, encontramos um pedacinho de pano cinzento enfiado na haste da planta. Como se fez isso? Era ainda um mistério. Esse fragmento de pano não estava ali quando a planta foi fotografada à luz solar e, segundo todas as probabilidades, havia sido aí mesmo formado e não podia ser retirado. Iolanda, entretanto, convidou o Sr. Aksakof a cortá-lo da haste, e ele o fez.

Aí não se notava traço algum de descontinuidade, a não ser a abertura circular, por onde passara a haste. Iolanda nos disse ter trazido esse pano do país onde o lírio crescera. Fazendo-se um exame aprofundado nesse pedaço de pano cinzento, pensou-se que ele devia ser um fragmento do invólucro de alguma múmia, pois conservava ainda o aroma dos perfumes usados no embalsamento.

Vimos a compreender que a planta fora trazida do Egito. Algum tempo antes, o Sr. Oxley havia dado ao Sr. Fidler o pedaço de um invólucro de múmia, tirado de uma das sepulturas régias das pirâmides. Esse tecido era muito fino, comparado ao dos invólucros aplicados no embalsamamento de pessoas de menos importância. Ele apresentava 1.008 malhas por polegada quadrada, ao passo que o encontrado no lírio tinha 2.584.

XXIV

Serei Ana ou Ana será eu?

Após essas experiências, minhas faculdades diminuíram durante algum tempo, caindo tanto que, depois de eu ter tentado por uma ou duas vezes obter a escrita automática ou simples manifestações, renunciei inteiramente ao Espiritismo prático e entreguei-me ao meu trabalho cotidiano de pintura, que me dava sempre maior prazer. Algumas das minhas produções tinham obtido o primeiro prêmio em uma exposição artística, e uma ou duas das minhas paisagens suecas foram vendidas por preços que em mim fizeram nascer grandes esperanças para o futuro.

Trabalhei seriamente durante um ano com a intenção de passar, no estio seguinte, algum tempo na Noruega, com o fim de desenhar. A venda de um ou dois quadros deu-me os recursos, o que me envaideceu, para empreender a viagem, e prometi gozar bastante a minha estada na Noruega.

Aprecio muito esse país onde há Sol à meia-noite, com seus fiordes e seus fiordes, suas paisagens selvagens e grandiosas, seu céu glorioso, suas relíquias do culto dos antigos deuses, suas histórias e suas superstições estranhas; o país de Odin, de Tor e das Valquírias, que velam sobre as almas dos guerreiros mortos nos combates, para conduzi-las ao Valhalla. Amo esse povo, esses audazes escandinavos, com a sua liberdade de pensar, a sua honesta e reta simplicidade de linguagem, o seu caráter cavalheiresco sempre defendendo a justiça. Honestos, eles exigem que os outros também o sejam em seus atos e pensamentos. Não evitam o cumprimento de um dever, quando daí lhes resulte alguma coisa desagradável, ou quando os seus motivos não sejam compreendidos, e usam de toda a energia no que empreendem, seja uma pesquisa sobre Espiritismo, seja uma viagem ao Pólo Norte.

Foi, portanto, com o fim de ser útil a alguns desses bons amigos que me decidi a recomeçar as experiências de materialização, desta vez com um espírito de crítica mais severo que anteriormente. Sentia bem que, apesar da minha experiência nesse gênero de fenômenos, estava longe de compreendê-los, e que o mesmo sucedia a todas as pessoas que até então tinham tratado do assunto. Eu lera os relatórios de numerosas sessões de outros médiuns e orgulhava-me com o fato de, em todas as circunstâncias, ter conservado sempre o uso dos meus sentidos e nunca haver ficado, como eles, sonambulizada ou inconsciente.

Entretanto, era forçada a reconhecer que os meus sentidos não haviam sido de grande utilidade, visto não me permitirem compreender o *modus operandi* dessas manifestações. Sentia-me, porém, bastante auxiliada por meus amigos. Em primeiro lugar eles pareciam, mais do que eu, conhecedores da teoria e da filosofia espíritas. Além disso, notavam e comentavam circunstâncias que haviam escapado à minha observação ou que me não tinham parecido de grande importância. Portanto, devia recomeçar esses estudos.

Desde logo decidi que não mais permaneceria por trás da cortina, prejudicasse isso ou não as manifestações. Desejei poder servir-me dos meus olhos, como dos meus ouvidos. Se um gabinete era absolutamente necessário, como diziam, ele seria preparado, mas eu me assentaria do lado de fora.

Essa minha resolução veio complicar o trabalho e no começo pareceu-nos quase inútil prosseguir as experiências, pois a necessidade da obscuridade tornava quase impossível ver os Espíritos materializados, à medida que apareciam.

Entretanto, as condições foram pouco a pouco melhorando e, finalmente, comecei a crer que tinha escolhido o melhor caminho para instruir-me. Eu poderia observar o que sucedesse sem que isso ficasse dependendo somente dos meus ouvidos. Apesar de tudo, não me era ainda possível compreender como essas coisas se pro-

duziam; via a sua formação, observava os resultados, mas o “como” e o “porquê” ficavam para mim em mistério impenetrável.

Foi numa dessas sessões, em Cristiânia, que certo assistente furtou um pedaço de pano que envolvia um Espírito. Mais tarde descobri que faltava um grande pedaço quadrado da fazenda da minha saia, o qual havia sido em parte cortado e em parte arrancado. Meu vestido era de uma fazenda espessa de lã, de cor escura, ao passo que o pano subtraído tinha igual forma ao que me faltava, porém era maior, de cor branca e de um tecido tão fino e leve como a teia de aranha. Um fato semelhante tinha sucedido na Inglaterra, quando alguém pedira a Nínia um fragmento da sua ampla vestimenta. Ela consentira, embora contrariada, e a razão da sua pouca vontade foi explicada depois da sessão, quando encontrei um buraco no vestido que usava pela primeira vez. Sendo quase negro esse vestido, preferi atribuir o fato a algum acidente da parte de Nínia a uma causa psicológica.

Como, porém, isso se repetisse, comecei a compreender que não se tratava de um acidente e que a minha roupa ou as dos assistentes eram, de algum modo, o reservatório donde saíam os brilhantes vestidos que envolviam os Espíritos.

Esse mesmo fenômeno produziu-se ainda uma ou duas vezes; quando, porém, o Espírito dava voluntariamente ou cortava ele próprio o pedaço do seu vestido, o meu ficava isento de qualquer avaria.

As experiências feitas com os meus bons amigos, nessas novas condições, tinham para mim um interesse considerável e ofereciam-me assuntos para reflexão. Começara por experimentar uma sensação desagradável na presença dessas formas materializadas. Não podia analisar as minhas próprias impressões a esse respeito, mas um vago sentimento de dúvida, que até então não conhecera, começava a preocupar-me. Não podia saber como ele viera, nem

donde, e mesmo não tinha força para repeli-lo; era uma espécie de obsessão contínua.

Agora que eu começava a fazer parte do círculo, em vez de ficar, como anteriormente, isolada no gabinete, podia observar sob um duplo ponto de vista: observando os fatos como qualquer assistente, e estudando as minhas sensações na qualidade de médium. A prática adquirida nestas condições fora para mim de um valor considerável.

Na última sessão, antes de partir para a minha viagem artística, tomei nota, por escrito, de todos os meus pensamentos, impressões e sentimentos, e como aí se acha sincera a útil explanação de tudo o que um médium pode experimentar nas sessões de materialização, por pouco que conserve a sua consciência, vou copiar exatamente as notas do meu diário:

“Chegamos cedo a Cristiânia e fomos tomar uma xícara de chá, antes de nos reunirmos em sessão. Sentia-me muito desanimada e minha excitação nervosa crescia à medida que o momento se aproximava.

– Parece que não estais muito satisfeita! – notou Janey.

– Certamente que não – respondi-lhe, arrependendo-me logo, ao pensar no trabalho que todos tinham tido para garantir o meu bem-estar e o êxito da sessão.

Procurei depois deixar um pouco a minha atitude desagradável, tomando o chá e ouvindo a narração das medidas adotadas para essa noite.

Entrando na sala das sessões, encontrei muitos antigos conhecidos e vi que ali estavam três meninos, um dos quais era filho da Sra. Peterson, médium.

Senti-me animada à vista dessas crianças e elas, trazendo seus tamboretos, instalaram-se ao meu lado, como se fossem

ver uma coisa muito natural. Depois, começaram a tagarelar umas com as outras e, de vez em quando, dirigiam-me a palavra.

O gás foi abaixado, de modo, porém, que ficasse luz suficiente para permitir-nos ver todos os objetos que se achavam no salão; eu mesma podia ver as horas no mostrador de um relógio, um tanto sombrio, colocado no extremo oposto. Pareceu-me que a luz era demasiada, mas não havia motivo para aconselhar-se modificação, a menos que se tornasse absolutamente necessária.

Alguém me deu dois pedaços de bolo, porém, como não gosto de sobrecarregar o estômago durante as sessões, e mesmo para evitar distrações, pedi à pessoa que ficava mais próxima que os guardasse juntamente com as minhas luvas.

Depois, deram um bolo ao pequeno Jonte, recomendando-lhe que o repartisse com o seu irmãozinho desencarnado, Gustavo, se ele se apresentasse.

Desembaraçada de qualquer objeto incômodo, assentei-me tranqüilamente, apertando nas minhas mãos as dos meus pequeninos vizinhos. Veio-me, porém, o pensamento de que, obrando assim, eu podia absorver uma parte da força desses meninos, e como eles precisassem muito de toda a energia, larguei-lhes as mãos.

Conservamo-nos sentados durante certo tempo, sem produzir-se nada, embora se notasse claramente que alguma coisa agitava-se no gabinete, por trás de mim. Pudemos então apreciar a utilidade do cântico para desviar a atenção do que se passava no gabinete e distrair-nos durante esses longos momentos de espera.

A luz enfraqueceu e, imediatamente depois, detrás da cortina saiu um Espírito com tal rapidez que assustou a todos.

Em seguida, surgiu outro Espírito, de pequena estatura, que girou ao redor de mim e aproximou-se do menino Jonte, o qual lhe apresentou logo o bolo, dizendo:

– Toma; é para ti, querido Gustavinho.

Essa sombra branca afastou-se com o bolo e, desembrulhando-o, apresentou o conteúdo à menina Maja; esta separou daí um pedaço, colocou-o em meus joelhos empurrando-o para Jonte que, inquieto, esperava a sua parte.

– É teu irmão, Jonte? É Gustavo? – perguntou uma voz a pequena distância –. Dize-me se é Gustavo!

– Sim; é Gustavo – respondeu Jonte com a boca suja pelo creme de chocolate – Vai, Gustavinho, vai ver a mamãe e dá-lhe também alguma coisa. Vai, eu te guiarei; não tenhas medo; tomo conta de ti.

Mas Gustavo adiantou-se sem o auxílio de ninguém, colocou o resto do seu bolo nos joelhos da mãe, acariciou-lhe a face com as suas mãozinhas e voltou a ocupar o seu lugar entre o irmão e a irmã.

– Vai ter com papai, meu Gustavinho, vai, meu querido; ele te ama tanto – suplicou a mãe, parecendo muito agitada.

Ele, porém, não a atendeu; conservou-se ainda alguns minutos com os meninos e depois, evaporando-se lentamente, desapareceu.

Nessa ocasião, outra figura mostrou-se por várias vezes à minha esquerda, porém sem adiantar-se muito. Era uma forma alta e corpulenta; por fim, avançou a passos largos para o meio do círculo e dirigiu-se ao Sr. Lund, que se levantou para ir ao seu encontro.

Não sei quem era esse Espírito; esqueci-me de indagar.

Ele causou certa surpresa entre os assistentes, porque até então as formas materializadas eram de aspecto um tanto indeciso e pareciam tímidas. Esta, pelo contrário, caminhava entre nós, como se estivesse fazendo-nos um favor. Passou bruscamente por perto de mim, como se eu não existisse, creio mesmo que me roçou. Um minuto antes eu era considerada na reunião, porém agora já em mim não reparavam. Tive muito desejo de fixar os olhos dessa majestosa personagem; ela, porém, deu-me as costas e só pude observar a sua estatura, que me pareceu alta.

Notei que, ao lado do Sr. Lund, ele tinha quase a sua altura. Retirou-se com o mesmo andar majestoso, e senti o mais vivo desejo de fazer-lhe notar a minha presença e lembrar-lhe o quanto me devia, para poder mostrar-se com essa falta de cerimônia; entretanto, ele desapareceu sem que eu tivesse a coragem de denunciar-lhe a minha presença. Senti-me estranhamente fraca; só podia pensar, e não tinha forças para agir.

Apresentou-se então outra figura menor, mais delgada e com os braços estendidos. Alguém se levantou na extremidade do círculo, caminhou para ela e caiu em seus braços. Ouvei gritos mal articulados:

– Ana, ó Ana! minha filha, meu amor!

Outra pessoa aproximou-se igualmente e passou os braços em torno do Espírito; lágrimas, soluços e louvores a Deus confundiram-se. Eu sentia o meu corpo puxado, ora para a direita, ora para a esquerda, e tudo se tornou sombrio a meus olhos. Experimentava a sensação de ser abraçada por alguém e, entretanto, achava-me só na minha cadeira. Sentia que o coração de alguém batia de encontro ao meu peito, que tudo isso se estava dando, ao passo que junto a mim apenas se achavam duas crianças. Ninguém pensava em mim; todos os

pensamentos, todas as vistas convergiam para a branca e delicada figura cercada pelos braços de duas mulheres de luto.

Eu sentia distintamente pulsar o meu coração e, entretanto, que braços eram esses que me cercavam? Jamais tive a consciência de um contato tão real, e comecei a perguntar a mim mesma *quem era eu*. Seria aquela branca figura ou a pessoa assentada na cadeira? Seriam minhas as mãos que rodeavam o pescoço da dama idosa, ou só eram minhas as mãos que descansavam nos joelhos da pessoa sentada na minha cadeira?

Certamente eram meus os lábios que recebiam os beijos, era meu o rosto que eu sentia regado pelas lágrimas abundantes das duas velhas damas. Como se dava isso? Era horrível o sentimento de perder assim a consciência da minha identidade. Desejei erguer uma das mãos do corpo que se achava na cadeira e tocar em alguma coisa, a fim de saber se eu existia realmente ou se era somente a vítima de um sonho; desejei saber se Ana era eu, se a minha personalidade e a dela eram a mesma coisa.

Sentia os braços trêmulos da velha, os beijos, as lágrimas e as carícias de sua irmã; ouvia sua bênção e, entregue a uma verdadeira agonia de dúvidas e angústias, perguntava a mim mesma que tempo duraria isso, por quanto tempo continuaria esse estado.

Eu seria Ana ou Ana seria eu?

De repente, senti duas mãos pequenas segurarem as minhas, que se conservavam inertes. Elas fizeram-me tomar posse de mim mesma e, com um sentimento de alegria exaltada, senti que *eu era eu*. É que o menino Jonte, fatigado de ver diante de si o Espírito materializado e as duas mulheres, sentiu-se isolado e agarrou as minhas mãos para consolar-se.

Que felicidade me veio com o contato da mão dessa criança! Minhas dúvidas desapareceram a respeito da minha individualidade e do lugar em que me achava... E, quando esse sentimento voltava, a branca figura de Ana entrou no gabinete, e as duas damas retomaram suas cadeiras, agitadas, soluçando, porém cheias de contentamento.”

Outras manifestações produziram-se ainda nessa noite, mas eu, de um modo ou de outro, sentia-me fraca e indiferente a tudo o que se passava ao redor de mim, a nada disposta a interessar-me pelos incidentes que pudessem sobrevir. Alguns fatos eram singulares e notáveis; mas parecia que a vida me havia abandonado e eu só aspirava à solidão e ao repouso. O meu maior desejo era retirar-me para longe das grandes cidades e, logo que a sessão terminou, meus pensamentos dirigiram-se para as longas férias, objeto dos meus sonhos.

Depressa voltei a mim e, poucos dias depois, parti para as montanhas.

A lembrança das sensações estranhas que experimentara, durante a visita de Ana, atormentava-me cruelmente. Em vão tentei escapar aos meus próprios pensamentos e fixar a atenção nas paisagens magníficas que me rodeavam. Eles perseguiram-me, impunham-se a mim, até que me resolvesse a estudá-los à medida que se apresentassem. As circunstâncias incompreensíveis, que eu esquecera, voltavam-me à memória e exigiam explicação. O ataque brutal sofrido outrora por Iolanda e tantos outros incidentes surgiram diante de mim, formando uma barreira formidável. Senti então que não devia ir além, antes que essas coisas fossem esclarecidas.

XXV

Das trevas à luz

*Por cima do abismo da morte, tenebroso,
Mostra-se a vida nobre que deve persistir;
Região prenhe de nuvens, país misterioso,
Miragem onde mil sombras iremos descobrir
Daqueles que, de há muito a terra abandonando,
Se mostram às nossas vistas, ao longe passeando.*

Longfellow

Muitos meses depois das minhas experiências da Noruega, senti-me cheia de cuidados, refletindo sobre os fenômenos espíritos, principalmente quando li algumas obras tratando da mesma questão. Passei em revista todas as circunstâncias inexplicadas, todos os argumentos apresentados em apoio dessas manifestações; ponderei-os e comparei tudo com as minhas próprias experiências.

Essas manifestações eram verdadeiras, sem dúvida, mas donde provinham? Eis a questão. Essas formas materializadas, pelas quais me interessava tanto, seriam a minha *consciência subliminal*, agindo independente da minha vontade? Ou podiam vir do diabo, esse velho inimigo tão temível da Humanidade, tomando a aparência de amigos falecidos para iludir-me e mergulhar-me num abismo de iniquidades e decepções: Teria eu estado ao seu serviço durante tantos anos, arrastando outros, comigo, para o mal? Não teria sido a minha vida mais que uma série de erros? Aqueles a quem tentara abrir os olhos, sobre fatos palpáveis, poderiam acusar-me de havê-los desviado do bom caminho?

Esse pensamento terrível obsidiava-me, mas ao mesmo tempo eu tinha medo de achar a verdade. Faltava-me a coragem para olhar de frente essas coisas terríveis, *apesar de serem realidades*. Antes a incerteza do que a confirmação desse receio.

Lembrei-me da fé em minha infância e da minha crença na bondade e no amor de Deus, mas também me recordei de haver inutilmente invocado esse auxílio prometido aos crentes. Tinha colocado as minhas esperanças sobre a areia, e faltava-me um terreno sólido para reconstruir o edifício desmoronado. Era preciso recomeçar a minha triste experiência, sem saber onde colocar o pé. A vida era para mim uma inimiga, e a morte o termo horrível de uma existência inútil, cheia de provas e sofrimentos.

Pude, então, compreender como certo médium retratou-se e confessou que as manifestações espíritas eram apenas embustes e ilusões. Se as minhas dúvidas e os meus receios fossem confirmados, essa seria a única norma de conduta que devia seguir, fazendo o mesmo que outros.

Mas tal coisa era pior que a morte; desejei certificar-me da veracidade das minhas dúvidas, antes de tomar qualquer resolução. Se realmente eu tivesse sido iludida e houvesse enganado os outros, não morreria sem haver tentado reparar o mal que estava feito, empregando todos os meios ao meu alcance.

Tomada essa resolução, ficou a minha vida com um alvo determinado, e comecei logo a forjar novos planos de experiências. Era preciso abstrair-me da certeza que tinha de possuir o dom da mediunidade; proceder como se a minha personalidade devesse ser suspeita e como se eu duvidasse de mim mesma. O intuito das experiências seria demonstrar o papel que eu desempenhava na produção desses fenômenos; não devia ter confiança nos meus pensamentos e sentimentos, nos meus próprios sentidos. Era preciso que conhecesse que parte me cabia na materialização dos Espíritos.

Não julgava que aí tivesse alguma parte, consciente ou inconscientemente, apesar de emprestar-lhes a força de que dispunha, pois notara que conservava intacta a minha consciência. Mas, o diabo tem muitos recursos e podia fazer-me *crer* que não tinha perdido a faculdade de raciocinar. Era assim que eu argumentava comigo mesma.

Decidida, portanto, a resolver o que me parecia uma questão de importância vital, senti-me encorajada e, depois de haver desejado o repouso, a paz eterna do túmulo, comecei a temer que a morte me surpreendesse antes do cumprimento da tarefa que eu estava impaciente para pôr em prática.

Uma enfermidade, talvez oriunda das minhas angústias e de um resfriado que sobreveio, obstou as experiências, e quando o médico pareceu duvidar da minha cura definitiva tive um sentimento de alívio pensando que pela morte eu escaparia a essa prova humilhante, e ao mesmo tempo uma espécie de triunfo, dizendo a mim mesma que, a meu pesar, era forçada a não cumprir a minha promessa. Felicitava-me pelo sacrifício que anteriormente resolvera fazer, mais intimamente me regozijava com a idéia de que a morte ia, sem me consultar, resolver a questão. Era a liberdade.

Aí também iam findar as minhas dúvidas pessoais.

Eu ia saber o que havia de verdade nas comunicações e manifestações espíritas.

Se elas não eram reais, a morte poupava-me a humilhação de confessar os meus erros. Mas, se o fossem? Que seria se, por qualquer motivo, não mais pudesse proclamar a sua veracidade: Seja! Pelo menos eu não tinha de fazer confissão alguma! De qualquer modo escapava à tarefa que pretendia empreender e podia deixar os outros resolverem a questão por si mesmos.

Depois, porém, pensei que havia egoísmo e fraqueza nesse modo de raciocinar. Se eu os tinha prejudicado, cumpria-me a todo

transe buscar corrigir o mal. Se morresse, perderia a ocasião de fazê-lo; e não era bom desejar a morte para evitar a prática de uma obra necessária. Teria eu o direito de legar a outros essa obra de reparação? Não! Eu mesma devia cumpri-la e demonstrar a verdade ou a falsidade dessa grande causa. Fosse real ou ilusória, devia torná-la conhecida.

Comecei a restabelecer-me; *era preciso* que me curasse. Enferma, nada podia fazer e estava perdendo um tempo precioso. Contava, pois, as horas e os dias que fugiam, esperando o momento de cumprir o meu dever habitual.

Certo domingo pela manhã, formoso dia de verão, recostei-me no sofá com um livro, mas, estando espiritualmente agitada por mil projetos das experiências que eu queria fazer, prestava pouca atenção às páginas do livro.

Tive profunda sensação de fraqueza e abatimento, e as páginas impressas que procurava ler tornaram-se estranhamente indistintas. Iria eu perder os sentidos? Tudo se tornou sombrio para mim e acreditei que ia ter uma recaída. Quis chamar alguém em meu auxílio, mas lembrei-me de que ninguém havia nesse lado da casa.

O mal-estar passou quase imediatamente e fiquei satisfeita por não haver incomodado alguém. Olhei para o livro; coisa estranha! Pareceu-me vê-lo muito distante e escuro, e que eu havia abandonado o sofá, onde se achava outra pessoa segurando o livro! Que seria isso? Como me sentia admiravelmente leve e forte! O mal-estar tinha sido substituído por maravilhosa sensação de força, de saúde e de poder, que anteriormente nunca havia conhecido.

A vida despertava em mim, agitando-se, fervendo nas minhas veias como se aí passassem correntes elétricas. Cada parte do meu corpo recebera um novo vigor e eu tinha um sentimento de liberdade absoluta. Pela primeira vez, soube o que era viver.

Que coisa extraordinária! A sala parecia-me tão pequena, tão mesquinha, tão sombria! E aquela figura pálida sentada no sofá? Buscava reconhecer nela uma pessoa de quem tinha fraca lembrança; precisava, porém, de dar expansão ao meu irresistível desejo de liberdade. Não podia conservar-me nesse lugar; mas, aonde iria? Dirigi-me para a janela. As paredes pareciam aproximar-se de mim e depois desapareceram; como? Não o sei dizer.

Esse fenômeno não me causou grande surpresa, embora eu pouco o compreendesse, porque a pequena distância vi um amigo, que reconheci, não como se reconhecem habitualmente os amigos, pelas feições e o formato do todo (mesmo agora não poderia dizer se descobri nele algum traço familiar); mas o certo é que sabia que ele era meu amigo de longas idades, um amigo melhor, mais sábio e forte do que eu. Tive necessidade de um amigo e ele apareceu. Ele falou-me, creio que sem se servir dos nossos meios de linguagem, mas compreendi-o melhor do que por meio de qualquer língua.

Podia eu ver onde me achava? Sim, eu o via, posto que o Sol se tivesse extinguido de um modo curioso. Estávamos num caminho estreito e pouco agradável e, olhando ao redor de mim, segurei meu amigo pela mão, a fim de sentir-me em segurança. Era um lugar esquisito, mas que me parecia ser bastante familiar. Sombrios rochedos erguiam-se de cada lado do caminho, dificultando e bloqueando a passagem pelas suas arestas. O terreno era juncado de pedras grosseiras e coberto de sarças, apresentando aqui e ali profundas fendas, onde o viajante imprudente arriscava-se a cair. Meus olhos examinavam-nas, enquanto eu avançava tateando ao longo do caminho, polegada por polegada, assentando cautelosamente um pé depois do outro. Um obstáculo de aparência invencível foi então transposto e, caminhando, tinha a consciência de experimentar um sentimento de exaltação alegre diante das dificuldades vencidas à medida que dava um passo para a frente.

Nesse ínterim, aparece um abismo no meu caminho e, consternada, não tinha a esperança de evitar aí uma queda desastrosa. Entretanto, olhei com ousadia para diante e, à medida que avancei, um caminho estreito tornou-se visível; se não tivesse vertigem e caminhasse com um passo firme e prudente, o abismo podia ser contornado sem haver nenhum perigo.

Era um caminho longo e fatigante; se eu estava então com um amigo, sabia que isso era por pouco tempo, mas não me assustei, apesar da obscuridade e tristeza do lugar, envolto em um nevoeiro frio que me gelava o sangue e me abatia a coragem. Em certos pontos, porém, cintilava uma luz brilhante e quente, enchendo-me o coração de alegria e gratidão.

Lançando um golpe de vista para o caminho já percorrido, experimentei um sentimento de triunfo. A luz, cujos raios se mostravam então, parecia clarear agora todo o caminho e eu podia com a vista descobrir as minhas pegadas, desde o momento em que empreendera a viagem. Num ponto tentara evitar os obstáculos, em outro recuara para avançar de novo e transpô-los.

Via os lugares onde tinha caído, e dos quais saíra com dificuldade, e notava finalmente que poderia evitar esses perigos, se o caminho estivesse iluminado como então.

Olhando de novo para a frente, via a luz brilhar a distância diante de mim, enquanto a sombra se estendia debaixo dos meus pés. Senti um desejo ardente de apressar-me em ir ao ponto iluminado e, no mesmo instante, um raio brilhante fixou-se na minha frente, guiando-me os passos.

– Poderás agora caminhar só? – perguntou o meu amigo –. A tua coragem está na altura da tarefa que empreendes?

– Sim, se for necessário. Não é coisa tão difícil como me parecia; preciso, porém, de luz; desejo ter o sentimento de estar segura. Por que devo seguir este caminho? Não haverá outros melhores?]

– Olha mais ao longe!

Olhando, observei ao longe que a obscuridade ia aos poucos decrescendo e que, por fim, exatamente no termo do caminho, mostrava-se um brilhante raio de luz, inundando-o de uma glória inconcebível. Eu não podia suportar-lhe o brilho. Tive vergonha e escondi o rosto, porque a luz atravessava-me de um lado a outro. Vi-me, então, como eu era realmente, e não como a minha presunção fazia-me supor. Se os outros pudessem ver-me como eu me estava vendo!

Encostei-me ao meu amigo e perguntei-lhe:

– Que significa isso?

– É a verdade, a verdade que intentaste procurar.

– E é por este caminho que a alcançarei?

– Foi o caminho que traçaste, não tens outro a percorrer.

– Se o percorrer, chegarei à verdade? Sim; isso não pode deixar de dar-se; sinto que hei de achá-la.

– Já a encontraste; cumpre que agora te aposses dela e que a abrases com amor.

– Ajudai-me, fazei que eu a compreenda melhor. Como alcançarei a verdade? Como poderei abraçá-la sem vacilar?

– Já a encontraste; viste-a anteriormente, porém não a reconheceste. Ela esclareceu o teu caminho, mas receaste confessar isso a ti mesma.

– Era tão fraca, tão pálida... ignorava que fosse ela – disse eu humildemente.

– Tu a sentiste, mas a puseste de lado e ergueste barreiras entre ti e ela, que a esconderam à tua vista.

– Não o sabia, não o sabia!

– Cerraste os olhos e caminhaste cegamente, caindo nas armadilhas; tiveste mais confiança na tua sabedoria imaginária do que nessa luz; entraste em veredas que te afastaram dela.

– Eu não o sabia.

– Tinhas a luz ao teu alcance. Tu a vias brilhar, porém ela te ofendia por vir esclarecer coisas que te eram desagradáveis. Preferias que essas coisas ficassem envoltas na obscuridade, esforçando-te por crer que elas não existiam. Repeliste a luz e por isso caminhaste nas trevas e no desespero.

– Eu não o sabia.

– Tu dizias a ti mesma: Não preciso do auxílio de ninguém. Farei isto e aquilo e por isso tropeçaste e caíste no atoleiro; quando, em cada volta do caminho, encontravas uma decepção, voltavas para trás, contrariada em teus planos, enganada pelo teu próprio desejo, e só então reclamaste a verdade.

– Eu não o sabia; ajudai-me a compreender a verdade, a não me afastar dela. Ajudai-me para que me aproxime dessa luz maravilhosa, ajudai-me a compreender a significação da vida. Não quero que me abandoneis! Oh! Ajudai-me, ajudai-me!

Segurei-me ao meu amigo. Desviamo-nos da contemplação da estrada; em seguida, veio uma sensação de movimento, de surpresa, de luz crescente, de intensa vida irradiante, e depois... Como descrever o indescritível? O tempo havia desaparecido; o espaço não existia. Acabrunhava-me a minha própria insignificância. Que fraco, que pequeno átomo eu era nessa inexprimível imensidade, apesar de ser *una* com ela, de haver dela nascido e pertencer-lhe! Cheguei a essa conclusão, mesmo com a minha acanhada inteligência, e sabia que, pobre e medíocre como era, fazia parte desse Todo indestrutível e eterno, e que sem mim ele ficaria incompleto.

A luz dessa grande vida penetrava-me e compreendi que *os pensamentos são as únicas substâncias realmente positivas*, e por

que motivo a linguagem falada era desnecessária entre mim e o meu amigo. Os segredos da vida e da morte eram-me desvendados e eu os penetrava; a razão do pecado e do sofrimento, os esforços eternos em busca da perfeição estavam explicados; cada átomo da vida tinha o seu lugar designado no ponto necessário, cada transformação, cada evolução o aproximava do seu fim. Logo que um desejo nascia em mim, eu achava os meios de realizá-lo. Podia ter o conhecimento das coisas, bastava-me que o desejasse.

E eu tinha duvidado... duvidado do poder de Deus, da sua existência! Duvidara da realidade da vida espiritual! Eu havia cegamente dado para limites da *verdadeira vida* os sombrios confins da existência terrestre. Conservei-me perto do meu amigo, vencida por esse novo sentimento de realidade das coisas, por essa maravilhosa verdade. Vi outros seres, radiantes criaturas, e senti-me humilhada, envergonhada da minha própria inferioridade; minha alma, entretanto, voava para elas, com amor e veneração. Desejava a sua amizade e o seu amor.

Que significava isso?... Minha aspiração era como um raio de luz argêntea... ia ter com esses seres; era uma corrente de comunicação nascida do meu sincero desejo. Eu podia ir ter com eles, e eles podiam vir a mim; conheciam a minha aspiração, sorriam-me, e senti-me abençoada na minha solidão.

Outros havia pelos quais eu sentia uma imensa compaixão, experimentando um irresistível desejo de atraí-los a mim. Eles podiam vir, aproximar-se de mim, se o desejassem, do mesmo modo que eu o havia feito em relação às criaturas brilhantes de amor e de verdade. Por que, pois, não se dirigiam a mim? Senti que podia dissipar a sombra que os envolvia.

Tinham-me ajudado, havíamos trabalhado juntos. Às vezes fomos bem sucedidos, e em outras ocasiões não conseguimos o nosso fim. Tínhamos sido vencidos pelas dificuldades, caído em ciladas, mas sempre reunidos, sempre juntos. Trabalhávamos sem

luz; cada um de nós teve a sua parte, havíamos sido igualmente fracos, cegos e culpados.

Que diferença, pois, havia entre nós? Por que motivo eu os lastimava? Por que desejava atraí-los a mim? Não era melhor nem mais elevada que eles. Não! Nada é melhor ou pior, mais alto ou mais baixo. Somos todos iguais, todos membros da mesma imensa família, todos átomos da Grande Alma criadora. Mas eu, átomo menos experiente e instruído que aqueles que lastimava, já havia encontrado a luz que eles ainda buscavam.

A luz havia penetrado em minha alma e eu sentia-me repleta de uma alegria inexprimível. Essa nova chama nascente era minha, pertencia-me e nunca mais me escaparia. Estava igualmente ao alcance deles, porém eles não lhe ligavam importância. Ela os rodeava, estava *neles*, porém eles a ignoravam. Achavam-se na mesma posição que eu, quando seguia por igual caminho... Pois bem! Instruí-los-ia, ajudá-los-ia, mostrar-lhes-ia o que deviam fazer para chegarem à verdade. Eu os ajudaria na busca da luz, como o meu amigo havia feito em relação a mim. Eles compreenderiam, como se deu comigo, o que é essa grande luz do amor... Por que me não faziam um simples apelo?

Estendi os braços e chamei-os. Senti o meu ser inteiro vibrar numa dolorosa aspiração, no desejo de atraí-los a mim. Eles podiam tão facilmente vir ter comigo, a fim de compartilharem dessa nova e gloriosa vida, se a quisessem!

Como poderia eu chamar-lhes a atenção? Como indicar-lhes o caminho? Oh! graças à irradiação desses gloriosos seres cujo sorriso me havia felicitado, graças a esse pouco de luz e de influência que eles espargiram sobre o meu caminho, graças ao seu auxílio, eu iria buscar esses pobres amigos. Iria beber essa verdade gloriosa e viva; ela encheria todo o meu ser, e assim eu poderia refletir sua glória e fazê-la ressaltar sobre os seres a quem amava e a quem

tanto lastimava. E toda a minha consciência concentrou-se nesta prece: “Ajudai-me, a fim de que possa ajudar os outros.”

XXVI

Desvenda-se o mistério

*Assim como em plena lucidez o vidente
Vê formas a surgir e a evaporar-se,
Do ignoto em giro permanente;
Assim é a transformação misteriosa,
Do nascer ao morrer, da morte à vida,
Da ida para os céus, da volta à terra,
Até que nova vista mais subida,
Do que nem era dado suspeitar-se,
Nos venha revelar a realidade
De ser o Universo, e o que ele encerra,
Uma roda que gira majestosa,
Em seu caminhar visando a Eternidade.*

Longfellow

À medida que esse desejo se acentuava, enchia e animava todas as fibras do meu ser, palpitando em cada uma delas e acumulando força e energia até que a ação se tornasse irresistível. Sentime então assaz forte para compreender e dar começo à obra, subitamente tornada para mim um grande princípio de felicidade.

Para instruir os outros, era em primeiro lugar necessário que eu me instrísse. Como, porém, começar?

Ficava surpreendida de achar tanto sofrimento na recordação do motivo especial que me tinha parecido difícil de compreender. Era com um sentimento de ansiedade, tocando as raias do sofrimento, que buscava em mim mesma a explicação do que tanto me havia embaraçado e entristecido. Já muito tempo tinha decorrido e

isso me parecia quase pertencer a um sonho meio esquecido. Era um sentimento de penoso mal-estar... Mas, donde provinha? Ele fazia-me pensar na sensação que se experimenta quando, depois de um sonho desagradável, achamo-nos imersos em vaga opressão, sem podermos contudo recordar o que dera origem a essa sensação. Eu sabia haver sonhado a respeito de uma vida de algum modo diferente da que levava, e que também me era preciso reconstituir esse sonho para encontrar o mistério que pretendia resolver.

Os diversos incidentes revelavam-se por si mesmos, um depois do outro, por imagens que eu reconhecia haverem pertencido ao sonho; quadros pálidos, quase apagados, indistintos, mas nos quais eu tomava parte, quadros que me despertavam um sentimento de vergonha e humilhação, motivo pelo qual tinha pressa de deixá-los cair nos nevoeiros do esquecimento.

Presentemente, era capaz de notar as circunstâncias que se apresentavam uma a uma. Elas formavam como que uma cadeia quebrada, e essa falta de nexos perturbava-me e embaraçava-me. Não sabia como encher as lacunas. Que havia eu esquecido? Não teria esse sonho sido mais que uma cadeia desconexa de pensamentos e produtos da imaginação?

A minha personalidade e o meu nome não pareciam ter importância, nem deles lembrava-me. Mas, através desse nevoeiro indefinido do meu sonho, a minha própria identidade, o meu *eu*, aquilo que nesse momento tentava desembrulhar essa meada e espancar essas sombras, era o mesmo, era o único fato real, palpável e indiscutível. Esse fato não exigia esforço algum de memória e eu podia segui-lo passo a passo, através de todas as complicações de minhas estranhas experiências. Reuni um a um os fios dessa vida de sonho e achei-a completa.

Vi como esse *eu* tinha sido influenciado pelos outros; como outras individualidades entraram com ele em relações, quantas simpatias o tinham dirigido ou feito desviar do seu verdadeiro alvo.

Desenredando essa meada, segui os fios que prendiam a causa ao efeito, o motivo ao ato, e via que esses motivos eram puros e desinteressados. Vi a imensa sede de saber que me dominava, e o meu desejo de ser auxiliada a fim de saciá-la. Mas, ah! esse saber faltava também às outras individualidades, e o resultado foi um desastre.

O interesse que em mim despertava essa misteriosa *vida do sonho* lançava-me ora para o alto, ora para baixo, sem dar-me um resultado positivo, pois que não existiam altos nem baixos nessa região nevoenta em que eu me sentia sufocada, como se a atmosfera se tivesse tornado espessa e pesada. Um sentimento de ansiedade oprimia-me e eu experimentava o desejo instintivo de escapar a essa sensação de peso, que gradualmente ia aumentando. Entretanto, o desejo de aprender era mais forte e, reunindo toda a energia de que era capaz, combati o instinto que me queria arrastar para um ar puro, para a liberdade.

Havia uma espécie de visão familiar nesses nevoeiros, alguma coisa nessas formas e sombras que me recordavam mais vivamente a *vida do sonho*, e aos poucos fui percebendo que a *vida dos sonhos* se havia passado nessa região. Vi que todo esse mundo era rico da verdadeira vida; que essas individualidades lutavam, cada uma com as suas idéias, suas ambições, suas esperanças, seus temores, suas alegrias e desesperos, sendo, apesar de semelhantes, estranhamente diferentes; cada uma parecendo existir, em aparência por si mesma, e entretanto dependendo das outras; todas as influenciando, guiando-se, atraindo-se e repelindo-se mutuamente.

Pelas minhas observações, parecia-me que desse mundo de nevoeiros se desprendia alguma coisa viva, alguma coisa que devia elevar-se, purificar-se e aperfeiçoar-se no mundo da realidade; nessa alguma coisa reconheci o espírito de humanidade, e desejei imitar aquelas criaturas perfeitas que tão tarde havia visto.

Quando reconheci isso, o temor que eu sentia por esse mundo nevoento transformou-se numa simpatia ardente, num interesse real. Eu sabia que esse era o mundo a que se adaptavam as circunstâncias da minha *vida do sonho*, mas perguntava a mim mesma por que as coisas eram aí tão diferentes do que se via no nosso mundo. Esses rochedos, esses mares, que se me afiguravam tão reais, tão sólidos, tão pouco imaginários, não eram mais que vapores e nuvens, através dos quais eu passava sem encontrar resistência. Eles não ofereciam obstáculo à minha passagem... Eu os transpunha tão facilmente como uma flecha as nuvens, e achei-me em íntimo contato com os homens que tinha visto de longe.

Eles eram estranhamente inconscientes da minha aproximação, passavam por mim sem me verem; não notavam as minhas saudações cordiais, parecendo profundamente absortos em seus próprios pensamentos, que giravam todos ao redor de um ponto central, o seu próprio *eu*. A esse *eu* nunca perdiam de vista, lutando uns contra os outros para se imporem mutuamente.

Que erro! Como eram cegos em seu procedimento! Eles eram, por uma força misteriosa, induzidos a se desenvolverem, a progredirem, a se tornarem melhores e mais perfeitos, a se elevarem acima do nível em que se achavam. Esse instinto influenciava-os, esclarecia-os, porém eles, cerrando os olhos a essa luz, andavam às apalpadelas, trabalhando na obscuridade, acumulando riquezas que, segundo julgavam, os elevariam acima dos seus companheiros; no entanto, elas deveriam sepultá-los sob o seu peso. Sentiam esse instinto que os impelia para a frente, que os convidava a desenvolverem em si melhores qualidades, dons superiores, e entretanto não compreendiam a natureza desse impulso; afastavam-se cada vez mais da espiritualidade. Trabalhavam com energia, como se essa vida constituísse a única existência, o *alfa* e o *ômega*, e entretanto sabiam que não haviam de escapar à morte. Por que não viam eles a luz que resplandecia para mim? Por que não compreendiam a

significação desse instinto, desse grande impulso? Se eles desconfiassem do erro em que viviam, certamente se apressariam em reparar as faltas cometidas... Mas, não! Eles acreditavam na morte... e isso os não impedia de procederem como se ela não existisse.

Eu experimentava um grande pesar por causa desses pobres transviados e era oprimida pelo desejo de mostrar-lhes o meu tesouro, a chave de todos os segredos desta maravilhosa existência. Por essa chave tinha sabido que a vida é indestrutível e imortal, que não existe a morte nem o aniquilamento; que a vida circula sempre, renovando-se incessantemente sob todas as formas possíveis: nos rochedos, na areia, no mar e nas plantas, em cada árvore, em cada flor, em todas as espécies animais e, afinal, atingindo seu ponto culminante, na inteligência e na percepção humanas. Por essa chave eu via em todos os acontecimentos, movimentos, progressos e revoluções os efeitos das leis que governam o Universo. Compreendi que os atos, em aparência praticados pelos homens, eram realmente dirigidos por essas leis naturais, as quais não era possível contrariar-se, e que os indivíduos de inteligência mais elevada, mais apta para perceberem o poder dessa ação, tornavam-se necessariamente, por algum tempo, os guias dos seus contemporâneos.

Podia, igualmente, compreender que o Espírito, com o fim de desenvolver a sua inteligência e perfeição, devia passar através de todos os organismos para reunir em si as qualidades e propriedades que lhe eram necessárias; compreendia que a inteligência humana era, de algum modo, o produto e a essência de todos os conhecimentos reunidos em uma infinidade de existências progressivas sob diferentes formas e condições.

Compreendi que o Espírito, tomando pela primeira vez a forma humana, não poderia chegar logo à sua mais perfeita expressão terrena, pois que havia muitos graus no homem. No selvagem, o Espírito alarga a experiência e acha um novo campo de cultura;

quando essa ordem de experiências fica esgotada ele dá um novo passo para a frente, sempre subindo; o Espírito desenvolve-se e progride incessantemente em todos os sentidos; a desagregação do corpo que toma em cada existência prova simplesmente que ele terminou a sua missão e cumpriu os fins para os quais encarnou. Os corpos dissolvem-se nos seus elementos originários, donde sairão outras formas, como um meio de o Espírito manifestar-se e alcançar o progresso necessário.

Vi claramente todas essas coisas, que me pareciam tão simples, tão racionais, tão completas que ficava admirada de não as ter mais cedo compreendido. Teriam os meus sentidos estado obscurecidos a ponto de me não deixarem conceber idéias tão simples?

Finalmente, graças ao auxílio do precioso tesouro descoberto, as leis tornaram-se-me visíveis. Quanto eu desejava levar essa luz a todos os lugares tenebrosos que conhecia, nessa vida misteriosa e ilusória onde tantos infelizes debatiam-se cegamente sem lhe conhecerem a causa. Lembrei-me da minha própria insuficiência, das minhas inquietações e dos meus desejos de encontrar a luz. Tudo isso me parecia tão pequeno, tão trivial, em vista da grande necessidade agora conhecida, que sentia, com pesar, terem os meus pensamentos de ser submetidos a qualquer reflexão de interesse pessoal. Eu não temia que a verdade fosse revelada, tão cara e preciosa se me tornara a luz! Qualquer que fosse a consequência, não mais a deixaria extinguir-se. Ela já havia feito conhecer as minhas grandes faltas e fraquezas, mostrando-me as possibilidades que podiam ser aproveitadas.

Fizera-me conhecer a vida, como é e como deve ser, e eu sabia que, com o auxílio dessa luz sagrada e grandiosa, todas as questões ficariam resolvidas e todas as coisas secretas seriam esclarecidas.

A minha aspiração de auxiliar esses cegos tornou-se então mais intensa e mesmo irresistível; eles, porém, não me viam, nem me prestavam atenção alguma; eu lutava em vão para fazer-me

compreender. Estendia-lhes os braços, porém eles passavam sem me perceberem; chamava-os e eles, conservando-se absortos por outras coisas, nem me ouviam. Pude então compreender que, para tornar-me visível a esses Espíritos, era preciso que revestisse a matéria. Era um pensamento repugnante... porém, que importava? Eu me submeteria para ajudá-los. Entretanto, como se faria isso? Apenas essa questão surgiu em mim, num relâmpago reconheci que eu achara o que buscava, aquilo de que até então só tivera uma aspiração vaga e indefinida.

De um mundo de luz irradiante, onde predominava o amor e a simpatia, essa aspiração me havia conduzido ao mundo de sombras e ilusões, onde mal a luz podia penetrar. Era aí que o conhecimento das coisas devia ser adquirido; era preciso que eu aprendesse a revestir-me de fluidos, a manipular e moldar essa matéria tão imaterial e vaga, a apanhar e conservar o que não tinha substância. Isso me parecia impossível e, entretanto, sabia que já tinha sido feito.

Por muito tempo busquei os meios de executar um plano, quando um amigo veio em meu auxílio; e juntos refletimos na execução desse plano. Perguntei-lhe como devia proceder para estabelecer a aderência dessa substância imaterial. Era necessário, explicou-me ele, reunir algumas daquelas nuvens fluídicas que nos envolviam, insuflando nelas a minha própria vida, inoculando-lhes a minha vontade, uma parte do meu próprio desejo, empregando todo o esforço possível, até que a massa ficasse animada e tomasse uma forma condensada, semelhante aos seres vaporosos que me cercavam, inconscientes da minha identidade. Segui o seu conselho e fiz uma criação pessoal, minha propriedade especial, animada pelo meu sopro, conservada viva pela minha vontade, obediente aos meus desejos e à minha ordem, de mim só dependente em todos os instantes da sua existência. Eu sabia que, se a intensidade da minha vontade afrouxasse, se o meu desejo ou o meu interesse

tivessem falha, essa sombra de mim mesma voltaria ao todo donde tinha vindo, para nunca mais existir.

Para aquelas criaturas, a minha criação era tão real e tangível quanto elas, visto ali não faltar a vida nem a inteligência. Só eu sabia que ela era apenas uma sombra defeituosa em muitas coisas que, por falta de conhecimento, não lhe tinha sabido comunicar. Que possibilidades, entretanto, resultariam dessas experiências levadas avante? De que outras propriedades não teria eu dotado essa criação transitória, se houvesse sabido desenvolver as minhas próprias faculdades? Realmente, tinha resolvido o mistério ou, pelo menos, uma parte dele, e alguns outros meios de decifrá-lo foram com segurança empregados...

Depois, meu amigo e eu demos existência a uma outra sombra, sombra estranha que não era ele nem eu, porém sim uma coisa informe que, com dificuldade, procuramos organizar. Não combinando nossas vontades e nossas idéias, o resultado foi um insucesso. A sombra que havíamos criado era defeituosa em muitos sentidos, e procuramos remediá-lo, reparar as faltas, formar outra sombra semelhante à primeira, imitando a realidade viva. Apesar de todos os nossos esforços, falhamos e não pudemos fazer uma criação como a primeira. Apenas formamos uma miserável imitação, que não pôde ser chamada à existência por causa da divergência das vontades dos seus criadores.

Tal coisa era ainda um mistério, e experimentei uma sensação pungente de vergonha e humilhação. Tinha censurado o meu amigo por esse ato, para o qual eu mesma havia concorrido. Empreguei a minha vontade nessa criação, e as minhas idéias se haviam cruzado, como as linhas de dois desenhos emaranhados e justapostos, tornando-se depois apagadas e indistintas.

A energia mal dirigida, quando não é governada pela razão e pelo saber, deve fatalmente baquear na execução de qualquer projeto... Foi o que se deu conosco.

O mistério já não era um mistério. Eu desejava exprimir os meus pesares a esse amigo, dizer-lhe como tudo isso me penalizara, quanto pretendia emendar-me e dar-lhe de então em diante o meu apoio, em vez de fazer-lhe críticas. Bem via que seguira um caminho falso, pela falta de boa-vontade para chegar a um fim, e que as minhas forças eram insuficientes.

Quando ponderava todas essas coisas, os cuidados e as ansiedades que haviam perturbado a minha *vida de sonhos* voltaram ao meu espírito e recordei-me de muitas alegrias e desgostos ora esquecidos, porém que tinham tido anteriormente uma realidade; recordei-me das minhas suposições a respeito de outra vida, de outra existência fora do sonho, e lamentei essa sonhadora que confundira o *sonho* com a gloriosa realidade.

Assim resolvido o problema, a minha tarefa estava terminada. Já sabia como podia ir ter com esses pobres lutadores cegos e desejava auxiliá-los com todas as minhas forças e todo o meu poder. Mostrar-lhes-ia a única luz que os podia conduzir ao verdadeiro caminho do conhecimento e não os fatigaria com discussões... tive então a liberdade de deixar essa região das sombras, de respirar o ar tépido e puro que deixara, de saborear a beleza desse outro mundo e, ainda uma vez, de gozar do afeto, do amor inexprimível que emanava dos seus habitantes.

Eu voltaria para o meio daqueles seres espirituais; mas era preciso que reunisse primeiro novas forças e ganhasse coragem com o contato dessas criaturas irradiantes, cujo sorriso me havia confortado e elevado em um êxtase de amor e adoração.

Entretanto, uma estranha sensação oprimia-me; e foi em vão que tentei subtrair-me à sua influência. Sonhei com a independência e a liberdade, e era, como uma cativa, arrastada para a prisão donde escapara. Sabia que, apesar de toda a resistência, tinha de obedecer à força que me impelia. Por isso, abraçando fortemente o tesouro que havia achado, obedeci; estava triste, é certo, porém

cheia de ativez, graças a esse tesouro... E voltei à minha morada terrestre.

Do mesmo modo que na ocasião da minha partida, as paredes pareceram aproximar-se e depois recuar, quando as atravessava como a um nevoeiro; e, com o mesmo sentimento de ilusão, contemplei a mulher silenciosa, recostada, com um livro na mão, e que não estava morta nem adormecida. Agora sabia que esse corpo de mulher era a prisão, donde eu havia escapado e para onde devia voltar. Era preciso resignar-me, pois tinha muito a fazer para mostrar a esses pobres espíritos em luta que, além das sombras, havia uma realidade viva, absoluta e perfeita; que o tesouro por mim adquirido podia ser igualmente deles, e conduzi-los pelo caminho da liberdade. Revestida somente do corpo fluídico, teria eu podido aproximar-me deles e explicar-lhes todas essas coisas? Julguei-me feliz, portanto, em voltar, e estava resolvida a esperar com paciência o dia da libertação, consciente e satisfeita com o dever que tinha a cumprir.

Experimentei o antigo sentimento de dor, de fraqueza e de opressão, e achei-me estendida no sofá com um livro na mão. Abri os olhos; nada estava mudado ao redor de mim: via as flores, os quadros e as cortinas, tudo no seu lugar. Entretanto, operava-se uma grande mudança, porque estava dominada por um sentimento de alegria absoluta, que nunca experimentara anteriormente. Que tempo estivera eu afastada? Não tive consciência disso, porque no mundo das realidades que acabava de visitar não havia tempo, nem espaço, nem meio algum de medi-los, como se faz na Terra.

Causa pasmo como a ilusão e a realidade podem trocar de posição! Se eu não possuísse a verdade, teria dito que as cenas terrenas eram as verdadeiras e que fizera uma visita ao país dos sonhos. Mas, o tesouro que achara ficaria sempre em meu poder. Esse átomo de uma verdade viva trouxera-me uma tranqüilidade que excedia toda a compreensão. Graças a esse raio de luz, agora vejo e

sei que as comunicações espíritas são verdadeiras, *tão verdadeiras como a existência de Deus.*

Dirão que sonhei, mas isso pouco importa, pois verifiquei não ter havido sonho, e sim uma digressão na vida real e incontestável. E, durante o resto da minha peregrinação pela Terra, essa recordação me ajudará a suportar com paciência tudo o que puder acontecer, dando-me a coragem para lutar até o último momento.

XXVII

Fotografias espíritas

“Assim como não conheces o modo de obrar do Espírito, assim também ignoras a ciência do Eterno que tudo criou.”

Eclesiastes.

Eu estava familiarizada ainda havia pouco tempo com o assunto espírita, quando me falaram da possibilidade de se obterem fotografias do invisível, ocultas, transcendentais ou espíritas, conforme os nomes que lhes queiram dar. Ainda não observara quanto sofria depois das sessões e a que estado de esgotamento elas condenavam-me.

Como nunca fora bastante vigorosa a minha saúde, não pensei que esse cansaço e abatimento pudessem ser devidos a alguns dos assistentes de nossas sessões. Meus amigos propunham continuamente novas experiências, que, em regra geral, me interessavam tanto quanto a eles e, entre outras, a idéia de obter fotografias espíritas. Eu desejava aproveitar toda ocasião que aparecesse; mas, como não era fotógrafa, não se organizou o trabalho nem houve um esforço contínuo para essas experiências; não compreendíamos ainda quanto é difícil possuir diversas mediunidades igualmente desenvolvidas, sem se esgotar o sistema nervoso.

Em todo caso, embora tentasse sempre obter essas desejadas fotografias, foi só em 1876, na cidade de Londres, que supus tê-las conseguido, porém não atribuí esse resultado à minha mediunidade.

A Sra. Burns, excelente médium sensitiva, veio comigo à casa do fotógrafo espírita, Sr. Hudson. Depois de eu ser fotografada, ele

revelou a placa e ficou orgulhoso pelo êxito obtido, graças à minha visita; pois no clichê mostrava-se uma bela figura ao lado do meu retrato. Ele atravessava precipitadamente o estúdio, desejoso de trazer-me a boa nova e com o fim de apresentar-me a placa, quando tropeçou no tapete e a placa quebrou-se em mil pedaços.

Pouco depois eu visitava Paris e Bruxelas, e nesta última cidade fui fotografada uma manhã, não menos de vinte vezes, sem obter o mínimo resultado.

Não me recordo de algum esforço persistente empregado nesse sentido, durante os dois anos que se seguiram; de tempos a tempos, entretanto, fazíamos um ensaio, quando a ocasião se apresentava. Entre 1878 e 1880 muitos fotógrafos fizeram tentativas, porém sem resultado.

Em 1880 fui à Suécia, levando comigo um aparelho fotográfico e 288 placas sensíveis que desejava empregar, esperando obter alguma coisa. Combinei com um fotógrafo e comecei o meu trabalho mais sistematicamente do que o havia feito nas ocasiões precedentes; a minha saúde, porém, não se havia restabelecido ainda da conseqüência do terrível choque experimentado na sessão de Newcastle, em 1880 (o que, aliás, só sete anos depois verificar-se-ia), por isso, a minha mediunidade estava quase aniquilada. Depois de havermos empregado as 24 dúzias de placas, o aparelho foi posto de lado e estragou-se.

De 1888 a 1890 muitas tentativas foram feitas, mas só obtivemos uma fotografia espírita, por simples acaso, no último desses anos, em Gotemburgo, e que já foi descrita. O Sr. Aksakof empenhava-se numa discussão com outro dos meus amigos acerca das fotografias espíritas, quando o Sr. Boutlerof, que queria ver se a máquina fotográfica estava bem dirigida e desejava experimentar a luz do magnésio, interrompeu a conversação, dizendo:

– O aparelho está dirigido para a cadeira colocada no ângulo da sala, e desejo que a Sra. d'Espérance tome ali a posição, pois pretendo experimentar o magnésio.

Isso se passou quando estava escurecendo e antes de se acenderem as lâmpadas. Levantamo-nos todos para acompanhar o Sr. Boutlerof à sala onde se achava o aparelho. Não havia designação especial quanto aos lugares que os outros deviam ocupar e só eu devia assentar-me no ângulo da sala. A luz do magnésio clareou-a e todos os espectadores viram uma figura de homem, em pé, por trás de mim. Essa forma não era visível anteriormente, nem o foi quando cessou o rápido clarão produzido; por isso todos estavam curiosos de ver se ela impressionara a chapa. Felizmente, essa fotografia foi posta em segurança.

Com intervalos, fizemos ensaios em Gotemburgo, em Cristiânia, em Berlim e outros lugares, mas sempre infrutíferos.

Em 1896 fui à Inglaterra e aí obtive algumas fotografias espíritas; mas, na minha opinião, elas eram duvidosas. Por diferentes motivos, de que não quero agora ocupar-me, não pude aceitá-las como verdadeiras, embora fosse possível.

Resolvi, entretanto, fazer uma nova tentativa ao regressar à Alemanha. Pus o meu plano em execução e obtive algumas formas indistintas e nevoentas, o que, junto ao fato de eu ficar muito nervosa, me forçou a deixar de lado a fotografia por duas ou três semanas. Depois tentei de novo e consegui imagens nítidas do invisível. Duas ou três eram excelentes retratos de seres humanos, que pareciam perfeitamente vivos. Meus nervos, porém, fizeram-me sofrer tanto que nem mesmo ousei mais subir uma escada, tendo apenas a coragem de passear na sala. Por isso, tivemos de deter toda experiência.

Em janeiro de 1897, fui a Gotemburgo para demorar-me dois meses, com a intenção de concluir este livro e entregá-lo ao im-

pressor. Meus amigos adquiriram um novo aparelho e tudo quanto era necessário para uma nova série de experiências fotográficas. Em 28 desse mês tudo estava pronto. Meus amigos tinham muito que aprender acerca da arte fotográfica, pois anteriormente não lhe haviam prestado atenção. Nos três primeiros dias só fizemos experiências preliminares, próprias para habituarmos-nos, aos poucos, com o aparelho, a focalização, o desenvolvimento e a impressão das chapas.

Em 1º de fevereiro começamos sistematicamente o trabalho, mas não éramos bem sucedidos. Estávamos, entretanto, resolvidos a continuar a nossa tarefa, qualquer que fosse o resultado, a não ser que a minha saúde apresentasse obstáculos insuperáveis.

Em 2 desse mês, sendo desenvolvida uma das chapas expostas, pudemos aí distinguir uma ligeira forma nebulosa. Não sabíamos se lhe devíamos ligar importância, a menos que ela não fosse o precursor de um resultado mais nítido e positivo. No dia imediato encontramos uma cabeça em outra chapa. Os traços e a aparência geral faziam-nos lembrar o nosso caro e antigo amigo Geórgio, falecido muitos anos antes.

Nos dias 4 e 5, obtivemos o fraco indício de uma forma. No dia 6 todas as chapas expostas nada apresentaram; mas no dia seguinte uma espécie de nevoeiro, assemelhando-se a uma cabeça, tornou-se perceptível. Nos dias 8 e 9 duas formas humanas, nebulosas, mas bastante distintas, apareceram nas chapas, sem traços visíveis, fazendo recordar bonecos de neve. Elas, entretanto, eram assaz claras para nos animarem a prosseguir em nossos estudos.

Nos dois dias seguintes nada conseguimos. Começamos então a imaginar meios para aperfeiçoar o nosso método de trabalho; resolvemos demorar menos a exposição das chapas à luz, porque, como sucedia havia alguns dias, o céu, mostrando-se encoberto e a neve caindo em grossos flocos, tínhamos exposto a chapa durante 100 segundos em vez de 40. As experiências eram feitas ora pela

manhã e ora à tarde. Resolvemos também, de então por diante, começar o trabalho às três horas da tarde, qualquer que fosse o tempo. Outra decisão importante que se adotou foi a de empregar-se a luz de magnésio nos dias sombrios e diminuir o tempo da exposição das chapas.



Uma das primeiras formas-sombras.
(Fotografada às 15 horas do dia 08-02-1897).

Tínhamos instalado o aparelho fotográfico em um salão de ângulos cortados. Nesses pontos não podíamos fazer alteração. Tínhamos anteriormente empregado como fundo um biombo de cor marrom-escuro; não o podíamos substituir, mas cobrimo-lo com um pano preto, a fim de tornar mais visível qualquer forma branca que se apresentasse. Éramos geralmente cinco a tomar parte nessas experiências: o dono da casa, sua senhora, suas duas filhas e eu. Quando o relógio dava três horas, todos entrávamos no salão. Um

de nós colocava o biombo na posição exigida; outro ocupava-se com o aparelho, dirigindo a objetiva para outra pessoa que, a título de ensaio, se assentava diante do biombo. Enfim, uma quarta pessoa regulava as venezianas, de modo a produzir-se o melhor efeito de luz. Esperávamos que o aparelho ficasse pronto e que os preparativos do magnésio fossem terminados; e depois de contarmos em silêncio 30 segundos, expúnhamos a chapa durante 5 segundos. Acendíamos o magnésio. Às vezes tirávamos três ou quatro provas, outras vezes seis ou sete. Elas eram imediatamente levadas ao gabinete escuro e reveladas.



Uma forma-sombra fotografada às 15 horas do dia 09-02-1897.

Trabalhamos assim durante cerca de 15 dias, sempre discutindo seriamente a respeito dos novos processos que devíamos empregar para obter-se melhor resultado.

No dia 12 de fevereiro fomos galardoados com a aparição de duas figuras sobre as chapas; os traços de uma delas eram totalmente distintos. Isso foi para nós um incentivo poderoso; mas, no dia imediato, tivemos novos insucessos.



O Espírito Y-Ay-Ali, fotografado às 15 horas do dia 12-02-1897. Lily F. posou.

No dia 14 obtivemos dois rostos, um dos quais apresentava alguma semelhança com a mãe de um dos assistentes. O segundo fez-nos recordar *Huss* ou alguma outra personagem da Idade Mé-

dia, a julgar pelo seu modo de trajar. Na terça-feira seguinte ficamos surpreendidos com o aparecimento, nos jornais, de artigos relatando a vida e a obra de Philipp Melanchthon, nascido a 16 de fevereiro de 1497, e então reconhecemos a semelhança existente entre o retrato de Melanchthon e a fotografia que tínhamos obtido.



Fotografia espírita obtida aos 12-02-1897.
Supõe-se seja o retrato de Iolanda (a mais jovem).

Nos dias 15 e 16 houve insucessos. Não nos admiramos disso porque eu tinha apanhado forte resfriado ao sair de um banho quente. Mesmo assim, continuamos nossas experiências.

No dia 17 expusemos muitas chapas, como foi acima descrito, e obtivemos um belo retrato dos invisíveis. Somente descobrimos esse retrato quando revelamos as chapas.

Nos dias 18 e 19 apareceram ligeiros esboços nebulosos de cabeças. No dia 20 veio-nos a fotografia de uma jovem, que supusemos ser de Nínia, a nossa amiguinha espanhola, morta em Santiago, América do sul. Nos dias 21, 22, 23, 24 e 27 obtivemos, em cada dia, pelo menos uma ou duas fotografias de invisíveis; e, em três dessas ocasiões, pessoas estranhas tinham-se colocado em posição, diante do biombo. Nos dias 25, 26 e 28 nada conseguimos e aí terminaram as nossas chamadas “experiências de fevereiro”.



Fotografia obtida às 15 horas do dia 14-02-1897.
Supõe-se seja a de Philipp Melanchthon

Em 1º de março fui a Estocolmo visitar alguns amigos e aí me demorei uma semana. Quando voltei, a 8 de março, estava exausta.

No dia 9, entretanto, recomeçamos o trabalho e continuamos a experimentar cotidianamente até o dia 15. Nesses sete dias tiramos trinta fotografias, sendo sete dos clichês bons. No dia 16 a Sra. F..., sua filha e eu partimos para Copenhague. Durante essas cinco semanas utilizamo-nos de 132 chapas, das quais 102 nada revelaram.



Fotografia que se supõe seja a de Nínia.
Obtida às 15 horas do dia 20-02-1897

Indaguei de mim mesma se convinha apresentar aqui todos os detalhes das experiências fotográficas. Esse trabalho não consistiu realmente senão em simples ensaios, e não esgotamos todos os meios em que havíamos pensado. Como, entretanto, a história da minha mediunidade não é mais que a história das experiências, eu sentiria encerrar este volume sem mencionar, de passagem, essa nova fase. É certo que, assim procedendo, parece-me estar dando

detalhes de uma obra inacabada. A série completa das fotografias mostra que estávamos simplesmente na fase experimental; quem, no entanto, estudar o psiquismo, poderá interessar-se pelo nosso método de trabalho e pelos êxitos finais, depois de tantos anos de tentativas infrutíferas. É de todo provável que eu teria podido obter essas fotografias dez ou vinte anos antes, se tivesse trabalhado só ou abandonado as outras mediunidades. Elas são obra de agentes espirituais; disso não duvido; que sejam, porém, fotografias de Espíritos, ou mesmo imagens produzidas pelos Espíritos sobre as chapas, não o posso afirmar antes de levar mais longe as minhas investigações.



Fotografia obtida às 15 horas do dia 27-02-1897. Supõe-se que seja o retrato de Elias ben Ammand de Nazaré, que viveu entre leprosos, na Palestina

Ligo grande importância a este trabalho, e é para admirar que a minha saúde, em vez de sofrer durante esses ensaios fotográficos cotidianos, se tenha, pelo contrário, fortalecido. Vejo nisso a possibilidade de uma grande obra a executar-se, se houver ocasião.

A Sra. F... mostrava um interesse imenso por todos esses detalhes e trabalhava de manhã até à noite em fixar e retocar as chapas. Cada um de nós tinha a sua parte de trabalho, e, se havia nisso para mim alguma perda real de vitalidade, era imperceptível, pois as condições favoráveis em que me achava permitiam que recuperasse depressa as minhas forças.



Lolanda (a mais jovem) fotografada às
16 horas do dia 15-03-1897.

XXVIII

Os investigadores que conheci

“Os homens são inimigos de tudo o que ignoram.”

(Provérbio árabe.)

Lançando um olhar retrospectivo pelos trabalhos de investigação empreendidos na última parte deste século XIX, vejo em que erros caímos inconscientemente, erros de raciocínio em grande parte, mas principalmente erros causados por uma ignorância condenável das mais simples leis da Natureza.

Demos pouca importância ao raciocínio segundo o qual, para obter-se certo resultado, torna-se necessário fornecer materiais com as precisas qualidades. Talvez, mesmo, nos persuadíssemos de que as pessoas que particularmente se interessavam no assunto estavam nas condições de fornecer esses materiais. Não foi senão depois de severas lições, colhidas a poder de sofrimentos, que o conhecimento da verdade foi-me imposto.

Seria tão absurdo fornecer tão-somente água e qualquer areia a um fabricante de ladrilhos para que ele fizesse uma boa obra, como formar um círculo, na sua maioria composto de investigadores, e pedir aos Espíritos para produzirem manifestações que não provocassem a menor dúvida. Como o ladrilheiro, os Espíritos fazem o que podem com o material de que dispõem; e, se os resultados são de qualidade duvidosa, não é deles a culpa, mas sim daqueles que lhes fornecem o material.

Muitas pessoas, cuja atenção é dirigida para estudos dessa natureza, têm, desde o começo, a confortadora crença de serem especialmente dotadas para compreenderem e resolverem esses pro-

blemas. Dirigem de diversas maneiras as suas investigações e, como uma regra, o seu modo de proceder mostra a natureza do material por elas posto à disposição dos trabalhadores invisíveis.

Estive em contato com muitas espécies de investigadores, que trabalhavam com o fim de estabelecer alguma teoria favorita ou de sua própria lavra. Eles apoderavam-se com ardor dos fenômenos que justificavam suas idéias preconcebidas, desprezando todos aqueles que não tinham o alcance necessário ou que as contradiziam. Contentando-se geralmente com as teorias, a sua imaginação fornecia o resto. Daí a origem dessas teorias de *cascas-psíquicas*, *pensamentos-formas*, *elementais* e outros tantos absurdos. Mas esses produtos prematuros de um estudo muito superficial são, contudo, preferíveis às conclusões decretadas por uma ou outra classe de sábios e ilustres investigadores. Estes começam o seu inquérito afirmando que, com exceção deles, todos os experimentadores são desonestos; que todas as opiniões, salvo as deles, não têm fundamentos legítimos; que toda observação é duvidosa, menos a deles; que todo fenômeno citado é falso, quando eles não lhe testemunharam a autenticidade; e que toda manifestação obtida em condições diversas das que eles determinaram carece de verossimilhança.

O seu veredicto resume-se no seguinte: “Descobrimos a fraude; por consequência, não há nisso verdade”, mas poderiam antes dizer: “Nosso espírito tem capacidade para compreender a fraude, mas não para discernir a verdade; logo, aí não há verdade.”

Raciocinando com essa lógica, igualmente chegariam à conclusão: “A moeda falsa é uma evidência suficiente para demonstrar a não existência de moedas verdadeiras”, podendo em seguida outros replicar que, se não houvesse moedas verdadeiras, não existiriam as falsas. Esses sábios, porém, não pensaram nisso.

Há ainda uma outra categoria de experimentadores; aqui faço justiça aos meus compatriotas, visto não os ter encontrado nesse

número que preconiza o princípio de descobrir o ladrão por meio de outro ladrão.

Fingindo o maior interesse pelo Espiritismo, buscam travar conhecimento com os médiuns, simulam para com eles a mais ardente simpatia, os mais vivos sentimentos de amizade, e pedem-lhes permissão de assistir a uma sessão.

Conseguido isso, levam consigo um aparelho fotográfico ou um agente da polícia secreta para desmascarar a fraude que esperam encontrar.

A um investigador dessa classe, enviado especialmente pelo clero, não repugnará espionar o médium em sua vida privada, vigiando pelos buracos que fizer nas paredes e nas portas.

Ou ainda, convidando cordialmente o médium a vir passar algum tempo em sua casa, abrirá suas malas com chaves falsas, ou gazua, para examinar-lhes o conteúdo. Persuadirá o médium, a poder de belas promessas, a dar uma sessão a alguns dos seus amigos íntimos, e fá-lo-á, máxime quando o médium é uma mulher, despir-se inteiramente para certifica-se de que não traz consigo meios de iludir os investigadores simples e confiantes.

Satisfeito com isso, ligará o médium com cordas, prendê-lo-á por meio de cadeias à porta ou à parede e depois esperará que as manifestações espíritas se produzam.

O sangue ferve-me nas veias quando ouço falar de médiuns sensitivos, freqüentemente meninas ou jovens, assim submetidas aos mais duros tratos e aos insultos desses experimentadores de curta compreensão. Ante uma simples aparência de qualquer coisa duvidosa, eles apressam-se em denunciar o infeliz culpado ou culpada, e a espalhar a má notícia por toda parte, vangloriando-se da sua habilidade de descobridores.

Pelo pouco que conheço a respeito das condições necessárias para se obterem boas manifestações, não posso furtar-me ao espan-

to de ver o êxito às vezes obtido em tais experiências. Quando os materiais fornecidos pelos investigadores são principalmente compostos de dúvidas, suspeitas e intrigas, temperados, em muitos casos, com o bafo nocivo do álcool e da nicotina, não temos razão para nos admirarmos de que os resultados conseguidos façam pairar o descrédito sobre as verdades que eles dizem advogar e arruinem o médium, que é naturalmente o bode expiatório, a vítima sobre a qual recai todo o escândalo.

Ouvi dizer que alguns bons médiuns deixaram de trabalhar pela causa; isso me não surpreende. Muitos deles têm sofrido tanto da parte dos ignorantes, com pretensões ao título de sagazes experimentadores, que abandonaram a tarefa com os corações magoados e desanimados, mortalmente enfastiados de todas essas questões e mesmo de ouvir falar na verdade à qual haviam sacrificado o que tinham de melhor, tempo, saúde e reputação.

Graças a Deus, porém, a mediunidade tem também o seu lado brilhante. Há corações bons e retos, para os quais os investigadores, espécie de espíões, olham com um desprezo compassivo; há, em seus pensamentos como em seus atos, pessoas honestas que não querem degradar-se nem desmoralizar o seu próximo, lançando uma dúvida sobre a sua retidão; que preferem crer que todo ser humano é inocente, antes de lhes provarem que é um criminoso. A percepção inata do poder misterioso que dirige as leis do Universo dá a essas criaturas, em suas indagações, um ponto de observação que outros não podem atingir, mesmo com o auxílio de todas as ciências terrenas. Os sábios podem chegar a crer em uma existência do Além, ao passo que as referidas criaturas sabem que ele existe.

Tais espíritos podem não ter cultivado os clássicos, não saber o grego nem o latim, mas parecem-se tanto com os investigadores sábios como a cotovia com a toupeira. Enquanto a toupeira não tem outra ocupação senão a de cavar a terra, donde tira a sua subsistência, e de formar torrõezinhos, cega a tudo o que a rodeia, a cotovia,

embora construindo o seu ninho no chão, pode, graças às suas asas velozes, lançar-se na atmosfera transparente e rica de sol, despreendendo um hino alegre de reconhecimento.

É para os que se assemelham a esta última que as seguintes palavras foram ditas: “Felizes os corações puros, porque verão a Deus!” Somente aqueles que são puros de alma e corpo, e desejam sinceramente esclarecer-se, poderão achar a verdade. O homem cujo espírito se acha manietado nos laços de seus apetites, cujo cérebro se tornou pesado pelo veneno da nicotina ou pelos vapores do vinho, nunca será chamado a comungar com os habitantes do mundo invisível. Aquele que é impelido, a princípio, pelo desejo de nutrir alguma idéia favorita, algum sonho vago, pelo desejo de constituir uma teoria e aumentar a sua reputação de homem científico ou inventor, não está mais bem preparado para tal obra. A menos que ele não seja levado por um motivo melhor e mais puro que aqueles que acabo de indicar, não convém que o deixeis envolver-se em experiências espíritas, porque ele baqueará. Aquele que não procura senão descobrir a fraude nos outros, traindo assim sua própria cumplicidade, achará o que procura: a mentira e o embuste, porque nunca descobrirá a verdade.

A vós todos, porém, que estais fatigados da vida, de seus cuidados incessantes, de seus amargores e sofrimentos; a vós, cuja alma aspira à *certeza*, que vistes partir seres amados, deixando-vos no coração a dor e o desespero, que tendes o desejo sincero de obter provas da sobrevivência; é a vós que me dirijo. Purificai o vosso espírito de todo preconceito, o vosso cérebro de todo veneno, o vosso corpo das impurezas causadas pelas enfermidades, filhas dos vossos apetites, e buscai confiantes a verdade, porque achareis o que procurais. O terreno que ides calcar é sagrado; não o profaneis com os pés manchados pelo lodo da suspeita; não olheis como indigno de confiança o instrumento com o auxílio do qual vos aproximareis do vosso fim. Vinde! Mas com o desejo sincero de

vos instruídes, e não contando com as faltas e os erros de vosso próximo. Buscai humildemente a verdade, porque isso não será em vão; mas, se não aspirais a encontrar essa verdade no recolhimento e com o desejo sério de ser socorridos, não percais inutilmente o tempo nessa investigação.

“Quando duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome, estarei com elas”, disse o Mestre. Dá-se o mesmo com as questões de que nos ocupamos. Quando muitas pessoas estiverem reunidas, dispostas a estudar com seriedade; quando nenhum elemento de dúvida ou suspeita introduzir-se no círculo, e que todos, o médium e os assistentes, estejam animados do mesmo desejo da verdade, as manifestações serão melhores e mais puras que nos antigos tempos das gaiolas, gabinetes, provas, etc., que tantas vezes davam decepções.

Já falei bastante dos equívocos, erros, insucessos, enfermidades e misérias de toda espécie, resultantes de muitas experiências. Lançando essas sombras negras sobre a minha história, quando tinha à minha disposição tantos episódios felizes, o meu intuito era mostrar que todas essas desgraças são lições mais preciosas do que os brilhantes êxitos.

Não sofri senão um mal realmente grave, há alguns anos, e do qual não tratei ainda. Esse acidente deu-se em Helsingfors, no ano de 1893, e foi a causa de me branquearem prematuramente os cabelos, durante os dois anos de sofrimentos que daí resultaram; quando, porém, a minha saúde se restabeleceu, eles cresceram quase tão negros como anteriormente. Uma descrição completa dessa memorável sessão acha-se em poder do editor Oswald Mutze, em Leipzig, com o título *Ein seltsames und belehrendes Phänomen im Gebiete der Materialisation von Alexander N. Aksakof*.

Essa obra foi vertida para o francês com o título: *Un cas de dématérialisation partielle du corps d'un médium*.⁷

Busquei, caros leitores, fazer-vos as minhas confidências e expor-vos o resultado das minhas investigações. Narrei-vos simplesmente as inquietações da minha infância e juventude diante das misteriosas aparições das personagens do mundo das sombras e disse-vos como os nevoeiros da dúvida se dissiparam, quando julguei compreender a realidade das minhas visões.

Após diversas experiências, vieram perturbações terríveis e tão graves que, em três circunstâncias, a minha vida pareceu apenas presa por um simples fio.

Falei-vos do que, em muitos casos, outras pessoas escreveram e publicaram a respeito desses fenômenos, narrações de que não assumo a completa responsabilidade. Utilizei-me delas na esperança de que as minhas experiências fossem mais bem compreendidas, assim como as dificuldades do que tive de lutar trilhando a nova doutrina. Tentei fazer-vos penetrar em meus pensamentos, sentimentos e impressões desse tempo. Se eu pudesse deixar de parte a descrição de qualquer desses fenômenos, é possível que o tivesse feito; se, porém, não os houvesse recordado por completo, as minhas dúvidas e perplexidades ser-vos-iam incompreensíveis.

Muitas coisas, muitas mesmo, foram escritas sobre o assunto, podendo fazê-lo cair em descrédito. O meu principal intuito não foi relatar fenômenos, e sim fazer conhecer os resultados pessoais que deles obtive em busca da verdade.

Sempre empreguei a palavra médium no sentido habitual, qual geralmente é usada, e de modo que com facilidade pudésseis seguir-me. Agora, porém, renuncio ao direito a esse título. Se me

⁷ A referida obra de Aksakof foi vertida para a língua portuguesa sob o título *Um caso de desmaterialização*, pela editora FEB.

acompanhastes fielmente, caros leitores, creio que chegastes à mesma conclusão que eu.

Se observardes quanto as manifestações, em todas as circunstâncias, estavam de acordo com o caráter dos assistentes, reconheceréis que todos eles eram os médiums, entre os quais eu também exercia o meu papel.

Quando o círculo se compunha de meninos, as manifestações revestiam-se de um caráter infantil; quando havia sábios, as manifestações eram de um gênero científico. Quando, finalmente, pus de lado essa velha idéia de médium e mediunidade e decidi não mais isolar-me do resto da sociedade, nem privar-me do uso de meus sentidos, tomei o lugar que deveria ter ocupado desde o começo. Mesmo quando tirávamos fotografias, mudando-nos constantemente de lugar, não tínhamos médium nem gabinete; todos éramos o *médium*.

Em um círculo de vinte pessoas, por exemplo, é absurdo atribuir-se a uma só as manifestações produzidas também pelas dezoito outras. Se o fenômeno depende das vinte pessoas, será justo censurar ou louvar uma só, por aquilo que foi feito por todos?

Enquanto um dos membros do círculo ficar isolado dos outros, farão cair sobre ele só a responsabilidade dos incidentes que sobrevierem, não cabendo aos outros mais que o papel de observar e criticar.

O que eu repilo seriamente é ter sido “o médium”, quando na reunião se achavam mais onze ou dezenove pessoas. É justo que me atribuam a décima segunda ou a vigésima parte dos resultados obtidos, e nada mais; a menos que alguns dos outros assistentes não exercessem influência desfavorável. Nesse caso ainda a responsabilidade dos fatos não poderá recair sobre mim.

Se estas conclusões, resultado de muitos anos de estudo e de amargas experiências, forem aceitas e seguidas no futuro pelos

investigadores e experimentadores, nós nos julgaremos felizes por haver ressaltado os melhores. Os que retomarem o trabalho no ponto em que o deixei poderão encontrar caminhos mais planos e seguros que os que trilhei. Há ainda muito que aprender, buscar e compreender! Mesmo fazendo o melhor possível, não vemos senão através de um *vidro opaco* e só avançamos tateando nas trevas. Se, entretanto, nos deixarmos guiar pelos raios que cintilam através das sombras, chegaremos à luz pura, e então conheceremos o que realmente somos.

A minha tarefa está agora terminada. Os que me seguirem poderão sofrer como eu sofri, por causa da ignorância das leis divinas. Como o mundo hoje é mais sábio do que no meu tempo, os que empreenderem a obra talvez não tenham, como eu, de lutar contra a superstição e os juízos severos dos fariseus.

Não lhes desejo, entretanto, um caminho muito plano, porque me parece, lançando um olhar ao passado, ver tornarem-se pueris as numerosas inquietudes que me acompanharam nesses trabalhos. Não as lamento. Elas eram os censores severos que me despertavam quando eu deixava o bom caminho e foram igualmente os meus melhores amigos, embora não o desconfiasse então.

Agora que afinal encontrei o que buscava durante tão longos anos, anos de estudos ingratos, misto de raios de sol e tempestades, de prazeres e sofrimentos, posso bradar bem alto e com alegria a todos os que quiserem escutar-me:

“Encontrei a Verdade! Ela será também a vossa grande recompensa, se a buscardes com perseverança, humildade e seriedade.”

* * *

Nota da Editora: Muitos outros fatos maravilhosos, verificados com a autora e relatados por observadores de ilibada idoneidade moral, não foram por ela mencionados na presente obra.

Entre eles merece referência o famoso e retumbante caso “Nepenthés”, do qual Bozzano tratou em sua “Metapsíquica Humana”.^(*)

^(*) Obs.: A referida obra é uma refutação de Ernesto Bozzano às teorias materialistas de René Sudre, e o seu nome completo, traduzido para o português, é: *A Propósito da “Introdução à Metapsíquica Humana” de René Sudre*. Essa obra foi editada em português sob o título *Metapsíquica Humana*, pela editora FEB.

Amigo(a) Leitor(a),

Se você leu e gostou desta obra, colabore com a divulgação dos ensinamentos trazidos pelos benfeitores do plano espiritual. Adquira um bom livro espírita e ofereça-o de presente a alguém de sua estima.

O livro espírita, além de divulgar os ensinamentos filosóficos, morais e científicos dos espíritos mais evoluídos, também auxilia no custeio de inúmeras obras de assistência social, escolas para crianças e jovens carentes, etc.

Irmão W.

“Porque nós somos cooperadores de Deus.”

Paulo. (1ª Epístola aos Coríntios, 3:9.)